

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

**Conversão do conhecimento: estudo de caso em
incubadora universitária de empreendimentos de
economia solidária**

Marcia Cristina dos Santos Barbosa de Oliveira

São Carlos - SP

2012

MARCIA CRISTINA DOS SANTOS BARBOSA DE OLIVEIRA

**Conversão do conhecimento: estudo de caso em
incubadora universitária de empreendimentos de
economia solidária**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Zanin
Co-Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz da Silva

São Carlos - SP

2012

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

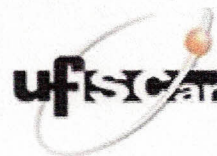
O48cc

Oliveira, Marcia Cristina dos Santos Barbosa de.
Conversão do conhecimento : estudo de caso em
incubadora universitária de empreendimentos de economia
solidária / Marcia Cristina dos Santos Barbosa de Oliveira. --
São Carlos : UFSCar, 2012.
231 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2012.

1. Desenvolvimento social - ciência, tecnologia e
sociedade. 2. Economia solidária. 3. Incubadoras
universitárias de cooperativas populares. 4. Conversão do
conhecimento. I. Título.

CDD: 303.483 (20^a)



**BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
MARCIA CRISTINA DOS SANTOS BARBOSA DE OLIVEIRA**

Prof. Dra. Maria Zanin
Orientadora e Presidente
UFSCar

Prof. Dra. Regina Yoneko Dakuzaku Carretta
Membro externo
USP - Ribeirão Preto

Prof. Dra. Camila Carneiro Dias Rigolin
Membro interno
UFSCar

Submetida a defesa pública em sessão realizada em: 27/02/2012.
Homologada na 55ª reunião da CPG do PPGCTS, realizada em
16/03/2012.

Prof. Dra. Maria Cristina Piumbato Innocentini Hayashi
Coordenadora do PPGCTS

Fomento:

DEDICATÓRIA

*Aos amores de minha vida: Marco Aurélio, meu marido,
Marquinho e Matheus meus filhos, motivos de minha existência
e orgulhos de minha vida. Agradeço pelo apoio, confiança, ajuda e estímulo
a mim depositados, e por me mostrarem dia a dia a beleza e o significado da palavra amor.*

AGRADECIMENTOS

Marquinho e Matheus, na dedicação e amor de vocês que me inspirei e encontrei força para cada minuto dessa jornada.

A minha mãe Ivany, meus irmãos: Lúcia e Tony Gato agradeço os momentos de distração que me proporcionaram.

Às minhas norinhas Evelyn e Keiko que me ajudaram nesta caminhada, me incentivando, dando forças e colaborando com os afazeres da casa junto com meus filhos amados.

Aos meus sobrinhos: Mimi, Lemão, Tatá, João Pedro e o pequeno Enzo, e minha amiga, ex e sempre cunhada Vanessa, obrigado pelo carinho e cuidado.

A Universidade Federal de São Carlos e a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, que me proporcionaram cursar o mestrado.

Aos meus amigos da ProGPe, principalmente Léia, Marlene e Juliana, obrigada pelas palavras reconfortantes, pelo incentivo e torcida.

A todos os membros da INCOOP, que contribuíram comigo nesta empreitada.

As minhas amigas Ana Lúcia e Caroline, pela amizade e contribuições.

A minha orientadora Maria, pelo estímulo, paciência e por todas as orientações assertivas.

Ao meu co-orientador Sérgio, pela disposição em poder colaborar nesta trajetória acadêmica.

Aos membros da banca de qualificação e da defesa por aceitarem o convite e pelas ricas contribuições.

À coordenadora e ao secretário do PPGCTS pela gentileza e competência com que sempre me atenderam.

A todos meus amigos e familiares que torceram e acreditaram que eu chegaria lá, meu muito obrigado.

“Há uma força motriz mais poderosa que o vapor,
a eletricidade e a energia atômica: a vontade”.
(Albert Einstein)

RESUMO

A economia solidária é uma forma de organização econômica e de prática social relativamente recente. As incubadoras universitárias, ao atuarem com a população mais atingida pelas mazelas da sociedade desigual, contribuem com uma das formas mais conhecidas de iniciativas de economia solidária, as cooperativas populares. Estas incubadoras, por fazerem parte de uma linha de extensão universitária, trocam conhecimentos entre a academia e os setores populares e, para estes serem socializados de maneira uniforme para os grupos incubados, devem ser disseminados, geridos e compartilhados no âmbito das equipes técnicas destas incubadoras. Dada a importância da criação, utilização e compartilhamento do conhecimento gerado pelas incubadoras tecnológicas de empreendimentos de economia solidária presentes em universidades brasileiras, esta dissertação teve como objetivo sistematizar e analisar as conversões do conhecimento em uma incubadora universitária de empreendimentos de economia solidária. O processo de conversão do conhecimento foi estudado no âmbito da Incubadora Regional de Cooperativas Populares da Universidade Federal de São Carlos e para seu desenvolvimento, além de uma ampla revisão bibliográfica, consulta a banco de teses e dissertações e análise de documentos desta incubadora, foi realizada entrevistas para caracterizar as conversões do conhecimento identificadas nas atividades dos coordenadores executivos da incubadora, utilizando o modelo de conversão do conhecimento proposta por Nonaka e Takeuchi (socialização, externalização, combinação e internalização). O resultado deste estudo de caso permitiu identificar, que a forma de organização destas incubadoras propicia e incentiva a criação e o compartilhamento do conhecimento, sendo que o formato autogestionário, os valores da economia solidária e as características presentes neste tipo de organização, proporcionam uma maior democratização do conhecimento produzido, colaborando para a conversão do conhecimento. Por outro lado em função de suas características distintas dos demais tipos de organização, torna-se necessária a utilização de formas adequadas que garantam que o conhecimento produzido seja armazenado, objetivando seu compartilhamento como: facilitar o acesso a documentos e ao conhecimento produzido; criar mecanismos para que os trabalhos publicados fiquem depositados nos repositórios e aprimorar a internalização dos relatórios completos.

Palavras-chave: Economia Solidária. Incubadoras Universitárias de Cooperativas Populares. Conversão do Conhecimento.

ABSTRACT

The solidarity economy is a way of economic organization and social practice relatively recent. The universities incubators, when working with the population that is most affected by the ills of an unequal society, contribute on a well known way of solidarity economy initiatives, the popular cooperatives. These incubators, for being part of a line of university extension, share knowledge between the academy and the popular sectors and, for this to be socialized on a uniform way for the incubated groups, must be disseminated, managed and shared within the technical crew of these incubators. Given the importance of creation, usage and sharing of knowledge generated by technological incubators of solidarity economy entrepreneurship located in Brazilian universities, this paper aimed to systematize and analyze the knowledge conversion in a university incubator of solidarity economy entrepreneurship. The process of knowledge conversion has been studied within the Regional Incubator of Popular Cooperatives of the Federal University of São Carlos and for its development, as well as an extensive literature review, theses and dissertations database consultation, query and analysis of documents from this incubator, interviews have been realized in order to characterize the knowledge conversions identified in the activities of the executive coordinators of the incubator, using the model of knowledge conversion proposed by Nonaka and Takeuchi (socialization, externalization, combination and internalization). The result of this study of case allowed to identify that the way of organization of those incubators allows and incentives the creation and sharing of knowledge, considering the self-managed format, the values of solidarity economy and the characteristics present in this kind of organization, provide a greater democratization of the knowledge produced, contributing to the conversion of knowledge. On the other hand, due to their different characteristics from other types of organization, it becomes necessary the use of appropriate ways that ensure that the produced knowledge is stored, aiming it sharing as: an easier access to documents and the produced knowledge; create mechanisms to store published works in the repositories and to enhance the internalization of the full reports.

Key-words: Solidarity Economy. Universities Incubators of Popular Cooperatives. Knowledge Conversion.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Classificação da pesquisa	31
FIGURA 2: Interligação entre o ensino, a pesquisa e a extensão	41
FIGURA 3: O movimento da economia solidária no Brasil	53
FIGURA 4: Distribuição de incubadoras universitárias participantes da Rede de ITCPs de acordo com a região geográfica brasileira	63
FIGURA 5: Espiral dos modos de conversão do conhecimento (tácito-explícito)	78
FIGURA 6: Estratégia de atuação da INCOOP	92
FIGURA 7: Método de incubação da INCOOP	109
FIGURA 8: Atividades da INCOOP	114
FIGURA 9: Atividades dos coordenadores executivos da INCOOP	115

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Planilha metodológica utilizada para o desenvolvimento da pesquisa . . .	36
QUADRO 2: Objetivos específicos das atividades de extensão universitária/Portaria GR 220/93	43
QUADRO 3: Definição das características importantes dos EES segundo o Atlas da Economia Solidária	55
QUADRO 4: Conceitos na gestão do conhecimento	69
QUADRO 5: Oportunidades de aprendizagem	85
QUADRO 6: Descrição das instâncias da INCOOP, natureza e forma de tomada de decisão	95
QUADRO 7: Aspectos iniciais (2004) comparativos para empreendimentos em economia solidária e em economia capitalista	100
QUADRO 8: Aspectos atuais (2011) utilizados para comparação entre economia capitalista e economia solidária e desafios da economia solidária	101
QUADRO 9: Metas da INCOOP descritas no Projeto FAPESP	107
QUADRO 10: Considerações da INCOOP para garantir sua institucionalização	112
QUADRO 11: Síntese das conversões do conhecimento do evento 1 – participação em equipes e comissões	120
QUADRO 12: Síntese das conversões do conhecimento do evento 2 – reuniões	123
QUADRO 13: Síntese das conversões do conhecimento do evento 3 – relatórios	124
QUADRO 14: Síntese das conversões do conhecimento do evento 4 – assessorar empreendimento de economia solidária	125
QUADRO 15: Síntese das conversões do conhecimento do evento 5 – projetos	127
QUADRO 16: Síntese das conversões do conhecimento do evento 6 – oficinas e encontros	129
QUADRO 17: Síntese das conversões do conhecimento do evento 7 – sistematização .	130
QUADRO 18: Síntese das conversões do conhecimento do evento 8 – divulgação	131
QUADRO 19: Síntese das conversões do conhecimento do evento 9 – articulação no âmbito da economia solidária	133

QUADRO 20: Síntese das conversões do conhecimento do evento 10 – fomento a economia solidária	135
QUADRO 21: Objetivos específicos da ACIEPE	223
QUADRO 22: Atividades propiciadas pela ACIEPE	223
QUADRO 23: Cronograma de atividades – programação 2º semestre 2011	225
QUADRO 24: Composição da sistemática de avaliação	226

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Número de teses e dissertações com a temática “economia solidária” no período de 1998 a 2010.	33
TABELA 2: Teses e dissertações sobre a temática “gestão do conhecimento” entre 1996 e 2010	33
TABELA 3: Número de EES segundo região administrativa, mapeados no ano de 2007	54
TABELA 4: Número de instituição/universidade por região geográfica brasileira, conforme publicações de mestrado/doutorado na temática de economia solidária no período de 1998 a 2010	64

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Evolução das publicações sobre o tema economia solidária no período de 1998 a 2010	64
GRÁFICO 2: Número de entrevistados por faixa etária	116
GRÁFICO 3: Número de entrevistados por tempo de trabalho na INCOOP	117

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACI	Aliança Cooperativa Internacional
ACIEPE	Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão/UFSCar-SP
ACT	Alfabetização Científico e Tecnológica
ADS	Agência de Desenvolvimento Solidário
ANTEAG	Associação Nacional de Trabalhadores de Empresas de Autogestão e de Participação Acionária
AO	Aprendizagem Organizacional
AUGM	Associação de Universidades do Grupo Montevideu
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CECH	Centro de Educação e Ciências Humanas
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos
CFES	Centro de Formação em Economia Solidária
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONSUMOSOL	Articulação Ética e Solidária para um Consumo Responsável/São Carlos-SP
COOTRAM	Cooperativa de Trabalhos de Manguinhos/RJ
COPPE	Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia/UFRJ-RJ
CT	Ciência e Tecnologia
CTS	Ciência, Tecnologia e Sociedade
CUT	Central Única dos Trabalhadores
C&T	Ciência e Tecnologia
DCI	Departamento de Ciência da Informação
DT	Desenvolvimento Territorial
EES	Empreendimentos de Economia Solidária
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública/FIOCRUZ-RJ
ES	Economia Solidária

EUA	Estados Unidos da América
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FASE	Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional
FBES	Fórum Brasileiro de Economia Solidária
FGV	Fundação Getúlio Vargas – SP
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz/RJ
FMRP	Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto
GC	Gestão do Conhecimento
GR	Gabinete da Reitoria
INCOOP	Incubadora Regional de Cooperativas Populares/UFSCar-SP
ITCPs	Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
MEC	Ministério da Educação
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
ONGs	Organizações não Governamentais
PPGCTS	Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade
PROCOAS	Processos Cooperativos e Iniciativas Econômicas Associativas
PROEX	Pró-Reitoria de Extensão/UFSCar – SP
PRONINC	Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas
SENAES	Secretaria Nacional de Economia Solidária
SIES	Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro – RJ
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos – SP
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria – RS
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – SP
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas – SP
UNITRABALHO	Fundação Universitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	19
1.1 Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares e a questão do conhecimento	19
1.2 Ciência, Tecnologia e Sociedade	23
1.3 Justificativa	26
1.4 Objetivos	28
1.4.1 Objetivo geral	28
1.4.2 Objetivos específicos	28
1.5. Organização da dissertação	28
CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
2.1 Classificação da pesquisa	30
2.2 Delineamento da pesquisa e etapas metodológicas	32
2.3 Caracterização dos entrevistados	37
2.4 Aspectos éticos	37
2.5 Coleta e apresentação dos dados	38
2.6 Forma de análise dos dados	38
CAPÍTULO 3 – A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E AS INCUBADORAS UNIVERSITÁRIAS DE EMPREENDIMENTOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA	40
3.1 Ensino, pesquisa e extensão nas universidades: um breve relato	40
3.2 O contexto econômico-social brasileiro e a extensão universitária	44
3.3 Economia solidária – surgimento e características	46
3.4 O papel das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares e a primeira ITCP	57
3.5 Formação da Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares ..	61

CAPÍTULO 4 – CONHECIMENTO, APRENDIZADO E SUAS POSSIBILIDADES PARA AS INCUBADORAS.	66
4.1 A importância da criação, compartilhamento e aplicação do conhecimento nas organizações	67
4.2 Diferenciação entre dados, informação e conhecimento	70
4.3 Conhecimento tácito, conhecimento explícito e a conversão do conhecimento	76
4.4 A informação e o conhecimento e a aprendizagem nas organizações	80
4.5 Repositório do conhecimento	87
CAPÍTULO 5 – APRESENTAÇÃO DO ESTUDO DE CASO.	90
5.1 A Incubadora Regional de Cooperativas Populares – INCOOP	90
5.1.1 Histórico e criação	90
5.1.2 Objetivos e estratégia	91
5.1.3 Atividades e estrutura	93
5.1.4 INCOOP e a produção do conhecimento	97
5.1.5 Exemplo de criação coletiva de conhecimento	99
5.1.6 Financiamento	106
5.1.7 Atuação recente	106
5.1.8 Seu método de incubação	108
5.1.9 A institucionalização da INCOOP	110
CAPÍTULO 6 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	113
6.1 Caracterização das atividades	113
6.2 Perfil dos entrevistados	116
6.3 Aplicação da conversão do conhecimento	118
6.4 Discussão dos resultados	135
CAPÍTULO 7 – CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS	146
APÊNDICES	154

ANEXO	229
--------------------	------------

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

No Brasil, as transformações em nível econômico e político, num contexto de globalização¹ da economia, advindas da reestruturação produtiva das empresas e da implementação do neoliberalismo na década de 1990, criaram um quadro social instável. O aumento do número de desempregados e da precarização nas relações de trabalho, em um momento em que vários postos de trabalho são fechados e inúmeros trabalhadores perdem direitos sociais até então vinculados com a relação trabalhista, impulsiona o surgimento de projetos que visam à diminuição da desigualdade social e a melhora da qualidade de vida de pessoas que se encontram fora do mercado de trabalho, ou que estão inseridas de maneira precária no mesmo, como alternativas a este quadro desfavorável (GUIMARÃES, 2003).

Neste contexto é que tem início o programa de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs), com a missão de produzir conhecimento assessorando grupos para formação de iniciativas de economia solidária. Estas incubadoras fazem parte do foco de atuação da área interdisciplinar Ciência, Tecnologia e Sociedade.

1.1 Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares e a questão do conhecimento

As ITCPs se originaram por meio da Coordenação dos Programas de Pós-Graduação de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ) em 1995. Estas incubadoras atuam junto à camada da população excluída da sociedade, contribuindo com um modelo de economia diferente da que predomina no capitalismo, de modo que a prioridade seja o bem estar das pessoas em oposição à busca constante pelo lucro (GUIMARÃES, 2003). No Brasil, esta nova economia recebe o nome de economia solidária (ES).

As incubadoras universitárias propiciam um ambiente de aprendizagem, de reflexão e de observação “sobre esse modo de produção revivido e seu papel na sociedade contemporânea” (SINGER, 2003, p.125). Atualmente as universidades desempenham um papel relevante neste cenário no que tange a esta questão. Para Singer (2003) é muito

¹ Giddens (1991, p.69) define globalização “como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a milhas de distância e vice-versa”.

importante o engajamento das universidades com a denominada economia solidária, por seu acúmulo teórico e sua capacidade de pesquisa.

As ITCPs fazem parte de uma "linha de extensão universitária que disponibiliza um núcleo básico interdisciplinar formado por um quadro docente, discente, técnica e acadêmico", que socializa "o conhecimento da academia para os setores populares" por meio do assessoramento de empreendimentos de economia solidária, oferecendo apoio técnico necessário para o bom desempenho destas no mercado e no fomento dos princípios solidários entre os sócios (PEDRINI, 2002, p.171). Neste sentido elas socializam o conhecimento da academia para os setores populares envolvidos nestas iniciativas de economia solidária, sendo as mais conhecidas as cooperativas populares.

Inúmeras cooperativas populares, aquelas que atuam sob os princípios cooperativistas e sob a ótica da ES, tem sido fomentadas pelas ITCPs. De acordo com Guimarães (2003) a universidade, berço das incubadoras, oferece um ambiente propício para programas com o intuito de gerar trabalho e renda tomando como base o cooperativismo.

Estas incubadoras dependem de financiamentos e projetos externos a universidade para o desenvolvimento de suas atividades, onde buscam recursos a fim de prover suas necessidades, tanto humanas quanto materiais. A contratação de bolsistas, estagiários e coordenadores, necessários para as atividades das incubadoras, estão previstos em alguns destes projetos, o que impossibilita a contratação permanente destas pessoas na incubadora, acarretando um rodízio constante dentro destas organizações, fator este que dificulta a gestão do conhecimento produzido e o atendimento de modo contínuo e permanente das crescentes demandas de incubação de empreendimentos de economia solidária.

Sabendo-se que o papel da universidade é a produção e disseminação do conhecimento, transformando este conhecimento em instrumentos que visem melhorar as condições de vida da população na sociedade por meio da pesquisa, do ensino e da extensão, de forma integrada, deste modo, as incubadoras universitárias, por estarem inseridas no contexto universitário e por atuarem de forma direta com extratos carentes da população, auxiliam a universidade a alcançar estes objetivos.

Destarte, boa parte do conhecimento produzido pelas incubadoras universitárias se dá diretamente com a população que dele necessita, pois a atuação profissional se faz no contato direto com esta população. A partir desta interação o conhecimento produzido é sistematizado por meio da participação em redes de incubadoras universitárias (atualmente existem duas

redes, a rede de ITCPs e a Unitrabalho²), buscando respostas para as dúvidas e inseguranças inerentes ao fazer crítico e ao convívio com o sofrimento humano de populações desprovidas de condições dignas de alimentação, educação, moradia e trabalho.

As incubadoras universitárias se apresentam

[...] como uma oportunidade privilegiada para o desenvolvimento de habilidades profissionais e de produção de conhecimento, potencializado pelas múltiplas perspectivas e contribuições de diferentes instâncias civis e governamentais que se articulam em torno do objeto comum, a Economia Solidária. (INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES, 2010, p.14).

A Universidade Federal de São Carlos entende que a produção do conhecimento é que sustenta todas suas atividades estando articulada com as atividades de ensino e de extensão a fim de garantir qualidade diferenciada do fazer acadêmico. Ao realizarem projetos de extensão, os docentes ganham uma maior experiência e melhores condições para trabalharem com seus alunos, é a prática, enriquecendo o ensino-aprendizagem, por outro lado, os alunos adquirem condições de avaliar na prática o que estão aprendendo e também a questionar os conteúdos desenvolvidos. E a pesquisa também é beneficiada pela extensão porque por meio da extensão que o conhecimento é testado e adequado às necessidades sociais, além de proporcionar a identificação de relevantes e novos temas de pesquisa (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 2004).

O tripé (ensino, pesquisa e extensão) se manifesta em uma incubadora universitária de empreendimentos de economia solidária por meio de intervenção em processos de incubação de cooperativas populares (extensão), na produção de conhecimento (pesquisa) e por meio da formação de estudantes e de profissionais (ensino).

Dada a complexidade do assunto, ensino, pesquisa e extensão nas universidades brasileiras, esta dissertação considera que a atividade de extensão é fundamental para a produção do conhecimento, diante disto, é relevante compreender a natureza da conversão do conhecimento em uma incubadora universitária de empreendimentos de economia solidária.

Na Incubadora Regional de Cooperativas Populares³ (INCOOP) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), objeto de estudo deste trabalho, por sua própria

² No decorrer deste trabalho, serão retomados os assuntos sobre a Rede de ITCPs e a Unitrabalho.

³ A Incubadora Regional de Cooperativas Populares (INCOOP), atualmente Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-EcoSol), iniciou suas atividades em abril de 1999, por meio de um projeto de extensão da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de São Carlos, tendo como finalidade atuar junto à comunidade na incubação de empreendimentos coletivos autogestionários e outras iniciativas, na perspectiva de promover a economia solidária, aliando produção de conhecimento, intervenção e formação de estudantes e de profissionais. Em 12/08/2011 foi aprovado pelos órgãos superiores da

natureza, a rotatividade de membros é constante, pois a quantidade de servidores técnico-administrativos e docentes efetivos é menor em comparação a outros membros que fazem parte da estrutura da INCOOP, sendo em sua grande maioria, bolsistas, alunos de graduação, de pós-graduação, coordenadores contratados por projetos, além de voluntários. Estes membros são de diferentes áreas de atuação e de conhecimento, com grau de rotatividade elevado, o que pode dificultar o registro, o compartilhamento e o depósito do conhecimento de seus membros.

Para Heckert (2003) a proposta da incubação de cooperativas populares é disponibilizar os recursos humanos e o conhecimento da universidade na formação e assessoria de trabalhadores, como alternativa de organização econômica, fundamentada na igualdade e na solidariedade. Dessa forma, a incubação organiza-se essencialmente como processo de vivência e capacitação corroborando com a criação e o compartilhamento do conhecimento.

Diante do exposto, é possível observar a importância do conhecimento produzido nas ITCPs ser disseminado e socializado no âmbito da equipe técnica destas incubadoras, pois só depois disto ele poderá ser socializado de maneira uniforme para os grupos incubados, evitando esforços desnecessários ao proporcionar a localização do conhecimento certo na hora certa.

A gestão do conhecimento (GC), termo que surgiu e se popularizou na década de 1990, tem como principais objetivos a criação, o registro e o compartilhamento do capital intelectual das organizações (HOFFMANN, 2009). Esta pesquisa se ateve na aplicação da conversão do conhecimento nas atividades dos coordenadores executivos, e não na aplicação nas atividades dos atores dos EES, que seria outra possibilidade de pesquisa envolvendo ES e GC.

Portanto, dada a importância da criação e utilização do conhecimento produzido pela INCOOP para direcionar seus objetivos, assim como a necessidade de identificar, armazenar, recuperar e trocar informações com a perspectiva de auxiliar os processos de transferência do conhecimento, o principal resultado desta dissertação foi a caracterização e análise das conversões do conhecimento propostas por Nonaka e Takeuchi (1997), por meio da aplicação deste procedimento nas atividades dos coordenadores executivos da incubadora.

Para estes autores a construção do conhecimento é conseguida quando se reconhece o relacionamento sinérgico entre os conhecimentos que classificaram como: conhecimento

tácito e conhecimento explícito, sendo que a partir desta interação é que ocorre a conversão do conhecimento.

Segundo Nonaka e Takeuchi (1997), as sucessivas passagens de conhecimento tácito para explícito, e vice-versa, são chamadas de espiral do conhecimento. Os autores detalham a conversão do conhecimento em quatro modos: socialização, externalização, combinação e internalização, situados entre os formatos tácito e explícito permitindo geração e troca para novos conhecimentos, sendo que, segundo Silva (2004, p.145) “uma ou mais conversões do conhecimento podem ocorrer simultaneamente”.

Portanto, nas perspectivas abordadas neste estudo alinharam-se os estudos de economia solidária e gestão do conhecimento neste tipo de estrutura, pelo diálogo destas duas temáticas.

Por outro lado, partindo da premissa de que estes temas são recentes no cenário acadêmico, e, conforme resultados de uma busca no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com as palavras chave “economia solidária” e “gestão do conhecimento”, identificou-se a publicação de apenas uma pesquisa envolvendo simultaneamente estas duas palavras-chave. Esta dissertação foi publicada no ano de 2005 constando estas duas expressões, porém, constatou-se que o objeto de pesquisa não era uma incubadora universitária, o que demonstra uma lacuna do conhecimento envolvendo estas duas temáticas e as incubadoras universitárias.

1.2 Ciência, Tecnologia e Sociedade

A gestão do conhecimento e mais recentemente a economia solidária têm sido abordados no campo da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). Inúmeras dissertações abordam estas temáticas separadamente. Como este estudo tem um viés no campo CTS, será feito um breve esboço sobre este tema.

A ciência em uma universidade “tem um valor diferenciado”, assim como “a expressão ‘ciência e tecnologia’ ganha contornos conceituais nas discussões de desenvolvimento social (para não dizer, simplesmente, econômico)” (SCHOR, 2007, p.337).

A expressão CTS está cada vez mais em voga, o que para Von Linsingen (2007, p.1) envolve “uma miríade de aspectos da atividade humana, e que remete à consideração da natureza social do conhecimento científico-tecnológico em sua constituição e apropriação sociais”.

Auler e Delizoicov (2006, p.2) relatam que o movimento CTS surgiu

[...] a partir de meados do século XX, nos países capitalistas centrais, foi crescendo o sentimento de que o desenvolvimento científico, tecnológico e econômico não estava conduzindo, linear e automaticamente, ao desenvolvimento do bem-estar social. Nestes contextos CT passaram a ser objeto de debate político. Houve um movimento reivindicando o reposicionamento tecnológico, contrapondo-se a idéia de que mais CT irá, necessariamente, resolver problemas ambientais, sociais e econômicos. Passou-se a postular algum controle da sociedade sobre a atividade científico-tecnológica. Assim um dos objetivos centrais desse movimento consistiu na reivindicação de decisões mais democráticas e menos tecnocráticas.

Silveira e Bazzo (2005, p.11) sinalizam que o movimento CTS começou a se manifestar nos países desenvolvidos nos anos 60 e 70, por meio da “comunidade acadêmica que, insatisfeita com a concepção tradicional da ciência e da tecnologia e preocupada com os problemas políticos e econômicos decorrentes do desenvolvimento científico-tecnológico e com os movimentos sociais de protestos”, começou “a buscar análise e estudos na área de CTS; os quais são muito recentes no Brasil”. De acordo com estes autores, “o movimento nasceu com caráter crítico, tanto em relação à visão essencialista da ciência e da tecnologia, bem como a partir da visão interdisciplinar entre as diversas áreas do conhecimento”, assim “incentivando o questionar das certezas absolutas sobre a ciência, desvelando a sua não neutralidade e tomando decisões mais coerentes em relação aos problemas nos quais os conhecimentos científicos estejam presentes”.

Este movimento evoluiu se tornando um campo científico interdisciplinar seguindo três grandes direções, que se encontram segundo Von Linsingen (2011, p.04)

[...] no campo da pesquisa, como alternativa à reflexão acadêmica tradicional sobre a ciência e a tecnologia promovendo uma nova visão não-essencialista e socialmente contextualizada da atividade científica; no campo das políticas públicas, defendendo a regulação social da ciência e da tecnologia, promovendo a criação de mecanismos democráticos facilitadores da abertura dos processos de tomada de decisão sobre questões de políticas científico-tecnológicas; e, no campo da educação promovendo a introdução de programas e disciplinas CTS no ensino médio e universitário, referidos à nova imagem da ciência e da tecnologia, que já se estende por diversos países (na Europa e na América Latina, e nos EUA).

Os estudos sociais da ciência e da tecnologia ou estudos de ciência, tecnologia e sociedade, são áreas de estudo do campo CTS que “examinam as forças políticas, econômicas e sociais que, de modo complexo, interagem para moldar a C&T que, recursivamente, molda e afeta a sociedade” (VON LINSINGEN, 2007; HAYASHI; HAYASHI; FURNIVAL, 2008, p.40).

Estes estudos buscam “entender o fenômeno científico-tecnológico no contexto social, tanto na relação com suas condicionantes sociais, quanto no que se refere a suas consequências sociais e ambientais” (CEREZO, 2004, p.11).

Silveira e Bazzo (2005, p.12) destacam a importância desta inserção

[...] no ambiente educacional de forma a propagar uma educação mais eficaz a fim de modificar com rapidez um sistema de desenvolvimento científico-tecnológico que acumula, a cada dia mais riqueza para uns poucos e miséria para a grande maioria. É necessária uma mudança de atitude, de comportamento para construir o mundo que desejamos e, para isso, é indispensável proporcionar a todos uma educação contextualizada com a dimensão social da ciência e da tecnologia. Nesse sentido a educação CTS é uma inovação que tem a intenção de promover uma ampla alfabetização científico e tecnológica (ACT) numa perspectiva ampliada (o modelo interacionista) de maneira que os cidadãos tenham condições de tomar decisões responsáveis, no que se refere às questões tecnológicas predominantes na sociedade contemporânea, como por exemplo: a contaminação ambiental, o esgotamento dos recursos naturais, a ameaça da guerra nuclear, a liberação de organismos geneticamente manipulados, a deterioração da qualidade de trabalho tendo como causa a automatização, entre outros.

Fonseca e Serafim (2010, p.255) salientam que “dentro dessa concepção, ciência, tecnologia são abordadas a partir de diversos campos disciplinares (como sociologia, história, economia, filosofia, ciência política etc.) de forma integrada”. Nota-se que esta área do conhecimento possui características multidisciplinares ou interdisciplinares por integrarem saberes de diversas áreas do conhecimento, propiciando a criação do conhecimento.

Santos e Mortimer (2002, p.2) destacam a não existência da neutralidade científica e que a ciência não “é eficaz para resolver as grandes questões éticas e sócio-políticas da humanidade”, e mencionam o crescimento de debates éticos que discutem a interferência da ciência e da tecnologia no meio ambiente levando em consideração suas aplicações e seus efeitos. Para estes autores é aí que surge, “um novo modo de produção do conhecimento” ao propiciar “uma interação entre diferentes atores sociais” com características transdisciplinares, o que acarreta num “aumento da responsabilidade social dos produtores de conhecimento científico e tecnológico”, que “se unem no interesse comum de resolver grandes problemas” induzindo a uma maior reflexão do cientista e o levando a “dialogar com outras áreas para participar da análise de tais problemas em uma perspectiva multidisciplinar” (SANTOS; MORTIMER, 2002, p.2).

No campo das relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade é relevante que todo conhecimento desenvolvido nas ITCPs seja disseminado para a sociedade por meio da interação entre os membros destas e os atores que fazem parte dos empreendimentos incubados, atrelando desenvolvimento econômico e social. As incubadoras universitárias, por

sua própria natureza, possuem caráter multidisciplinar, uma vez que ao assessorar diferentes iniciativas de economia solidária estes profissionais, que atuam nas ITCPs, se deparam com diversas áreas de conhecimento. Deste modo, por ser um fenômeno relativamente recente e por propiciar a interação entre diversas áreas do conhecimento, a economia solidária é um campo de atuação em estágio de consolidação. Deve-se destacar que os adeptos da economia solidária buscam implantá-la como uma nova área do conhecimento.

A finalidade da Incubadora Regional de Cooperativas Populares (2010, p.12) é a incubação de iniciativas econômicas solidárias, com a perspectiva de promoção da economia solidária. Alinhado ao viés CTS, a

incubação consiste em acompanhamento sistemático e de rotina de grupos que estejam se organizando para se constituir ou se consolidar como um empreendimento coletivo e autogestionário, em qualquer cadeia produtiva. Trata-se de um processo participativo de troca e construção de saberes aplicados à produção econômica e à vida dos agentes envolvidos. Visa geração de trabalho e renda simultaneamente ao processo educativo dos sujeitos históricos, valorizados como seres capazes de transformar a realidade social. A incubação relaciona-se à práxis da pesquisa, ensino e extensão, entendidos como instâncias interdependentes e indissociáveis.

Nas incubadoras universitárias de empreendimentos de economia solidária a criação do conhecimento acontece conjuntamente com as pessoas que são assessoradas por elas e pelos seus integrantes, o que corrobora com o enfoque CTS. As atividades destas incubadoras são sociais, pois são “realizadas por grupos de pessoas, para grupos de pessoas” (HAYASHI; HAYASHI; FURNIVAL, 2008, p.38) e esta característica encontra-se emparelhada com os estudos CTS.

Conclui-se desta maneira a importância deste estudo que caracterizou e analisou a conversão do conhecimento dentro da equipe da Incubadora Regional de Cooperativas Populares (INCOOP), com foco nas atividades dos coordenadores executivos pelo fato destes membros participarem de projetos e estarem integrados ao grupo de populares envolvidos nas iniciativas de economia solidária.

1.3 Justificativa

A pesquisadora é formada em Pedagogia e especialista em Psicopedagogia no Processo Ensino-Aprendizagem. Há alguns anos (2008), cursou a disciplina “Cooperativas Populares e Economia Solidária: Produção de Conhecimento, Intervenção Profissional e

Formação de Profissionais”, como Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE), e se interessou pela temática. No ano seguinte começou a participar da meta⁴ 15 e ingressou como aluno especial no Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS). A meta 15 é uma equipe da INCOOP que trabalha com a produção do conhecimento da incubadora, com esta participação constatou-se o considerável volume da produção acadêmica de seus membros, o que proporcionou seu interesse pelo conhecimento produzido pelos mesmos. Durante sua vivência na INCOOP, participando de reuniões com os membros da incubadora, detectou-se a alta rotatividade dos membros, o que poderia ser um dificultador na questão da transferência do conhecimento, surgindo então a proposição desta pesquisa ao detectar a necessidade de uma conversão do conhecimento, portanto, por se tratar de uma incubadora universitária de empreendimentos de economia solidária, aliou-se as temáticas: “economia solidária” (ES) e “gestão do conhecimento” (GC).

A INCOOP foi selecionada como objeto de estudo devido a possível lacuna localizada, apontada anteriormente, e também em função da facilidade de acesso, por se localizar na mesma instituição em que a pesquisadora trabalha.

A ausência de dissertações na temática também foi outro ponto motivador. Como explicitado adiante, foram publicadas várias dissertações e teses contendo estas duas temáticas (ES e GC) de forma separada, porém quando buscados trabalhos com as duas temáticas simultaneamente no banco de teses e dissertações da CAPES, foi encontrada somente uma dissertação.

A literatura na temática GC não é costumeiramente dirigida à ES, neste sentido a uma carência na literatura envolvendo estas duas temáticas, demonstrando assim a originalidade do recorte da pesquisa. O tema GC induz a uma gama de possibilidades de estudos envolvendo diferentes tipos de organizações, para esta pesquisa levou-se em consideração o interesse pessoal da pesquisadora que desde 2008 vem atuando na INCOOP.

A motivação na temática e os dois anos de atividades no PPGCTS e na INCOOP/UFSCar possibilitaram elaborar e publicar artigos em Congressos, revista e capítulo de livro, como apresentado no Apêndice A.

⁴ Este termo se refere às metas existentes nos projetos submetidos aos órgãos de fomento pela INCOOP. Essas metas estão relacionadas a objetivos expressos em termos quantitativos e mensuráveis, sendo que cada meta conta com uma equipe.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

Baseado nas considerações principais apresentadas na proposição deste trabalho observando a importância da criação e utilização do conhecimento produzido pela INCOOP para direcionar seus objetivos, e tendo como perspectiva auxiliar os processos de construção e compartilhamento do conhecimento, esta dissertação tem como **objetivo** caracterizar e analisar as conversões do conhecimento em uma incubadora universitária de empreendimentos de economia solidária.

1.4.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos relativos a fundamentação teórica e a pesquisa empírica, bem como seus naturais desdobramentos em categorias de análise, são descritos abaixo:

- Caracterizar a estrutura da incubadora com a finalidade de identificar os tipos de membros existentes e seus papéis dentro da incubadora;
- Identificar e descrever as atividades da INCOOP;
- Identificar e caracterizar as atividades dos coordenadores executivos da INCOOP;
- Sistematizar e analisar as trocas identificadas por meio da utilização do modelo de conversão do conhecimento indicado neste trabalho.

1.5 Organização da dissertação

O presente trabalho se insere nas temáticas: economia solidária e conversão do conhecimento. Esta dissertação está organizada em 7 capítulos:

- **Capítulo 1:** São apresentadas as questões introdutórias: introdução; incubadoras tecnológicas e a questão do conhecimento; ciência, tecnologia e sociedade; a justificativa; os objetivos e a organização da dissertação.
- **Capítulo 2:** Discorre acerca dos procedimentos metodológicos.
- **Capítulo 3:** Aborda as incubadoras universitárias de empreendimentos de economia solidária, sua interligação com o ensino, a pesquisa e a extensão e seu contexto. O próximo passo foi adentrar na temática economia solidária, seu surgimento, suas características e o papel das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares frente

a economia solidária. Este capítulo se encerra com a apresentação da formação das redes de ITCPs.

- **Capítulo 4:** Apresenta a conversão do conhecimento. Enfoca aspectos sobre o conhecimento, iniciando com o conhecimento, aprendizado e suas possibilidades para as incubadoras, imbricado com o olhar CTS. Temas sobre a conversão do conhecimento começam a serem abordados neste capítulo, iniciando com a criação, compartilhamento e aplicação do conhecimento nas organizações, em seguida diferencia o que são dados, informação e conhecimento para depois abordar os conhecimentos tácitos e explícitos, e a conversão do conhecimento. Retoma a informação e conhecimento agora se reportando às organizações e finaliza o capítulo com uma breve descrição de repositório do conhecimento.
- **Capítulo 5:** Neste capítulo é apresentado o objeto de estudo, seu histórico, seus objetivos e estratégia, seguido pela sua estrutura e atividades, método de incubação entre outros.
- **Capítulo 6:** Apresenta e discute os resultados da pesquisa de campo.
- **Capítulo 7:** Conclue e discute as considerações finais.

No final da dissertação são descritas as referências utilizadas, os apêndices e anexos.

CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo são apresentadas as estratégias utilizadas para investigar, empiricamente, a questão de pesquisa deste trabalho.

2.1 Classificação da pesquisa

Esta pesquisa foi classificada quanto sua natureza, seus objetivos, sua abordagem e seus procedimentos. A Figura 1 permite observar as diferentes formas de se classificar uma pesquisa, sendo que os elementos metodológicos selecionados para esta dissertação estão em destaque.

FIGURA 1: Classificação da Pesquisa

NATUREZA	PROCEDIMENTOS
PESQUISA BÁSICA	BIBLIOGRÁFICA
PESQUISA APLICADA	DOCUMENTAL
	EXPERIMENTAL
	LEVANTAMENTO
OBJETIVOS	ESTUDO DE CASO
EXPLORATÓRIA	EXPOST-FACTO
EXPLICATIVA	PESQUISA-AÇÃO
DESCRITIVA	PARTICIPANTE
ABORDAGENS	
QUALITATIVA	
QUANTITATIVA	

Fonte: Adaptado de SOUZA, 2011.

A natureza desta pesquisa é aplicada, e, considerando seus objetivos, trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, pois busca responder algumas questões relacionadas ao processo de criação, transferência e disseminação do conhecimento, que objetivou caracterizar e analisar as conversões do conhecimento frente às atividades dos coordenadores executivos da INCOOP.

A delimitação do estudo e a aproximação com a incubadora propiciaram a busca pelas temáticas abordadas neste trabalho por meio de levantamento bibliográfico relacionado com o tema “economia solidária” e assuntos relacionados com a “gestão do conhecimento”, o que conduziu a várias leituras em livros, artigos, teses, dissertações e documentos da própria incubadora, disponíveis eletronicamente ou fisicamente.

Nesta pesquisa a abordagem é qualitativa, uma vez que este tipo de pesquisa permite ao investigador participar de forma direta da coleta de dados por meio da observação, de entrevistas e da análise documental, ajudando a compreender o objeto de estudo e também

“construí-lo a partir de novos aspectos e sob novas perspectivas” (BRAGA, 2007, p.27). Em suma, o pesquisador irá analisar em profundidade os dados obtidos a partir das fontes utilizadas para a realização da pesquisa, sendo estes dados apresentados em forma descritiva. Estes são os procedimentos comumente utilizados para a coleta de dados deste tipo de pesquisa.

A estratégia utilizada foi o estudo de caso. Esta estratégia foi escolhida porque foram examinados acontecimentos contemporâneos baseados na análise de um grupo, o que permitiu uma investigação das características significantes de eventos vivenciados (neste caso a INCOOP), e também por oferecer “flexibilidade no processo de conduzir a pesquisa” e permitir “a análise de comportamentos e situações interrelacionadas” (CALAZANS, 2007, p.40).

2.2 Delineamento da pesquisa e etapas metodológicas

Após decidir trabalhar com as temáticas “economia solidária” e “gestão do conhecimento”, o primeiro passo foi efetuar uma busca, com o intuito de verificar o número de dissertações e teses com estes temas. Ao realizar a busca separadamente, no banco de teses e dissertações da CAPES, identificou-se que foram publicadas 401 dissertações e teses envolvendo o tema ES, e 778 com o tema GC. Somente a partir de 1998 é que o tema “economia solidária” passou a ser pesquisado em dissertações e teses brasileiras, conforme busca realizada neste banco, e com o tema “gestão do conhecimento” foi a partir de 1996. Para melhor visualizar estes resultados estes números foram compilados e apresentados nas Tabelas 1 e 2.

TABELA 1: Número de teses e dissertações com a temática “economia solidária” no período de 1998 a 2010

ANO PUBLICAÇÃO	TIPO DE PESQUISA		TOTAL
	Mestrado	Doutorado	
1998	0	01	01
1999	0	0	0
2000	04	0	04
2001	02	02	04
2002	06	01	07
2003	21	02	23
2004	23	06	29
2005	40	06	46
2006	37	14	51
2007	43	10	53
2008	42	12	54
2009	41	14	55
2010	60	14	74
TOTAL	319	82	401

Fonte: OLIVEIRA; ZANIN, 2011a, p.6.

TABELA 2: Teses e dissertações sobre a temática “gestão do conhecimento” entre 1996 e 2010

ANO PUBLICAÇÃO	TIPO DE PESQUISA		TOTAL
	Mestrado	Doutorado	
1996	01	0	01
1997	0	0	0
1998	01	0	01
1999	04	02	06
2000	17	05	22
2001	23	03	26
2002	31	11	42
2003	59	03	62
2004	59	10	69
2005	75	14	89
2006	64	09	73
2007	80	16	96
2008	77	19	96
2009	66	30	96
2010	68	31	99
TOTAL	625	153	778

Fonte: Adaptado de OLIVEIRA; ZANIN, 2011b, p.7.

Os levantamentos realizados e apresentados nestas tabelas indicam uma tendência de crescimento das publicações e conseqüentemente da comunidade científica representada aqui pelos professores e estudantes dos programas de pós-graduação brasileiros. Observa-se que a

produção do conhecimento nestas duas temáticas são recente, e que as ITCPs ao produzirem conhecimento, podem favorecer as investigações e resultados nas temáticas sobre GC e ES.

Para desenvolver o trabalho, foram analisados como fontes de informações: relatos das reuniões da equipe da incubadora (memória), registros de situações de trabalho da equipe e demais documentos relacionados às atividades da INCOOP.

Com a participação em reuniões e em situações de trabalho da equipe (oficinas, seminários etc.) foram coletados dados por meio dos quais foram identificados alguns aspectos relacionados à conversão do conhecimento entre os membros, e analisadas condições do contexto da incubadora que dificultam ou facilitam o acesso ao conhecimento.

A análise dos documentos da INCOOP colaborou com a compreensão do objeto de estudo desta pesquisa, possibilitando:

- contextualizá-la na universidade e no movimento da economia solidária, o que proporcionou entender este movimento e identificar os atores, gestores, participantes etc.;
- caracterizar sua estrutura;
- relacionar suas atividades;
- relacionar as atividades que espera-se, serem executadas pelos seus coordenadores executivos.

Toda pesquisa implica no levantamento de dados de diversas fontes, independente do método ou da técnica empregada, sendo que a metodologia baseia-se no trabalho de interpretação e de seleção de fontes primárias e secundárias. Deste modo, recorreu-se, nesta pesquisa, a fontes de dados tanto primárias quanto secundárias. As fontes primárias foram obtidas por meio de entrevistas e observação tanto direta como participante, e as fontes secundárias foram obtidas por meio de análise documental - documentos de referência, projetos, relatórios e outras fontes que foram úteis para o desenvolvimento da pesquisa.

Os dados foram obtidos a partir de entrevistas individuais, gravadas (com prévia autorização) e realizadas em dia, data, horário e local definidos pelos entrevistados, sendo garantidas as condições de privacidade compatíveis com critérios éticos e metodológicos. Foram realizadas oito entrevistas, com oito coordenadores executivos da INCOOP, escolhidos a partir de seus ingressos na incubadora, que ocorreram em diferentes épocas.

Para a realização deste trabalho, optou-se em se ater ao estudo das atividades dos coordenadores executivos da INCOOP por esta função ser considerada primordial, uma vez que estes membros mantêm contato direto com os EES, com os professores, com bolsistas e

participam do dia a dia da INCOOP e também por ocuparem posições chave na disseminação do conhecimento e nas atividades da incubadora. É importante salientar que os coordenadores são contratados por projetos submetidos a órgãos de fomento.

Estas entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro, constituído de perguntas abertas. O roteiro da entrevista está disponível no Apêndice B. Este roteiro foi desenvolvido baseado nos aportes conceituais da conversão do conhecimento de Nonaka e Takeuchi (1997), com a finalidade de colaborar com o objetivo principal desta dissertação. Estes autores foram escolhidos por serem os expoentes no estudo da conversão do conhecimento, são autores renomados e citados em diversos trabalhos científicos que abordam temas relacionado ao conhecimento, como a gestão do conhecimento.

A aproximação com os entrevistados permitiu detectar como ocorre a criação e o compartilhamento do conhecimento entre os coordenadores executivos. Foi realizada uma entrevista piloto com um coordenador executivo da incubadora a fim de observar as dificuldades encontradas. Ao iniciar a entrevista foi explicado e informado ao coordenador entrevistado o objetivo do estudo, e nesta aplicação foram solicitados comentários e sugestões com o intuito de melhorar e deixar mais claras as perguntas aos próximos coordenadores que foram entrevistados, colaborando com o objetivo desta pesquisa. Este coordenador foi escolhido por estar a mais de 05 anos na INCOOP.

Outras técnicas foram utilizadas além das entrevistas para a obtenção dos dados, como observação direta e participante em reuniões e em uma oficina que ocorreu durante este estudo e que abordou as atribuições dos membros da incubadora, e finalmente a análise de documentos da INCOOP. Os dados foram categorizados e analisados de modo a possibilitar a análise da ocorrência das conversões do conhecimento propostas por Nonaka e Takeuchi (1997), conforme descrito neste trabalho, colaborando com o objetivo desta pesquisa, a saber, caracterizar e analisar a conversão do conhecimento em uma incubadora universitária. As entrevistas foram transcritas em sua íntegra e estão apresentados no Apêndice C.

Outro dado obtido por meio das técnicas apontadas foi a identificação das ferramentas utilizadas como repositório do conhecimento pelos membros da incubadora.

As etapas metodológicas necessárias para o desenvolvimento desta pesquisa estão descritas de forma mais sucinta no Quadro 1.

QUADRO 1: Planilha metodológica utilizada para o desenvolvimento da pesquisa

ETAPA	DESCRIÇÃO
Referencial teórico	Realização de revisão bibliográfica criteriosa realizada em livros, artigos, bancos de teses e dissertações, etc. sobre os temas envolvidos na pesquisa, como: incubadoras universitárias, economia solidária, gestão do conhecimento, produção de conhecimento relação entre ensino, pesquisa e extensão, conversão do conhecimento e aprendizagem organizacional, que proporcionou traçar um panorama destes assuntos abordados e também embasar os resultados encontrados.
Elaboração do roteiro de entrevista	A entrevista foi semi-estruturada, com questões abertas a partir do referencial teórico. O roteiro está apresentado no Apêndice B deste trabalho.
Levantamentos e coletas de dados	A estratégia utilizada foi o estudo de caso. Para realizar esta pesquisa recorreu-se a fontes de dados, tanto primárias quanto secundárias. Fontes primárias: entrevista, observação direta e participante. Fontes secundárias: análise documental - documentos de referência, projetos, relatórios e outras fontes que foram úteis para o desenvolvimento da pesquisa. Foram entrevistados 08 coordenadores executivos da INCOOP, que ingressaram em diferentes épocas. Com as fontes primárias e secundárias foi possível identificar as atividades da INCOOP além de identificar e caracterizar as atividades dos coordenadores executivos, e a partir das entrevistas foi possível elaborar a conversão do conhecimento. Com a utilização destas técnicas foi possível atingir os objetivos desta pesquisa.
Análise dos dados	As análises realizadas, a partir do referencial teórico, ocorreram em três etapas: - a primeira foi baseada na leitura das entrevistas; - a segunda se baseou em documentos da INCOOP, objetivando complementar as informações das entrevistas; - a terceira foi baseada nas conversões do conhecimento complementadas pelas observações dos entrevistados.

Fonte: Elaboração da autora

A INCOOP foi escolhida como objeto de estudo:

- Por ser um centro irradiador da economia solidária e do processo de incubação;
- Pelo considerável volume da produção acadêmica de seus membros;
- Pelas diversas áreas de conhecimento e campos de atuação profissional de seus membros proporcionando a construção de um conhecimento interdisciplinar, integrando o ensino, a pesquisa e a extensão;
- Por ser um ambiente autogestionário e

- Por ter uma elevada rotatividade de seus membros.

Este trabalho se ateve na figura dos coordenadores executivos por serem de diversas áreas de conhecimento e campos de atuação profissional, por esta função ser primordial e por ocuparem posições chave na disseminação do conhecimento e nas atividades da incubadora.

2.3 Caracterização dos entrevistados

Foram estudadas as atividades dos coordenadores executivos entrevistados pela pesquisadora. No momento desta pesquisa, no período de março de 2010 a fevereiro de 2012, a INCOOP contava, em janeiro/2012, com 18 (dezoito) coordenadores, sendo 09 (nove) do sexo masculino e 09 (nove) do sexo feminino. A estratégia utilizada para a escolha destes oito coordenadores se deu a partir de seus ingressos, o primeiro escolhido foi o que está a mais tempo na incubadora, e os próximos foram escolhidos em ordem decrescente de ingresso, chegando aos coordenadores com menos de 01 ano na incubadora.

Gráficos foram elaborados para demonstrar o perfil dos entrevistados e são apresentados no capítulo 6 desta dissertação. Dos 08 entrevistados, 05 deles são do sexo masculino e 03 do sexo feminino. A idade da maioria dos entrevistados compreende a faixa etária entre 20 e 30 anos, e somente um entrevistado está na faixa etária entre 40 e 50 anos. O coordenador com mais idade está a mais tempo na incubadora, mais de 10 anos, outros 03 entrevistados estão a menos de 01 ano e os demais variam suas permanências na INCOOP de 01 a 05 anos.

2.4 Aspectos éticos

O presente trabalho de pesquisa, por conter seres humanos em sua investigação, foi submetido para apreciação ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de São Carlos, sob o número 0043.0.135.000-11, processo número 23112.000838/2011-12. Após análise foi considerado aprovado pelo CEP, conforme o Parecer 248/2011 (Anexo A).

Os participantes da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e receberam uma cópia (Apêndice D). Neste documento são contidas informações sobre a natureza da pesquisa, a voluntariedade da pesquisa e a garantia do sigilo

referente aos dados. Todos os participantes receberam informações sobre os objetivos deste estudo e foi solicitada a autorização para a gravação das entrevistas.

2.5 Coleta e apresentação dos dados

Os dados foram coletados por meio da técnica da entrevista semi-estruturada, com questões abertas, e das técnicas: análise de documentos e observação direta e participante. Após coleta, apreciação e organização foram apresentadas por: tabelas, gráficos, figuras, frases dos entrevistados e leitura das entrevistas.

A coleta de dados relacionada com o primeiro objetivo específico se desenvolveu a partir da análise de documentos e da observação direta e participante, e está descrito e apresentado no capítulo 5 desta dissertação.

Para a coleta de dados relacionada com o segundo objetivo específico utilizou-se as mesmas técnicas do primeiro objetivo e estão apresentados na Figura 8.

Dada a necessidade de identificar e caracterizar as atividades dos coordenadores, descrito como o terceiro objetivo específico desta pesquisa, a coleta de dados ocorreu a partir da elaboração de um roteiro de entrevista baseado na teoria da conversão do conhecimento de Nonaka e Takeuchi (1997) que se encontra no Apêndice B e da análise destas entrevistas e de documentos da incubadora. As transcrições das entrevistas estão apresentadas no Apêndice C.

A coleta de dados relacionada ao quarto objetivo específico ocorreu com a aplicação da conversão do conhecimento dos autores já mencionados e estão apresentados nos Quadros 11 a 20.

2.6 Forma de análise dos dados

Os dados coletados foram interpretados e analisados qualitativamente, levando em consideração o referencial teórico e as técnicas abordadas neste trabalho. Na aplicação do método da conversão do conhecimento às atividades dos coordenadores foram tratadas como eventos. A análise dos dados obtidos foi organizada em três etapas:

- a primeira foi baseada na leitura das entrevistas, com esta leitura foi possível sistematizar as atividades dos coordenadores, estas foram agrupadas em categorias para serem analisadas;

- a segunda se baseou em documentos da INCOOP objetivando complementar as informações das entrevistas. A partir destes documentos e com o agrupamento em categorias de análise, cada evento foi detalhado de forma mais abrangente, sendo descritas as atividades relacionadas aos eventos estudados;
- a terceira foi baseada nas conversões do conhecimento complementadas pelas observações dos entrevistados. A partir das descrições de cada evento, das entrevistas e do referencial teórico foi possível realizar a conversão do conhecimento.

CAPÍTULO 3 – A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E AS INCUBADORAS UNIVERSITÁRIAS DE EMPREENDIMENTOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

3.1 Ensino, pesquisa e extensão nas universidades: um breve relato

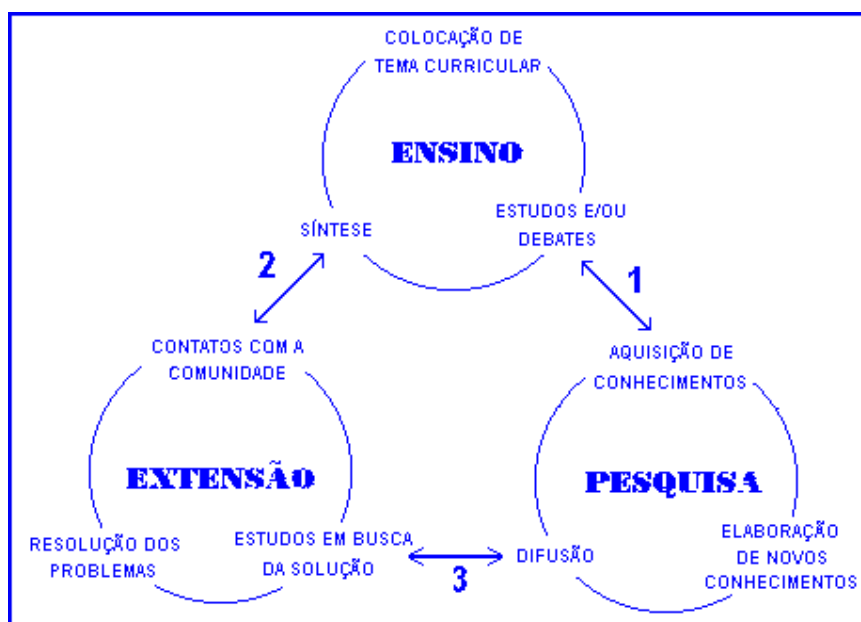
O papel da universidade é a produção de conhecimento, transformando este conhecimento, por meio da formação, em instrumentos que visem melhorar as condições de vida da população na sociedade mediante a pesquisa, o ensino e a extensão de forma integrada. O modo mais usual de disseminar o conhecimento nas universidades acontece por meio dos cursos de graduação; com a pós-graduação a produção de conhecimento ocorre por meio da pesquisa, e pela extensão, é que o conhecimento é aplicado.

Com o ensino de graduação as pessoas são formadas com a finalidade de utilizar profissionalmente, o conhecimento disponível nas suas diversas áreas em prol da sociedade. Na pós-graduação, com os cursos *strictu sensu* (mestrado e doutorado), acontece, prioritariamente, a formação de cientistas e professores universitários. Estes profissionais são preparados para desenvolver o conhecimento e formar novos profissionais para a sociedade. A pesquisa na universidade é vista como essencial voltada para a busca de novas técnicas e conhecimentos, e tendo como finalidade produzir, sistematizar, criticar e integrar o conhecimento, tornando-o disponível. É por meio da extensão que a universidade amplia o acesso ao conhecimento, capacitando pessoas a utilizar os conhecimentos disponíveis, proporcionando aos alunos complementação à sua formação universitária e aplicando na prática, no âmbito da sociedade, as atividades de ensino. Estas três atividades se complementam, sendo que a extensão oferece campo para o ensino e material para a pesquisa.

Pode-se dizer que o ensino é “oxigenado” pela pesquisa, que necessita da extensão para levar seus conhecimentos à comunidade, e a extensão, por sua vez, precisa dos conteúdos do ensino e da pesquisa para diagnosticar e oferecer soluções. A pesquisa depende do ensino e da extensão para difundir e aplicar sua produção (MORAES, 1998).

A Figura 2 permite uma melhor visualização da indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, relacionados com o papel de uma universidade. Esta interligação evidencia o processo de integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

FIGURA 2: Interligação entre o ensino, a pesquisa e a extensão



Fonte: MESQUITA FILHO, 1996.

A interligação entre o ensino e a pesquisa representa o ensino como fonte de criação de novos conhecimentos que evolui para a pesquisa (1). A interligação entre ensino e extensão representa a assimilação do tema curricular, e a síntese de conhecimento adquirindo potencial para exercê-lo para o bem da comunidade (02), levando, portanto, à ação. Considerando o ensino e a pesquisa como partes integrantes deste processo, a extensão proporciona um campo de experimentação ao entrar em contato com a comunidade na busca de conhecimentos para a resolução dos problemas (03) (MESQUITA FILHO, 1996).

Assim nota-se que a extensão universitária é uma área muito ampla e que requer interação da universidade com o espaço exterior a esta, difundindo o conhecimento de diferentes formas: desde a pesquisa aplicada, passando pelo ensino extracurricular, o assessoramento a instituições, empresas e também a movimentos sociais, ocasionando uma forte interação entre atores externos à instituição com docentes, discentes, pesquisadores e funcionários da universidade, permitindo que o conhecimento se torne acessível para além dos

muros da universidade. A atividade de extensão exercida pelas incubadoras universitárias é produzir conhecimento em conjunto com seus parceiros.

Para Thiollent (2000, p.20):

A extensão não deve ficar separada das outras atividades. Ao contrário, o campo de experimentação que lhes é associado está intimamente vinculado às linhas principais dos programas de pesquisa e de ensino da universidade. A contribuição da extensão para a pesquisa e o ensino não é automática. Ela depende essencialmente de uma vontade política dos grupos imediatos da produção e da difusão de conhecimentos, formuladores de projetos orientados por critérios de relevância social e científica bem definidos.

Na extensão universitária “as pessoas atendidas não são vistas como simples público-alvo”, mas são vistas “como atores em suas situações de vida e em suas interações com os grupos universitários”. Alunos e professores podem, por intermédio da extensão, “se interessar em conceber ou acompanhar cursos ou projetos de pesquisa úteis à sociedade” (THIOLLENT, 2000, p.20).

E, assim, a universidade brasileira, por meio de suas incubadoras tecnológicas universitárias, corrobora com a sociedade na missão inovadora de ação sociopolítica ampliando e preservando a cidadania e a dignidade do trabalhador. Muitas universidades brasileiras possuem incubadoras tecnológicas focalizadas para empresas relacionadas no sistema econômico hegemônico, ou seja, para a economia capitalista (heterogestão), sendo que a questão da concorrência, lucro e competitividade se fazem presentes. No entanto a partir de meados da década de 90, surge outro tipo de incubadoras que direcionam suas atividades para empreendimentos de autogestão, como as cooperativas populares.

Dessa maneira “para auxiliar a incubação de cooperativas populares” novas iniciativas sociais surgiram nos últimos anos, segundo Thiollent (2000, p.21), a partir do aprofundamento da exclusão social, da crise e do desemprego. São demandas que surgem como formas de viabilizar a extensão universitária; demandas estas “centradas na requalificação, na autogestão de empresas em dificuldade ou outras iniciativas de geração de trabalho e renda”.

A Universidade Federal de São Carlos, sede da Incubadora Regional de Cooperativas Populares, regulamenta suas atividades de extensão por meio da portaria GR 220/93. Cabe destacar, no Capítulo 1 desta portaria, que trata - Da Concepção e dos Objetivos -, as atividades de extensão não podem ser dissociadas das atividades de pesquisa e ensino, e por meio destas atividades amplia-se o acesso ao conhecimento capacitando pessoas para utilizá-lo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 1993).

A Portaria GR 220/93 da UFSCar menciona que atividade de extensão universitária é “aquela que é voltada para o objetivo de tornar acessível à sociedade o conhecimento de domínio da Universidade, seja por sua própria produção, seja pela sistematização do conhecimento universal disponível” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 1993).

Desse modo, excetuam-se os ensinamentos de graduação e de pós-graduação, que por suas próprias características já torna o conhecimento existente acessível à sociedade.

No Quadro 2 são relacionados os objetivos específicos, conforme o artigo 6º desta portaria:

QUADRO 2: Objetivos específicos das atividades de extensão universitária/Portaria GR 220/93

ÍTEM	OBJETIVO
I	Otimizar as relações de intercâmbio entre a universidade e a sociedade em relação aos objetivos da instituição;
II	Aumentar a probabilidade de que as pessoas e as instituições utilizem, da melhor maneira possível, o conhecimento existente, na realização de suas atividades;
III	Produzir conhecimento sobre os processos de apropriação do conhecimento existente por parte da população e das instituições;
IV	Avaliar as contribuições da universidade para o desenvolvimento da sociedade;
V	Facilitar e melhorar a articulação do ensino e da pesquisa com as necessidades da população do país;
VI	Preservar e proteger o conhecimento produzido pela sociedade.

Fonte: Portaria GR 220/93, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 1993.
Formatação elaborada pela autora.

Nota-se, com estes objetivos específicos, a preocupação da UFSCar com a produção do conhecimento, a fim de torná-lo acessível de todas as formas possíveis e para todos que dele necessitam.

3.2 O contexto econômico-social brasileiro e a extensão universitária

As transformações advindas do mundo do trabalho provocaram, entre outras coisas, “a exclusão social, o desemprego em massa” e “o processo falimentar de inúmeras pequenas e médias empresas”, e é nesta realidade que se constata “a emergência de inúmeras iniciativas individuais e coletivas de enfrentamento à crise do emprego” (PEDRINI, 2002, p.172).

Após um período de cerca de trinta anos, que tem início com o fim da Segunda Guerra Mundial, considerado a fase áurea do capitalismo, de grande desenvolvimento econômico associado a baixos índices de desemprego, o sistema de produção calcado no binômio taylorismo-fordismo e vinculado ao modelo regulador de Estado de Bem-Estar-Social⁵ entra em crise.

Este sistema produtivo passou a enfrentar uma demanda mais exigente por uma oferta diferenciada de mercadorias num mercado mais competitivo, que acabou “esbarrando na sua produção em larga escala caracterizada pela rigidez do planejamento e da organização do trabalho”. Posto este quadro, tem início, nas décadas de 1970 e 1980, um período de intensa reestruturação econômica e de reajustamento social e político, que acabou culminando em processos mais flexíveis de produção e em um estado mais enxuto (OLIVEIRA FILHO, 2010, p.71).

Na busca por ampliar suas taxas de lucro as empresas se tornam mais competitivas, por meio, fundamentalmente, da diminuição dos gastos com a mão-de-obra, cortando postos de trabalho (com o surgimento de novas tecnologias e da primazia da multifuncionalidade dos trabalhadores, que passam a realizar tarefas antes realizadas por mais braços) e flexibilizando contratos de trabalho (principalmente por meio do processo de terceirização, no qual a empresa externaliza atividades que, teoricamente, não são consideradas como sendo o foco da empresa). As grandes fábricas, que agregavam inúmeros trabalhadores em seu interior, diminuem de tamanho com a eliminação da força de trabalho considerada desnecessária e com a focalização da produção no processo principal da empresa.

O Estado, por sua vez, influenciado pelas ideias neoliberais, retoma o modelo liberal clássico, que repudia a interferência do Estado na economia. A adoção desse modelo trouxe reformas que visavam dinamizar a economia capitalista diminuindo custos de produção,

⁵ Também denominado de estado de keynesianismo, este modelo é baseado na teoria econômica de John Maynard Keynes (1883 – 1946) e atribui ao Estado o papel de controlador das atividades econômicas, tendo em vista a situação de pleno emprego. Nota-se, entretanto, que este modelo de Estado nunca existiu no Brasil, mas sim um modelo caracterizado como nacional-populista, que se desenvolveu num contexto de industrialização acelerada conhecido como “substituição das importações”.

privatizando empresas públicas e buscando desmantelar a relação salarial. Segundo Oliveira Filho (2010, p.71) “a execução de reformas no aparelho do Estado iniciou-se a partir dos anos 80 com os governos denominados neoliberais, de Margareth Thatcher na Inglaterra e de Ronald Reagan nos Estados Unidos”, e, no Brasil, as primeiras medidas neoliberais iniciaram com o presidente Fernando Collor de Mello, eleito em 1989.

O crescimento do desemprego, juntamente com a perda dos direitos sociais do período anterior e o enfraquecimento do movimento sindical, contribuiu para que o (re)surgimento das formas de trabalho associado se configurasse como importante ferramenta de inserção no mundo do trabalho para os trabalhadores que se encontraram diante de uma sociedade ainda mais excludente, onde o desemprego e o trabalho precarizado tornaram-se comuns para grande parte destes (OLIVEIRA FILHO, 2010).

De acordo com Pedrini (2002) “a crise do desemprego assola todo o Brasil de modo mais acirrado, desde a década de 1990”, e dentre “as alternativas coletivas destacam-se algumas experiências de empreendimentos de economia solidária (cooperativas, associações, empresas autogestoras e outras), que buscam a sua viabilidade econômica e sustentação político-administrativa”. As origens destas experiências “tanto podem ser a falência das empresas, quanto uma iniciativa espontânea de um trabalho associativo por parte dos desempregados” (PEDRINI, 2002, p.173).

Com o intuito de “ajudar grupos comunitários a desenvolver coletivamente atividades econômicas”, têm início em meados dos anos 90, em várias universidades brasileiras como já mencionado, as incubadoras de cooperativas populares. Desta experiência tiveram origem grupos de pesquisa científica e a Fundação Universitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho (Unitrabalho⁶). Estas incubadoras fomentam e estudam a economia solidária, “propondo e praticando, de forma radical, a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão” (CORTEGOSO et al., 2008, p.118). A existência destas incubadoras auxilia as universidades a cumprir seu papel neste processo, produzindo o conhecimento de uma forma privilegiada uma vez que este acontece “de forma interativa com as comunidades” (BRITO; LIMA, 2002, p.87).

As incubadoras, ao interagirem com as comunidades, estão realizando uma atividade extensionista que, segundo Figueira e Pan (2008, p.152), está

⁶ A Unitrabalho foi criada em 1995, é uma Rede Nacional de Universidades que apoia os trabalhadores na sua luta por melhores condições de vida e trabalho, realizando projetos de ensino, pesquisa e extensão, que integram o conhecimento acadêmico ao saber elaborado na prática social (FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O TRABALHO).

articulada ao ensino e incorporado pela pesquisa, permite a troca de experiências entre comunidade e universidade. Esta recicla seus conhecimentos por meio do saber popular e das práticas sociais, por meio da promoção de espaços de discussão com as comunidades, na perspectiva de possibilitar um repensar sobre a prática e suas diversas possibilidades de atuação.

É por meio do ensino que a universidade supre a “necessidade de formação de quadros da própria cooperativa e das entidades de apoio”, cumprindo deste modo seu papel social, e, pela pesquisa, desvela-se “a realidade complexa das cidades” (BRITO; LIMA, 2002, p.88).

Para Singer (2002) a reinvenção da economia solidária no Brasil é recente, porém demonstra enorme vigor e notável criatividade institucional. A Associação Nacional de Trabalhadores de Empresas de Autogestão e de Participação Acionária (ANTEAG) e as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) “são invenções brasileiras”. A primeira “já orientou a conversão de centenas de empresas em crise em cooperativas”, e, em relação às segundas, parte destas formam uma rede “e outras tantas desenvolvem atividades análogas ligadas à Fundação Unitrabalho” (SINGER, 2002, p.121).

Essas experiências têm contribuído para reinserir no mercado de trabalho pessoas que perderam seu lugar, vitimadas pelo processo de reestruturação produtiva e pelas medidas neoliberais assumidas pelo Estado, assim, também, têm criado oportunidade de inserção econômica-social para pessoas historicamente excluídas, como àquelas que possuem problemas de saúde mental, pertencentes à terceira idade, ex-presidiários, etc.

3.3 Economia solidária – surgimento e características

“O capitalismo se tornou dominante há tanto tempo que tendemos a tomá-lo como normal ou natural” e, assim, a competitividade acontece em todos os sentidos, no trabalho, no supermercado, na faculdade, na política etc. (SINGER, 2002, p.7).

As empresas que não conseguem satisfazer os consumidores fecham as portas. Esta competitividade na economia é criticada por causa de seus efeitos sociais, sendo que “os ganhadores acumulam vantagens e os perdedores acumulam desvantagens nas competições futuras” (SINGER, 2002, p.8). Este é o ciclo da economia capitalista produzindo desigualdades.

Para deixarmos de ter uma sociedade tão desigual, é necessário que predomine na sociedade a solidariedade em vez da competitividade, o que significa dizer que os indivíduos que participam na atividade econômica deveriam estar cooperando entre si ao invés de estar

competindo. Destarte, para ocorrer solidariedade na economia, os indivíduos devem se “organizar igualitariamente” para “produzir, comerciar, consumir ou poupar”, o que para Singer (2002, p.09) significa dizer, que o caminho para que isto ocorra é a associação entre iguais ao invés do contrato entre desiguais.

A economia solidária é uma nova forma de organização econômica e de prática social relativamente recente no Brasil, que difere do capitalismo. É um tema recente, portanto em desenvolvimento e se firmando como uma nova área do conhecimento científico, genuinamente multidisciplinar.

Para Arroyo e Schuch (2006, p. 20) “economia solidária é o ‘projeto’ de economia organizada a partir do trabalho, e não do capital”. Nesta economia a estruturação parte de “empreendimentos que operam em qualquer dimensão de alguma forma associativa, como cooperativa ou como associação, fórum, grupo, rede etc”. Por meio da articulação em redes destes empreendimentos é que “surtem os mercados solidários: clubes de troca, atacadão solidário, moeda social (cartão de crédito popular) e outras intervenções econômicas solidárias”.

Segundo a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), a economia solidária é um conjunto de atividades econômicas – produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizadas sob a forma de autogestão⁷. Apesar de se apresentar de diferentes modos, tais como cooperativas, bancos e feiras de trocas, os princípios da organização são comuns. “A economia solidária, com uma nova técnica de organização do trabalho, permite que o trabalhador ganhe poder, passando a ter a mão de quem faz e o cérebro que pensa e controla, inversamente ao taylorismo⁸” (MELLO, 2008, p.20).

As raízes históricas da economia solidária encontram-se nos primórdios do capitalismo industrial, momento no qual surgem as primeiras cooperativas numa tentativa da classe operária de recuperar trabalho e autonomia econômica, fatores prejudicados em decorrência da Primeira Revolução Industrial. De acordo com Arroyo e Schuch (2006, p.25), “estes

⁷ Autogestão entendida como propriedade coletiva, ou o controle dos meios de produção de bens ou prestação de serviços, na qual existe a participação democrática dos membros nas decisões sobre a organização do empreendimento e a distribuição equitativa dos resultados obtidos.

⁸ Taylorismo corresponde ao movimento de gerência científica iniciado por Frederick Winslow Taylor (1856-1915) nas últimas décadas do século XIX. “Com o intuito de dinamizar a produção capitalista, Taylor aponta as seguintes medidas: criação da idéia de gerência, que passa a ditar o que é feito e como é feito, controlando o tempo e os movimentos necessários dos trabalhadores para a realização das tarefas durante a produção”; “negociação individual com os trabalhadores ao invés da negociação coletiva, o que diminui a força de barganha dos trabalhadores na defesa de seus interesses; e defende que seja pago para o trabalhador somente o necessário para a reprodução da força de trabalho, pois, se ele ganha muito, não produz adequadamente” (OLIVEIRA FILHO, 2010, p.65).

primeiros focos de pensamento da economia solidária” surgiram “no início do século XIX na Europa, com grande ênfase na França”, e na Inglaterra.

O cooperativismo foi inspirado pelos chamados clássicos do socialismo utópico, dentre eles Owen, Fourier, Proudhon e Saint-Simon, abrindo caminho para os “praticantes da economia solidária [...] pelo único método disponível no laboratório da história: o da tentativa e erro” (SINGER, 2002, p.38). Estes pensadores “elaboraram modelos de sociedade mutualista, cooperativista e solidária”, e, embora recebam a alcunha de “socialistas utópicos”⁹ e seus principais projetos para a sociedade sejam considerados inalcançáveis, suas ideias não devem ser desmerecidas, pois “foram eles os precursores e idealizadores de processos econômicos como resultados de articulação solidária” (ARROYO; SCHUCH, 2006, p.25).

Os socialistas utópicos desenvolveram suas ideias na Europa, no início do século XIX, com o desenrolar da Primeira Revolução Industrial. Esta acabou culminando no capitalismo¹⁰ industrial, que propiciou a formação de um quadro de miséria para os trabalhadores, explorados com altas jornadas de trabalho em condições insalubres, além da larga utilização de mão-de-obra infantil e do aumento crescente da desocupação (ARROYO; SCHUCH, 2006).

Desde que surgiu, o movimento cooperativista não parou de crescer. Em 1844, ano considerado como sendo o marco do movimento cooperativista, surge, inspirada pelo cooperativismo de consumo, a “famosa cooperativa dos Pioneiros Equitativos de Rochdale¹¹, considerada a mãe de todas as cooperativas” (SINGER, 2002, p.39). Os princípios adotados por Rochdale se figuram, ainda hoje, como os princípios universais do cooperativismo¹². Em

⁹ Karl Marx (1818-1883) os denominou de utópicos uma vez que estes pensavam que o socialismo, entendido como a superação da luta de classes, poderia ser instaurado na sociedade por meio de um acordo entre as classes (encaminhado por meio da “boa vontade” da classe dominante). Marx, que queria estabelecer o socialismo científico (por isso denominou o socialismo deles de utópico), demonstrando que os interesses das classes dominantes e das classes subalternas são categoricamente antagônicos, teorizou que este conflito nunca seria resolvido, a não ser com o fim das classes, que se daria por meio de uma ruptura ao invés de um acordo. Marx demonstrou, por meio da análise científica do capitalismo, que o socialismo estaria latente dentro deste, que as próprias bases do capitalismo permitiriam o desenvolvimento do socialismo. Há, no entanto, uma força política por parte da burguesia que procura impedir o devir socialista, pois esta quer garantir os seus privilégios agindo de forma reacionária, cabendo à classe subalterna (operariado) lutar para estabelecer uma nova sociedade.

¹⁰ Segundo Giddens (1991, p.61) “o *capitalismo* é um sistema de produção de mercadorias, centrado sobre a relação entre a propriedade privada do capital e o trabalho assalariado sem posse da propriedade, esta relação formando o eixo principal de um sistema de classes”

¹¹ A Cooperativa, criada em 1844 na cidade de Rochdale (um centro têxtil situado próximo à Manchester), embora não tenha sido a primeira, foi uma das mais marcantes para o movimento cooperativista, em particular pela formulação de um conjunto de princípios que foram adotados por cooperativas pelo mundo afora e ratificados pela Aliança Cooperativa Internacional (OLIVEIRA FILHO, 2010).

¹² De acordo com Singer (2002, p.39), são estes os princípios: “1º que nas decisões a serem tomadas cada membro teria direito a um voto, independentemente de quanto investiu na cooperativa; 2º o número de membros da cooperativa era aberto, sendo em princípio aceito quem deseja se aderir; 3º sobre capital emprestado a cooperativa pagaria uma taxa de juros fixa; 4º as sobras seriam divididas entre os membros em proporção às

1895 estes princípios foram readequados e instituídos como princípios universais do cooperativismo pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI).

E assim as experiências cooperativas seguiram florescendo ao longo do século XIX e início do século XX, perdendo seu relevo nos anos subsequentes. Em meados do século XX, a conquista paulatina do sufrágio universal, o aumento dos salários reais, as conquistas no reconhecimento de direito à organização sindical e à greve, fizeram com que os trabalhadores, reconciliados com o assalariamento, perdessem, em sua grande maioria, o entusiasmo e o interesse pelo trabalho em cooperativas. De acordo com Singer (2003), a reconciliação do trabalhador com o trabalho assalariado marca uma passagem de época do movimento socialista, que passa a enxergar no Estado o único instrumento institucional para realizar seu programa.

Após período de estagnação, o interesse das classes trabalhadoras e do movimento socialista pelo cooperativismo ressurgiu somente na década de 1970, quando o desemprego em massa começou o seu retorno com a ascensão do neoliberalismo e a reestruturação produtiva. Com o fim dos “anos dourados” do capitalismo, fase em que estiveram em vigor os Estados de Bem-Estar-Social e que durou cerca de trinta anos, um quadro de crise instaurou-se no sistema capitalista.

Essa situação de crise, marcada pela emergência do desemprego e aumento do trabalho precarizado, fez ressurgir o interesse pelo cooperativismo nos círculos operários e nas correntes socialistas, que passaram a recuperar o cooperativismo sob o paradigma da economia solidária com o objetivo de dar continuidade à luta por uma sociedade mais igualitária, no novo contexto da sociedade capitalista. Com o fechamento de empresas, muitos trabalhadores passam a gerir estas empresas pelo processo cooperativista/associativista (ARROYO; SCHUCH, 2006). “O que distingue este ‘novo cooperativismo’ é a volta aos princípios, o grande valor atribuído à democracia e à igualdade dentro dos empreendimentos, a insistência na autogestão e o repúdio ao assalariamento” (SINGER, 2002, p.111).

Com as mudanças ocorridas na organização do trabalho nas últimas décadas, no entanto, começa a ser utilizado de forma mais recorrente “o trabalho por conta própria, o individual, o coletivo/solidário (cooperativas e associações), o assalariamento informal e a volta acentuada do trabalho escravo e da exploração do trabalho infantil” (ARROYO;

compras de cada um na cooperativa; 5º as vendas feitas pela cooperativa seriam sempre feitas à vista; 6º os produtos vendidos pela cooperativa seriam sempre puros (isto é, não adulterados); 7º a cooperativa se empenharia na educação cooperativa; 8º a cooperativa manter-se-ia sempre neutra em questões religiosas e políticas”.

SCHUCH, 2006, p.33). De acordo com Singer e Machado¹³ (*apud* ARROYO; SCHUCH, 2006, p.33), as empresas capitalistas, ao adotarem novas técnicas e tecnologias de trabalho, reduziram “seus quadros de mão-de-obra”, subcontratando “serviços autônomos e cooperativos”. A flexibilidade característica do capitalismo contemporâneo, na qual a subcontratação e a terceirização são utilizadas enquanto condições de diminuir custos e aumentar a competitividade das empresas, impulsionou a criação das falsas cooperativas (também chamadas cooperatos ou cooperfraudes), que funcionam terceirizadas para empresas e, em geral, foram organizadas por essas mesmas empresas (OLIVEIRA FILHO, 2010).

Neste novo contexto, a economia solidária, ao recuperar o debate do século XIX em busca de uma sociedade mais justa e solidária passa a contar, de igual modo, com a influência dos movimentos contraculturais do final da década de 1960, nos quais inúmeros movimentos sociais e étnicos trazem “uma nova visão social das questões econômicas, políticas e da relação do homem com o meio ambiente” (ARROYO; SCHUCH, 2006, p.31). Tanto no Brasil como nos Estados Unidos e nos países europeus, a economia solidária ressurgiu a partir da década de 80 “como forma e alternativa de defesa da classe trabalhadora contra o processo neoliberal de aniquilamento de milhões de postos de trabalho formal” e frente às privatizações do governo do então presidente Fernando Collor de Mello que persistiram nos mandatos de Fernando Henrique Cardoso, “levando a pobreza a se multiplicar em proporções até então jamais vistas” (ARROYO; SCHUCH, 2006, p.34).

Para Vechia et al. (2009, p.57) o próprio capitalismo entende a economia solidária como uma alternativa, uma “tábua de salvação” para os momentos de crise, que após seu término, as pessoas buscam novamente postos de trabalho formal.

Neste caso, a economia solidária é compreendida como uma forma complementar ao capitalismo, capaz de amenizar as desigualdades e corrigir distorções imanentes deste sistema. Este caráter funcional conferido à economia solidária é defendido por alguns teóricos que acreditam que a oportunidade de trabalho e renda proporcionada à população que se encontra às margens do sistema capitalista, presente nas formas organizativas de trabalho que esta outra economia proporciona, se desenvolvem de forma mais consistente somente em situações de crise econômica e social, vindo a se enfraquecer em momentos de recuperação da economia capitalista.

¹³ SINGER, P.; MACHADO, J. **Economia socialista**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

Dentro ainda da visão de funcionalidade ao sistema capitalista, segundo Lima (2004), o trabalho autogestionário, característica fundamental da economia solidária, tem sido empregado em larga medida por empresas capitalistas no intuito de diminuir custos empresariais por meio da flexibilidade que esta forma confere à força de trabalho, servindo, portanto, para a valorização do capital. Uma vez que o regime de trabalho existente nos empreendimentos econômicos solidários é considerado autônomo, sem contar com as garantias e os direitos da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), presentes nos chamados vínculos empregatícios, muitos empresários utilizam o trabalho de cooperativas com o objetivo de economizar nos custos da mão-de-obra empregada, esquivando-se do pagamento de direitos trabalhistas. Este fato corrobora na visão, por parte de alguns teóricos e operadores do direito (juristas, advogados, promotores, magistrados etc.), que grande parte dos empreendimentos autogestionários acaba por precarizar as relações de trabalho, enfraquecendo as conquistas históricas do movimento operário no que diz respeito às leis de proteção do trabalhador perante o capital.

Deste modo, o debate travado em torno dos empreendimentos de economia solidária adquire no campo teórico, como uma de suas questões principais, o tema “precarização ou emancipação”. A precarização é apontada uma vez que a situação dos trabalhadores nas cooperativas prestadoras de serviços terceirizados utilizadas com a finalidade de diminuir custos com mão-de-obra se torna mais precária com a eliminação de encargos trabalhistas e com a permanência (quando não o acirramento) da exploração no trabalho. Por outro lado, de acordo com o ponto de vista dos adeptos da economia solidária, os empreendimentos econômicos solidários são apresentados como uma possibilidade de os trabalhadores resistirem, de forma autônoma, à opressão do capital e ao desemprego, libertando-os da alienação e da exploração do trabalho e possibilitando o vislumbre de um horizonte de maior equidade e justiça social (OLIVEIRA FILHO, 2010).

No caso do Brasil, mesmo sendo reinvenção recente, a economia solidária apresenta grande vigor e notável criatividade institucional (SINGER, 2002). Ainda de acordo com o autor, os emigrantes europeus trouxeram o cooperativismo ao Brasil no início do século XX, na forma de cooperativas agrícolas e de cooperativas de consumo. Mas é na década de 1980, segundo Singer e Souza (2003), que a economia solidária começa a ressurgir de forma esparsa, e a partir de 1990, ganha impulso crescente com a abertura do mercado às importações.

Segundo Cortegoso, Cia e Lucas (2008, p.27):

Iniciativas de economia solidária no Brasil vêm sendo impulsionadas, nas duas últimas décadas, a partir de ações de diferentes atores sociais, particularmente organizações da sociedade civil (organizações não governamentais, movimentos sociais, igrejas, incubadoras de cooperativas populares, universidades, etc.), que apóiam iniciativas associativas comunitárias; constituição e articulação de cooperativas populares; redes de produção e comercialização e feiras de cooperativismo e economia solidária, entre outras.

Estes diferentes atores impulsionam o chamado “movimento da economia solidária”. Este movimento questiona a lógica dominante, se fortalece a medida que seus atores “mobilizam recursos associativos para problematizar questões” (SANTOS, 2010, p.133) de interesse comuns, partilhando posições semelhantes. Cabe destacar que este movimento é recente no Brasil e segundo Santos (2010, p.185), o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) é a maior expressão deste movimento e “representa um instrumento vigoroso para fortalecer a sociedade civil e reivindicar as demandas, na medida em que articula identidades plurais – com a aproximação de atores diversificados –, configurando um sujeito coletivo plural”.

Para promover o fomento da economia solidária, foi criado pelo governo federal brasileiro a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), nomeando como secretário, um dos ícones da ES, o economista Paul Singer.

Ao longo dos últimos quinze anos, a Economia Solidária vem ganhando amplitude como movimento social e também como objeto de políticas públicas dos governos federal, estaduais e municipais. Por conta disso, é possível notar um aumento de estudos acadêmicos sobre essa temática, assim como o surgimento de novas linhas e objetos das pesquisas que os caracterizam (INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES, 2010, p.2).

Na Figura 3 é possível observar o movimento da economia solidária no Brasil, as instâncias, seus diferentes atores e organizações da sociedade civil.

FIGURA 3: O movimento da economia solidária no Brasil



Fonte: FORUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2011.

Nota-se com esta figura as relações existentes entre estes diferentes atores que fazem parte do movimento da ES.

“A Economia Solidária sofreu enorme expansão nas últimas décadas” e a SENAES/MTE com a finalidade de identificar e caracterizar os empreendimentos de economia solidária (EES) elaborou o “Atlas da Economia Solidária no Brasil” no ano de 2005 identificando 14.954 EES, após dois anos, 2007, a SENAES/MTE divulga em seu site o mapeamento de 21.859 EES nas cinco regiões administrativas do Brasil, observa-se que a expansão nesta década continua. As quantidades destes empreendimentos estão demonstradas na Tabela 3, segundo região administrativa. Este mapeamento é um importante mecanismo político e acadêmico.

TABELA 3: Número de EES segundo região administrativa, mapeados no ano de 2007

Região	Quantidade
Região Norte	2656
Região Nordeste	9498
Região Sudeste	3912
Região Sul	3583
Região Centro-Oeste	2210
Total	21859

Fonte: BRASIL, 2007.

Formatação elaborada pela autora.

Segundo Brasil (2006, p.11):

Nesse conjunto de atividades e formas de organização destacam-se quatro importantes características: cooperação, autogestão, viabilidade econômica e solidariedade. É necessário perceber que essas características, embora sejam complementares e nunca funcionem isoladamente, podem ser observadas e compreendidas objetivamente como categorias analíticas diferentes, mas sempre presentes na Economia Solidária.

A seguir, é relacionada no Quadro 3 cada característica importante dos empreendimentos de economia solidária segundo o Atlas da Economia Solidária no Brasil (BRASIL, 2006, p.12):

QUADRO 3: Definição das características importantes dos EES segundo o Atlas da Economia Solidária

CARACTERÍSTICAS IMPORTANTES DOS EMPREENDIMENTOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA	DEFINIÇÃO
Cooperação	Existência de interesses e objetivos comuns, união dos esforços e capacidades, propriedade coletiva parcial ou total de bens, partilha dos resultados e responsabilidade solidária diante das dificuldades.
Autogestão	Exercício de práticas participativas de autogestão nos processos de trabalho, nas definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, na direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses.
Atividade econômica	Agregação de esforços, recursos e conhecimentos para viabilizar as iniciativas coletivas de produção, prestação de serviços, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo.
Solidariedade	Preocupação permanente com a justa distribuição dos resultados e a melhoria das condições de vida de participantes. Têm-se como característica, ainda, o comprometimento com o meio ambiente saudável e com a comunidade, com movimentos emancipatórios e com o bem estar de trabalhadoras e consumidoras.

Fonte: BRASIL, 2006.

Formatação elaborada pela autora.

Os trabalhadores, ao se integrarem a iniciativas de economia solidária, estão entrando em relações sociais para as quais não estavam preparados, uma vez que deixam de competir com seus colegas de trabalho, passam a cumprir tarefas que antes eram ditadas pelos seus superiores e que passam a ser decididas por todos os sócios em situações de assembléias. A confiança deve ser recíproca, e os integrantes dos empreendimentos “devem se convencer que

agora ou todos se fortalecem, melhoram de vida, adquirem novos conhecimentos e novas habilidades ou seu EES fracassa e todos retornam à sua vida antiga, frustrados e desesperançados”. Nesta nova experiência, os trabalhadores precisam se acostumar a “discutir, negociar, votar e aceitar responsabilidades”, diferentemente do que estavam acostumados, e isto se aplica “tanto aos vencedores como aos derrotados nos embates internos ao empreendimento” (SINGER, 2008, p.14). Portanto nota-se que a confiança e a troca de conhecimento entre os membros destes empreendimentos são primordiais para sua continuidade.

Para o Núcleo de Gestão da ITCP-USP (2007, p.13) a gestão de um empreendimento é entendida:

[...] de forma ampla, como a identificação, busca e gerenciamento de todos os recursos necessários à vida do empreendimento, incluindo a organização do trabalho, a escolha da atividade econômica, a própria viabilidade econômica, o processo de tomada de decisões, o fluxo de informações, a comercialização, a busca dos insumos necessários ao trabalho, o planejamento, a prestação de contas etc.

Para Mello (2008, p.19) “a experiência incorpora às ações um conhecimento de natureza diferente” que mais se aproxima “do cotidiano e das soluções que ele põe a prova. E isso tem a ver com as múltiplas origens da economia solidária, raízes que vêm das utopias e de antigas práticas populares”, que foram “renovadas nas novas condições de empobrecimento e precariedade da vida, no campo ou nas cidades”.

Cortegoso (2008, p.166) destaca que:

A perspectiva da economia solidária é de busca de uma sociedade mais equilibrada, tanto do ponto de vista das relações humanas, quanto destas com seu meio físico; um tipo de sociedade forjada a partir de práticas de indivíduos e de coletividades muito diferentes daquelas que predominam em uma organização social pautada na fórmula capitalista de acumulação de riqueza para alguns poucos, e exclusão social para muitos.

Somando-se às iniciativas de economia solidária, uma série de instâncias de organização da sociedade civil e governamental, e também instituições de fomento, integram o quadro da economia solidária. Estas, denominadas de entidades de apoio, assessoria e fomento à economia solidária, são as organizações que desenvolvem ações nas várias modalidades de apoio direto aos empreendimentos econômicos solidários, tais como: capacitação, assessoria, incubação, assistência técnica e organizativa, e acompanhamento.

De acordo com Arroyo e Schuch (2006, p.35):

Neste contexto socioeconômico se inicia uma nova onda de institucionalização das diversas e complexas expressões da economia popular e solidária no Brasil. Surgem entidades de movimentos sociais, entre elas a ADS (Agência de Desenvolvimento Solidário), por iniciativa da CUT (Central Única dos Trabalhadores) [...] a Anteag (Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária) [...]. As tradicionais Cáritas (entidade católica) e a Fase (Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional) incluíram em seus trabalhos nas comunidades o desafio da construção da economia solidária, por meio de programas específicos.

É prudente enfatizar que há diversos teóricos refletindo e escrevendo sobre economia solidária, com diversos pontos de vista, conforme mencionado neste trabalho. Deve-se também frisar que com o (re)surgimento da economia solidária no momento de crise do capitalismo (na década de 70) que continua imerso até os momentos atuais (com alguns momentos de frescos), ainda não se pode tirar conclusões sobre o destino da economia solidária, visto que alguns teóricos acreditam que ela se desenvolve em momentos de crise para absorver a parcela da população excluída da economia capitalista, mas que num momento de bonança do capitalismo a economia solidária perde a relevância. A economia solidária está acontecendo, é um fenômeno que está presente na sociedade e na academia; suas bases teóricas estão sendo montadas e suas origens buscadas, enfim, há muita reflexão sobre o que é a economia solidária, de onde veio e para onde vai.

Segundo Oliveira e Zanin (2011a, p.2) “atualmente, em mais de uma centena de universidades e instituições de ensino superior brasileiras estão implantadas incubadoras, organizadas em redes para desenvolver conhecimento e processos de intervenção na temática de economia solidária”.

3.4 O papel das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares e a primeira ITCP

A incubadora universitária tem o mesmo tipo de compromisso que a universidade perante a sociedade, tendo o conhecimento e seus processos de produção transformados em capacidades para atuação profissional em suas áreas específicas (no caso do ensino), e a difusão do conhecimento (por meio das atividades de extensão), como seu objeto de dedicação, considerando sua própria equipe como produtores e usuários do conhecimento.

As incubadoras universitárias voltadas para empreendimentos de economia solidária fazem parte de uma “linha de extensão universitária que disponibiliza um núcleo básico

interdisciplinar formado por um quadro docente, discente, técnica e acadêmico” que socializa “o conhecimento da academia para os setores populares” por meio do assessoramento de cooperativas (e demais iniciativas de economia solidária), oferecendo apoio técnico necessário para o bom desempenho destas no mercado (PEDRINI, 2002, p.171).

As ITCPs colaboram com a extensão universitária ao atenderem “grupos comunitários que desejam trabalhar e produzir em conjunto, dando-lhes formação em cooperativismo e economia solidária e apoio técnico, logístico e jurídico para que possam viabilizar seus empreendimentos autogestionários” (SINGER, 2002, p.123).

De acordo com Cortegoso et al. (2008, p.118):

O cenário diante do qual as universidades criaram estas incubadoras apontava a necessidade urgente de desenvolver alternativas capazes de promover condições mínimas de cidadania a uma parcela muito significativa da população brasileira. Embora mudanças nestes cenários dependem de várias e diferentes condições, a produção específica de conhecimento e tecnologia capazes de oferecer maior compreensão e ferramentas para que os segmentos excluídos de cidadania pela lógica capitalista de mercado sejam sujeitos desta mudança é uma delas, e corresponde exatamente ao papel social da universidade. A criação das incubadoras de cooperativas populares surgiu como uma das possíveis respostas a esta necessidade, e como mecanismo de aproximação da população excluída, tanto em busca de melhor conhecer as necessidades e saberes desta população, quanto para transformar conhecimento produzido no âmbito da universidade em comportamentos humanos.

O posicionamento político das ITCPs é de atuar junto à camada da população excluída da sociedade, contribuindo com um modelo de economia diferente da que predomina no capitalismo, de modo que a prioridade seja o bem estar das pessoas em oposição à busca constante pelo lucro.

As ITCPs surgem como forma de promover a produção e também o acesso ao conhecimento por parte da população excluída, fomentando a economia solidária como forma tanto de geração de renda quanto de outra maneira de estabelecer relações entre pessoas e destas com seu ambiente, no atendimento às suas necessidades nas esferas econômica, social, ambiental e psicológica (SINGER, 2002).

Nesta perspectiva, foi criada em 1994 a Cooperativa de Trabalhos de Manguinhos (COOTRAM), tendo como apoiadores o Banco do Brasil e o Instituto Superior de Cooperativismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e como contratante a

Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), para reciclar o lixo e prestar serviços de jardinagem e limpeza dos prédios. Para Gallo¹⁴ (*apud* OLIVEIRA FILHO, 2010, p.97):

O processo de formação da COOTRAM, que envolveu pela primeira vez universidades (ENSP – Escola Nacional de Saúde Pública e a UFSM – Universidade Federal de Santa Maria) e uma parte da elite científica e educacional do Brasil, teve fundamental importância para a construção da Economia Solidária no país. O passo seguinte foi padronizar essa ajuda na forma das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs).

A primeira Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares originou-se por meio da Coordenação dos Programas de Pós-Graduação de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ) em 1995, com o intuito de auxiliar na implantação da COOTRAM. No ano seguinte tem início a formação de cooperativas nas favelas cariocas e na Baixada Fluminense (GALLO, 2003).

Estas incubadoras utilizam recursos humanos e conhecimento da universidade na formação, qualificação e assessoria de trabalhadores para a construção de atividades autogestionárias, cujo intuito é incluí-los no mercado de trabalho com uma proposta que passou a ser disseminada em outras universidades brasileiras. Como relata Guimarães (2003, p.114):

Durante todo o período de estruturação do projeto ITCP/Coppe/UFRJ algumas universidades e alguns governos buscaram a incubadora e as fontes de fomento na possibilidade de montar projetos similares, tendo em vista sua repercussão. Essa pressão foi positiva e começou-se a amadurecer a idéia da montagem de incubadoras em outras universidades. Desde o seu início a incubadora sempre foi vista como projeto piloto a ser montado em outros locais. O compromisso é repassar essa tecnologia a outras instituições.

As ITCPs atuam no sentido de inserção dos setores economicamente marginalizados no mercado de trabalho, garantindo a oportunidade de inclusão social e geração de renda por meio da formação de iniciativas de economia solidária. Estas são modalidades de organização econômica que se apresentam sob forma de grupos de produção, empresas de autogestão, associações e cooperativas, combinando suas atividades econômicas com ações de cunho educativo e cultural, e “valorizando o sentido da comunidade de trabalho e o compromisso com a coletividade social em que se inserem” (GAIGER, 2003, p.135).

¹⁴ GALLO, A. R. **Empreendimentos econômicos solidários**: alternativas organizacionais de (re)inserção social e econômica. 2003. 270 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Centro de Ciências Exatas. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

Estas incubadoras prestam “serviços necessários para o início, desenvolvimento e/ou reciclagem de cooperativas, empresas autogestoras e/ou grupos de trabalho associativo” às iniciativas de economia solidária (PEDRINI, 2002, p.171).

Singer (2002, p.121) descreve que “as incubadoras organizam comunidades periféricas em cooperativas mediante a incubação, um complexo processo de formação” na “qual as práticas tradicionais de solidariedade se transformam em instrumentos de emancipação”.

As incubadoras encontram diversos tipos de situações ao trabalharem com estas populações, como seus problemas, as demandas de trabalho e também dificuldades relacionadas com a captação de recursos para “implementar processos de incubação” (CORTEGOSO et al., 2008 p.119), entre outras variáveis, fator este que termina por propiciar uma rica produção de conhecimento ao sistematizá-lo e representá-lo, e, assim, torna possível o diálogo “com outras incubadoras similares, bem como com outros autores da economia solidária e mesmo com a população com quem a incubação é construída” (CORTEGOSO et al., 2008, p.120).

Cortegoso et al. (2008, p.119) apontam um dos desafios enfrentados por estas incubadoras que se dedicam à economia solidária:

[...] desenvolver formas de ação capazes de viabilizar não apenas a existência de coletivos organizados para o trabalho, mas seu funcionamento como células efetivamente autogestionárias e comprometidas com os princípios orientadores deste campo de atividade humana; bem como a inserção dessas células em complexas redes de relações que envolvem outros empreendimentos solidários, outros atores sociais da economia solidária e mesmo no mercado capitalista, em geral pouco amistoso em relação a esta forma de organização do trabalho e gestão.

De acordo com Singer e Souza (2003, p.25) as ITCPs “se dedicam à organização da população mais pobre em cooperativas de produção ou de trabalho, às quais dão pleno apoio administrativo, jurídico-legal e ideológico na formação política, entre outros”.

Em 1998, as incubadoras formaram uma rede “que se reúne periodicamente para trocar experiências, aprimorar a metodologia de incubação e se posicionar dentro do movimento nacional de economia solidária”. Neste mesmo ano a rede de incubadoras se filiou à Fundação Unitrabalho, que presta serviços ao movimento operário em diferentes áreas, desenvolvendo desde 1997 “um programa de estudos e pesquisas sobre economia solidária”. As atividades da Unitrabalho se assemelham em muitos aspectos às ITCPs, assistindo às cooperativas por meio de “um crescente número de núcleos da Unitrabalho em universidades” (SINGER, 2002, p.123).

As incubadoras universitárias de empreendimentos de economia solidária se organizam em redes (Rede de ITCPs e a Unitrabalho) para desenvolver conhecimento e processos de intervenção na temática de economia solidária. A Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (Rede de ITCPs), no ano de 2011, constitui-se por ITCPs de 43 universidades localizadas nas cinco regiões do país, e a rede universitária Unitrabalho, por sua vez, agrega neste mesmo ano, 92 universidades e instituições de ensino superior de todo o Brasil.

3.5 Formação da Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares

Segundo a Rede de ITCPs, sua formação aconteceu em 1998 após a realização de um seminário realizado pela ITCP da UFRJ a pedido da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), um de seus parceiros, objetivando difundir sua experiência. Este fato propiciou “o inter-reconhecimento dos atores”, culminando em sua formação. Outras universidades já conheciam tais experiências e formaram suas incubadoras, dentre elas a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal do Ceará.

Para Singer (2002), com o lançamento do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares¹⁵ (PRONINC) em 1997, novas incubadoras universitárias seriam formadas tomando como base a experiência da incubadora da COPPE/UFRJ. Assim, estas incubadoras passaram a estabelecer relações ao trocarem experiências, informações e projetos conjuntos integrando o ensino, a pesquisa e a extensão.

A rede, então, aceitou o convite da Rede Unitrabalho logo após sua constituição para integrar-se ao “programa nacional”, tornando-se a Rede de ITCPs – Programa Nacional da Rede Unitrabalho. Depois de quatro anos, ou seja, em 2002, a rede desvinculou-se da Rede

¹⁵Finalidade e objetivos do PRONINC (Financiadora de Estudos e Projetos) “A finalidade do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (PRONINC), conforme o Decreto nº 7.357 de 17/11/2010, é o fortalecimento dos processos de incubação de empreendimentos econômicos solidários, buscando atingir os seguintes objetivos:

I - geração de trabalho e renda, a partir da organização do trabalho, com foco na autogestão e dentro dos princípios de autonomia dos empreendimentos econômicos solidários;

II - construção de referencial conceitual e metodológico acerca de processos de incubação e de acompanhamento de empreendimentos econômicos solidários pós-incubação;

III - articulação e integração de políticas públicas e outras iniciativas para a promoção do desenvolvimento local e regional;

IV - desenvolvimento de novas metodologias de incubação de empreendimentos econômicos solidários articuladas a processos de desenvolvimento local ou territorial;

V - formação de discentes universitários em economia solidária; e

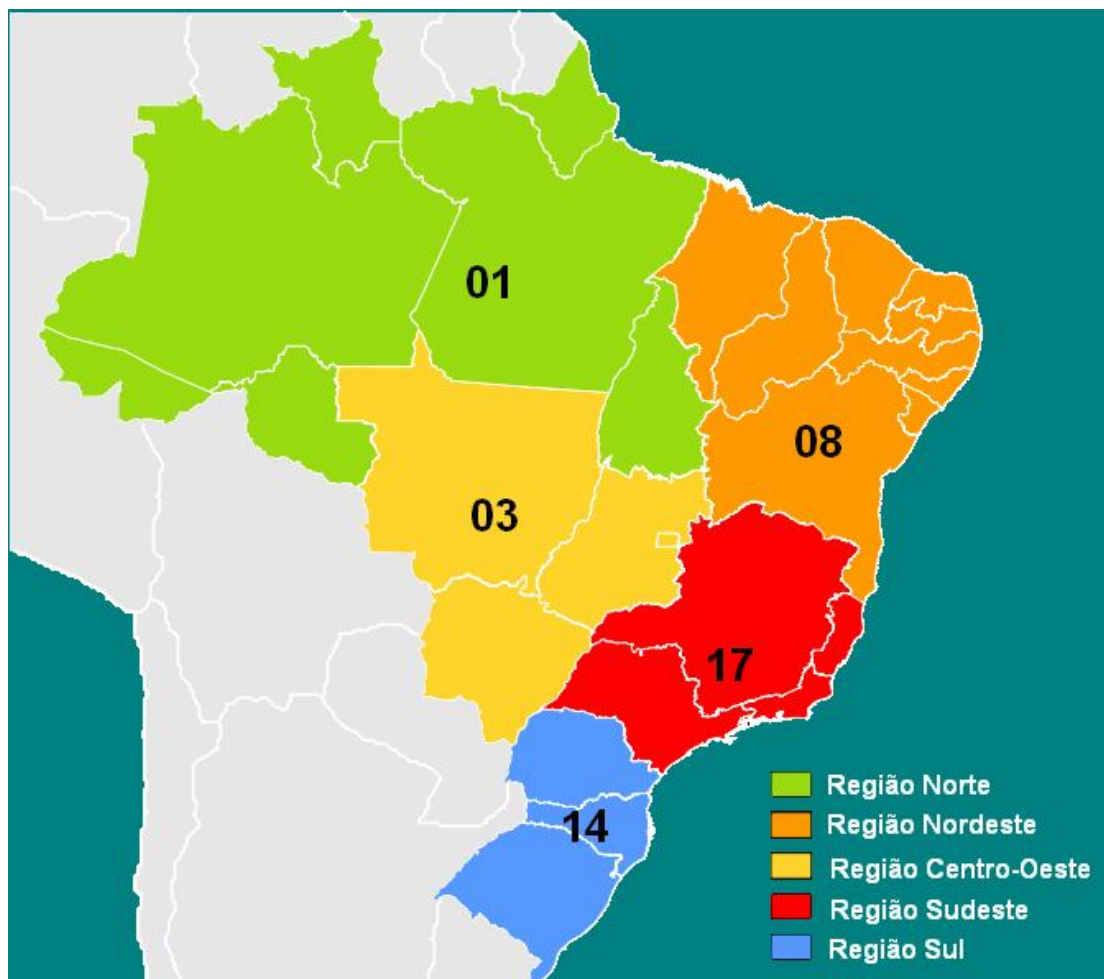
VI - criação de disciplinas, cursos, estágios e outras ações, para a disseminação da economia solidária nas instituições de ensino superior”.

Unitrabalho “voltando a constituir uma articulação independente” (REDE UNIVERSITÁRIA DE INCUBADORAS TECNOLÓGICAS DE COOPERATIVAS POPULARES).

Durante estes anos o número de incubadoras participantes cresceu muito e ajudou a inspirar a formação de incubadoras fora do Brasil; “ampliou o debate e a participação interna; consolidou-se como parte importante dos fóruns de economia solidária e do debate sobre políticas públicas na sociedade e no âmbito governamental” (REDE UNIVERSITÁRIA DE INCUBADORAS TECNOLÓGICAS DE COOPERATIVAS POPULARES).

A Figura 4 ilustra a distribuição de incubadoras universitárias participantes da Rede de ITCPs de acordo com a região geográfica brasileira.

Figura 4 - Distribuição de incubadoras universitárias participantes da Rede de ITCPs de acordo com a região geográfica brasileira

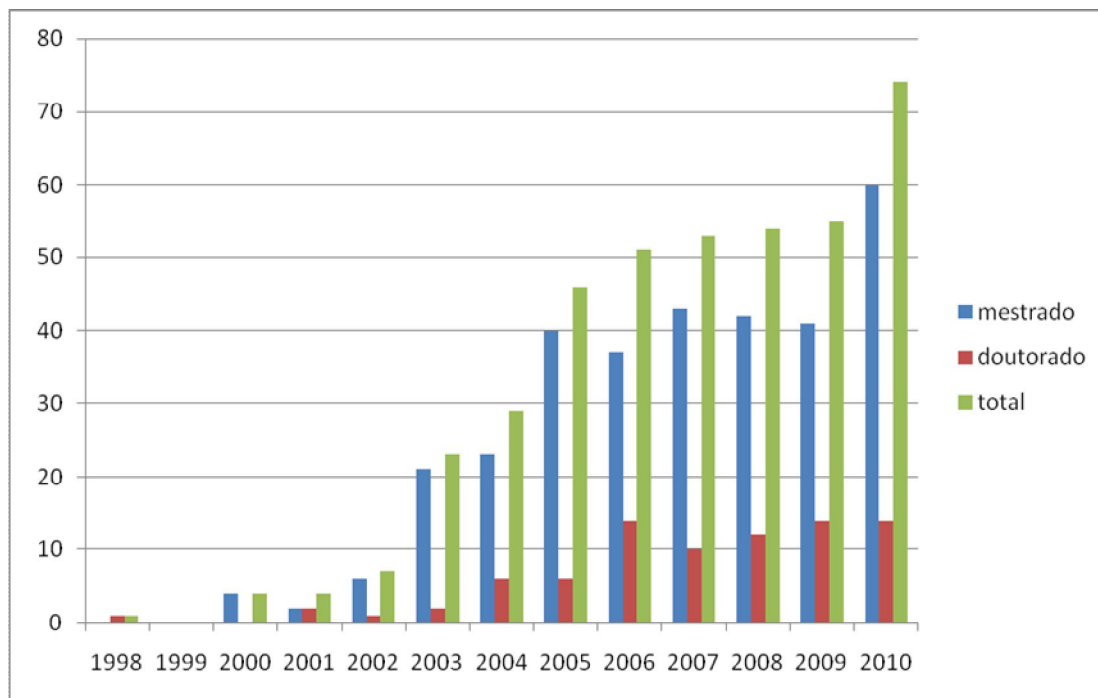


Fonte: Adaptado de WIKIPEDIA.

Esta rede existe para auxiliar o intercâmbio, a troca, “o livre debate entre as incubadoras sobre as ideias, as práticas e as ações que as caracterizam”, e também “para representá-las em todos os espaços sociais e institucionais em que isto se faz necessário” (REDE UNIVERSITÁRIA DE INCUBADORAS TECNOLÓGICAS DE COOPERATIVAS POPULARES).

A economia solidária é um tema recente, que ganhou amplitude como um movimento, acarretando o aumento de estudos acadêmicos e o surgimento de novas linhas de pesquisa e objetos de pesquisas. O Gráfico 1 ilustra o perfil da evolução das publicações de teses e dissertações com a temática “economia solidária”.

Gráfico 1: Evolução das publicações sobre o tema economia solidária no período de 1998 a 2010



Fonte: OLIVEIRA; ZANIN, 2011a, p.4.

Estas publicações são diferentes em quantidade conforme as regiões geográficas como ilustra a Tabela 4, que contém uma sistematização das dissertações e teses publicadas com a temática “economia solidária” por região geográfica brasileira.

TABELA 4: Número de instituição/universidade por região geográfica brasileira, conforme publicações de mestrado/doutorado na temática de economia solidária no período de 1998 a 2010

Região Geográfica	Sul	Sudeste	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	TOTAL
Número de Instituições/Universidades	19	37	09	12	03	80

FONTE: OLIVEIRA; ZANIN, 2011a, p.9.

Observa-se que as regiões sul e sudeste apresentam maior número de instituições que publicaram com a temática economia solidária, o que vem de encontro com a história de implantação da maior parte das universidades brasileiras (ALBUQUERQUE, et al., 2003).

Estes resultados demonstram o crescimento das publicações e conseqüentemente da comunidade científica representada aqui pelos professores e estudantes dos programas de pós-graduação brasileiros (OLIVEIRA; ZANIN, 2011a).

Os atores envolvidos com a economia solidária têm práticas e um acúmulo muito grande de conhecimento, que devem ser geridos para que ocorra uma adequada conversão do conhecimento, assim este será socializado, externalizado, combinado e internalizado entre estes indivíduos.

Pode-se dizer então, que as organizações de economia solidária contribuem com o gerenciamento da informação e do conhecimento, haja vista a cultura de solidariedade e de compartilhamento embutido em suas atividades.

Este capítulo foi focado nas incubadoras universitárias de empreendimentos de economia solidária. A partir daí foram abordados assuntos relacionados ao ensino, a pesquisa, a extensão e a economia solidária. Dado o acúmulo de conhecimento de seus integrantes e o desafio e a necessidade de gerir o conhecimento em um ambiente autogestionário, que é o caso destas incubadoras, o próximo capítulo tratará da conversão do conhecimento.

CAPÍTULO 4 – CONHECIMENTO, APRENDIZADO E SUAS POSSIBILIDADES PARA AS INCUBADORAS

A história da evolução da sociedade é dividida em diferentes períodos: agrário, industrial, pós-industrial e do conhecimento. Neste último período é “que entramos na Sociedade do Conhecimento, onde a expansão cada vez mais rápida das diversas áreas do conhecimento leva à necessidade de criação de novas oportunidades de desenvolvimento e ativação profissional” (FIALHO et al., 2006, p.14). Neste período, as pessoas são os maiores ativos das empresas.

Teixeira Filho (2000, p.19) menciona que no período pós-industrial, mais precisamente o ano de 1956, o trabalho com informação e conhecimento se firmava como núcleo da atividade econômica nos Estados Unidos, apontando que “o número de trabalhadores no setor de serviços superou a quantidade de empregados do setor de manufatura”.

A informação e o conhecimento sempre foram elementos decisivos no crescimento da economia, parecendo ser a origem do crescimento e da produtividade nas sociedades avançadas; desde a pré-história até os momentos atuais, quem detêm maior conhecimento obtêm supremacia nos conflitos (CASTELLS, 1999; TEIXEIRA FILHO, 2000).

Para Zeleza (2005, p. 22)

[...] embora a expressão ‘sociedade de conhecimento’ tenha entrado em voga recentemente nos círculos acadêmicos, públicos e políticos, é óbvio que tal locução não pode ser tida como uma novidade, uma vez que o conhecimento sempre constituiu um ponto central na existência humana, e sempre desempenhou papel vital em todas as fases do desenvolvimento histórico de qualquer sociedade.

Fialho et al. (2006, p.48) destaca que “na economia do conhecimento, a tecnologia da informação será o *locus* do conhecimento codificado e o trabalho exigirá cada vez mais o conhecimento tácito, que é um fator exclusivamente humano”, sendo esta tecnologia “determinante para o crescimento da Sociedade do Conhecimento” ao evidenciar a importância de se disponibilizar conhecimento relevante para a sobrevivência das organizações (FIALHO et al., 2006, p.60). Para estes mesmos autores a tecnologia da informação traz como principal benefício para as organizações e as pessoas sua “capacidade

de melhorar a qualidade de informações disponibilizadas e conhecimentos importantes”, identificar os conhecimentos disponíveis, desenvolver e compartilhar conhecimento, logo, envolvendo ações que determinem os conhecimentos que são necessários.

Segundo Castells (1999, p.90)

Historiadores econômicos demonstraram o papel fundamental desempenhado pela tecnologia no crescimento da economia, via aumento da produtividade, durante toda a história e especialmente na era industrial. A hipótese do papel decisivo da tecnologia como fonte de produtividade nas economias avançadas também parece conseguir abranger a maior parte da experiência passada de crescimento econômico, permeando diferentes tradições intelectuais em teoria econômica.

Dessa forma exige-se da nova economia “o aperfeiçoamento da competência tecnológica e organizacional”, tanto por meio “do acesso constante do fluxo de informações”, como pela “capacidade de absorver e transformar essas informações em conhecimento” (FIALHO, et al. 2006, p.60).

4.1 A importância da criação, compartilhamento e aplicação do conhecimento nas organizações

A gestão do conhecimento (*knowledge management*), termo que surgiu e se popularizou na década de 1990, tem como principais objetivos a criação, o registro e o compartilhamento do capital intelectual das organizações (HOFFMANN, 2009). Sendo o capital intelectual um ativo intangível pertencente ao próprio indivíduo, Stewart (1998) o considera como a soma do conhecimento das pessoas em uma empresa, que gera riqueza e proporciona vantagem competitiva. O conhecimento, por ser um bem intangível, não é palpável, concreto como moeda, madeira ou cimento. Tanto os ativos tangíveis quanto os intangíveis “têm sua origem no pessoal de uma organização por serem o resultado das ações humanas”, portanto, “todo conhecimento depende das pessoas, em última instância, para continuar a existir” (SVEIBY, 1998, p.09).

Pode-se entender que GC é a ação por meio do qual o conhecimento originado por um indivíduo, ou por um grupo de indivíduos, passa a ser consolidado. Dalkir (2005) relata que o tema GC é complexo e seus conceitos são múltiplos, sendo tratado sob percepções e pontos de vista diferentes ao abordarem a criação do conhecimento, seu compartilhamento e sua aplicação.

A gestão do conhecimento “deve ser sempre esse processo: gerando, codificando, disseminando e apropriando-se do conhecimento por meio de uma interação contínua e dinâmica entre o conhecimento tácito e explícito” (BRAGHETTI, 2003, p.58).

Para Stewart (1998) GC significa identificar o que se sabe, captar e organizar esse conhecimento, e utilizá-lo de modo a gerar retornos. A GC possui o objetivo de controlar, facilitar o acesso e manter um gerenciamento integrado sobre as informações em seus diversos meios.

No que diz respeito ao alcance de objetivos almejados, por parte de uma dada organização, Lloria (2008) se reporta a GC como esta sendo as políticas e as diretrizes que admitem a criação, divulgação e institucionalização do conhecimento.

Rossato (2003) reforça a importância da implantação de estratégias de GC para evitar que ocorra a falta ou excesso de informação e conhecimento que possa dificultar a localização da informação certa na hora certa, e também para que se identifiquem rapidamente os especialistas em cada assunto.

Fialho et al. (2006, p.86) define o envolvimento da gestão do conhecimento com a “identificação e análise dos ativos de conhecimento disponíveis” e também com “o planejamento e o controle das ações para desenvolver” os ativos e os processos, almejando “atingir os objetivos da organização”. Portanto “torna-se fundamental criar condições e apoiar o desenvolvimento e a comunicação desse conhecimento, além de criar mecanismos para mensurar, desenvolver, preservar, utilizar e compartilhar conhecimento na organização” (FIALHO et al., 2006, p.86).

Braghetti (2003) descreve a necessidade de três pilares fundamentais para que se construa um processo de GC duradouro e consistente: a cultura organizacional – as pessoas devem estar motivadas e comprometidas para integrarem este processo, que pode ocorrer nas reuniões gerais do grupo ou nas reuniões de grupos específicos; o gerenciamento da informação – para que todo conhecimento seja disseminado e compartilhado entre os membros da equipe, deve-se identificar e buscar soluções acessíveis para organizar toda a informação gerada e a ferramenta ideal a ser utilizada; e, a comunicação organizacional, seu papel é deixar claro quais estratégias serão adotadas, com a finalidade de manter todos informados. No Quadro 4 verificam-se alguns conceitos na GC.

QUADRO 4: Conceitos na gestão do conhecimento

Gestão do Conhecimento	
Foco no Capital Intelectual da Organização	
✓	Desenvolvimento da cultura organizacional voltada ao conhecimento
✓	Mapeamento e reconhecimento dos fluxos informais de informação
✓	Tratamento, análise e agregação de valor às informações utilizando tecnologias de informação
✓	Transferência do conhecimento ou socialização do conhecimento no ambiente organizacional
✓	Criação e disponibilização de sistemas de informação empresariais de diferentes naturezas
Trabalha essencialmente com os fluxos informais de informação	

Fonte: Adaptado VALENTIM, 2002, p.6.

Crúzio (2006, p. 65) esmiuça que a cultura organizacional consiste em um:

[...] conjunto de valores, atitudes, hábitos, crenças e tradições, bem como nas interações e relacionamentos sociais, políticos e econômicos próprios de cada organização. Assim, a cultura organizacional reflete a maneira tradicional de pensar e fazer as coisas, compartilhada por todos os membros da organização. Ela representa os aspectos formais das organizações, facilmente percebidos nos objetivos, políticas e estratégias de trabalho, assim como nos métodos, procedimentos, arranjos tecnológicos e *design* da estrutura organizacional.

Segundo Davenport e Prusak (1998, p.132) “para que se mantenha livre o fluxo do conhecimento, a cultura organizacional precisa ser extraordinária”. Para estes autores:

Bons trabalhadores do conhecimento, de qualquer nível, deveriam ter uma combinação de habilidades *hard* (conhecimento estruturado, qualificações técnicas e experiência profissional) e de atributos *soft* (um claro senso dos aspectos culturais, políticos e pessoais do conhecimento). Uma boa cultura geral não é um atributo necessário a todos, mas é particularmente importante para aqueles que trabalham em contato direto com usuários do conhecimento (DAVENPORT; PRUSAK, 1998, p.133).

Na concepção de Alonso (2008), o termo apropriação do conhecimento refere-se ao conhecimento em geral e particularmente à ciência e à tecnologia, sendo seu uso amplo e fortemente consolidado nos âmbitos acadêmico e político. Este mesmo autor destaca que o

significado de “apropriação” conduz ao termo apropriar, que, basicamente, se enquadra em dois significados.

O primeiro é associado à mudança de proprietário, ou seja, alguém passa a ser proprietário de alguma coisa que não era sua inicialmente; ocorre uma troca de dono. A transposição deste significado, em termos do conhecimento e da relação deste com a sociedade, implica em torná-la proprietária de um conhecimento que até o momento não era seu.

O segundo significado possível para o termo “apropriação” é associado a adequar algo a alguma coisa, dando suporte a quem recebe, portanto, sem conotação de ser alheio. Alonso (2008) vê esta concepção mais potente na “apropriação social da ciência”, uma vez que “o conhecimento científico não se coloca como uma construção à margem da sociedade nem em sua origem nem em seu uso”. Esta argumentação leva à revisão da transmissão do conhecimento científico e tecnológico “como um problema de redistribuição do conhecimento, redefinindo o papel dos autores envolvidos” e eliminando a aparente barreira existente “entre o sistema de ciência e tecnologia e o resto da sociedade” (ALONSO, 2008, p.214, tradução nossa).

E, por se tratar da apropriação social do conhecimento em uma amostra da sociedade que defende um novo tipo de sociedade baseada na ES, esta interpretação é a que se aproximam destes princípios, pois se fundamenta na equidade, justiça social e solidariedade (ALONSO, 2008).

Para melhor compreender a GC é necessário diferenciar o que são dados, informação e conhecimento.

4.2 Diferenciação entre dados, informação e conhecimento

Para compreender a importância do conhecimento e sua gestão, torna-se necessário entender o que são dados e informação e em qual momento se dá o processo de transformação desses termos.

Para Davenport e Prusak, (1998, p.03) “dados descrevem apenas parte daquilo que aconteceu; não fornecem julgamento nem interpretação e nem qualquer base sustentável para a tomada de ação”.

Dados sozinhos, sem um propósito e significado, em sua forma primária ou bruta, têm pouca relevância ou finalidade, são apenas abstrações, dependendo do contexto em que são utilizados.

De acordo com Fialho et al. (2006, p.71), dados são sinais desprovidos de contextos, podendo ser palavras, textos, gráficos, figuras ou números; porém, “quando estes dados são organizados num contexto, há a informação”, e “para que os dados se tornem úteis como informação, é necessário que as pessoas possam correlacioná-los e atuar sobre eles”.

Todas as organizações precisam de dados, pois estes se transformam em informação quando quem os criou lhes dá algum significado, sendo então matéria-prima para a criação da informação.

Para Davenport e Prusak (1998, p.05) é possível considerar vários métodos importantes para transformar dados em informação, são eles:

- **Contextualização:** sabemos qual a finalidade dos dados coletados.
- **Categorização:** conhecemos as unidades de análise ou os componentes essenciais dos dados.
- **Cálculo:** os dados podem ser analisados matematicamente ou estatisticamente.
- **Correção:** os erros são eliminados dos dados.
- **Condensação:** os dados podem ser resumidos para uma forma mais concisa.

Segundo Fialho et al. (2006), informações são dados que fazem a diferença, pois lhe agregam valores quando organizados para alguma finalidade. A informação causa algum tipo de impacto sobre o comportamento ou o julgamento da pessoa que a recebe.

Para estes autores,

A informação é a disposição dos dados de uma forma que possuam um significado, criando padrões e ativando significados na mente das pessoas. Para que os dados se transformem em informação, é fundamental que as correlações entre os vários fatos e suas implicações para os indivíduos e para a organização sejam evidenciados, tornando-se visíveis e explícitos (FIALHO et al., 2006, p.72).

Então, dá-se o nome de informação a “um conjunto de dados analisados e organizados sob um determinado contexto e que satisfaçam um objetivo específico” (FIALHO et al., 2006, p.72).

Davenport e Prusak (1998, p.05) observam que

[...] os computadores podem ajudar a agregar tais valores e transformar dados em informação, porém quase nunca eles ajudam na parte de contexto, e os seres humanos geralmente precisam agir nas partes de categorização, cálculo e condensação.

Dados e informações são constantemente transferidos por meio eletrônico, mas o conhecimento parece ser transmitido com mais eficiência por meio de redes humanas (DAVENPORT; PRUSAK, 1998).

A informação é o caminho para que se extraia e se construa o conhecimento, reestruturando-o e lhe acrescentando algo, ou seja, os seres humanos agregam valor à informação para transformá-la em conhecimento.

Tuomi¹⁶ (*apud* SILVA, 2004, p.144) detalha muito bem estes conceitos, tratando dados, informação e conhecimento

[...] em um sentido hierárquico, em que os dados são simples fatos que se tornam informação, se forem combinados em uma estrutura compreensível; ao passo que a informação torna-se conhecimento, se for colocada em um contexto, podendo ser usada para fazer previsões. Uma informação é convertida em conhecimento quando um indivíduo consegue ligá-la a outras informações, avaliando-a e entendendo seu significado no interior de um contexto específico.

Nesse sentido, Silva (2004) menciona que os dados são pré-requisitos para a informação, que por sua vez é pré-requisito para o conhecimento.

Os dados são obtidos a partir de registros, transações ou informações, e o conhecimento é obtido a partir de mensagens e a partir de rotinas organizacionais. “O conhecimento é entregue através de meios estruturados, tais como livros e documentos, e de contatos pessoa a pessoa que vão desde conversas até relações de aprendizado”, e, para ocorrer a transformação da informação em conhecimento, “os seres humanos precisam fazer virtualmente todo o trabalho” (DAVENPORT; PRUSAK, 1998, p.07), tal transformação ocorrerá por meio das atividades de:

- **Comparação:** de que forma as informações relativas a esta situação se comparam a outras situações conhecidas?

¹⁶ TUOMI, I. Data is more than knowledge: implications of the reversed knowledge hierarchy for knowledge management and organization memory. **Journal of Management Information Systems**, v. 16, n. 3, p. 103-117, Winter 1999.

- **Consequências:** que implicações estas informações trazem para as decisões e tomadas de ação?
- **Conexões:** quais as relações deste novo conhecimento com o conhecimento já acumulado?
- **Conversaço:** o que as outras pessoas pensam desta informação? (DAVENPORT; PRUSAK, 1998).

As considerações de todos estes autores permitem compreender por conhecimento a informação interpretada, ou seja, o significado de cada informação e os impactos que cada uma pode causar, de modo que a informação possa ser utilizada, para importantes ações e tomadas de decisões.

Davenport e Prusak (1998, p. 06) destacam o conhecimento como sendo

[...] uma mistura fluida de experiência condensada, valores, informação contextual e *insight* experimentado, a qual proporciona uma estrutura para a avaliação e incorporação de novas experiências e informações. Ele tem origem e é aplicado na mente dos conhecedores. Nas organizações, ele costuma estar embutido não só em documentos ou repositórios, mas também em rotinas, processos, práticas e normas organizacionais.

Para os autores, o conhecimento é mais valioso porque está próximo da ação, podendo ser avaliado segundo as tomadas de ação ou decisões às quais ele leva.

Para Stair¹⁷ (*apud* SILVA, 2002a, p.143):

Conhecimento significa aplicar um conjunto de regras, procedimentos e relações a um conjunto de dados para que este atinja valor informacional. Uma informação idêntica, da mesma forma que um recurso físico, terá diferente valor para pessoas, locais e tempos diferentes, variando então seu valor econômico conforme o contexto existente.

Tomando como base a definição destes autores, pode-se dizer que o conhecimento é uma mistura de vários elementos, difícil de ser colocado em palavras ou ser entendido em termos lógicos, existindo dentro das pessoas e entre elas e, ainda, fazendo parte de sua imprevisibilidade e de sua complexidade. O conhecimento pode ser visto tanto quanto um ativo ou como um processo, dependendo de como é observado, sendo um ativo difícil de ser identificado.

Os componentes básicos do conhecimento, de acordo com Davenport e Prusak (1998) são:

¹⁷ STAIR, R.M. **Princípios de sistemas de informação:** uma abordagem gerencial. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

- **Experiência:** proporciona uma perspectiva histórica, comparando o passado com o presente e é absorvida por meio do aprendizado informal, os livros, cursos e mentores.
- **Verdade fundamental:** a partir das experiências reais vividas, pode-se dizer o que realmente funciona ou não funciona no compartilhamento e na disseminação do conhecimento.
- **Complexidade:** o conhecimento, por não ser uma estrutura rígida, exclui aquilo que não se encaixa; podendo lidar com a complexidade de uma maneira complexa.
- **Discernimento:** o conhecimento pode ser julgado a partir de novas situações e informações que já são conhecidas, julgando-se e aprimorando-se em resposta a situações e informações novas, e assim evoluindo.
- **Normas práticas e intuição:** são atalhos para soluções de novos problemas, significa a não necessidade de se partir do zero na construção de cada resposta, chegando a ela intuitivamente, automaticamente.
- **Valores e crenças:** estes exercem forte impacto sobre o conhecimento organizacional, pois as pessoas possuem e expressam valores e crenças que influenciam seus atos, pensamentos e palavras.

O conhecimento existe nas organizações, mas somente é valioso quando está disponível, acessível, para que não ocorra a reinvenção da roda e que não se resolva o mesmo problema partindo do zero. Se para resolver problemas, de diversos tipos, bastasse compartilhar o conhecimento dentro da organização, esforços desnecessários seriam evitados.

A capacidade dos computadores tem pouca relevância para o trabalho do conhecimento, mas os recursos de comunicação e armazenamento de computadores ligados em rede fazem deles propiciadores do conhecimento. Através dos recursos de correio eletrônico, groupware, Internet e intranets, computadores e redes podem indicar pessoas com conhecimento e interligar pessoas que precisem compartilhar conhecimento à distância. Videoconferências por computador de mesa e computação multimídia que transmite áudio e vídeo, como também texto, tornam possível comunicar parte da riqueza e sutileza do conhecimento de uma pessoa para outra (DAVENPORT; PRUSAK, 1998, p.21).

Davenport e Prusak (1998, p.48) afirmam que “reuniões face a face costumam ser a melhor maneira de obter conhecimento” e que o conhecimento e o talento “não são sinônimos de formação acadêmica” (DAVENPORT; PRUSAK, 1998, p.66). Apesar do conhecimento, ser visto como um ativo, é muito difícil quantificá-lo.

Segundo Davenport e Prusak (1998, p.71)

[...] uma forma costumeira de se gerar o conhecimento numa organização é formar unidades ou grupo para essa determinada finalidade. Departamentos de pesquisa e desenvolvimento são o exemplo-padrão. Seu objetivo é fazer surgir conhecimento novo – novas formas de se fazerem as coisas.

Conforme estes autores, “comunidades de possuidores do conhecimento acabam se aglutinando motivados por interesses comuns, e em geral conversam pessoalmente, por telefone e pelo correio eletrônico e *groupware* para compartilhar o conhecimento e resolver problemas em conjunto” (DAVENPORT; PRUSAK, 1998, p.79).

Mapa do conhecimento é um guia, um facilitador de busca, um retrato do que existe na organização, mostrando sua localização. Não deve ser entendido como um repositório simplesmente, pois ele localiza o conhecimento quando alguém dele necessita e direciona onde encontrá-lo, seja em pessoas, bancos de dados ou documentos, revelando os pontos fortes que podem ser explorados e os fracos, ou lacunas a serem preenchidas (DAVENPORT; PRUSAK, 1998)

Para Davenport e Prusak (1998, p.89) “o organograma de uma empresa é um substituto precário do mapa do conhecimento”, melhor dizendo, o organograma não dirá a quem ou aonde recorrer para obter o conhecimento, por serem organogramas hierárquicos, e ele existe em qualquer parte da organização.

Na maioria das organizações os mapas organizacionais já existem, porém de forma fragmentada e não documentada. Os conhecimentos estão nas cabeças das pessoas, que fazem parte de pedaços do mapa, e estas sabem a quem, ou onde recorrer para obter respostas de suas dúvidas. Portanto, para criar um mapa organizacional, trata-se de combinar os minimapas individuais de cada pessoa. Basta perguntar às pessoas sobre os conhecimentos que elas têm e de onde obtêm o conhecimento de que necessitam para o seu trabalho, sejam estes documentais ou pessoas, e assim as fontes de conhecimento serão trilhadas, de modo que se chegue ao acesso do conhecimento.

Ter acesso ao conhecimento somente quando seu portador tem tempo para compartilhá-lo ou perdê-lo definitivamente quando ele deixa a empresa são problemas importantes que ameaçam o valor do capital do conhecimento da organização. As empresas devem, portanto, ter estratégias para impedir tais perdas (DAVENPORT; PRUSAK, 1998, p.99).

Os autores defendem fortemente que o conhecimento seja transferido para além das formas mais estruturadas e formais, que seja transferido face a face, por meio de reuniões e

narrativas. “A transferência do conhecimento tácito geralmente exige intenso contato pessoal” (DAVENPORT; PRUSAK, 1998, p.115), e a linguagem comum é essencial para esta transferência, bem como pessoas com cultura em comum, com as mesmas experiências e interesses.

Conforme Fialho et al. (2006, p.73) “conhecimento é entendimento, é *expertise*, é a informação valiosa da mente combinada com experiência, contexto, interpretação e reflexão”.

Estes autores apresentam algumas características do conhecimento: intangibilidade, independe de espaço, capacidade de se propagar, difundível, se auto-reproduz, transportável, substituível, compartilhável e valorizado com abundância.

O conhecimento é o oposto dos bens tangíveis, pois, quanto mais utilizado, mais vivo se torna. “Quando compartilhado, cresce a partir da divisão. Ele está em constante mutação e é extremamente sensível ao tempo, mais ainda do que ativos físicos” (FIALHO et al., 2006, p.75).

Nonaka e Takeuchi¹⁸ (*apud* FIALHO et al., 2006, p.75) “ressaltam também que a pedra fundamental da teoria do conhecimento é a diferenciação entre conhecimento tácito e explícito, e que o segredo para a criação do conhecimento está na mobilização e conversão do conhecimento tácito”.

4.3 Conhecimento tácito, conhecimento explícito e a conversão do conhecimento

Nonaka e Takeuchi (1997) observam que o conhecimento se refere a crenças e compromissos criados por meio de um processo de interação entre dois tipos de conhecimento humano, que classificaram como: conhecimento tácito e conhecimento explícito.

O conhecimento tácito é quase impossível de ser reproduzido em um banco de dados ou documento, porque ele foi desenvolvido e interiorizado pelo conhecedor no decorrer de um longo tempo; este aprendizado está acumulado e enraizado (DAVENPORT; PRUSAK, 1998, p.86).

O conhecimento tácito é algo pessoal e importante. Sua formação se origina dentro de um contexto individual e social, só podendo ser avaliado por meio da ação, diferentemente do conhecimento explícito, que é adquirido pela informação e obtido quase sempre pela educação formal, envolvendo conhecimento dos fatos e facilmente transmitido entre os indivíduos.

¹⁸ NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa:** como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

Portanto, é na educação, nos treinamentos e na informação adquirida pelas pessoas que este conhecimento é gerado.

Sveiby (1998) faz referências às abordagens de Nonaka e Takeuchi para definir conhecimento tácito e explícito:

- **conhecimento tácito** – conhecimento do corpo, subjetivo, prático, análogo;
- **conhecimento explícito** – conhecimento da mente, objetivo, teórico, digital.

O conhecimento que se obtém por meio da prática é o conhecimento tácito. Este conhecimento envolve perspectivas e valores do ser humano como suas experiências, suas emoções e suas ações. As características deste conhecimento são a subjetividade e a intuição (FIALHO ET al., 2006).

O conhecimento explícito é transmitido facilmente e formalmente entre os indivíduos e compartilhado e comunicado “de maneira simples sob a forma de dados brutos, fórmulas científicas, procedimentos codificados ou princípios universais. É processado, armazenado e transmitido eletronicamente de forma rápida” (FIALHO et al., 2006, p.77).

Conforme Silva (2002a, p.148):

Na visão oriental, notadamente influenciada pelo Japão, a criação do conhecimento recebe mais atenção, com uma ênfase no desenvolvimento de condições que favoreçam o intercâmbio do conhecimento tácito dos indivíduos em um processo social através do qual novos conhecimentos são desenvolvidos. O sucesso é medido pela capacidade de gerar inovações a longo prazo. [...] o foco principal no Japão é estabelecer condições que encorajem a criação do conhecimento por meio do compartilhamento social direto do conhecimento tácito.

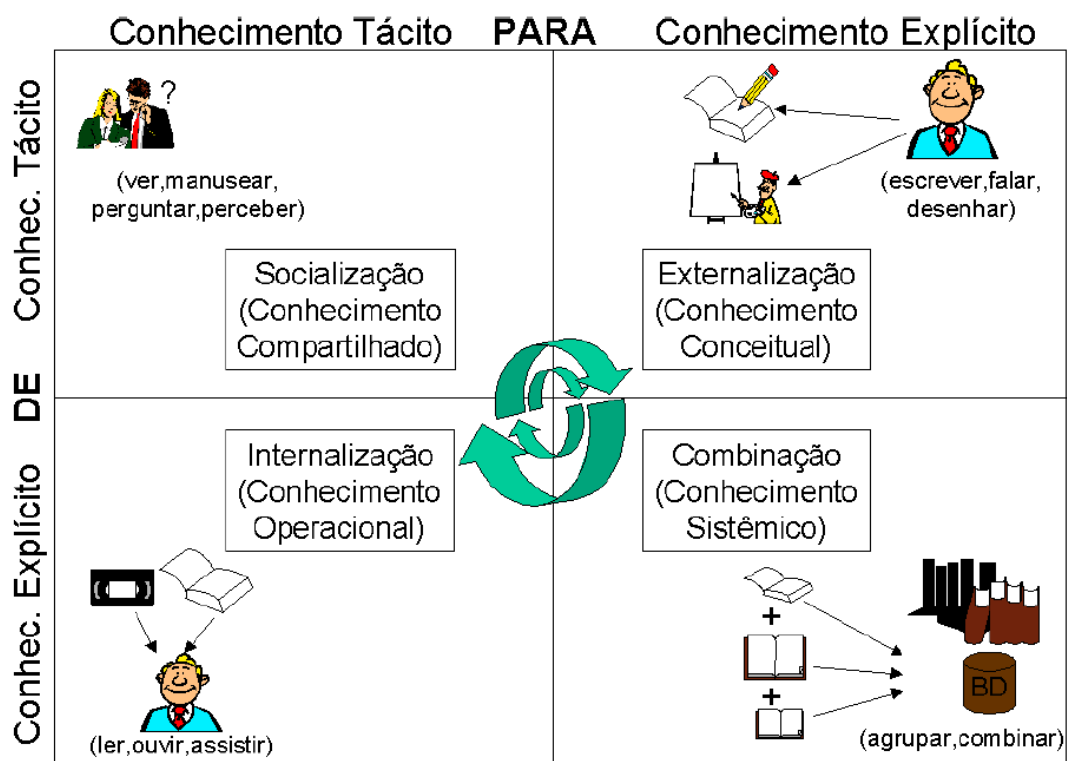
Nesse sentido, Nonaka e Takeuchi (1997) destacam que a construção do conhecimento é conseguida quando se reconhece o relacionamento sinérgico entre o conhecimento tácito e o conhecimento explícito dentro de uma determinada organização, e quando são elaborados processos sociais capazes de criar novos conhecimentos por meio da conversão do conhecimento tácito em conhecimento explícito. Esta interação é chamada, pelos autores, de conversão do conhecimento do processo. Dessa forma, estes dois conhecimentos se complementam e interagem, e é por meio da interação social de ambos que o conhecimento humano é criado e expandido, tanto em termos de qualidade, quanto de quantidade.

Os autores Nonaka e Takeuchi ainda mencionam que a realização de um trabalho efetivo com o conhecimento somente é possível em um ambiente em que possa ocorrer a contínua conversão entre esses dois formatos. Para que o conhecimento seja preservado, as

organizações devem manter o fluxo de atualização de seu conteúdo de forma contínua, de modo a proporcionar a disseminação e o compartilhamento de conhecimentos.

Estas sucessivas passagens de conhecimento tácito para explícito, e vice-versa, proposta por Nonaka e Takeuchi (1997), é chamada de espiral do conhecimento. Os autores detalham a conversão do conhecimento em quatro modos, conforme demonstrado na Figura 5. Situados entre os formatos tácito e explícito, estes quatro modos possibilitam geração e troca para novos conhecimentos, sendo que, segundo Silva (2004, p.145) “uma ou mais conversões do conhecimento podem ocorrer simultaneamente”.

FIGURA 5: Espiral dos modos de conversão do conhecimento (tácito-explícito)



Fonte: SILVA, 2002b, p.45.

Nonaka e Takeuchi (1997) explicam que empresas japonesas do setor de produção utilizaram, durante a década de 80, os processos de socialização, externalização, internalização e combinação para projetar e criar novos produtos. Estes processos ocorrem normalmente da seguinte maneira:

- **Socialização** – “conversão de parte do conhecimento tácito de uma pessoa no conhecimento tácito de outra pessoa” (SILVA, 2004, p.145). Não basta a utilização da

linguagem, é necessário compartilhar experiências, a partir de atividades, treinamentos no próprio local de trabalho, *brainstorms* e sessões informais, interações etc. Esta conversão ocorre com compartilhamento de parte do conhecimento tácito de um indivíduo para outro, por meio da observação, prática ou imitação. As habilidades tácitas propiciam ao observador um conhecimento tácito. Para Silva (2004, p.145), “a troca de conhecimentos face a face entre pessoas” é uma frase que pode ser considerada síntese desta conversão.

- Externalização – “conversão de parte do conhecimento tácito do indivíduo em algum tipo de conhecimento explícito” (SILVA, 2004, p.145). Ocorre quando um indivíduo converte, de forma articulada, parte de seu conhecimento tácito em conceitos explícitos, compartilhando explicitamente este conhecimento com outras pessoas, “expresso na forma de metáforas, analogias, conceitos, hipóteses ou modelos” (NONAKA; TAKEUCHI, 1997, p.71). Segundo Nonaka e Takeuchi (1997, p.73), a “chave para a criação do conhecimento é a externalização”, pois esta cria conceitos novos e explícitos a partir do conhecimento tácito. Silva (2004, p.146) sintetiza essa conversão com a seguinte frase: “o registro do conhecimento da pessoa feito por ela mesma”. De acordo com Fialho et al. (2006, p.111) este é o modo de conversão mais importante “por facilitar a comunicação e a transformação dos conhecimentos tácitos, que são pessoais, específicos aos contextos e de difícil formalização, em novos e explícitos conceitos”.
- Combinação – “conversão de algum tipo de conhecimento explícito gerado por um indivíduo para agregá-lo ao conhecimento explícito da organização” (SILVA, 2004, p.146). “É um processo de sistematização de conceitos em um sistema de conhecimento”, portanto, “é a combinação de diferentes partes do conhecimento explícito em um novo conhecimento explícito por meio da análise, da categorização e da reconfiguração de informações” (SVEIBY, 1998, p.55-56). “Os indivíduos trocam e combinam conhecimentos” por meio de reuniões, documentos, conversas via telefone, mensagens via internet etc. (NONAKA; TAKEUCHI, 1997). A partir da reconfiguração dessas informações que se originam novos conhecimentos. Para os autores, Sveiby (1998) e Nonaka e Takeuchi (1997), essa forma de conversão do conhecimento acontece na educação formal, em instituições de ensino e em universidades, por meio do ensino e treinamento. Silva (2004, p.146) sintetiza este tipo de conversão como “o agrupamento dos registros de conhecimentos”.

- Internalização – (do conhecimento explícito para o tácito) “é o processo de incorporação do conhecimento explícito no conhecimento tácito”, e está relacionado ao “aprender fazendo” (NONAKA; TAKEUCHI, 1997, p.77). Para Nonaka e Takeuchi (1997, p.78) “a documentação ajuda os indivíduos a internalizarem suas experiências, aumentando assim seu conhecimento tácito”. A transferência do conhecimento explícito para outros indivíduos é facilitada pela leitura individual de manuais, documentos ou histórias orais, que os ajuda a vivenciar indiretamente as experiências dos outros. A partir daí, inicia-se uma nova espiral de criação do conhecimento, que socializa este conhecimento tácito acumulado com outros indivíduos.

4.4 A informação, o conhecimento e a aprendizagem nas organizações

A luta de Paulo Freire era por uma educação transformadora e solidária, valorizando “as informações de vivência de cada ser humano”, suas realidades, suas dificuldades, e de sua comunidade relacionados aos problemas políticos, culturais e sociais (BATTESTIN, 2009, p.47).

Para Guerra e Cruz (2009, p.96),

[...] tanto quanto os processos produtivos e associativos se constituem como processos pedagógicos, também os processos cognitivos que eventualmente se desenvolvem em torno das tarefas necessárias à consolidação do empreendimento – cursos, oficinas, círculos de discussão, os conhecimentos obtidos na escola formal – produzem grande impacto sobre os processos produtivos associativos.

Segundo Battestin (2009, p.47), “é através da educação, do conhecimento e da informação que o ser humano adquire condições plenas para poder participar da sociedade de modo consciente, criativo, solidário e transformador”.

“O conhecimento é transferido nas organizações, quer gerenciemos ou não esse processo” (Davenport; Prusak, 1998, p.107); as transferências do conhecimento, espontâneas e não estruturadas, fazem parte do cotidiano das organizações e são vitais para seu sucesso.

Para Fialho et al. (2006, p.29) uma organização pode ser definida como o conjunto de duas ou mais pessoas que têm um objetivo em comum. Em suma, todos os grupos são organizações, onde alguns visam remuneração ou lucros, enquanto outros não.

As organizações podem criar maneiras e locais para estimular o compartilhamento do conhecimento com estratégias para a transferência do conhecimento, como:

- Conversas informais em bebedouros, cafés, almoços, jantares;
- Feiras e fóruns do conhecimento;
- Videoconferência de trabalho; e
- Registro em vídeo ou em CD-ROM de histórias e experiências de membros mais antigos das organizações.

Por consequência, para o bom funcionamento de uma empresa, grupo ou organização, torna-se necessário que as informações sejam compartilhadas por todos, não ficando restritas ou represadas em um local, e que a criação do conhecimento se efetive por meio de interações dinâmicas e contínuas entre os dois conhecimentos: tácito e explícito. Por isso, a criação do conhecimento não é simplesmente um processo de armazenamento de dados e informações, ela deve ser entendida como:

Um processo que amplia organizacionalmente o conhecimento criado pelos indivíduos, cristalizando-os como parte da rede de conhecimento da organização. Esse processo ocorre dentro de uma comunidade de interação em expansão, que atravessa níveis e fronteiras interorganizacionais (NONAKA; TAKEUCHI, 1997, p.207).

Autores como Davenport e Prusak (1998), mencionam que somente as organizações que aprendem continuamente é que sobrevivem. Nas organizações as pessoas valorizam, utilizam e procuram o conhecimento, fazendo com que elas funcionem. O conhecimento passou a ser reconhecido como um ativo corporativo, devendo ser cuidado tanto quanto um ativo tangível. Diferentemente do ativo tangível, material, o conhecimento não diminui a medida que é usado, ele aumenta com o uso porque o recurso do conhecimento são as ideias, e ideias geram ideias.

Para o desenvolvimento de uma dada organização os ativos intangíveis são essenciais. Seu direcionamento e gerenciamento, com a utilização de metodologias e ferramentas apropriadas, criam um ambiente propício para a disseminação e compartilhamento do conhecimento. Pode-se dizer que “gerenciar o conhecimento é estimular a propagação do aprendizado como um dos principais ativos das empresas, tendo como sustentáculo a tecnologia da informação” (FIALHO et al., 2006, p.1).

As mudanças ocorridas nas últimas décadas “tornam o conhecimento vital para as organizações” (DAVENPORT; PRUSAK, 1998, p.17).

A mensagem central do livro Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam seu capital intelectual de autoria destes autores, parte do pressuposto de que a única vantagem que sustenta uma empresa é o que ela tem e aquilo que ela coletivamente sabe, como usa com eficiência o que sabe e também a rapidez com que adquire e usa os novos conhecimentos.

Fialho et al. (2006, p.2) se reportam a gestão do conhecimento para a construção do conhecimento, a definindo como “um conjunto de ferramentas facilitadoras dos processos de construção do conhecimento sobre as práticas organizacionais”.

A GC passou a ser um desafio para as organizações, e também uma nova área de atividade, que “demanda a construção coletiva de uma cultura de GC, cultura esta que depende da aprendizagem, tanto individual quanto coletiva, dos componentes da organização” (BURNHAM et al., 2005, p.03).

Segundo Silva (2002b, p.33), “mesmo antes da revolução industrial e do advento dos estudos da administração, a forma de produção artesanal nas oficinas que produziam sob encomenda já faziam intenso uso da aprendizagem pela prática” por meio “da transferência de conhecimentos entre mestres e aprendizes”.

Ainda para este autor (SILVA, 2002b, p.33), foi a partir dos anos 80 que a temática “conhecimento” “tornou-se mais presente devido ao advento das abordagens teóricas relacionadas à sociedade do conhecimento, ao aprendizado organizacional e às competências essenciais na gestão estratégica”, e, mais recentemente, as pesquisas abordando estes temas se intensificaram tanto em aplicações práticas quanto em “aprofundamento teórico, focalizando a necessidade de se entender como as organizações trabalham com o conhecimento”.

Fleury e Oliveira Júnior (2002, p.134) recuperam o conceito de aprendizagem, que é “entendida como um processo de mudança provocado por estímulos diversos e mediado por emoções que podem ou não produzir mudança no comportamento da pessoa”.

Pozo¹⁹ (*apud* BURNHAM et al., 2005, p.05) ressalta, que atualmente, passamos por uma “deteriorização da aprendizagem” devido “à constante exigência por novos conhecimentos, saberes e práticas que propõem ao cidadão uma sociedade em ritmos acelerados”, exigindo “constantemente novas aprendizagens, bem como a revitalização dos conhecimentos, o que vai além dos simples processos de reprodução”. Esta demanda tem a ver com a quantidade do fluxo de informações que “alcança todos os âmbitos da vida humana, inclusive o ambiente organizacional”.

¹⁹ POZO, J. I. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Mencionando Burnham et al. (2005, p.05)

A organização também necessita manter-se viva nesse inesgotável processo de aprendizagem, em face da permanente mudança das condições no ambiente em que ela opera. Por esse motivo, teorias e modelos de aprendizagem organizacional (AO) têm sido apresentados, estudados e discutidos por teóricos da gestão em todo o mundo.

Portanto, aprendizagem organizacional, ou organizações que aprendem (*Learning Organization*), são organizações que têm o potencial de renovar, inovar e aprender, tendo como premissa o aprendizado pela experiência. É um conceito que ressalta a capacidade de adquirir conhecimento, aprender, sendo um diferencial competitivo fundamental para as organizações. Conforme destaca Souza (2004, p.03), “o conceito de *aprendizagem organizacional* ganhou notoriedade na década de noventa, embora presente há muito tempo na literatura sobre teoria econômica da firma e teoria das organizações”.

Argyris (1999) enfatiza que a aprendizagem organizacional é uma competência que todas as organizações deveriam desenvolver.

Peter Senge (2009) é um defensor de “organizações que aprendem”, pois, segundo ele, para que as organizações sobrevivam e tenham sucesso, é necessária a prática, a nível organizacional, de cinco disciplinas, capazes de orientar as organizações rumo ao aprendizado contínuo, sendo o domínio destas disciplinas a distinção entre organizações. Estas cinco disciplinas, que devem funcionar em conjunto, são:

- Domínio pessoal: é a prática de esclarecer e aprofundar a visão pessoal continuamente, concentração de energias, desenvolvimento da paciência, busca de uma realidade mais objetiva e compromisso com o aprendizado ao longo da vida.
- Modelos mentais: é a prática de manter as imagens internas do mundo sob rigorosa análise, de forma que se possa identificar sua influência no modo de agir e de compreender as coisas.
- Objetivo comum ou visão compartilhada: desenvolver habilidade contínua de interpretar a visão comum em compartilhada, estimulando o envolvimento e o compromisso fidedigno, ao invés da mera aceitação.
- Aprendizagem em equipe: a equipe é a unidade de aprendizagem fundamental das organizações modernas, o foco não é o indivíduo, e o diálogo é a melhor forma de aprendizagem em equipe.

- **Pensamento sistêmico:** é a disciplina que completa todas as outras, propagando-se em um corpo coerente de teoria e prática. Este pensamento facilita ver as coisas como sendo parte de um todo e não de maneira isolada, individual.

Senge (2009) entende que, mesmo que as pessoas estejam o tempo todo aprendendo, a aprendizagem organizacional é falha, pois, segundo ele, é necessário que elas aprendam juntas, pois a aprendizagem em equipe é uma aprendizagem coletiva.

Os autores Fleury e Oliveira Junior (2002, p.134) detalham que o processo de aprendizagem, em uma organização, pode ocorrer em três níveis:

- **Nível do indivíduo:** é o primeiro nível do processo de aprendizagem. Está carregado de emoções positivas ou negativas, por meio de caminhos diversos.
- **Nível do grupo:** a aprendizagem pode vir a constituir um processo social partilhado pelas pessoas do grupo.
- **Nível da organização:** o processo de aprendizagem individual, de compreensão e interpretação partilhados pelo grupo, torna-se institucionalizado e se expressa em diversos artefatos organizacionais, como estrutura, regras, procedimentos e elementos simbólicos. As organizações desenvolvem memórias que retêm e recuperam informações.

Souza (2004, p.06) apresenta em seu trabalho uma proposição de “aprendizagem organizacional” voltada ao seu desenvolvimento, “calcada em características dos processos de aprendizagem e inspirada na pesquisa-ação descrita na literatura”. A autora chama a atenção para outra prática da aprendizagem organizacional que não se restringem as ideias de Peter Senge. Esta proposição “parte de duas interrogações básicas: (i) que aprendizagens são cruciais para uma organização, (ii) como essas aprendizagens podem ser desenvolvidas e otimizadas considerando-se as realidades sociais e culturais específicas dos contextos organizacionais?”.

Esta mesma autora se apoia em outros estudos e pontua alguns aspectos

Essas interrogações trazem já alguns pressupostos provenientes dos estudos sobre aprendizagem organizacional. Os seguintes aspectos são destacados:

- a) Que a aprendizagem organizacional é chave para a competitividade e sobrevivência de organizações;
- b) Que a aprendizagem organizacional é um fenômeno ao mesmo tempo individual e coletivo;
- c) Que a aprendizagem organizacional está intrinsecamente relacionada à cultura das organizações;
- d) Que a aprendizagem organizacional é um fenômeno que apresenta uma dinâmica paradoxal, já que aprender e organizar são fenômenos antitéticos (SOUZA, 2004, p.6).

Portanto, com o intuito de “contribuir para o planejamento e intervenção para o desenvolvimento e otimização de processos de aprendizagem”, Souza (2004, p.09) apresenta um sumário dessa proposição. No Quadro 5 são relacionadas questões acerca das características de processos de aprendizagem:

QUADRO 5 – Oportunidades de aprendizagem

Características de Processos de Aprendizagem	Questões orientadoras para o desenvolvimento de processos de aprendizagem
A aprendizagem organizacional é chave para a competitividade e sobrevivência de organizações.	Que aprendizagens e que conhecimentos são cruciais para assegurar competitividade à organização?
A aprendizagem organizacional é um fenômeno ao mesmo tempo individual e coletivo.	Quem são os atores-chave na busca de informação? Quais e como são as estratégias e políticas da organização para o desenvolvimento de competências associadas à aprendizagem entre os atores-chave? Que condições estruturais e de interação os atores-chave encontram para disseminar informações?
A aprendizagem organizacional está intrinsicamente relacionada à cultura das organizações.	Quais as formas de interação privilegiadas na cultura da organização? Como pessoas e equipes têm aprendido ao longo da história da organização? Quais são as áreas ou equipes da organização mais permeáveis a novas aprendizagens?
Aprendizagem organizacional é um fenômeno que associa ordem e desordem.	Que situações específicas, inscritas na cultura da organização e não necessariamente associadas à educação formal, apresentam potencial de aprendizagem? Como o sentido coletivo é construído?

Fonte: SOUZA, 2004, p.09.

Formatação elaborada pela autora.

Neste mesmo sentido, Cook e Yanow²⁰ (*apud* SOUZA, 2004, p.08) utilizam uma clara demonstração sobre os processos de aprendizagem para que se entendam as relações entre cultura e aprendizagem organizacional afirmando que “[...] o conhecimento necessário para produzir flautas da melhor qualidade, assim como jogar basquete ou executar uma sinfonia, não reside em um indivíduo, mas na organização como um todo. A organização não nasceu com tal conhecimento, precisou aprendê-lo”. Com esta demonstração a autora indica que a partir destas relações é que se identificam, no âmbito de cada organização, as oportunidades de aprendizagem.

Dentre muitos autores que estudam aprendizagem organizacional, Riche e Alto (2001, p.37) definem que “as organizações que aprendem são formadas por pessoas que”

²⁰ COOK, S.; YANOW, D. Culture and organizational learning. In: Cohen, M.; Sproull L. (Org.). **Organization learning**. Londres: SAGE, 1996, p. 430-460.

constantemente expandem “a sua capacidade de criar os resultados que desejam” e que “estimulam padrões de comportamento novos e abrangentes” ao levarem as pessoas a se exercitarem para que possam aprender juntas.

É importante citar que, para Nonaka e Takeuchi (2009), a aprendizagem individual, a interação e o compartilhamento de experiências e de conhecimento entre as pessoas é que tornam viável a aprendizagem organizacional. Os autores explicam que

[...] o conhecimento organizacional , este não pode ser gerado por si próprio, mas sim a partir da iniciativa do indivíduo e da interação com seus pares de trabalho organizados em grupos. Sob esse ponto de vista, a aprendizagem organizacional é, de certo modo, a socialização da aprendizagem individual dentro da organização (NONAKA; TAKEUCHI, 2009, p.19).

Sendo assim, esta interação social, ou seja, a dinâmica da conversão do conhecimento tácito para conhecimento explícito, segundo estes autores, é a base para a aprendizagem organizacional, levando a geração de um novo conhecimento dentro da organização. Alguns fatores motivam esta aprendizagem, tais como: curiosidade, circunstância, experiência diária ou até mesmo uma crise (GARVIN²¹, *apud* BURNHAM et al., 2005; BURNHAM et al., 2005).

Segundo Argyris (1999), a mudança de comportamento é o primeiro fator determinante para efetivar o desenvolvimento organizacional; outra maneira é entender como as pessoas criam quando lidam umas com as outras. Este autor inclina-se mais para esta segunda abordagem, e define que a aprendizagem ocorre em duas condições:

1. Quando uma organização consegue o que pretendia, ou seja, existe uma correspondência entre a sua concepção de ação e a realidade ou resultado.
2. Quando uma incompatibilidade entre as intenções e os resultados é identificada e é corrigida, ou seja, uma incompatibilidade se transforma em um resultado.

De acordo com Burnham et al. (2005, p.12), “as organizações que desenvolvem uma cultura de GC podem oferecer duas contribuições significativas” para disseminar e socializar o conhecimento; sendo a primeira relacionada “a uma postura de constante transformação na cultura organizacional” em relação ao “compartilhamento do conhecimento e dos processos de sua construção coletiva orientada para se tornarem ‘eternas aprendizes’”. A outra” se refere a “implantação de sistemas baseados” em tecnologias de informação e comunicação, “para armazenamento, recuperação, disseminação e compartilhamento do conhecimento”.

²¹ GARVIN, D. et al. Aprender a aprender. **HSM Management**, São Paulo, n.9, p.58-64, Jul/Ago. 1998.

Em suma, a gestão do conhecimento está imbricada nos processos de aprendizagem nas organizações e na conjugação destes três processos: aquisição e desenvolvimento de conhecimentos, disseminação de conhecimentos e construção de memórias. Ocorre assim um processo coletivo de elaboração das competências necessárias à organização (FLEURY; OLIVEIRA JUNIOR, 2002, p.144).

A economia solidária é parte importante no processo de transformação cultural, política e econômica, “à medida que educa os trabalhadores para uma nova sociedade que experimenta valores dialógicos e que prefigura o tipo de organização econômica que poderá superar o regime de compra e venda de trabalho” (GUERRA; CRUZ, 2009, p.95).

4.5 Repositório do conhecimento

A tecnologia da informação permite que o conhecimento de um grupo ou de um indivíduo seja utilizado, estruturado ou extraído por membros da organização, aumentando seu alcance e sua velocidade na transferência de conhecimento. O mais importante é que qualquer conhecimento que tenha sido produzido possa ser alterado ou lido por outras pessoas.

As tecnologias, tais como videoconferência e telefone, “não captam nem distribuem o conhecimento estruturado, mas são muito eficazes na viabilização da transferência do conhecimento tácito entre as pessoas” (DAVENPORT; PRUSAK, 1998, p.155). Existem também tecnologias que distribuem, armazenam e captam o conhecimento que está estruturado para que possa ser usado por outros indivíduos. “O objetivo dessas tecnologias é absorver o conhecimento que existe na mente das pessoas e em documentos impressos e torná-lo amplamente disponível para toda a organização”.

Segundo Davenport e Prusak (1998, p.156),

Uma vez que é o valor agregado pelas pessoas – contexto, experiência e interpretação – que transforma dados e informações em conhecimento, é a capacidade de captar e gerir esses incrementos humanos que torna as tecnologias da informação particularmente apropriadas para lidar com o conhecimento.

A Internet é um exemplo de repositório do conhecimento amplo destacada por Davenport e Prusak (1998). Cada vez mais a difusão da informação é favorecida pelas tecnologias de informação e comunicação, pois estas tecnologias reduzem o investimento que a geração do conhecimento requer.

Estas tecnologias da informação, por si só, não farão com que a pessoa possuidora do conhecimento o compartilhe, mas permitem sua distribuição e expansão, levando o conhecimento certo na hora certa, evitando retrabalho, pois, em última instância, é a pessoa quem cria o conhecimento. O conhecimento é ilimitado, diferentemente dos ativos imobilizados (equipamentos, propriedades, instalações), que são limitados. Por ser um bem intangível, o conhecimento aumenta e se expande ao ser utilizado.

Davenport e Prusak (1998, p.176), durante sua pesquisa, detectaram três tipos de repositório do conhecimento:

1. *Conhecimento externo* (exemplo: inteligência competitiva);
2. *Conhecimento interno estruturado* (exemplo: relatórios de pesquisa, materiais e métodos de marketing orientado para produtos);
3. *Conhecimento interno informal* (exemplo: banco de dados de discussão repletos de know-how, também chamado de lições aprendidas).

Quando o conhecimento é individualizado, este “não representa uma base sustentável, pois existe apenas nos indivíduos, que podem a qualquer momento deixar a organização”. Em vista do exposto, salienta-se a necessidade de integrar o conhecimento dos indivíduos para o coletivo da organização. Segundo estes autores, para que a aprendizagem se dê coletivamente e para que o conhecimento se torne coletivo, é necessário desenvolver ações coordenadas, “estabelecendo o fluxo aberto de conhecimentos e conversações e participações ativas na elaboração da lógica a ser seguida”, enfim, a organização deve proporcionar contextos apropriados para que ocorra a criação do conhecimento (FIALHO et al., 2006, p.106).

Portanto, a gestão efetiva do conhecimento colabora com a “criação, compartilhamento e disseminação de conhecimentos” e contribui “para a promoção do desenvolvimento sustentável” (FIALHO et al., 2006, p.02), sendo a gestão do conhecimento “uma ferramenta gerencial para administrar a informação, agregar-lhe valor e distribuí-la, para que possa se transformar em conhecimento” (FIALHO et al., 2006, p.85).

As “idéias e conhecimentos foram importantes mesmo no desenvolvimento da Revolução Industrial. Entretanto, a idéia mais importante foi o acúmulo de capital e, em consequência, a exclusão social” (FIALHO, et al., 2006, p.117).

De acordo com Fialho et al. (2006, p.125) “o conhecimento é dinâmico e é criado da interação social entre indivíduos e organizações”, e é também “específico de acordo com o contexto: sem contexto é informação, e não conhecimento”.

Quando um funcionário era trocado, na era industrial, o impacto sentido pela organização era menor, porque este trabalhador trabalhava “para a máquina”, bastava

substituí-lo por outro; mas, atualmente, ao sair de uma organização, o funcionário leva consigo seu conhecimento, seu cérebro, portanto, observa-se que na era do conhecimento “as partes mais valiosas das atividades que exercemos” são “essencialmente, humanas – sentir, julgar, criar, desenvolver relacionamentos” (FIALHO et al., 2006, p.121).

O registro do conhecimento explícito é realizado em um repositório do conhecimento. Esta ferramenta, o repositório, é alimentada pelo emissor através de informações que serão registradas e contextualizadas em um suporte tecnológico. O receptor faz uso do repositório em busca de informações que poderão se converter em conhecimento tácito ou explícito. O que não faltam nos dias atuais são informações, porém, faltam ferramentas capazes de levar a informação certa à pessoa certa, e também metodologias que possibilitem a troca de comunicação entre repositórios (FIALHO et al., 2006).

Neste capítulo o foco foi à importância da criação, compartilhamento e aplicação do conhecimento nas organizações. As quatro conversões do conhecimento propostas por Nonaka e Takeuchi (1997) foram discutidas e serão aplicadas no capítulo 6 nas atividades dos coordenadores executivos. Estas formas de conversão propiciam a criação e expansão do conhecimento, tanto em termos de qualidade quanto de quantidade, o que é necessário que aconteça entre a equipe técnica da incubadora.

CAPÍTULO 5 – APRESENTAÇÃO DO ESTUDO DE CASO

5.1 A Incubadora Regional de Cooperativas Populares – INCOOP

5.1.1 Histórico e criação

A organização da qual serão buscados elementos para responder as questões desta pesquisa, iniciou suas atividades em abril de 1999, por meio de um de um projeto de extensão da Pró-Reitoria de Extensão (ProEx) da Universidade Federal de São Carlos, apresentado pelos Núcleos de Extensão. Sua sede, desde então, localiza-se junto a estes núcleos. Essa iniciativa teve como inspiração a experiência pioneira da incubadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES, 2010).

Seu escopo é atuar junto à comunidade na incubação de empreendimentos coletivos autogestionários e outras iniciativas, na perspectiva de promover a ES, aliando produção de conhecimento, intervenção e formação de estudantes e de profissionais. Este grupo se preocupa com questões relacionadas à precarização do trabalho, à exclusão social e desigualdade sócio-econômica, e, para ele, somente com a consolidação e o desenvolvimento de um maior número de empreendimentos de economia solidária (EES) é que estes problemas serão solucionados (GALLO, 2003).

Pode-se apontar como ponto inicial do surgimento da incubadora a realização de uma pesquisa feita por docentes do Departamento de Ciências Sociais da UFSCar, que identificaram os bolsões de pobreza da cidade de São Carlos. Iniciou-se, a partir daí, uma parceria, por meio de um convite da liderança comunitária do bairro mais carente (delimitado pela pesquisa), para que os núcleos de Extensão, Município e Cidadania da UFSCar participassem de reuniões com a associação de moradores daquele bairro, e, então, os moradores se organizaram e criaram uma cooperativa, com o apoio da incubadora, que passou a ser a primeira experiência de incubação da Incubadora Regional de Cooperativas Populares.

A INCOOP iniciou seus trabalhos a partir do levantamento das necessidades pelas quais passavam, em conjunto com os moradores, apresentando “informações sobre possibilidades de organização para o trabalho no campo da economia solidária” (COSER; CORTEGOSO, 2008, p.227).

Mawakdiye (2012) relata que o bairro no qual a INCOOP iniciou suas atividades “é até hoje estigmatizado pela população são-carlense como um foco de criminalidade”, e diferencia São Carlos “da maioria das cidades brasileiras” pelo seu caráter científico ao desenvolver programas sociais por meio “de convênios com as universidades”. Ele também cita, como um dos principais projetos entre prefeitura e a universidade, a “parceria com a UFSCar para a elaboração de um ‘mapa da pobreza’, o qual detectou as reais demandas do município em habitação, infraestrutura, educação, saúde e terceira idade”. Nota-se a importância desta pesquisa para a cidade, que nos dias de hoje ainda é comentada, e que contribuiu para o início das atividades da incubadora.

5.1.2 Objetivos e estratégia

A incubadora é caracterizada como um espaço interdisciplinar que integra ensino, pesquisa e extensão, contando com a participação de docentes, técnico-administrativos, alunos de graduação e pós-graduação de diversas áreas do conhecimento e campos de atuação profissional, conforme ilustra Figura 06 sobre a estratégia de atuação geral da incubadora.

Figura 6: Estratégia de atuação da INCOOP



Fonte: INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES.

A INCOOP teve início como um projeto de extensão²² da UFSCar, exercendo suas atividades no fomento ao cooperativismo e demais empreendimentos autogestionários, capacitando técnica, política e administrativamente as pessoas envolvidas nos EES, e visando promover as relações saudáveis com o meio ambiente por meio da busca da construção da cidadania dos atores envolvidos nos empreendimentos, a participação dos trabalhadores e a autogestão. Ela compõe a rede de ITCPs ao lado de outras incubadoras na construção coletiva de formas de viabilizar a ES em âmbito nacional, baseada na intercooperação.

A INCOOP considera, como sendo seus principais objetivos:

- Incentivar a constituição de EES e sua integração em rede;
- Produzir, disseminar e transferir conhecimento sobre cooperativismo, autogestão e ES;
- Capacitar formadores para atuar na incubação de empreendimentos solidários e

²² A partir de 2011 a INCOOP foi institucionalizada passando a ser um núcleo multidisciplinar. Detalhes desta institucionalização estão descritas mais adiante neste trabalho (item 5.1.9).

- Promover educação, inclusão social e o desenvolvimento humano de populações historicamente excluídas por meio da transferência do conhecimento produzido na universidade, da produção do conhecimento voltado para esse público alvo e da atuação direta no que se refere à formação integral necessária para garantir a autogestão de empreendimentos econômicos coletivos e solidários por essas populações.

Como condição para alcançá-los, a equipe da incubadora desenvolve ou já desenvolveu a incubação de empreendimentos em diferentes atividades econômicas: limpeza de edificações, confecções, panificação, lavanderia, componentes de madeira para habitação, horticultura com transição agroecológica, produção de alimentos orgânicos, triagem, comercialização e beneficiamento de resíduos sólidos.

5.1.3 Atividades e estrutura

Esta incubadora trabalha com uma gama diversificada de iniciativas de economia solidária, desenvolvendo atividades que incluem diferentes atores como gestores públicos, agentes de fomento, trabalhadores de áreas rurais e urbanas, que possuem baixa renda, “catadores de resíduos, egressos de programas de assistência social e de cursos de qualificação”, entre outros (CORTEGOSO et al., 2008, p.120).

Ao trabalhar com o ensino, a pesquisa e a extensão de forma integrada conforme foi ilustrado na Figura 6 tornam-se necessárias algumas funções que estão previstas na estrutura da INCOOP, considerando a possibilidade de tipos de participantes já identificados (INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES):

- Coordenador Geral da incubadora - participam docentes e profissionais de nível superior;
- Coordenador Executivo de projetos - participam docentes, alunos de pós-graduação e profissionais de nível superior;
- Coordenador Executivo INCOOP - participam docentes, alunos de pós-graduação e profissionais de nível superior;
- Supervisor de estágio de alunos de graduação ou pós-graduação, nas áreas de formação - participam docentes das áreas de formação profissional do aluno (do quadro funcional ou credenciados);

- Supervisor de estágio de alunos de graduação ou pós-graduação que cursam a Atividade Curricular Integrada de Ensino Pesquisa e Extensão (ACIEPE) - participam docentes ou profissionais de nível superior;
- Orientador de pesquisas de alunos de graduação ou pós-graduação, por exigência acadêmica - participam docentes vinculados à universidade da forma exigida pela instituição para tal situação;
- Orientador de pesquisas de alunos de graduação ou pós-graduação - participam docentes, alunos de mestrado ou doutorado;
- Assessor - participam docentes, profissionais, alunos de graduação e pós-graduação;
- Consultor (colaborador) - participam docentes, profissionais, alunos de graduação e pós-graduação;
- Auxiliar de processo de incubação (aprendiz ou encarregado) - participam alunos de graduação e pós-graduação da UFSCar ou de outras instituições universitárias;
- Estagiário - participam alunos de graduação e pós-graduação da UFSCar e de outras universidades;
- Pesquisador - participam alunos de graduação e pós-graduação da UFSCar e de outras universidades;
- Colaborador - participam pessoas sem vínculo com a instituição, com interesse em colaborar com a INCOOP no fomento a economia solidária;
- Estagiário externo - participam membros de instituições não universitárias.

São caracterizados como membros da INCOOP pessoas que

- a) tenham participado, em alguma das funções previstas, por pelo menos um semestre, ou
- b) por indicação de equipe de projeto, aprovada pelo Conselho, ou
- c) por indicação do Conselho em função de proposta de trabalho já aprovada pelo Conselho.

A INCOOP tem como instâncias de decisão: reuniões gerais, reuniões do projeto de Desenvolvimento Territorial, reuniões de equipe e reuniões de comissões. A descrição das instâncias da INCOOP, bem como sua natureza, estão ilustradas no Quadro 6.

Quadro 6: Descrição das instâncias da INCOOP, natureza e forma de tomada de decisão

Instância/órgão	Natureza	Observações
Assembléia	Normativa	Forma de tomada de decisão: consenso (ou, na sua impossibilidade, por representação); participação, com voz, aberta a todos.
Conselho	Apoio administrativo	<i>Segmentos representados:</i> equipes que realizam atividades-fim; instâncias administrativas. <i>Forma de tomada de decisões:</i> consenso (ou, na sua impossibilidade, por representação); participação, com voz, aberta a todos.
Coordenação Incoop	Executiva	Pode ser uma só pessoa ou uma coordenação colegiada.
Coordenação Executiva Incoop	Executiva	A natureza da participação de indivíduos com esta função em processos decisórios poderá depender do tipo de vínculo com a INCOOP (contratado para a função x membro).
Grupos de estudo	Operacional (atividades-fim)	Forma de decisão definida pelo próprio grupo; forma sugerida: consenso.
Comissões especiais	Operacional (atividades preparatórias)	Forma de decisão definida pelo próprio grupo; forma sugerida: consenso.
Projetos	Operacional (atividades-fim)	Forma de decisão definida pelo próprio grupo; forma sugerida: consenso.

Fonte: INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES, 2002.
Formatação elaborada pela autora.

O processo de tomada de decisão preferencial, em todas as instâncias, será o consenso; não havendo condições para que isto ocorra (em função de exiguidade de tempo para alcançá-lo, polarização de alternativas etc.), ocorrerá votação, por voto de igual valor para cada um daqueles que participam do processo de decisão nas respectivas instâncias (INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES).

Em relação à operacionalização do trabalho, a INCOOP se organiza em equipes técnicas, sendo que nos projetos submetidos aos órgãos de fomento estas equipes estão expressas como metas. Para cada meta, está prevista uma equipe núcleo composta de pelo menos um docente, um coordenador executivo e um bolsista. As metas previstas nestes projetos são os objetivos expressos em termos quantitativos e mensuráveis, como ilustrado no Quadro 9 (ítem 5.1.7).

A INCOOP se configura como uma organização autogestionária, que consiste na autonomia de seus membros ao decidir sobre quais procedimentos devem ser tomados sobre o trabalho produzido.

Também são desenvolvidos, por participantes da INCOOP, pesquisas e estudos sistemáticos sobre aspectos do processo de incubação, cadeias produtivas, cooperativismo e

ES. A incubadora desenvolveu um método de incubação que será apresentado no item 5.1.8. A equipe também participa ou presta assessoria no âmbito da ES para outros agentes sociais, tais como o Centro de Formação em Economia Solidária (CFES), ao Conselho Gestor do Centro de Formação em Economia Solidária em âmbito nacional, ao Comitê Nacional do Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES), os fóruns: Municipal, Estadual e Brasileiro, dentre outros.

Seus componentes, particularmente os docentes, participam na formação e capacitação para a ES no ensino de graduação e pós-graduação, mediante orientações de monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado, estágios curriculares, bem como a oferta da disciplina “Cooperativas Populares e Economia Solidária: Produção de Conhecimento, Intervenção Profissional e Formação de Profissionais”, no formato ACIEPE, oferecida semestralmente para alunos de quaisquer cursos da UFSCar e a pessoas externas à universidade, e também a disciplina “Economia Solidária, Ciência e Tecnologia” para o curso de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da UFSCar (ZANIN, 2011). A Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE) é desenvolvida pela universidade tendo como responsável a Pró-Reitoria de Extensão (ProEx) da UFSCar.

A Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE) é uma experiência educativa, cultural e científica que, articulando o Ensino, a Pesquisa e a Extensão e envolvendo professores, técnicos e alunos da UFSCar, procura viabilizar e estimular o seu relacionamento com diferentes segmentos da sociedade (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 2011, p.01).

No Apêndice E é apresentada uma síntese sobre os objetivos e as atividades propiciadas pelas ACIEPEs oferecidas pela UFSCar.

A UFSCar, ofereceu no 2º semestre de 2011, 29 (vinte e nove) ACIEPEs, sendo que a ACIEPE intitulada: **Cooperativas Populares e Economia Solidária: produção de conhecimento, intervenção profissional e formação de profissionais**, é oferecida semestralmente pela INCOOP desde 2003, a todos alunos da UFSCar, acolhendo também outros tipos de participantes tais como: alunos de pós-graduação, servidores da UFSCar, alunos de cursos de graduação de outras universidades, gestores públicos, membros de organizações ou movimentos civis, ou simplesmente pessoas interessadas no campo da Economia Solidária (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 2011).

O oferecimento da ACIEPE está de encontro com a estratégia geral da INCOOP, apresentada anteriormente na Figura 6 (p.92).

A ACIEPE oferecida pela INCOOP cria “oportunidades para capacitação conceitual e teórica sobre economia solidária, com destaque para o desafio da autogestão”, e proporciona aos alunos a oportunidade de “participação em atividades diversas de intervenção e de produção de conhecimento sobre este tema, como parte de equipes multiprofissionais, articulando, ensino, pesquisa e extensão” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 2011, p.13).

Esta disciplina é minuciosamente planejada por membros da INCOOP responsáveis pela equipe de formação da incubadora. Este planejamento acontece em reuniões que são organizadas para esta finalidade. Em seu planejamento estão previstos 14 encontros sistemáticos. Os alunos participantes realizam diversas atividades teóricas e práticas que incluem: oficinas, reuniões, atividades junto a grupos incubados, participam de eventos de economia solidária etc. Dado o cuidado dos membros da incubadora com planejamento para o oferecimento da ACIEPE, optou-se neste trabalho em pormenorizar este planejamento no Apêndice F.

5.1.4. INCOOP e a produção do conhecimento

As relações de trabalho dos EES diferem do trabalho capitalista, e, para sobreviver, assim como no capitalismo, necessitam produzir novos conhecimentos, sendo esta uma luta constante.

Como já mencionado anteriormente, a ES é uma forma de organização econômica e de prática social relativamente recente. No contexto universitário em que a INCOOP está inserida e sua aproximação com populações excluídas, em busca de conhecer suas necessidades e seus saberes, é que transforma o conhecimento produzido na universidade em comportamentos humanos (CORTEGOSO et al., 2008).

A definição escolhida para o desenvolvimento deste trabalho de mestrado é a da gestão do conhecimento como o conjunto de funções e qualificações que a organização deva oferecer para que o conhecimento seja utilizado, distribuído e apreendido, gerindo e melhorando as atividades relacionadas ao conhecimento (DAVENPORT; PRUSAK, 1998). Significa administrar o conhecimento para que se obtenha um melhor resultado, e isto não significa que uma só pessoa irá gerenciá-lo, pois a gestão do conhecimento deve fazer parte do trabalho de todos os membros que necessitam criar, pesquisar, usar e compartilhar o conhecimento, portanto, é de responsabilidade de todos.

A forma autogestionária da incubadora propicia uma democratização do conhecimento, que tem valor essencial na perspectiva da ES. Diferentemente do que ocorre na

economia capitalista, onde o conhecimento é restrito a poucas pessoas, na economia solidária o conhecimento é compartilhado e seu acesso deve ser irrestrito, ficando disponível para todos os interessados.

Os membros da incubadora é quem devem tomar a decisão de qual conhecimento será gerido e como fazer para motivar seus membros em utilizar e compartilhar este conhecimento. Estes membros aprendem uns com os outros ao exercerem as diferentes atividades das quais participam, que são: elaborar projetos e relatórios, acompanhar estes projetos, participar de reuniões, moderar e relatar estas reuniões, assessorar iniciativas de economia solidária, entre outras atividades; e também aprendem com fontes externas, participando de fóruns, apresentando trabalhos, relacionando-se com os empreendimentos etc.

A INCOOP articula momentos para unificar os esforços dos membros em relação ao conhecimento, com a finalidade de socializá-lo, a partir de cursos, oficinas, grupos de estudos, seminários, reuniões; estas ocasiões são preciosas para a criação ou aquisição de conhecimento, propícias para a geração do conhecimento uma vez que cada pessoa acrescenta algo.

Sendo assim, é por meio das incubadoras universitárias que o saber acadêmico complementa o saber dos trabalhadores valorizando o saber popular e as especificidades de cada grupo, e, assim disponibiliza “conhecimentos técnico-científicos para os trabalhadores das iniciativas” ao aproximar “o ensino e a pesquisa acadêmicos das necessidades dos setores mais empobrecidos da sociedade” (GUERRA; CRUZ, 2009, p.99).

Portanto, diferentes tipos de conhecimentos como àqueles relacionados à gestão, às atividades laborais, ao marketing etc., são importantes para tornar o empreendimento economicamente viável, trazendo a economia solidária como uma alternativa econômica dos setores ditos “populares”.

Para que ocorra a apreensão da totalidade e do papel de cada membro da incubadora na transferência do conhecimento, é necessário haver transparência de dados e informações na INCOOP, com base em “ferramentas de gestão que facilitem e agilizem os processos e o entendimento do todo” (MAIA, 2003, p.06). Ferramentas estas imprescindíveis “para o seu desenvolvimento e para a disseminação do conhecimento acumulado”, de tal modo que seus membros possam acessar e rever esta produção a qualquer momento, colaborando na organização e promovendo a aprendizagem (MAIA, 2003, p.07). Ressalta-se também que transparência e acessibilidade são aspectos da ES.

É importante que os membros que fazem parte do quadro da incubadora colaborem na transferência do conhecimento aos recém-chegados, e, em relação aos que deixam a equipe,

os cuidados com uma adequada GC são garantia de que deixarão seus conhecimentos devidamente registrados no repositório da incubadora.

5.1.5 Exemplo de criação coletiva de conhecimento

Um exemplo de criação coletiva do conhecimento é o quadro comparativo sobre o tema economia solidária e economia capitalista que está sendo construído coletivamente com os alunos que cursam a ACIEPE e com a equipe da INCOOP, desde o início de sua oferta. O quadro faz comparações entre formas de economia capitalista e economia solidária, com o objetivo de demonstrar a ES como uma alternativa à prática econômica vigente. O Quadro 7 ilustra os primeiros aspectos (18) que foram identificados para realizar esta comparação.

QUADRO 7: Aspectos iniciais (2004) comparativos para empreendimentos em economia solidária e em economia capitalista

ASPECTO	ECONOMIA SOLIDÁRIA	ECONOMIA CAPITALISTA
Prática cultural predominante	cooperação	competição
Critério para distribuição de ganhos	proporcional ao volume de trabalho	proporcional ao capital
Padrão de distribuição de renda pelos participantes	igualitário, equilibrado	desigual, concentrado em parte dos participantes do processo de trabalho
Quem se apropria dos resultados do trabalho (renda e sobras)	trabalhadores	dono do capital
Forma de organização	coletiva, associativa	individualista
Metas, resultados pretendidos	bem estar das pessoas	acúmulo de capital
Relação entre empreendimentos	intercooperação, estabelecimento de redes	competição
Posse ou controle dos meios de produção	trabalhadores	dono do capital ou seus representantes
Perfil da distribuição de renda	maior igualdade possível entre diferentes funções	alto grau de diferenciação de remuneração
Organização para o trabalho	funções rodiziadas, integradas	funções fragmentadas, hierarquizadas
Natureza da forma de gestão	Autogestão	co-gestão
Condições para acesso ao empreendimento	livre acesso de indivíduos (segundo normas do empreendimento, não discriminatórias); necessidades do indivíduo e do empreendimento; adesão voluntária e esclarecida	acesso facultado pelo dono, segundo seus interesses; competência individual
Natureza da capacitação	abrangente e destinada a todos os membros	restrita à função e individual
Processo decisório	igualitário para todos os participantes do empreendimento	proporcional ao capital
Resultados sociais	inclusão do maior número possível de pessoas	exclusão estrutural de pessoas em relação a renda e condições dela decorrentes
Relação com o <i>status quo</i>	proposta alternativa, força de mudança social	força de manutenção da situação social existente
Valores sobre atividades do/no empreendimento	todas as atividades com valor equivalente	distinção entre trabalho intelectual e manual, com supremacia do intelectual
Modo de lidar com informação	acesso a todos, transparência	acesso restrito e seletivo a informações para os trabalhadores

Fonte: INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES, 2004.

Após 08 anos, a construção deste quadro foi aprimorada, como pode ser observado no Quadro 8. Observa-se que além de uma maior descrição de aspectos comparativos (22), também foi acrescido um item sobre desafios da ES.

QUADRO 8: Aspectos atuais (2011) utilizados para comparação entre economia capitalista e economia solidária e desafios da ES

ASPECTO	ECONOMIA CAPITALISTA	ECONOMIA SOLIDÁRIA	DESAFIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA
Prática cultural predominante	Competição	Cooperação	Mudança cultural
Relação com a ordem estabelecida (status quo)	Força de manutenção da estrutura social existente. A relação não é conflituosa, uma vez que a proposta é condizente com a ordem estabelecida	Força de mudança social, proposta alternativa, luta para a implantação de uma outra economia	Exige maior esforço e empenho de todos, pelo fato de existir uma série de empecilhos e obstáculos neste sistema para realizar mudanças
Metas e resultados sociais pretendidos	Aumento do lucro, levando ao acúmulo de capital de somente algumas pessoas, eficiência econômica. As metas e resultados diferem para os trabalhadores.	Bem-estar e inclusão do maior número possível de pessoas e de grupos, conservação da natureza, desenvolvimento humano	Os resultados e metas, por serem mais complexos, não ocorrem em curto prazo, mas exigem um tempo maior para sua concretização
Forma de organização	Individualista e cooperativista	Coletivista e associativista	Criar mecanismos que incentivem a participação dos trabalhadores
Processos de decisão	Decisões são tomadas de maneira centralizada, de cima para baixo, privilegiando as pessoas que ocupam os cargos de direção. As decisões são tomadas de maneira rápida e mais simples, uma vez que o número de envolvidos neste processo é reduzido	Decisões são tomadas de forma coletiva, envolvendo todos os participantes – ou pelo menos a grande maioria - do empreendimento	O processo de tomada de decisão demanda um maior tempo de investimento, exige discussão entre todos, – ou pelo menos a grande maioria - podendo, portanto, demorar mais e gerar conflitos de ideias
Propriedade e controle dos meios de produção	Dono do capital ou seus representantes, posse individualizada e elitizada	Os trabalhadores são os próprios donos e gestores dos meios de produção	Desenvolver nos trabalhadores a mentalidade de que eles são os responsáveis, coletivamente, pelo uso e preservação dos meios de produção

Continuação...

ASPECTO	ECONOMIA CAPITALISTA	ECONOMIA SOLIDÁRIA	DESAFIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA
Forma de gestão	Heterogestão. Ocorre uma administração bastante restrita do empreendimento, constituindo uma heterogestão, que exclui os empregados dos processos de decisão. A administração, por ser hierarquizada, não demanda dos trabalhadores responsabilidade pelo âmbito da gerência do empreendimento	Autogestão. Os trabalhadores administram de maneira coletiva o empreendimento de que fazem parte, autogestionável	É mais trabalhoso construir um processo de autogestão, no qual os trabalhadores se conscientizem da importância e necessidade da participação de todos – ou ao menos da grande maioria. Outro desafio um combate à centralização do poder por parte da diretoria do empreendimento
Condições/critérios para entrada no empreendimento	O acesso ao empreendimento ocorre segundo os interesses do dono do capital, levando em conta aspectos como: a competência individual da pessoa, necessidades do mercado, especificidades da empresa e salário a ser pago.	Ocorre um livre acesso dos indivíduos, conforme os interesses coletivos do grupo instituído, permitindo uma adesão voluntária e esclarecida das pessoas	Permitir que os novos associados e os eventuais interessados tenham um acesso completo às informações básicas que dizem respeito ao funcionamento do empreendimento e aos princípios da EcoSol
Modo de lidar com a informação	Os trabalhadores têm um acesso restrito e seletivo às informações, que circulam de maneira privilegiada entre os donos do empreendimento	As informações são compartilhadas coletivamente pelas pessoas, de maneira transparente	É preciso criar recursos que permitam e façam com que a informação circule e chegue a tod@s os membros do empreendimento
Denominação do pagamento e do excedente	Salário e lucro	Retirada e sobras	Criar mecanismos que garantam transparência na forma de lidar com os recursos
Critério para distribuição dos ganhos	A distribuição dos ganhos ocorre de forma proporcional ao cargo que se ocupa numa empresa	A distribuição dos ganhos ocorre de forma proporcional ao volume de trabalho e responsabilidade de cada participante do empreendimento	Garantir que os critérios estabelecidos para distribuição dos ganhos sejam amplamente aceitos e seguidos pelos participantes do empreendimento

Continuação...

ASPECTO	ECONOMIA CAPITALISTA	ECONOMIA SOLIDÁRIA	DESAFIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA
Padrão de distribuição dos ganhos entre os participantes	A distribuição dos ganhos ocorre de maneira elitista, concentrada em parte dos participantes do processo de trabalho	A distribuição dos ganhos ocorre de forma igualitária e equilibrada entre todos os membros do empreendimento	Garantir que os padrões de distribuição estabelecidos sejam amplamente aceitos pelos participantes do empreendimento
Quem se apropria dos resultados do trabalho (o excedente)	O dono do capital e os acionistas apropriam-se muito e de maneira privilegiada dos resultados do trabalho	Os trabalhadores apropriam-se coletivamente dos resultados do trabalho	Tornar os cooperados cada vez mais conscientes de que eles próprios apropriam-se dos resultados do trabalho
Consequências do modo de trabalho	Fortalecimento do individualismo e da competição entre as pessoas, presença de salários díspares, contribuindo para a formação de uma estrutura verticalizada	Estabelecimento da coletividade e da cooperação entre os indivíduos, formação de uma estrutura igualitária, com a consequente democratização das ideias e decisões	Desenvolver nos cooperados um senso de coletividade e solidariedade, que se opõe à cultura dominante do individualismo e da subordinação
Perfil da distribuição de renda	Alto grau de diferenciação da remuneração, de acordo com a função que se ocupa	Maior igualdade possível de remuneração entre as diferentes funções	Garantir que o princípio da igualdade seja sempre um parâmetro presente no empreendimento
Valores das atividades do empreendimento	Ocorre uma distinção entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, com grande superioridade atribuída ao primeiro	Busca de equivalência entre todas as atividades	Disseminar entre os cooperados a ideia de que todas as atividades têm um valor equivalente

Continuação...

ASPECTO	ECONOMIA CAPITALISTA	ECONOMIA SOLIDÁRIA	DESAFIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA
Organização do trabalho	A organização do trabalho se dá de maneira fragmentada e separada, com funções especializadas e fixas	A organização do trabalho se dá de maneira integrada, evitando um estanque de funções (ex: por meio de rodízio)	É preciso criar mecanismos pelos quais os trabalhadores consigam exercer mais de uma função, evitando assim a hiper especialização Isto é tanto relevante no sentido de que todos podem experimentar e conhecer as dificuldades e os benefícios de cada atividade, quanto difícil, já que exige que os trabalhadores se disponham a realizar atividades de que normalmente não gostam e enfrentar processos de aprendizagem de forma permanente
Finalidade da capacitação	Capacitação predominantemente voltada para a melhoria da atuação do trabalhador, de acordo com a função que ocupa, pautada no interesse da empresa. Outras capacitações para melhorar a produtividade, por meio do aumento da satisfação do trabalhador	Capacitação abrangente, destinada ao desenvolvimento de todos os membros do empreendimento	Implica em valorizar o aprender e dispor-se a enfrentar as dificuldades de uma jornada duplicada, com condições desfavoráveis para dedicar-se ao estudo
Relação entre trabalhadores/ras	Competitiva e com colaborações pontuais, que favorecem interesses dos proprietários e gerentes	Cooperativa e solidária	Disseminar a ideia de relações cooperativas e solidárias, quando se trata de relacionamento com companheiros de trabalho
Relações de trabalho	Relações de exploração, dependência e subordinação	Relações de solidariedade e de direitos e deveres compartilhados	Disseminar entre os cooperados a ideia de que os direitos e deveres relativos ao empreendimento são compartilhados por todos

Continuação...

ASPECTO	ECONOMIA CAPITALISTA	ECONOMIA SOLIDÁRIA	DESAFIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA
Relação entre os empreendimentos	Relação predominante de competição entre as empresas, com existência de colaborações pontuais que favorecem interesses dos capitalistas, aumento do lucro e enfraquecimento de concorrentes (Ex: fusão, cartéis, domínio da cadeia de produção)	Relação de intercooperação, com estabelecimento de redes e parcerias	A relação entre os empreendimentos deve ser de parceria e de cooperação, opondo-se à lógica predominante de competição
Entrada no mercado	Entrada focada em preços estratégicos, irrealistas e competitivos, com o uso do <i>marketing</i> para aumentar e manter o lucro. Entrada “natural”, sem muitos conflitos, uma vez que as estratégias utilizadas estão de acordo com o funcionamento do mercado	Entrada a partir da oferta de serviços e produtos de qualidade, com transparência e preço justo, respeitando outros grupos e empreendimentos e promovendo um consumo consciente	A entrada no mercado é dificultada e demanda trabalho e persistência, uma vez que subverte a lógica estabelecida institucionalmente.

Fonte: Adaptado: INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES, 2011.

Este quadro é um instrumento que se utiliza não somente na ACIEPE, mas também é empregado pelos membros da INCOOP em oficinas, apresentações, assessorias em grupos, entre outros eventos de capacitação e divulgação da ES e da INCOOP. Ele é utilizado como ponto de partida para o desenvolvimento das atividades da incubadora que prescindem o compartilhamento do conhecimento.

Nesse sentido, tanto Davenport e Prusak (1998) como Fialho et al. (2006) e Nonaka e Takeuchi (1997), referem-se ao compartilhamento do conhecimento, as incubadoras universitárias trabalham bastante esta questão em muitos aspectos, nestas incubadoras o conhecimento é compartilhado cotidianamente, e a partir de uma adequada conversão do conhecimento é que este será socializado levando ao seu compartilhamento, o que se observa ser importante para este tipo de organização.

5.1.6 Financiamento

Os projetos de incubação e de pesquisa desenvolvidos no âmbito da incubadora são viabilizados, principalmente, por financiamentos obtidos de vários órgãos de fomento, como CNPq, FINEP, FAPESP, PRONINC, PROEXT, Fundação Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Banco Real-Universidade Solidária, além de parcerias com iniciativa privada e governos municipais. Durante os anos de 2007 a 2010, a INCOOP captou o total de R\$ 1.948.448,65 em função da aprovação de treze projetos, alguns deles com atividades previstas até o segundo semestre de 2011 (ZANIN, 2011). Com estes recursos, é contratada, em situação temporária, uma equipe de dezoito coordenadores executivos de projetos de incubação e de organização institucional. Esta equipe é formada por profissionais autônomos diversos como: psicólogos, arquitetos, cientistas sociais, engenheiros civis, economistas, biólogos, químicos, engenheiros de produção, sociólogos etc. (ZANIN, 2011).

A INCOOP já contribuiu na formação de 16 empreendimentos solidários, possibilitando a criação de trabalho e renda para aproximadamente 500 pessoas em áreas como: alimentação, lavanderia, costura, limpeza, zeladoria, reciclagem, produção de mudas, marcenaria, produção agro-pecuária e artesanato. Acompanhou, até o ano de 2007, cinco cooperativas ou grupos em São Carlos, um grupo de assentamento em Araras e outro grupo de assentamento rural e marcenaria em Itapeva (ZANIN, 2007).

5.1.7 Atuação recente

A partir de 2008, a INCOOP tem focado sua atuação em dois territórios com a perspectiva de desenvolvimento local e na criação de uma maior sustentabilidade, aliando bem estar social e ambiental, sendo um em área urbana, localizado no Jardim Gongaza e Jardim Monte Carlo, ambos no município de São Carlos, e outro na área rural, no assentamento de Itapeva. Nos últimos anos, a INCOOP tem incubado 08 (oito) iniciativas de empreendimentos solidários em São Carlos e o assentamento rural e marcenaria de Itapeva, com um panorama de ampliação deste número (ZANIN, 2011).

A INCOOP apoia a criação de incubadoras universitárias e desenvolve muitos projetos relacionados ao desenvolvimento da economia solidária, como é o caso do “projeto ConsumoSol - Articulação Ética e Solidária para um Consumo Responsável”. O principal objetivo deste projeto é “propiciar apoio aos empreendimentos de economia solidária” a partir de “reflexões e questionamentos sobre como consumir de forma ética, consciente e responsável”. Isso ocorre “por meio de capacitação e orientação de consumidores sobre

práticas alternativas de consumo que consideram e se preocupam com as questões ambientais e sociais” (CONSUMOSOL).

Os projetos submetidos aos órgãos de fomento estão divididos em dezesseis metas distintas, conforme ilustrado no Quadro 9. Essas metas são objetivos expressos em termos quantitativos e mensuráveis, sendo que cada meta conta com uma equipe composta por membros da incubadora, seus parceiros²³ e possíveis apoiadores, de diferentes áreas do saber. E é por meio de reuniões entre membros e parceiros destas metas que as decisões são tomadas, sempre buscando por resoluções de forma democrática e participativa.

QUADRO 9: Metas da INCOOP descritas no Projeto FAPESP Processo n° 2007/55393-6

METAS DA INCOOP
Meta 1 Análise da viabilidade de constituição e articulação de empreendimentos econômicos solidários na cadeia da limpeza.
Meta 2 Análise da viabilidade de implantação de empreendimentos econômicos solidários para diferentes tipos de serviços (cuidados de pessoas, logística de distribuição de produtos e documentos, etc.).
Meta 3 Análise da viabilidade de articulação de empreendimentos econômicos solidários na cadeia de alimentos.
Meta 4 Consolidação da cooletiva na perspectiva de atuação conjunta com outras cooperativas de reciclagem/catadores de São Carlos no avanço da cadeia produtiva da reciclagem.
Meta 5 Análise da viabilidade de implantação de empreendimentos econômicos solidários em atividades econômicas diversas (confeções, viveiro de mudas, pequenos objetos de madeira, painéis de madeira para sistema de cobertura residencial) como parte da estratégia para formação de uma rede de economia solidária no território de referência e para a melhoria de infra-estruturas urbanas.
Meta 6 Análise da viabilidade de implantação de diferentes iniciativas de finanças solidárias: feiras de trocas solidárias, banco de serviços solidário, banco comunitário e organização de compras coletivas.
Meta 7 Análise da viabilidade de implantação e articulação de empreendimentos econômicos solidários na cadeia produtiva da cultura.
Meta 8 Inserção social de usuários da saúde mental por meio do trabalho em empreendimentos econômicos solidários.
Meta 9 Formação contínua e integral junto a todos os participantes do projeto pertencentes à comunidade local, ampliando e consolidando as práticas de economia solidária para o desenvolvimento do território.
Meta 10 Aplicação de programas de educação matemática para os sócios dos EES a partir do levantamento das necessidades e repertório dos mesmos.

²³ Neste trabalho, o termo “parceiros” se refere aos membros dos empreendimentos econômicos solidários incubados pela INCOOP; das entidades religiosas; das entidades de nível superior; das ONGs; dos gestores públicos e o do Banco do Brasil.

Continuação...

METAS DA INCOOP
Meta 11
Ações educativas em saúde relacionadas ao trabalho e a qualidade de vida a partir do levantamento das necessidades e do repertório da população local.
Meta 12
Ações de interferência educativa a partir do levantamento das necessidades e do repertório da população local
Meta 13
Intervenções educacionais para discussão da questão de gênero a partir do levantamento das necessidades e do repertório da população
Meta 14
Realização de vivências em atividades diversificadas de lazer a partir do levantamento das necessidades e do repertório da população.
Meta 15
Produção de livro, artigos científicos, monografias e dissertações referentes às relações entre economia solidária, desenvolvimento territorial e políticas públicas, tendo prioritariamente como objeto empírico os bairros Jardim Gonzaga, Jardim Monte Carlo e entorno.
Meta 16
Produção de meios para divulgação dos resultados do projeto e organização de eventos de avaliação e divulgação das condições favorecedoras e dos limites para aumentar as possibilidades de transferência para outros grupos e territórios tendo em vista a interação entre os beneficiários dos territórios abrangidos pelo projeto.

Fonte: ZANIN, 2007.

Formatação elaborada pela autora.

As intervenções realizadas pela incubadora dão subsídio para que vários trabalhos de conclusão de cursos, dissertações e teses sejam desenvolvidos, assim como muitos artigos apresentados em congressos nacionais e internacionais e em revistas relacionadas à temática “economia solidária”, o que demonstra a preocupação do desenvolvimento científico em relação à atividade de incubação.

Juntamente com os atores das iniciativas econômicas solidária a INCOOP busca, por meio de cursos, palestras, seminários e oficinas, despertar o interesse, a motivação e o comprometimento destes atores para que ocorra a valorização das relações de troca entre os membros das iniciativas, bem como aspectos relacionados com a questão moral, ética, equidade, cidadania, responsabilidade social e ambiental, por meios democráticos, participativos e a autônomos (CRUZIO, 2006).

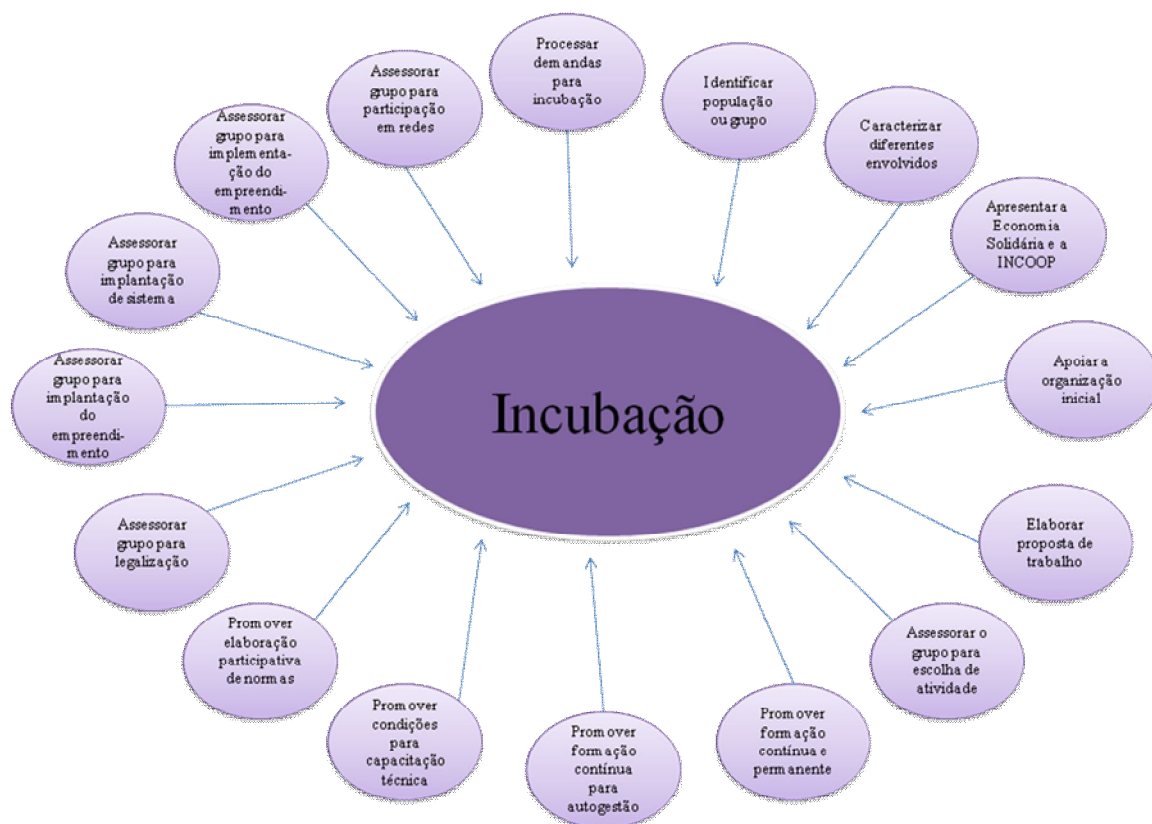
5.1.8 Seu método de incubação

A incubação consiste em acompanhamento sistemático e rotineiro de grupos que estejam se organizando para se constituir ou então se consolidar como um empreendimento coletivo e autogestionário, em qualquer cadeia produtiva. Trata-se de um processo participativo de troca e construção de saberes aplicados à produção econômica e à vida dos agentes envolvidos, que se desenvolve por meio da geração de trabalho e renda

simultaneamente ao processo educativo dos sujeitos históricos, valorizados como seres capazes de transformar a realidade social. A incubação relaciona-se à práxis da pesquisa, ensino e extensão, entendidas como instâncias interdependentes e indissociáveis, como já apresentado no item sobre objetivos e estratégia da INCOOP (INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES).

O método de incubação da INCOOP inclui ações diversas, como pode ser observado na Figura 7:

FIGURA 7: Método de incubação da INCOOP



Fonte: INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES.
Formatação elaborada pela autora.

Nestas ações,

a principal estratégia da INCOOP para enfrentar os desafios que se apresentam para a consolidação dos princípios autogestionários e da Economia Solidária, objetivo primeiro dos processos de incubação, é a pesquisa-ação participativa que promove a produção de conhecimento simultaneamente à intervenção, na medida em que se

trabalha de maneira participativa com o grupo a elucidação de problemas e o levantamento de dificuldades e oportunidades, em busca da emancipação socioeconômica, política e ambiental dos sujeitos (INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES).

A estratégia principal do método de incubação praticado pela INCOOP é a do treinamento em serviço, o que propicia o “aprender fazendo” (INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES).

A INCOOP busca continuamente rever suas práticas por meio do intercâmbio e das trocas de experiências com outras incubadoras ao participar dos encontros e congressos da rede de ITCPs, bem como com os projetos que ora estão sendo relacionados com diversas ITCPs do Estado de São Paulo (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Universidade de São Paulo - USP, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Fundação Getúlio Vargas - FGV).

5.1.9 A institucionalização da INCOOP

A INCOOP submeteu, para a apreciação dos órgãos superiores da UFSCar, a criação de um núcleo multidisciplinar, com o intuito de se transformar numa unidade acadêmica, prevendo a contratação efetiva de servidores, tanto técnico-administrativos como docentes, e o oferecimento de um curso de graduação em economia solidária; sendo esta a primeira iniciativa da INCOOP para sua institucionalização, de modo a se tornar uma unidade multidisciplinar permanente.

A incubadora justifica esta demanda em seu Termo de Referência, pelos seguintes motivos (INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES, 2010):

- pela sua experiência acumulada em relação à economia solidária na UFSCar,
- pela relevância acadêmica e social deste fenômeno contemporâneo voltado para a promoção do desenvolvimento de populações historicamente excluídas, e
- pela limitada oferta de oportunidades e condições para geração de conhecimento e formação em relação a este tema.

Ao longo de sua existência, a INCOOP recebeu diversas solicitações para prestação de seus serviços por parte de diferentes grupos da região de São Carlos, no entanto, foi impraticável atender a todas as demandas, seja por falta de pessoal, seja por baixa participação de docentes nas atividades práticas. Isto acarretou uma sobrecarga de responsabilidade aos estudantes e técnicos envolvidos, “falha na formação de formadores; falta de financiamentos,

e projetos que não se relacionavam com o objetivo principal da incubadora (atendimento de grupos excluídos do mercado de trabalho)” (GALLO, 2003, p.115).

A INCOOP, por ser um programa de extensão, não recebe dotação orçamentária, sendo que para o desenvolvimento de suas atividades acaba por se tornar dependente de projetos e financiamentos externos, que inviabilizam a contratação de pessoal efetivo para atender de modo contínuo e permanente “às crescentes demandas de incubação de empreendimentos econômicos solidários” (INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES, 2010, p. 08).

De acordo com a INCOOP (2010, p. 15):

Mesmo com o envolvimento de um número considerável de professores e técnicos, a equipe enfrenta dificuldades importantes para a manutenção das atividades, decorrentes de condições como: sobrecarga de trabalho para os docentes (que necessitam atender às demandas de diversos tipos de seus próprios departamentos); instabilidade do grupo técnico em função da precariedade dos vínculos que podem ser estabelecidos com estes indivíduos a partir de projetos tais como os que têm sido buscado e alcançados pela equipe (não garantia de direitos trabalhistas, valores de remuneração insuficientes para que estes possam se dedicar plenamente às atividades necessárias à implementação dos projetos, particularmente no que diz respeito ao acompanhamento dos grupos atendidos); riscos de descontinuidade do atendimento a uma população já historicamente pouco atendida em suas necessidades; dedicação permanente de parte considerável da equipe para elaboração e gestão dos projetos a partir dos quais são obtidos fundos para manutenção das atividades da Incubadora. Nestas condições, tem sido com grande esforço que a equipe vem honrando seus compromissos com a articulação de ensino, pesquisa e extensão, no âmbito de seu objeto de interesse, a Economia Solidária.

Desde sua criação, a INCOOP “intensificou e ampliou suas frentes de trabalho, de forma que, atualmente sua capacidade e potencialidade extrapolam o âmbito de um programa de extensão”. Nesta visão, é “importante a revisão de sua forma institucional, conforme previsto no Projeto de Desenvolvimento Interno da UFSCar, em termos da constituição de uma unidade especial de ensino, pesquisa e extensão”, a fim de consolidar “como espaço adequado para o desenvolvimento destas atividades, em nível de excelência, no que se refere à Economia Solidária” (INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES, 2010, p.15).

No quadro 10, estão relacionadas as considerações da INCOOP a fim de garantir sua institucionalização em um formato que melhor atenda às suas características e necessidades, com o objetivo de buscar maior estabilidade de pessoal e expansão das atividades que realiza (INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES, 2010).

QUADRO 10: Considerações da INCOOP para garantir sua institucionalização

CONSIDERAÇÕES DA INCOOP
<ul style="list-style-type: none"> • A notória produção acadêmica da INCOOP, em contraste com a fragilidade institucional decorrente de sua condição de programa de extensão; • O ônus que tem sido para a equipe o desenvolvimento de suas atividades, representando inclusive risco para sua continuidade, dificultando a expansão de suas frentes de trabalho e prejudicando o atendimento pleno às demandas já identificadas e potenciais no seu campo de atuação; • Limitação advinda da dependência de recursos externos à universidade para sua manutenção, obtidos por projetos submetidos a editais não regulares; • Falta de quadro permanente de profissionais, a transitoriedade das equipes e o fim de contratos de financiamento, que colocam em risco a manutenção de processos de pesquisa-intervenção, sujeitos a interrupções abruptas ou períodos de inatividade, com prejuízos por vezes imensuráveis para a população beneficiária dos projetos, além dos relativos à produção de conhecimento; • O papel da INCOOP como importante centro irradiador da Economia Solidária e do processo de incubação na região. A exemplo disso, encontra-se sob sua responsabilidade a formação de novas incubadoras nos campi da UNESP (abrangendo os <i>campi</i> de Assis, Prudente, Bauru e Ourinhos). No âmbito internacional, é possível salientar os diversos intercâmbios de escala docente recebidos de Universidades latino-americanas; • O volume e diversidade da experiência acumulada pela INCOOP em termos de grupos atendidos, conhecimento produzido, ensino formal e informal implementado; • O acúmulo de demandas que não são possíveis de serem atendidas em função da estrutura reduzida da Incubadora; • O histórico local de iniciativas de Economia Solidária, particularmente as fomentadas pela gestão pública do município, que vem ampliando o número de demandas; • A diversidade de docentes associados à INCOOP, oriundos de diferentes áreas do conhecimento, potencializando a integração de saberes para a pesquisa, ensino e extensão em Economia Solidária.

Fonte: INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES, 2010, p. 16.
Formatação elaborada pela autora.

Cabe ressaltar que o novo Estatuto da Universidade Federal de São Carlos (p.21) possibilita a criação da Unidade Multidisciplinar e define suas atribuições conforme Apêndice G.

A aprovação do Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária ocorreu em 12 de agosto de 2011, e sua criação se deu por meio da portaria GR 1086/2011 de 24/08/2011. Durante a execução desta pesquisa, na prática, não houve mudanças nas atividades da INCOOP, dado que este momento é de transição.

CAPÍTULO 6 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para apresentar os resultados referentes à conversão do conhecimento, inicialmente, são descritas as atividades da INCOOP e as atividades dos coordenadores executivos e, posteriormente, são analisadas as conversões do conhecimento.

6.1 Caracterização das atividades

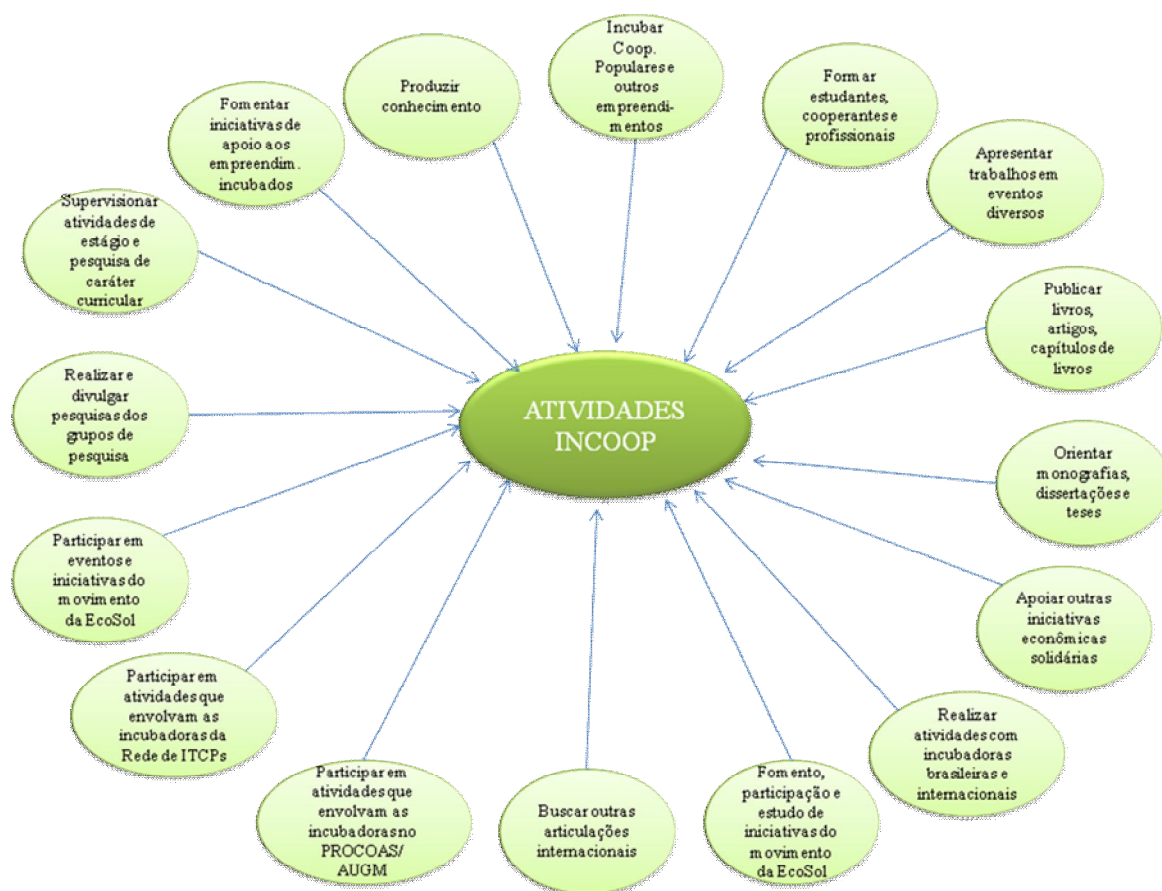
A partir de documentos da INCOOP foram elaboradas as Figuras 8 e 9, tornando-se possível, deste modo, caracterizar as atividades da Incubadora e de seus coordenadores. Por meio da utilização de fontes secundárias, como análise de documentos, participações nas reuniões da incubadora, análise de anotações da pesquisadora e busca de arquivos nos computadores da INCOOP, foi possível identificar os tipos de membros existentes e seus papéis dentro da incubadora.

Para subsidiar e direcionar este trabalho foi necessário, inicialmente, identificar as atividades da INCOOP. Como mencionado, a incubadora, objeto deste estudo, proporciona a construção de um conhecimento interdisciplinar, integrando o ensino, a pesquisa e a extensão, sendo suas atividades baseadas neste tripé (INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES, 2010). Esta análise foi realizada a partir de pesquisa documental, de observação direta e participante por meio da obtenção de registros e informações de situações de trabalho da equipe INCOOP, coleta de dados em reuniões gerais, em reuniões de desenvolvimento territorial, e da meta 15 que trabalha com a produção do conhecimento da INCOOP. Nas reuniões gerais participam todos os membros da incubadora; nas reuniões de desenvolvimento territorial (DT) participam os membros e, eventualmente alguns de seus parceiros; e nas reuniões da meta 15 participam alguns membros da incubadora responsáveis por esta meta. Estas análises e coletas proporcionaram reconhecer em profundidade o contexto em que a INCOOP está inserida, contribuindo para um conhecimento mais aprofundado de sua realidade.

Na formação de cada equipe/meta da incubadora é desejável que ela seja composta por um docente, um coordenador e um bolsista. Pelo número elevado de atividades e reduzido de membros, estas equipes nem sempre alcançam esta formação.

As atividades da incubadora estão ilustradas na Figura 8.

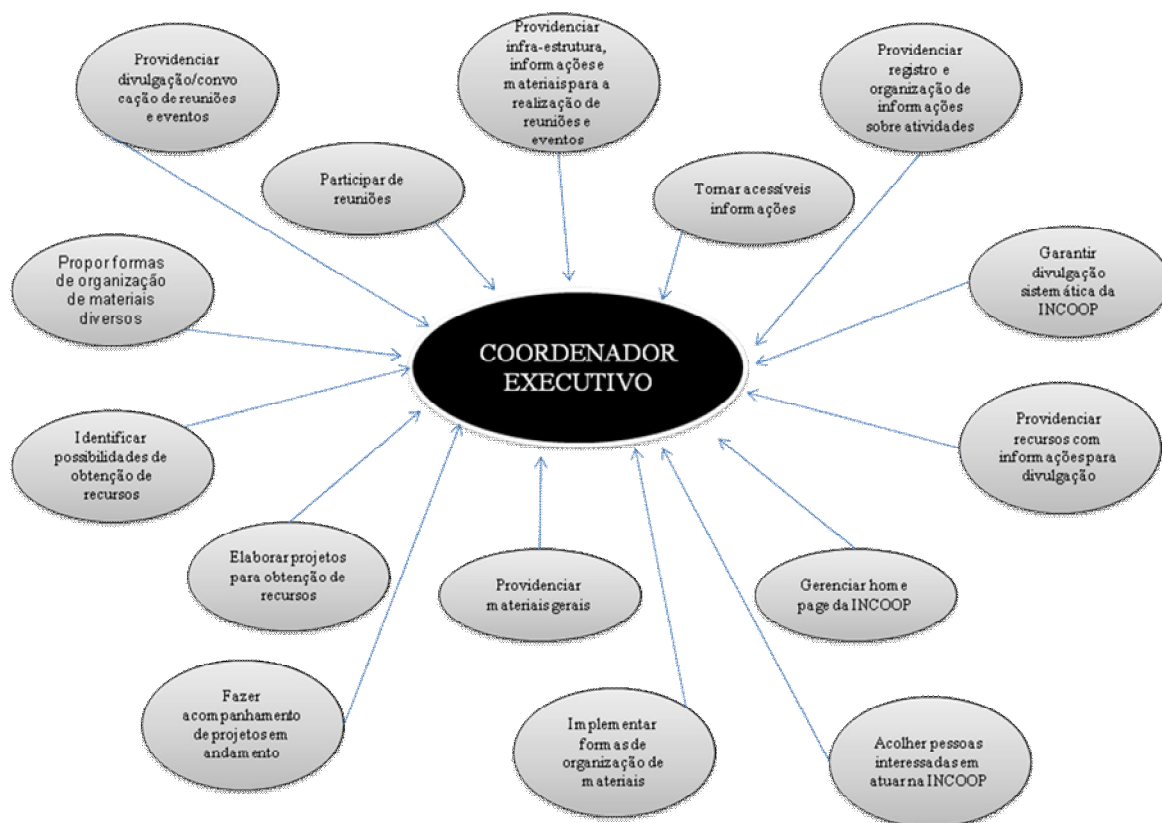
FIGURA 8: Atividades da INCOOP



Fonte: INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES.

Formatação elaborada pela autora.

Para a identificação e caracterização das atividades da INCOOP e dos coordenadores executivos recorreu-se às seguintes fontes secundárias: análise de documentos e arquivos dos computadores da incubadora e análise de anotações referentes a participação da pesquisadora nas reuniões. Na Figura 9 são ilustradas as atividades dos coordenadores executivos da INCOOP.

FIGURA 9: Atividades dos coordenadores executivos da INCOOP

Fonte: INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES.
Formatação elaborada pela autora.

A partir da identificação das atividades dos coordenadores executivos da INCOOP e da realização de entrevistas semi-estruturadas, com questões abertas, foi possível elaborar a conversão do conhecimento utilizando o modelo de Nonaka e Takeuchi (socialização, externalização, combinação e internalização).

Conforme mencionado anteriormente, este trabalho se ateve às atividades dos coordenadores executivos, com a finalidade de aplicar a conversão do conhecimento proposta pelos autores Nonaka e Takeuchi (1997). A equipe da INCOOP é composta por dezoito coordenadores executivos de projetos de incubação e de organização institucional, sendo que, dentre estes, foram escolhidos oito membros que ingressaram na incubadora em épocas diferentes (1999, 2006, 2008, 2009 e 2011).

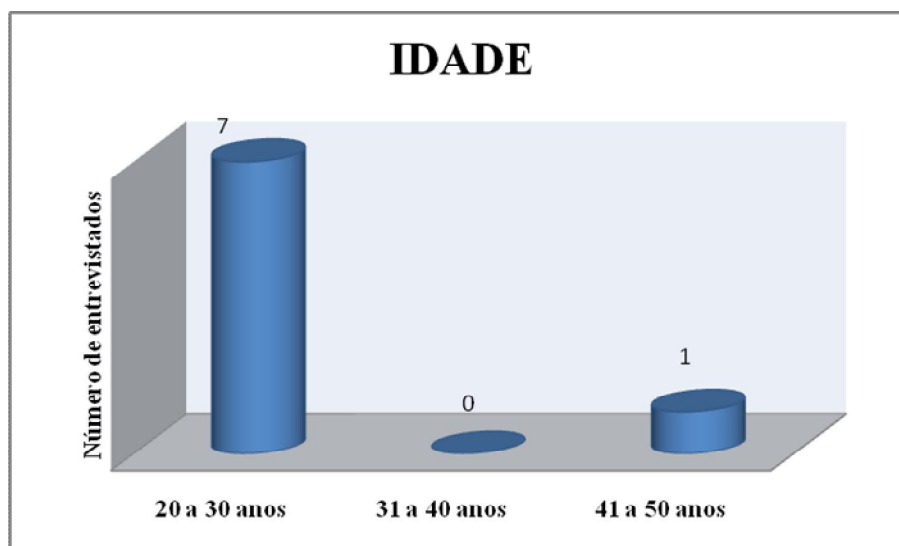
6.2 Perfil dos entrevistados

A partir dos resultados das entrevistas, foi elaborado o perfil dos entrevistados. Do total de 08 (oito) coordenadores escolhidos para a entrevista, 05 (cinco) são do sexo masculino e 03 (três) do sexo feminino. É importante destacar que não houve escolha de sexo (masculino ou feminino), esta escolha foi aleatória uma vez que se baseou no ano de ingresso na incubadora. Atualmente (jan/2012) a INCOOP conta com 18 (dezoito) coordenadores, 09 (nove) coordenadores do sexo masculino e 09 (nove) coordenadores do sexo feminino.

Os Gráficos 2 e 3 apresentados a seguir foram elaborados no intuito de ilustrar a idade dos coordenadores executivos e o tempo de trabalho destes coordenadores na incubadora.

A faixa etária dos entrevistados é ilustrada no Gráfico 2.

GRÁFICO 2: Número de entrevistados por faixa etária



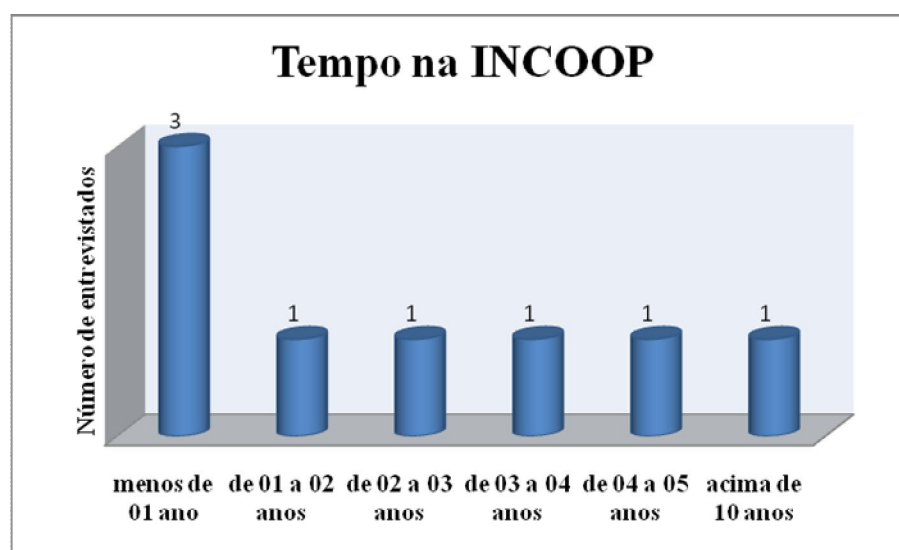
Fonte: Elaborado pela autora.

Nota-se, com esta ilustração, a predominância de coordenadores na faixa etária de 20 a 30 anos. Todos os coordenadores da INCOOP possuem curso de graduação, sendo esta uma das exigências da incubadora para esta atividade. Alguns dos entrevistados estão engajados em programas de pós-graduação. Em sua maioria, a faixa etária dos coordenadores entrevistados compreendeu entre 20 a 30 anos, conforme ilustrado no Gráfico 2. Conjecturando que nesta idade, estes atores se engajaram com a economia solidária, pode-se dizer que alguns ingressaram durante a graduação e outros continuam no ambiente acadêmico pela sua proximidade com a temática economia solidária. Como estes dependem de recursos

externos para continuarem suas atividades na INCOOP, estas pessoas permanecem por pouco tempo, levando sua experiência e seu conhecimento acumulado. O fato de os recursos financeiros da incubadora serem obtidos, fundamentalmente, por meio de projetos, que possuem determinado tempo de duração, geralmente curtos, acaba culminando num alto grau de rotatividade de membros. Neste sentido a incubadora fica sendo um espaço de formação para seus membros.

O coordenador na faixa etária entre 41 a 50 anos é o que está a mais tempo na incubadora. Esta distribuição, referente ao tempo de trabalho na INCOOP, pode ser observada no Gráfico 3. Cabe salientar que estas entrevistas ocorreram no 2º semestre de 2011, portanto a contagem do tempo de trabalho foi computada até dezembro de 2011.

Gráfico 3: Número de entrevistados por tempo de trabalho na INCOOP



Fonte: Elaborado pela autora

Os diferentes períodos de atuação com economia solidária, na incubadora, dos coordenadores executivos participantes das entrevistas pode ser observado no Gráfico 3. Um dos fatores que podem ajudar a explicar este fato é a já mencionada necessidade da utilização de projetos financiadores, que possuem curto período de vigência, o que acaba obrigando as pessoas a saírem para buscar outro tipo de atividade remunerada.

6.3 Aplicação da conversão do conhecimento

Uma maneira de avaliar o conhecimento, objetivando aferir sua importância e sua utilidade para uma dada organização, é mapear as fontes de conhecimento, a fim de se determinar a que tipo de conhecimento se refere, tácito ou explícito.

A pesquisa deste trabalho se baseou nas atividades dos coordenadores executivos da INCOOP. Para a aplicação das conversões, as atividades foram tratadas como eventos. O foco da pesquisa foi à identificação dos modos de conversão do conhecimento nas atividades desses coordenadores, de acordo com o modelo de Nonaka e Takeuchi, e a partir de entrevistas realizadas com estes coordenadores (seguindo roteiro do Apêndice B) na sede da incubadora.

As atividades dos coordenadores foram levantadas em documentos da INCOOP, e a partir das entrevistas foi possível verificar quais atividades os membros acreditam que sejam de suas competências, para em seguida aplicar a conversão do conhecimento de Nonaka e Takeuchi (1997).

A seguir são descritos os eventos que obtiveram maior destaque, por parte dos coordenadores executivos entrevistados: participação em equipes e comissões, reuniões, relatórios, assessorar empreendimento de economia solidária, projetos, oficinas e encontros, sistematização, divulgação, articulação no âmbito da economia solidária e fomento a economia solidária.

Em cada evento apontado foram sinalizadas as quatro conversões do conhecimento proposta por estes autores: socialização, externalização, combinação e internalização. Os eventos que foram mais destacados pelos entrevistados estão descritos abaixo, e para cada um elaborou-se um quadro síntese para registrar as conversões ocorridas.

EVENTO 1 – Participação em equipes e comissões

Este foi o primeiro evento no qual se aplicou a conversão do conhecimento. O coordenador é contratado para trabalhar em uma determinada equipe, que em sua maioria são multidisciplinares. Cada coordenador assume papéis e responsabilidades dentro destas equipes, de acordo com sua afinidade e motivação relacionadas à sua formação. Todos os coordenadores entendem que a participação em equipes e em comissões são partes integrantes de suas atividades na INCOOP.

É desejável que o coordenador executivo participe de pelo menos uma comissão interna da INCOOP, sendo que nos últimos anos foram formadas as comissões: captação de recursos, gerenciamento de projetos, acolhimento, infraestrutura e articulação externa (ZANIN, 2011). A seguir são descritas as atividades destas comissões.

- Comissão de captação de recursos: promover oficinas de captação e elaborar projetos com a finalidade de complementar os existentes na incubadora.
- Comissão de gerenciamento de projetos tem como atividades: planejar, executar, monitorar e controlar o projeto de sua responsabilidade.
- Comissão de acolhimento: processar demandas de visitas de pesquisadores de outras instituições à incubadora. Esta atividade envolve alguns procedimentos para sua viabilização, a saber: análise do pedido da visita, elaboração de programação para receber os visitantes, providências junto aos órgãos da UFSCar e com o encerramento da visita a elaboração de um relatório.
- Comissão de infraestrutura: despender atenção aos equipamentos da incubadora providenciando sua manutenção e divulgando as normas da incubadora para a utilização de sua infraestrutura. O monitoramento também é um trabalho essencial, pois os equipamentos estão disponíveis para todos da incubadora. A falta deste dificultaria a localização dos equipamentos.
- Comissão de articulação externa: participar de eventos/reuniões do movimento da economia solidária em: fóruns nas três esferas públicas - municipal, estadual e brasileiro; comissões; conselhos; Consumosol; Rede de ITCPs e Comitê Acadêmico de Processos Cooperativos e Iniciativas Econômicas Associativas (PROCOAS) da Associação de Universidades do Grupo de Montevideu (AUGM).

Outras comissões são formadas a partir das necessidades pontuais da incubadora, como, por exemplo, comissões responsáveis pela elaboração de relatórios para órgãos de fomento.

Nestes tipos de eventos ocorre a socialização, pois participam destas equipes e comissões membros com diferentes atribuições e diferentes ingressos, sendo assim, os que estão há mais tempo compartilham suas experiências, suas habilidades técnicas e seus históricos com os novos coordenadores colaborando com a socialização do conhecimento.

Observou-se que com a participação nestes eventos, a externalização ocorre na elaboração de planilhas necessárias às atividades das comissões, registro em atas e na

elaboração de projetos e de oficinas. Esta conversão colabora com a criação de conceitos a partir da socialização.

No caso das comissões, que na maioria das vezes são acionadas de acordo com as demandas da incubadora, os documentos disponíveis que foram frutos de outras comissões são consultados para a elaboração das planilhas e/ou textos, acontecendo então outra forma de conversão do conhecimento, a combinação. Este produto é divulgado para os membros da incubadora para contribuições e ocorrendo a internalização.

A própria participação nestas equipes e comissões com as informações advindas de diferentes atores experientes, contribui para a aquisição de novos modelos mentais, impulsionando assim outra forma de conversão do conhecimento, a internalização. Esta conversão também ocorre com estudo e análise dos documentos externalizados (planilhas, atas, projetos, apresentações), tanto nas oficinas quanto nas equipes, incorporando o conhecimento para tácito.

Observa-se no Quadro 11 as conversões do conhecimento referentes a participação em equipes e comissões.

Quadro 11 – Síntese das conversões do conhecimento – Participação em equipes e comissões

CONVERSÕES DO CONHECIMENTO			
Socialização	Externalização	Combinação	Internalização
Membros que estão a mais tempo na incubadora compartilham suas experiências, suas habilidades técnicas e seus históricos com os novos coordenadores.	Elaboração de planilhas necessárias às atividades das comissões, registro em atas e na elaboração de projetos e de oficinas.	Documentos disponíveis que foram frutos de outras comissões são consultados para a elaboração das planilhas e/ou textos	Divulgação do produto das comissões/equipes. Estudo e análise dos documentos externalizados (planilhas, atas, projetos, apresentações). Divulgação do produto das comissões/equipes.

Fonte: Elaborado pela autora.

É possível identificar a relevância da inserção destes coordenadores nestas equipes/comissões, promovendo a troca e o acúmulo de conhecimento nos quatro níveis da conversão de conhecimento.

EVENTO 2 - Reuniões

Os coordenadores da incubadora participam e organizam diferentes reuniões que estão relacionadas ao seu fazer, tais como:

- reuniões gerais – quinzenalmente;
- reuniões do projeto de desenvolvimento territorial – quinzenalmente;
- reuniões da equipe em que o coordenador está inserido – a periodicidade desta reunião é acordada entre os participantes, normalmente, com frequência semanal ou quinzenal;
- reuniões de comissões – também variam de acordo com a demanda da incubadora;
- reuniões com pessoas externas à incubadora, como gestores públicos, setores da UFSCar, empreendimentos de economia solidária, outras ITCPs, órgãos de fomento etc.

O foco desta pesquisa foi às reuniões ocorridas no âmbito interno da incubadora (gerais, DT, equipe e comissões). Nestas reuniões são tratados assuntos de interesses de todos, relacionados com questões gerais da incubadora e dos empreendimentos, do projeto de desenvolvimento territorial (FAPESP) e assuntos relacionados a cada equipe e comissão, propiciando a socialização. Com a participação neste evento, os membros interagem, estabelecem diálogos e comunicação, compartilhando experiências, opiniões e pontos de vista multidisciplinares (NONAKA; TAKEUCHI, 1997).

Observa-se que ocorre a externalização neste tipo de evento, pois todos os coordenadores, em algum momento, se posicionam como relator destas reuniões, permitindo o registro do conhecimento. Ficou acordado, entre os membros da incubadora, que as funções de moderação e relato das reuniões gerais e DT devem ser rodiziadas, dentro de um prazo estipulado de cerca de dois meses; tanto as reuniões gerais quanto as reuniões DT acontecem nas sextas-feiras pela manhã, sendo numa semana uma e na semana seguinte a outra. O rodízio nestas atividades possibilita o aprendizado, por parte de todos os membros da equipe, de como moderar uma reunião e como proceder na organização dos temas debatidos em reuniões. Este rodízio também impede que algumas pessoas fiquem sobrecarregadas, com excesso de tarefas, dado que estas atividades exigem o preparo antecipado dos pontos que serão discutidos, sua organização e concluindo com envio por meio de correio eletrônico da Ata para os membros.

Outro momento de externalização diz respeito aos produtos destas reuniões, como é o caso, por exemplo, de planilhas que surgiram a partir de sistematizações de algum assunto pautado nas reuniões. A necessidade de sistematizar assuntos pautados nestas reuniões é constante; estas planilhas são enviadas para todos os membros da incubadora para que se

manifestem e completem com dados de suas equipes a fim de contribuir com a demanda apontada. Um exemplo que ocorreu neste período pesquisado foi à elaboração coletiva de uma planilha de levantamento de necessidades de contratação de coordenadores ou bolsistas. Cada membro responsável pela equipe apontava sua demanda para que na próxima reunião este assunto voltasse com mais informações, necessárias para subsidiar decisões a serem tomadas. Após sua sistematização, este assunto era pautado novamente na reunião e estas demandas eram passadas (socializadas) para todos os presentes na reunião e as decisões são enviadas a todos da incubadora.

Com as trocas e as combinações deste evento acontece a combinação. A combinação de diferentes conhecimentos explícitos acontece com a elaboração das próprias atas em si que ficam armazenadas no servidor da incubadora. Outro momento desta conversão são os produtos das reuniões que receberam acréscimo de conhecimentos explícitos dos membros na sua execução.

Os documentos como: atas e produtos destas reuniões, e os históricos orais dos membros presentes neste evento, propiciam a internalização. É a partir da leitura destes documentos e dos relatos dos membros presentes neste evento é que o conhecimento é transformado em tácito, portanto, colaborando com a internalização do conhecimento. Mesmo os membros que não comparecem às reuniões têm a chance de internalizar o conhecimento por receberem via email o relato e o produto da reunião para leitura.

O Quadro 12 apresenta a síntese da conversão do conhecimento do evento reuniões.

Quadro 12 – Síntese das conversões do conhecimento - Reuniões

CONVERSÕES DO CONHECIMENTO			
Socialização	Externalização	Combinação	Internalização
Os membros interagem, dialogam, se comunicam compartilhando experiências, opiniões e pontos de vista multidisciplinares.	Relatoria e produtos de reuniões, por exemplo, planilhas.	Elaboração da própria ata em si, que são armazenadas no computador da incubadora.	Leitura de documentos e relatos dos membros. Mesmo os membros que não comparecem às reuniões têm a chance de internalizar o conhecimento por receberem via email o relato e o produto da reunião para leitura.

Fonte: Elaborado pela autora.

As reuniões são instâncias de decisões da INCOOP, ao aplicar a conversão neste tipo de evento, nota-se a ocorrência das quatro conversões do conhecimento.

EVENTO 3 - Relatórios

Todos os coordenadores da incubadora participam na elaboração de relatórios, sendo estes em sua maioria para órgãos de fomento. Além dos coordenadores, outros membros da incubadora também participam desta elaboração. Cada equipe/meta da INCOOP fica responsável por uma parte do relatório. Nestes momentos as experiências de cada equipe são compartilhadas para todos, a partir de suas práticas, ocorrendo assim a socialização. É também por meio da comunicação e diálogo frequente que as habilidades técnicas dos coordenadores são compartilhadas.

A externalização acontece por meio da escrita do relatório. Os coordenadores descrevem tudo que ocorreu na equipe em que trabalharam durante o período de vigência do projeto, descrevendo suas experiências e o conhecimento proveniente destas.

Verifica-se a combinação ao agrupar todas as partes elaboradas individualmente, ao todo do relatório.

A internalização ocorre na leitura do relatório. Após ser finalizado, o relatório é enviado a todos os membros para que possam conhecer o trabalho completo (tendo em vista

que a colaboração de cada um diz respeito à atividade que desenvolve), e acessar suas informações quando necessário. Neste evento a internalização normalmente é de partes do relatório que foram elaborados pela equipe e não do relatório completo.

Observa-se no Quadro 13 a síntese das conversões do conhecimento referentes ao evento relatórios.

Quadro 13 – Síntese das conversões do conhecimento - Relatórios

CONVERSÕES DO CONHECIMENTO			
Socialização	Externalização	Combinação	Internalização
Experiências de cada equipe são comparadas para todos. Comunicação e diálogo frequente.	Escrita do relatório. Descrevem suas experiências e o conhecimento proveniente destas.	Agrupamento de todas as partes elaboradas individualmente, ao todo do relatório.	Leitura do relatório.

Fonte: Elaborado pela autora.

Neste evento as quatro conversões do conhecimento também ocorrem colaborando com a geração e troca para novos conhecimentos.

EVENTO 4 - Assessorar empreendimento de economia solidária

A principal atividade referente a esta assessoria é oferecimento de subsídios para que o grupo incubado possa permanecer independente, sem necessidade de apoio externo, ou seja, que tenha capacidade para tomar suas próprias decisões; frente a isso, outras atividades são requeridas aos coordenadores, tais como: monitorar e acompanhar estes empreendimentos, oferecer cursos e oficinas para capacitação, participar de reuniões, participar de assembléias gerais com todas as pessoas do empreendimento, além de outras atividades que se fazem necessárias.

No momento das entrevistas (2011) dois coordenadores não estavam desenvolvendo atividades de assessoria, embora um deles já tenha assessorado EES. Para a incubadora é desejável que todos os membros assessorem ou já tenham passado por um processo de assessoria na incubação de um empreendimento.

Com este evento os coordenadores têm a oportunidade de socializar o conhecimento, transferindo-o da universidade às pessoas que dele necessitam por meio de um processo de troca contínua – aprendem ao mesmo tempo em que ensinam -, compartilhando experiências de outros empreendimentos, ocasionando, assim, a socialização.

A partir dos cursos e das oficinas, a externalização se torna possível, sendo este momento no qual tanto os coordenadores quanto os seus parceiros registram o conhecimento. Com estas experiências, os coordenadores escrevem artigos e participam de eventos, divulgando a todos os interessados na temática da economia solidária os assuntos relativos às atividades que desenvolveram.

A combinação do conhecimento acontece por meio de registros dos coordenadores no servidor da incubadora e na entrega de cópia do trabalho apresentado ou publicado. Na maioria das vezes, lá estão armazenados arquivos dos trabalhos e dos pôsteres apresentados em eventos acadêmicos.

O processo de internalização ocorre pelo acúmulo do conhecimento destes coordenadores em relação ao assessoramento ao empreendimento de economia solidária, gerando um novo conhecimento tácito que poderá ser socializado com os outros coordenadores. Ao entrar em contato com as pessoas dos empreendimentos, ouvindo suas histórias orais, procurando atender às suas demandas, os coordenadores se deparam com situações que geram reflexões e necessidades de busca por novos conhecimentos.

O Quadro 14 sintetiza as conversões do conhecimento do evento 4.

Quadro 14 – Síntese das conversões do conhecimento – Assessorar empreendimento de economia solidária

CONVERSÕES DO CONHECIMENTO			
Socialização	Externalização	Combinação	Internalização
Compartilhar experiências de outros empreendimentos	Registram o conhecimento. Escrevem artigos, participam de eventos, divulgando a todos os interessados.	Registros no servidor da incubadora e na entrega de cópia do trabalho apresentado ou publicado.	Ouvindo histórias orais das pessoas dos empreendimentos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Também é importante que ocorra às quatro conversões do conhecimento neste evento, assim o conhecimento criado e compartilhado corrobora com a sobrevivência dos empreendimentos por eles incubados. Observa-se que isto ocorre na incubadora.

EVENTO 5 - Projetos

Os recursos obtidos pela INCOOP provêm de projetos submetidos a órgãos de fomento. Para isso, o núcleo participa de editais e submete projetos, com a finalidade de obter recursos suficientes de modo a garantir a infraestrutura da incubadora (contratações, compras, recursos gráficos etc.). Este assunto é levado como ponto de pauta nas reuniões gerais. Nestas, depois de demonstrado interesse do coletivo da incubadora em participar do edital, o projeto é elaborado. Várias etapas se sucedem até a submissão do projeto: divulgação do edital para a equipe, discussão em reunião geral, escolha dos responsáveis pela elaboração do projeto, levantamento das necessidades (assim que previstas nas alíneas do edital), redação e submissão. Após aprovação do projeto, este deve ser implementado, monitorado, acompanhado, controlado e são elaboradas planilhas a fim de sistematizá-lo e divulgá-lo com mais rapidez aos membros. Um exemplo de planilha é a discriminação dos recursos aprovados; por meio desta os membros tomam conhecimento dos valores previstos em cada alínea e, coletivamente, decidem como utilizar o recurso. A partir destas planilhas todos os membros terão a informação do total aprovado e disponibilizado para atender as demandas da incubadora, conforme previsão no projeto. O projeto é divulgado eletronicamente para os membros e relatórios são elaborados, conforme previsão do projeto.

Ocorre a socialização com a divulgação dos editais aos membros da incubadora a fim de se obter decisões sobre a participação em concorrer ou não nos editais. Neste momento as decisões são consensualizadas em reuniões gerais. Outro momento de socialização acontece quando os membros da incubadora fazem uma apresentação do projeto para algum parceiro.

A externalização ocorre com a elaboração do projeto em si e também com o levantamento das necessidades (baseadas nos recursos e na infraestrutura necessária para as atividades da incubadora), que como resultado gera planilhas elaboradas pelos membros da incubadora.

Ocorre a combinação com o agrupamento dos documentos, projetos e relatórios armazenados na incubadora. Os projetos, relatórios, planilhas, mapas etc, são arquivados na INCOOP para que fiquem disponíveis a todas as pessoas da incubadora, sendo também consultados para a elaboração de novos projetos e relatórios. Estes documentos também são

disponibilizados para os novos coordenadores contratados para que conheçam e se integrem às atividades da INCOOP.

A internalização acontece no momento em que a equipe responsável pela sua elaboração estuda e assimila a documentação pesquisada na incubadora ao elaborarem os documentos.

No Quadro 15 estão sintetizadas as conversões do conhecimento do evento projetos.

Quadro 15 – Síntese das conversões do conhecimento - Projetos

CONVERSÕES DO CONHECIMENTO			
Socialização	Externalização	Combinação	Internalização
Divulgação dos editais aos membros da incubadora. Apresentação do projeto para algum parceiro.	Elaboração do projeto e de planilhas.	Agrupamento dos documentos: projetos, relatórios, planilhas, mapas etc, são arquivados na INCOOP.	Estudo e assimilação da documentação pesquisada na incubadora ao elaborar documentos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como a incubadora depende de projetos para prover suas necessidades tanto materiais quanto humanas, conforme mencionado neste trabalho é primordial que ocorra as quatro conversões do conhecimento para que estes projetos sejam consistentes e aprovados.

EVENTO 6 - Oficinas e encontros

Os membros da incubadora participam da organização de diversas oficinas e encontros, tais como: oficinas de capacitação (economia solidária, políticas públicas, desenvolvimento territorial, ACIEPE, solidariedade, cooperação entre outras), oficinas para constituição de empreendimentos de economia solidária, encontro preparatório para participação em eventos de economia solidária, seminários, cursos, mini-cursos etc. Estas oficinas visam fundamentar as práticas da equipe da incubadora, bem como a sistematização do conhecimento produzido em sua intervenção na realidade social.

Para a execução desta atividade é necessário que os coordenadores providenciem infraestrutura, informações e materiais para sua realização. Para cada encontro é montada uma equipe para sua realização, que geralmente é constituída nas reuniões gerais. O membro com

maior acúmulo em relação à temática a ser abordada na oficina é quem se coloca a disposição, nas reuniões gerais, para ser o responsável por ela.

Os membros responsáveis por este tipo de evento socializam o conhecimento com os demais membros por meio do compartilhamento de experiências, com a comunicação face-a-face e com o trabalho em equipe, propiciando a socialização (SILVA, 2002b). Os responsáveis socializam com os participantes materiais bibliográficos que serão abordados, por exemplo, nas oficinas.

A externalização ocorre com a participação destes membros nestes tipos de eventos. Os recursos utilizados são, geralmente, as cartelas, ou seja, cada participante recebe uma cartela (ou mais) para registrar seu conhecimento sobre o tema abordado; nestes momentos também são propiciados relatos orais (SILVA, 2002b). Os produtos destes eventos são sistematizados pelos responsáveis e enviados a todos os membros.

Outro tipo de conversão presente neste evento é a combinação. Esta conversão ocorre com o agrupamento dos conhecimentos externalizados nas cartelas e oralmente, e também com a troca e a combinação de conhecimentos que acontecem nestas interações. As sistematizações, frutos dos eventos, são registradas no servidor da INCOOP para consulta.

Ocorre a internalização por meio de relatos verbais presentes nestes eventos e com a leitura do material bibliográfico enviado para subsidiar o evento (SILVA, 2002b).

Observa-se no Quadro 16 as conversões do conhecimento referentes a participação em oficinas e encontros.

Quadro 16 – Síntese das conversões do conhecimento – Oficinas e encontros

CONVERSÕES DO CONHECIMENTO			
Socialização	Externalização	Combinação	Internalização
Compartilhamento de experiências, com a comunicação face-a-face e com o trabalho em equipe. Socialização de materiais bibliográficos.	Registro em cartelas do conhecimento sobre o tema abordado. Relatos orais. Produtos sistematizados e enviados a todos os membros.	Agrupamento dos conhecimentos externalizados nas cartelas e oralmente. Troca e a combinação de conhecimentos. As sistematizações, frutos dos eventos, são registradas no servidor da INCOOP para consulta.	Relatos verbais e leitura de material bibliográfico.

Fonte: Elaborado pela autora.

Estes eventos são propícios para a criação, transferência e disseminação do conhecimento.

EVENTO 7 - Sistematização

É de responsabilidade de todos na incubadora sistematizar, registrar e organizar informações sobre as atividades desenvolvidas dentro da incubadora e com os EES. Estes dados são primordiais para o andamento dos projetos, para tornar acessível o conhecimento produzido, divulgar as atividades realizadas e também colaborar nas ações com gestores públicos para impulsionar desenvolvimento territorial, economia solidária e políticas públicas. Para tanto, é necessário implementar formas de organização a fim de propiciar o compartilhamento de informações e conhecimento. A sistematização é necessária para que o histórico, as ações, atividades e as estratégias de cada coordenador fiquem registradas na incubadora e possam ser compartilhadas.

Este evento é realizado a partir da interação dos membros da equipe e também com outros atores, por meio do trabalho em equipe, do diálogo e da comunicação. Nestes momentos acontece o compartilhamento das habilidades técnicas propiciando a socialização.

A externalização acontece com a elaboração de textos e planilhas que abordam as ações da equipe, seu histórico, suas atividades e estratégias.

Ocorre a combinação com o agrupamento dos diferentes conhecimentos explícitos elaborados por seus membros e disponíveis no servidor da incubadora para acesso de todas as equipes.

A prática e os estudos (o acesso) de documentos elaborados pelos coordenadores neste tipo de evento proporcionam outra conversão do conhecimento, a internalização.

Nota-se no Quadro 17, a síntese das conversões do conhecimento do evento sistematização.

Quadro 17 – Síntese das conversões do conhecimento - Sistematização

CONVERSÕES DO CONHECIMENTO			
Socialização	Externalização	Combinação	Internalização
Interação por meio do trabalho em equipe, do diálogo e da comunicação.	Elaboração de textos e planilhas que abordam as ações da equipe, seu histórico, suas atividades e estratégias.	Agrupamento dos diferentes conhecimentos explícitos disponíveis no servidor da incubadora.	A prática e os estudos (o acesso) de documentos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se a relevância das quatro conversões do conhecimento neste tipo de evento, ao sistematizarem estão colaborando com a criação e o compartilhamento e registro do conhecimento.

EVENTO 8 - Divulgação

A divulgação é outra atividade desenvolvida pelos coordenadores da INCOOP, e é necessário que seja garantida de forma sistemática. Estas divulgações acontecem por meio de artigos científicos, livros, comunicações científicas, pôsteres, palestras, seminários, oficinas, reuniões, encontros, congressos, eventos os mais diversos, conferências, blogs, redes sociais (como o facebook, por exemplo), rádio, tv, cartaz, folder, dentre outros. Para que aconteça este evento é necessário que os membros providenciem recursos e informações para tais divulgações. Estas divulgações objetivam divulgar o trabalho da INCOOP por meio das

atividades de ensino, pesquisa e extensão. O trabalho da incubadora, baseado neste tripé, é divulgado para todos os membros da equipe, para gestores públicos, parceiros (e possíveis parceiros), órgãos de fomento, moradores do território abrangidos pelos projetos, comunidade universitária, diferentes pessoas interessadas em adquirir produtos dos EES etc., ou seja, aos diversos atores do movimento da economia solidária.

A socialização ocorre por meio da interação, observação, comunicação com os parceiros, participação em eventos acadêmicos e em reuniões. Este tipo de evento propicia a socialização de diversas formas, tal como foi observado nesta pesquisa (NONAKA; TAKEUCHI, 1995; SILVA, 2002).

A externalização é outra conversão que acontece neste evento, pois parte do conhecimento tácito dos membros é externalizado por meio de artigos, reuniões, folders etc. Por meio da externalização do conhecimento, o trabalho da incubadora é divulgado por seus membros a toda a sociedade, pelos mais diversos canais de comunicação.

A combinação acontece por meio do agrupamento e do processamento de diversos conhecimentos explícitos, necessários a elaboração dos textos utilizados para divulgar as atividades e resultados da INCOOP.

A internalização ocorre com a participação nestes momentos de troca de conhecimentos com os demais participantes destes eventos, nos quais são divulgados a incubadora e seu trabalho. As leituras, a audição e a visualização de documentos explícitos proporcionam a internalização do conhecimento.

O Quadro 18 apresenta a síntese da conversão do conhecimento do evento divulgação.

Quadro 18 – Síntese das conversões do conhecimento - Divulgação

CONVERSÕES DO CONHECIMENTO			
Socialização	Externalização	Combinação	Internalização
Interação, observação, comunicação com os parceiros, participação em eventos acadêmicos e em reuniões.	Artigos, reuniões, folders etc.	Agrupamento e processamento de diversos conhecimentos explícitos, necessários a elaboração dos textos.	Leituras, audição e visualização de documentos explícitos.

Fonte: Elaborado pela autora.

EVENTO 9 - Articulação no âmbito da economia solidária

Os membros da incubadora estão a todo o momento, procurando, articular suas atividades com os diferentes atores do movimento da economia solidária, já apresentados neste trabalho, como gestores públicos e outros parceiros. Tais articulações são necessárias para a atividade fim da incubadora que é a produção do conhecimento e ação na realidade (ZANIN, 2011). Algumas articulações estão explanadas abaixo:

- A articulação com pesquisadores locais e internacionais de várias instituições propicia a implementação de pesquisas multidisciplinar e integrada.
- Em relação aos EES, as articulações corroboram com a criação, manutenção e expansão destes empreendimentos.
- A articulação com os gestores públicos viabiliza a proposição de diretrizes para políticas públicas em economia solidária e visa o desenvolvimento local sustentável dos empreendimentos atendidos pela INCOOP.
- O fomento às articulações e construção de redes no movimento da economia solidária colabora com criação de espaços de economia solidária que vão além dos empreendimentos.
- A articulação de ITCPs no estado de São Paulo propicia a construção de conhecimentos conjuntos. A incubadora participa, desde 2009 e em conjunto com outras ITCPs, de dois projetos financiados pela FINEP com esta finalidade. Este projeto realiza atividades que visam a troca de experiências entre as incubadoras que integram o projeto para a sistematização e reflexão sobre as práticas cotidianas que implicam na consolidação e reprodução dos empreendimentos econômicos solidários. Estas trocas se dão por meio de reuniões e seminários temáticos.

Por meio desta descrição pode-se observar a diversidade de articulações realizadas pelos membros da INCOOP, sendo que, a partir desta, nota-se que a socialização ocorre com frequência, uma vez que são interações face-a-face entre os grupos, com diálogos frequentes, que acontecem a partir de encontros, seminários e reuniões. Neste tipo de evento, as experiências e os materiais produzidos são socializados.

A externalização acontece a partir de reflexões coletivas e do diálogo que este evento propicia, produzindo materiais escritos provenientes dos relatos de reuniões, trabalhos científicos, vivências, experiências etc.

A combinação possibilita aos envolvidos nestes eventos discutirem seus conhecimentos contribuindo com informações significativas para a elaboração de documentos. Estes documentos gerados por diferentes conhecimentos explícitos são agrupados e processados, ficando registrados nos arquivos da INCOOP.

Estes documentos colaboram com a internalização destas experiências por meio da leitura e o estudo dos materiais produzidos neste evento. A internalização também ocorre ouvindo relatos, neste evento, de outras experiências que se transforma em um modelo mental tácito (Nonaka; Takeuchi, 1997), quando, por exemplo, nas articulações com outras ITCPs.

No Quadro 19 estão relacionadas às conversões do conhecimento ocorridas no evento articulação no âmbito da economia solidária.

Quadro 19 – Síntese das conversões do conhecimento - Articulação no âmbito da economia solidária

CONVERSÕES DO CONHECIMENTO			
Socialização	Externalização	Combinação	Internalização
Interações face-a-face entre os grupos, com diálogos frequentes. Neste tipo de evento, as experiências e os materiais produzidos são socializados.	Reflexões coletivas e diálogo. Produção de materiais escritos provenientes dos relatos de reuniões, trabalhos científicos, vivências, experiências etc.	Documentos gerados por diferentes conhecimentos explícitos são agrupados e processados, ficando registrados nos arquivos da INCOOP.	Leitura e o estudo dos materiais produzidos. Ouvir histórias, de outras experiências que se transformam em um modelo mental tácito.

Fonte: Elaborado pela autora.

Com a ocorrência destas quatro conversões do conhecimento, nota-se que os coordenadores estão colaborando com a atividade fim da incubadora que é a produção do conhecimento e ação na realidade.

EVENTO 10 - Fomento a economia solidária

Este último evento pesquisado refere-se ao fomento a economia solidária. A seguir são descritas as diferentes formas de fomento.

- Os membros da incubadora fomentam iniciativas de apoio aos EES incubados;
- Fomento a políticas públicas de economia solidária;
- Fomento, participação e estudos de iniciativas do movimento da economia solidária;
- Fomento das diversas relações entre os atores existentes e atuantes no território, a fim de promover redes para que a partir destas possam ser construídas cadeias produtivas;
- Fomento ao protagonismo dos EES para criação de novos EES, consolidação dos existentes e fomento a outras iniciativas de economia solidária;
- Fomento e articulação entre EES para a venda coletiva e troca de produtos.

Geralmente este evento ocorre em reuniões, visitas aos EES, fóruns, comissões, reuniões com gestores públicos.

Observa-se a socialização por meio do frequente diálogo e comunicação face-a-face durante os fóruns, reuniões, visitas e nas comissões, e também com a interação com estes parceiros. As experiências compartilhadas dos diferentes atores propiciam a socialização.

A externalização ocorre na elaboração, redação de projetos de fomento à economia solidária, regimentos internos dos EES e de esboços de leis de ES.

A combinação acontece neste evento ao agruparem documentos de regimentos e de leis no servidor da INCOOP.

Outra conversão do conhecimento ocorre neste tipo de evento, a internalização, correspondendo aos momentos de vivências e de práticas, favorecidos nestas interações.

Finalmente no Quadro 20 estão relacionadas às conversões do conhecimento do evento fomento a economia solidária.

Quadro 20 – Síntese das conversões do conhecimento - Fomento a economia solidária

CONVERSÕES DO CONHECIMENTO			
Socialização	Externalização	Combinação	Internalização
<p>Frequente diálogo e comunicação face-a-face durante os fóruns, reuniões, visitas e nas comissões, e também com a interação com estes parceiros. Experiências compartilhadas dos diferentes atores.</p>	<p>Elaboração, redação de projetos de fomento à economia solidária, regimentos internos dos EES e de esboços de leis de ES.</p>	<p>Agrupamento de documentos de registros e de leis no servidor da INCOOP.</p>	<p>Momentos de vivências e de práticas, favorecidos nestas interações.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim como nos outros eventos, também acontecem as quatro conversões do conhecimento.

Outras atividades foram descritas nas entrevistas pelos coordenadores entrevistados, porém estas acima relacionadas apareceram com mais frequência.

6.4 Discussão dos resultados

A partir dos resultados deste trabalho pode-se identificar que esses modos de conversão do conhecimento (socialização, externalização, combinação e internalização), ao serem aplicados nas atividades dos coordenadores executivos, podem auxiliar nos processos de construção e de compartilhamento do conhecimento entre os membros da INCOOP. Estas conversões propiciam a mudança do aprendizado, de individual para coletivo, permitindo que o conhecimento não fique restrito a alguns membros e que as experiências individuais e/ou coletivas possam ser compartilhadas e devidamente registradas, de modo a evitar que dificuldades acometam as atividades da incubadora quando da saída de membros.

A partir das atividades dos coordenadores executivos foram elaboradas conversões do conhecimento, que serão discutidas de forma abrangente. No final são abordados alguns

pontos por se entender como necessários para a criação e a utilização do conhecimento produzido pela INCOOP.

Nota-se que o evento participação em equipes e comissões é determinante para a criação e o compartilhamento do conhecimento entre os membros da INCOOP, já que participam deste evento diversos tipos de membros que ingressaram em diferentes períodos na incubadora. Observou-se que com a participação nestes tipos de eventos ocorrem as quatro conversões do conhecimento. Na fala de um dos coordenadores nota-se a preocupação em compartilhar o conhecimento dado seu domínio pelo assunto:

[...] que tipos de eventos são importantes com a incubadora esteja, então a gente fica monitorando isso com relação à captação de recursos, que eu tenho um pouco de domínio, acúmulo, então, aí quais vão ser vitais, são mais adequadas ao que a incubadora faz, aí a gente monta uma comissão e faz parte dessa comissão (Entrevistado 1).

Com o evento reuniões observou-se que nestes momentos, nos quais participam todos os membros da incubadora, as experiências são compartilhadas envolvendo todos os presentes nestes eventos. Este evento propicia as quatro conversões do conhecimento, embora a externalização seja mais pontual para alguns coordenadores, que estão na posição de relatores, já que são eles que redigirão a ata. Neste caso, a externalização acontece concentrando-se em alguns membros, como se observa na fala do Entrevistado 4.

[...] a gente usa computador nas reuniões de equipe pra fazer relatoria e fazer o registro da dos pontos de pauta (Entrevistado 4).

O mesmo ocorre com os produtos das reuniões, onde, normalmente, o membro com maior conhecimento no assunto pautado é quem irá ficar responsável por ele.

Com a observação direta e participante neste tipo de evento, notou-se que os coordenadores com mais tempo de trabalho na incubadora participam mais ativamente nestas reuniões compartilhando suas experiências, propiciando as conversões do conhecimento.

No evento relatórios ocorrem as quatro conversões do conhecimento, embora aconteça a internalização com a leitura do relatório, pode-se dizer que este processo não se dá com a leitura do relatório completo, mas somente partes dele.

A observação que cabe à conversão do conhecimento do evento assessorar empreendimento de economia solidária, é que nem todos os membros assessoram empreendimento conforme se nota na fala do Entrevistado 1.

[...] antes como eu tava direto dentro do empreendimento era uma relação diferente com a incubadora, tinha uma relação mais autônoma, relacionado à minha atividade com o grupo que eu assessorava (Entrevistado 1).

Mesmo os coordenadores que não assessoram empreendimentos têm a oportunidade de participar de assembléias, oficinas e cursos relacionados a este tipo de evento, onde ocorrem as conversões do conhecimento.

Com o evento projetos notou-se que com as estratégias utilizadas ocorrem as conversões: socialização e a externalização no âmbito geral da incubadora, atingindo todos os coordenadores executivos, porém as outras duas conversões, internalização e combinação alcançam um número menor de coordenadores pois dependem de sua participação no estudo e assimilação da documentação pesquisada para sua elaboração. Percebe-se a socialização na fala do Entrevistado 4:

uso o data show também quando vai fazer uma apresentação do projeto pra algum parceiro (Entrevistado 4).

Nota-se as quatro conversões do conhecimento com o evento oficinas e encontros. Neste tipo de evento todos os coordenadores executivos são envolvidos, tendo a oportunidade de participarem, contribuindo assim com a criação e compartilhamento do conhecimento. Observa-se, na fala do Entrevistado 4, a utilização de uma ferramenta voltada para a externalização, o que demonstra a preocupação dos membros da incubadora em construir o conhecimento em conjunto.

[...] a gente imagina que o data show afasta um pouco as pessoas, é como se fosse um instrumento que já desse respostas prontas, então aí cartela é um pouco esse contra ponto que as respostas são construídas ali (Entrevistado 4).

Deve-se destacar que no evento sistematização, embora tenham sido aplicadas as quatro conversões do conhecimento, notou-se que nem todos os coordenadores externalizam suas atividades, deixando de sistematizar e de registrar suas atividades nos arquivos das INCOOP. Percebe-se a falta de registro no servidor da INCOOP na fala do Entrevistado 3, o registro é feito em seu computador particular:

E aí o que que eu faço é, deixo tudo no meu computador, porque tem um HD grande e eu vou guardando lá... só que como diz minha mãe, até pro mestrado, “vc tá fazendo back up, vc tá fazendo back up”? Eu... hummm... não (Entrevistado 3).

Por estar inserida no ambiente acadêmico, a INCOOP oferece condições necessárias para que estas conversões ocorram, no entanto, alguns pontos poderiam ser melhorados, a fim de facilitar as conversões do conhecimento:

1. A maioria dos entrevistados apontou a dificuldade de se encontrar documentos no servidor da incubadora. Neste servidor estão ou deveriam estar armazenados todos os documentos gerais da INCOOP e de suas equipes, organizados de tal modo que sejam rapidamente encontrados, porém, nota-se que há uma carência de armazenamento e organização das informações, o que prejudica a internalização do conhecimento. É necessário priorizar algumas ações, como indicar responsável(s) pela inserção e organização destes documentos no servidor da INCOOP, bem como trabalhar com a sensibilização da equipe para que disponibilize os documentos no servidor da incubadora, por se tratarem de conhecimentos relevantes para a incubadora. Este servidor é de grande relevância, pois é utilizado como um repositório do conhecimento da equipe.
2. Encontrar outras formas que facilitem o acesso ao conhecimento produzido, por exemplo, utilizar o Google Docs ou Dropbox, o que facilitaria a recuperação da informação necessária na hora certa. Esta seria uma forma de contribuir com a externalização, a combinação e a internalização, aumentando a potência e a capacidade de aprendizagem organizacional.
3. Vários entrevistados demonstraram a necessidade de divulgar seus afazeres para todos os membros da incubadora. As entrevistas indicaram que eles sentem a necessidade de saber o que os outros realizam, e este momento é propício para a socialização e externalização do conhecimento. Sugere-se momentos específicos, em reuniões, ou em outras atividades que melhor propiciasse esse compartilhamento.
4. Observou-se, por meio das entrevistas, que os relatórios dos projetos são uma via importante de disseminação do conhecimento, porém nem todos os coordenadores internalizam o relatório final que foi elaborado coletivamente; na maioria das vezes eles lêem somente a parte do relatório elaborada pela sua própria equipe.
5. Cabe destacar que nem todos os coordenadores deixam a disposição de todos os membros da incubadora seus trabalhos publicados em eventos acadêmicos, de fato

estes mecanismos de armazenamento existam, as pessoas não realizam. Isto pode estar relacionado com a flexibilidade da forma de organização da incubadora, do valor e da importância que a pessoa dá para este tipo de divulgação. Porém, dada a importância da externalização, combinação e internalização que este evento propicia a todos os membros da INCOOP, sugere-se a indicação de uma pessoa responsável pela cobrança e captação dos trabalhos, a fim de que os mesmos possam ficar disponíveis na incubadora.

Em relação às atividades dos membros da incubadora, foi constatado, por meio das entrevistas, que neste momento nem todos trabalham com incubação de empreendimentos, porém todos os membros estão envolvidos com cada uma das atividades da incubadora relacionadas na Figura 9 (p. 115), sendo alguns dedicando maior ênfase em determinada atividade do que em outras. Estas atividades correspondem a atuação do membro no âmbito da incubadora de uma forma geral, entretanto, cada membro possui atividades específicas relacionadas ao contrato por meio do qual ingressou, atividades estas que não necessariamente estão contempladas na Figura 9 (p. 115), como é o caso da incubação de empreendimentos, por exemplo.

Conforme abordado nesta pesquisa, os coordenadores executivos são contratados mediante a participação em editais específicos, sendo cada qual destinado a uma frente de atuação, como, por exemplo: atuação na cadeia da limpeza, na cadeia de confecções, de alimentos, para trabalhar com coordenação geral de projetos, na área de finanças solidárias, e assim por diante. Assim sendo, nem todos os coordenadores participam de frentes que envolvem a incubação de empreendimentos solidários, ou seja, não necessariamente trabalham com este tipo de atividade.

Constatou-se também, por meio das entrevistas, que alguns membros não possuem conhecimento amplo acerca da totalidade de atividades desenvolvidas no âmbito da incubadora. Aqueles que apresentaram maior clareza das atividades desenvolvidas são os membros que estão na incubadora há mais tempo. Isto pode ser explicado pelo fato de que cada membro trabalha, principalmente, com base nas especificações de seu contrato, muitas vezes não tendo tempo o suficiente de conhecer os demais contratos de forma aprofundada. Quanto mais tempo a pessoa participa da incubadora, tanto mais conhecimento adquire em relação às outras atividades desenvolvidas que não necessariamente se relacionam ao seu contrato, que abarca àquelas atividades específicas para as quais foi contratada.

Uma esclarecida e eficiente execução destas atividades impulsionariam o processo de conversão do conhecimento, como, por exemplo, ao disponibilizar todas as informações

pertinentes a INCOOP em seus repositórios. Este fato leva a crer que, dependendo do tempo de atuação na incubadora, as visões dos membros sobre suas atividades tornam-se mais claras, alinhadas ao ensino, à pesquisa e à extensão, propiciando a geração e troca para novos conhecimentos.

Em relação com a aplicação da conversão do conhecimento observou-se que em todos os eventos analisados foi possível aplicar as quatro conversões do conhecimento. Deste modo, pode-se concluir que na incubadora ocorrem as quatro conversões do conhecimento (socialização, externalização, combinação e internalização) apresentadas por Nonaka e Takeuchi (1997), conforme demonstrado na aplicação destas conversões nos eventos relacionados às atividades dos coordenadores executivos. Entretanto, é importante salientar que este tipo de organização – presente nas incubadoras universitárias -, possui características distintas dos demais tipos de organizações, sendo necessária a utilização de formas adequadas para garantir que todo o conhecimento ali produzido seja armazenado, a fim de garantir seu compartilhamento. Isso também se faz necessário tendo em vista a rotatividade de seus membros.

A partir dos resultados das entrevistas e de toda a análise da conversão do conhecimento notou-se, também, que quanto maior o tempo de trabalho do coordenador na INCOOP, maior é sua compreensão sobre suas atividades em relação com os objetivos da incubadora que são: incentivar a constituição de EES e sua integração em rede; produzir, disseminar e transferir conhecimento sobre cooperativismo, autogestão e ES; capacitar formadores para atuar na incubação de empreendimentos solidários e promover educação, inclusão social e o desenvolvimento humano de populações historicamente excluídas por meio da transferência do conhecimento produzido na universidade, da produção do conhecimento voltado para esse público alvo e da atuação direta no que se refere à formação integral necessária para garantir a autogestão de empreendimentos econômicos coletivos e solidários por essas populações; portanto este tempo de trabalho influencia de forma positiva a ocorrência das conversões do conhecimento.

Vale a pena destacar a ênfase que Nonaka e Takeuchi (1997) fazem em relação a criação do conhecimento, de que a organização não cria conhecimento sem os indivíduos, portanto, sem compartilhamento, não ocorre a espiral do conhecimento na organização.

CAPÍTULO 7: CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de caso desta dissertação foi realizado em uma incubadora universitária de empreendimentos de economia solidária, a INCOOP/UFSCar. A aproximação da incubadora com as iniciativas de economia solidária, valorizando o saber popular, conforme sua estratégia de atuação propicia o acesso do ensino e da pesquisa da academia para estes setores, complementando o saber dos atores destas iniciativas (GUERRA; CRUZ, 2009), contribuindo para a viabilidade dos empreendimentos, para o avanço dos fundamentos da ES e de seu movimento, bem como para a reflexão do papel da universidade na sociedade.

Ao incubar EES, as incubadoras universitárias disponibilizam recursos humanos e o conhecimento gerado na universidade para a formação e assessoria de trabalhadores, dessa forma, a incubação organiza-se como processo de vivência e capacitação corroborando com a criação e o compartilhamento do conhecimento (HECKERT, 2003).

“A interação entre diferentes atores sociais” presente, por exemplo, quando os membros da incubadora assessoraram empreendimentos de economia solidária, sendo este um dos eventos pesquisados, proporciona “um novo modo de produção do conhecimento” nestas incubadoras universitárias (SANTOS; MORTIMER, 2002, p.2).

Para a elaboração deste trabalho, alinharam-se as temáticas: economia solidária e gestão do conhecimento. Optou-se pela conversão do conhecimento por se tratar de uma forma de gerir o conhecimento que está mais próxima dos princípios da economia solidária (autogestão, cooperação, solidariedade, participação democrática, intercooperação, promoção do desenvolvimento humano, preocupação com a natureza e com a comunidade e produção e consumo éticos) e, assim, dos objetivos de uma incubadora universitária de iniciativas de economia solidária.

Alinhado a um dos objetivos da INCOOP - produzir, disseminar e transferir conhecimento - neste contexto, a conversão do conhecimento facilita a realização e um maior aproveitamento das atividades desenvolvidas em equipe, colaborando com a criação e o acúmulo do conhecimento individual. As oficinas e os seminários internos da incubadora são momentos em que o conhecimento é produzido, disseminado e transferido dentro da equipe.

Os próprios valores da ES presentes, em maior ou menor grau, nas atividades dos membros da incubadora, facilitaram o acesso e a participação da pesquisadora enquanto

membro da equipe, especialmente no que tange ao acesso da pesquisadora aos coordenadores da INCOOP, pois todos se mostraram disponíveis em participar do estudo uma vez que este poderia ajudar a própria incubadora.

O conceito referente à aplicação da conversão do conhecimento utilizado neste trabalho é baseado na visão de Nonaka e Takeuchi (1997). Segundo estes autores, a construção do conhecimento é obtida quando se reconhece o relacionamento sinérgico entre os conhecimentos que eles classificaram como conhecimento tácito e conhecimento explícito, e a partir desta interação é que ocorrem as quatro conversões do conhecimento: socialização, externalização, combinação e internalização.

Os resultados deste trabalho permitiram observar que os coordenadores executivos da INCOOP, ao realizarem suas atividades na incubadora, criam e utilizam o conhecimento para alcançar os objetivos propostos, portanto, é necessário que ocorra uma adequada conversão do conhecimento. As quatro formas da conversão do conhecimento foram observadas nas atividades da equipe permitindo a geração e a troca de novos conhecimentos (NONAKA; TAKEUCHI, 2007).

Os autores Nonaka e Takeuchi (1997) ainda mencionam que a realização de um trabalho efetivo com o conhecimento somente é possível em um ambiente no qual possa ocorrer a contínua conversão entre esses dois formatos (tácito e explícito). Para que o conhecimento seja preservado, as organizações devem manter o fluxo de atualização de seu conteúdo de forma contínua, de modo a proporcionar a disseminação e o compartilhamento de conhecimentos.

Dessa forma, a INCOOP deve sensibilizar as pessoas para que atualizem e registrem as atividades desenvolvidas e o conhecimento gerado no servidor da incubadora, pois como detectado com a aplicação das entrevistas, nem todos os coordenadores disponibilizam suas produções na incubadora. Esta sensibilização deveria atingir todas as equipes, e, para isto, este trabalho de mestrado sugere que seria interessante que se formasse uma comissão para sensibilização permanente. Esta comissão seria responsável por sensibilizar e propor formas de registro e de atualização deste registro, sendo indicada uma pessoa como responsável por esta tarefa.

Uma vez que se pode inferir, pelas suas características, que a economia solidária permite a criatividade, sugere-se neste trabalho de mestrado que outras técnicas para sensibilização consideradas mais criativas podem ser utilizadas, como, por exemplo, a aplicação de jogos cooperativos, que focam a cooperação e a solidariedade.

Baseado nos resultados obtidos pode-se concluir que a forma de organização das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares propicia e incentiva a criação e o compartilhamento do conhecimento. Notou-se que nessa forma de organização a maior parte do conhecimento produzido é socializado e compartilhado, colaborando com a conversão do conhecimento e com os outros princípios fundamentais da ES, a saber, a cooperação e a solidariedade. As incubadoras universitárias trabalham a questão do compartilhamento, sendo que o conhecimento é compartilhado com frequência, principalmente nos processos de intervenção onde é valorizado o saber popular.

Também o formato autogestionário da incubadora, que representa um dos princípios basilares da economia solidária, e as características inerentes deste tipo de organização (multidisciplinariedade, simultaneidade entre ensino, pesquisa e extensão, diversas áreas de conhecimentos e campos de atuações profissionais), proporciona uma maior democratização do conhecimento produzido e descentralização do poder.

No caso específico da disciplina ACIEPE, observou-se a criação coletiva do conhecimento que ocorreu com a elaboração do quadro comparativo entre economia solidária e economia capitalista, sendo que sua evolução aconteceu de forma participativa.

É importante salientar que a gestão do conhecimento é largamente utilizada em grandes corporações capitalistas, e tem sido amplamente pesquisada no ambiente acadêmico. No entanto, a conversão do conhecimento também pode ser aplicada em incubadoras universitárias de empreendimentos de economia solidária, podendo colaborar na aplicação da conversão do conhecimento. Nestas incubadoras, inclusive, a conversão do conhecimento pode ser favorecida por ocorrer, de forma mais efetiva, a promoção da criatividade e da autonomia coletiva, e por seus membros possuírem um alto grau de liberdade e autonomia. Outros aspectos que podem favorecer as conversões do conhecimento apareceram na realização da pesquisa e podem ser destacados:

- Maior tempo de permanência dos integrantes na incubadora, conforme destacado, pois favorece a visão e o domínio das atividades, cumprindo com a necessidade da instituição de informar e conscientizar acerca da divulgação e socialização do conhecimento;
- O ambiente autogestionário dos membros da incubadora;
- De modo geral, a conversão depende do tempo em que a equipe está constituída, do reconhecimento, necessidade e tempo de dedicação dos membros em propiciar as conversões;
- Conhecimento da importância do registro no servidor da incubadora.

Alguns aspectos destes tipos de organizações, que influenciam tanto positivamente como negativamente, podem ser destacados nas conversões do conhecimento. A utilização da autogestão pode apresentar pontos positivos e pontos negativos. O aspecto positivo é que as pessoas tomam a frente em algumas atividades para o bem do coletivo, incentivando a espontaneidade e criatividade, além do fato de proporcionar maior transparência das informações e maiores oportunidades de aprendizagem e troca de conhecimentos entre as pessoas. Do outro lado, um dos pontos que pode ser considerado negativo é o fato de que não existe um responsável direto, e em tempo integral, por uma determinada atividade, por exemplo, para um repositório dos trabalhos realizados, o que pode comprometer ou então atrasar sua realização. O fato das atividades estarem descentralizadas, também pode dificultar a realização das atividades por esta depender de várias reuniões para que as decisões sejam tomadas e as diretrizes encaminhadas. Neste caso, embora por um lado o coletivo possa ganhar no aumento do conhecimento por parte de todos os membros da equipe, de forma igualitária, a tomada de decisões pode tardar para ocorrer devido a necessidade de um maior número de reuniões em função de se buscar o consenso nas decisões coletivas.

Outro aspecto não favorecedor está relacionado com os tipos de financiamentos recebidos pelas incubadoras (projetos) para proverem suas necessidades, acarretando um elevado rodízio entre os coordenadores, o que pode dificultar, como observado nesta pesquisa, o registro e compartilhamento do conhecimento dos membros.

Observou-se que trabalhar com o ensino, a pesquisa e a extensão de forma integrada tem um alto grau de complexidade para os coordenadores da incubadora, por meio de atividades relacionadas à formação de estudantes e profissionais (ensino), à produção de conhecimento (pesquisa) e à intervenção em processos de incubação de cooperativas populares (extensão).

A interdisciplinaridade exigida e desejada é um desafio muito grande para os membros que têm formação em áreas específicas. Deste modo, determinados conhecimentos que, para alguns, estão enraizados de forma mais clara, para outros pode ser mais complicado adquirir, o que implica num gasto maior de tempo para desenvolver uma atividade ou tomar uma decisão. A multidisciplinaridade, que permite maiores e mais qualificadas trocas de informações e de conhecimentos, pode causar alguns obstáculos nestas mesmas trocas. Por terem diferentes formações que dificulta, mas não impedi, ricas contribuições em seus afazeres, proporcionando diferentes olhares. No entanto, a busca pela multidisciplinaridade deve ser constante na construção de uma nova sociedade, pois os diversos pontos de vista

devem estar presentes quando se trata de construir as bases de um novo caminho para a humanidade.

O método adotado para a realização desta pesquisa contribuiu para o seu desenvolvimento por ter propiciado uma visão mais ampla no que concerne às atividades da incubadora e dos seus membros, no caso os coordenadores executivos, levando a entender a atividade fim das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares, que é a produção do conhecimento e ação na realidade.

A INCOOP articula ensino, pesquisa e extensão no âmbito da economia solidária e participa de diversas instâncias do movimento da ES, de modo que, neste sentido, pode-se afirmar que a incubadora é um centro irradiador da economia solidária. Os resultados desta pesquisa confirmaram a atual situação de seus coordenadores, no que tange a conversão do conhecimento, podendo colaborar com novas pesquisas acerca das incubadoras universitárias de empreendimentos de economia solidária e a gestão do conhecimento.

Como sugestão de continuidade, indica-se que seja elaborado um mapeamento do fluxo de processo de algumas atividades dos membros da incubadora, como: assessorar empreendimento de economia solidária, elaboração de projetos, organização de encontros e oficinas etc. Esta é uma maneira de identificar e de estruturar as atividades, como também uma forma para buscar mecanismos de melhorias, principalmente para a manutenção, registro e sua acessibilidade. A consulta ao fluxo permite seguir cada etapa da atividade, qual o caminho percorrido até seu objetivo final, mostrar as melhores práticas, e assim eliminando desperdício e retrabalho. A organização por processo valoriza o trabalho em equipe, a cooperação, e também colabora com o registro de informações que serão úteis para atuais e futuros membros da INCOOP.

Por fim, além de colaborar para o fomento de melhorias para a gestão do conhecimento na INCOOP, espera-se que este trabalho possa contribuir para ressaltar a relevância da gestão do conhecimento no campo da economia solidária às demais incubadoras; organizações com este perfil que ainda necessitam de esforços e estímulos para um crescimento satisfatório, crescimento este que se encontra associado à criação, disseminação e compartilhamento do conhecimento. No que tange ao meio acadêmico de uma forma mais ampla, é esperado que esse estudo possa servir como fonte de contribuição para pesquisas relacionadas a essa temática.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, E. M. et al. **A distribuição espacial da produção científica e tecnológica brasileira:** uma descrição de estatísticas de produção local de patentes e artigos científicos. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2001/artigos/200105365.pdf>>. Acesso em 01 set. 2011.
- ALBUQUERQUE, P. P. Associativismo. In: Cattani, A. D. (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003. p.15-20.
- ALONSO, C. B. La apropiación social de la ciencia: nuevas formas. **Revista CTS**, v. 4, n. 10, p.213-225, 2008. Disponível em: <<http://www.revistacts.net/4/10/014/file>>. Acesso em: 03 maio 2011.
- ARGYRIS, C. **On organizational learning**. 2 ed. Oxford: Blackwell, 1999.
- ARROYO, J. C. T.; SCHUCH, F. C. **Economia popular e solidária:** a alavanca para um desenvolvimento sustentável e solidário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- AULER, D.; DELIZOICOV, D. Educação CTS: articulação entre pressupostos do educador brasileiro Paulo Freire e referenciais ligados ao movimento CTS. In: ENCONTRO IBEROAMERICANO SOBRE LAS RELACIONES CTS EN LA EDUCACIÓN CIENTÍFICA, 5, Málaga. **Anais...** Málaga: Ed. Universidad de Málaga, 2006. p. 01-09.
- BATTESTIN, C. Ações educativas ambientais para preservar a vida. In: Herbert, S. P. et al. (Org.). **Participação e práticas educativas:** a construção coletiva do conhecimento. Brasília: Líber Livro, 2009. p.45-54.
- BRAGA, K. S. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em ciência da informação. In: Mueller, S. P. M. (Org.). **Métodos para a pesquisa em ciência da informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p.17-38.
- BRAGHETTI, R. C. F. A. Gestão do conhecimento: uma nova maneira de se olhar a organização. In: Terra, J. C. C. (Org.). **Gestão do conhecimento e e-learning na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p.53-59.
- BRANDÃO, O. C. As organizações diante da evolução das tecnologias de informação e comunicação. In: Tarapanoff, K. (Org.). **Inteligência, informação e conhecimento**. Brasília: IBICT, UNESCO, 2006. p.139-155.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Atlas da economia solidária no Brasil 2005**. Brasília: MTE; SENAES, 2006.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Estatística 2007**. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/secretaria_nacional.asp>. Acesso em: 10 maio 2011.
- BRITO, A. J. R.; LIMA, A. Município de Guarulhos (SP – Brasil). In: Intuadi, S. M. (Org.). **Economia solidária:** um setor em desenvolvimento. São Paulo: Prefeitura de Rio Claro, 2002. p.81-89.
- BURNHAM, T.F. et al. Aprendizagem organizacional e gestão do conhecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6, 2005, Salvador – BA. **Anais...** Disponível em: <http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/TeresinhaRenatoIsabelRamone.pdf>. Acesso em 10 nov. 2011.

- CALAZANS, A. T. S. Estudo de caso – uma estratégia de pesquisa. In: Mueller, S. P. M. (Org.). **Métodos para a pesquisa em ciência da informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p.39-62.
- CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. [A sociedade em rede]. Tradução: Roneide Venancio Majer. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, v.1.
- CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. [O poder da identidade]. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002, v.2.
- CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. [Fim de milênio]. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007, v.3.
- CEREZO, J. A. L. Ciência, tecnologia e sociedade: o estado da arte na Europa e nos Estados Unidos. In: Santos, L. W. et al. (Org.). **Ciência, tecnologia e sociedade: o desafio da interação**. 2. ed. Londrina: IAPAR, 2004. p.11-44.
- CIA, F.; CORTEGOSO, A. L. Comportamentos de mediadores em processos de tomada de decisão em empreendimentos solidários. In: Cortegoso, A. L.; Lucas, M. G. (Org.). **Psicologia e economia solidária: interfaces e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p.183-194.
- CORTEGOSO, A. L. Consumo ético e responsável na economia solidária: compreensão e mudanças de práticas culturais. In: Cortegoso, A. L.; Lucas, M. G. (Org.). **Psicologia e economia solidária: interfaces e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p.165-180.
- CORTEGOSO, A. L.; CIA, F.; LUCAS, M. G. Economia solidária: o que é e como se relaciona com a Psicologia. In: Cortegoso, A. L.; Lucas, M. G. (Org.). **Psicologia e economia solidária: interfaces e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p.25-37.
- CORTEGOSO, A. L.; et al. Comportamentos ao incubar empreendimentos solidários: a descrição do fazer coletivo como referencial para o fazer de cada um. In: Cortegoso, A. L.; Lucas, M. G. (Org.). **Psicologia e economia solidária: interfaces e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p.117-136.
- CORTEGOSO, A. L.; ZANIN, M.; FERREIRA, D. M. Inovação pedagógica na UFSCar e ensino de Economia Solidária: atividade curricular de integração ensino, pesquisa e extensão. In: CONGRESSO DE ITCPS, 2, São Paulo. **Anais...** do II congresso de ITCPS, 2009, p.1-19.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES. **Banco de Teses**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>>. Acesso em: 30 nov. 2011.
- CÔRTEZ, S. M. V. Fóruns participativos e governança: uma sistematização das contribuições da literatura. In: Lubambo, C.; Côelho, D. B.; Melo, M. A. (Org.). **Desenho institucional e participação política: experiências no Brasil contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 13-31.
- COSER, D. S.; CORTEGOSO, A. L. Sistematização e análise do processo de constituição, consolidação e aspectos da evolução de uma cooperativa popular de limpeza. In: Cortegoso, A. L.; Lucas, M. G. (Org.). **Psicologia e economia solidária: interfaces e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p.225-242.
- CRUZ-SOUZA, F. et al. Las incubadoras universitarias de economia solidaria em Brasil: um estudio de casos. In: CONGRESSO DA REDE UNIVERSITÁRIA EUROLATINOAMERICANA EM ESTUDOS COOPERATIVOS E DE ECONOMIA SOCIAL. 2010, Granada, Espanha. **Anais...** Espanha, 2010. p.196-220.

- CRÚZIO, H. O. **Cooperativas em rede e autogestão do conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- DALKIR, K. **Knowledge management in theory and practice**. Burlington: Elsevier Butterworth-Heinemann, 2005.
- DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam seu capital intelectual**. Tradução: Lenke Peres. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- FIALHO, F. A. P. et al. **Gestão do conhecimento e aprendizagem: as estratégias competitivas da sociedade pós-industrial**. Florianópolis: Visual Books, 2006.
- FIGUEIRA, F. F.; PAN, M.A.G.S. Letramento e economia solidária: ressignificando identidades. In: Cortegoso, A. L.; Lucas, M. G. (Org.). **Psicologia e economia solidária: interfaces e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p.151-164.
- FINANCIADORA DE ESTUDOS E PROJETOS - FINEP. Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares - PRONINC. Disponível em: <http://www.finep.gov.br/programas/proninc.asp>. Acesso em: 30 ago. 2011.
- FLEURY, M. T. L.; OLIVEIRA JUNIOR, M. M. Aprendizagem e gestão do conhecimento. In: Fleury, M. T. L. (Org.). **As pessoas na organização**. 3 ed. São Paulo: Gente, 2002, p.133-146.
- FONSECA, R.; SERAFIM, M. A tecnologia social e seus arranjos institucionais. In: Dagnino, R. (Org.). **Tecnologia Social: ferramenta para construir outra sociedade**. 2.ed. Campinas: Komedi, 2010, 249-264.
- FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA – FBES. **Site**. Disponível em: <http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=61&Itemid=57>. Acesso 07 fev. 2011.
- FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O TRABALHO – UNITRABALHO. **Site**. Disponível em: <Erro! A referência de hiperlink não é válida.>. Acesso em 03 maio 2011.
- GAIGER, L. I. Empreendimentos econômicos solidários. In.: Cattani, A. D. (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003. p.125-129.
- GALLO, A. R. **Empreendimentos econômicos solidários: alternativas organizacionais de (re)inserção social e econômica**. 2003. 270 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Centro de Ciências Exatas. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- GASQUE, K. C. G. D. Teoria fundamental: nova perspectiva à pesquisa exploratória. In: Mueller, S. P. M. (Org.). **Métodos para a pesquisa em ciência da informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p.83-118.
- GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- GUERRA, J. S.; CRUZ, A. Educação popular e economia solidária nas incubadoras universitárias de cooperativas populares: práticas dialógicas mediadas pelo trabalho. In: Herbert, S. P. et al. (Org.). **Participação e práticas educativas: a construção coletiva do conhecimento**. Brasília: Líber Livro, 2009. p.90-105.

GUIMARÃES, G. Incubadoras tecnológicas de cooperativas populares: contribuição para um modelo alternativo de geração de trabalho e renda. In: Singer, P.; Souza, A. R. (Org.). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p.111-122.

HAYASHI, M. C. P. I.; HAYASHI, C. R. M.; FURNIVAL, A. C. M. Ciência, Tecnologia e Sociedade: Apontamentos preliminares sobre a constituição do campo no Brasil. In: Souza, C. M.; Hayashi, M. C. P. I. (Org.). **Ciência, tecnologia e sociedade: enfoques teóricos e aplicados**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008. P.29-88.

HECKERT, S. M. R. **Cooperativismo popular: reflexões e perspectivas**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003.

HOFFMANN, W. A. M. **Gestão do conhecimento: desafios de aprender**. São Carlos: Compacta, 2009.

INCUBABORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES - INCOOP. Articulação Ética e Solidária para um Consumo Responsável - Consumosol. **Site**. Disponível em <<http://www.ufscar.br/consusol/index2.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

_____. **Apresentação INCOOP**. Documento fornecido pela instituição em 2011.

_____. **Atividades INCOOP**. Documento fornecido pela instituição em 2010.

_____. **Funções de participantes INCOOP**. Documento fornecido pela instituição em 2010.

_____. **Instâncias e funções 2002**. Documento fornecido pela instituição em 2011.

_____. **Programação ACIEPE 2 semestre 2011 equipe**. Documento fornecido pela instituição em 2011.

_____. **Quadro comparativo 2004**. Documento fornecido pela instituição em 2011.

_____. **Sistemática de avaliação na disciplina**. Documento fornecido pela instituição em 2011.

_____. **Site**. Disponível em: <<http://www.incoop.ufscar.br>>. Acesso em: 28 jul. 2011.

_____. **Tabela economia capitalista x economia solidária 2011**. Documento fornecido pela instituição em 2011.

_____. **Termo de referência 2010**. Documento fornecido pela instituição em 2011.

LIMA, J. C. **O trabalho autogestionário em cooperativas de produção: o paradigma revisitado**. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 27 nov. 2011.

LLORIA, M. B. A review of the main approaches to knowledge management. **Knowledge Management Research & Practice**, v. 6, n. 1, p. 77-89, 2008.

MAIA, C. Casa de Ferreiro, Espeto de pau – a gestão do conhecimento em empresas produtoras de conhecimento. In: Terra, J. C. C. (Org.). **Gestão do conhecimento e e-learning na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p.3-12.

MAWAKDIYE, A. A capital dos talentos e doutores. **Revista Problemas Brasileiros**, n. 409, 2012. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao_Id=421&breadcrumb=1&Artigo_ID=6431&IDCategoria=7429&reftype=1>. Acesso em: 11 jan. 2012.

MELLO, S. L. M. Prefácio. Por que economia solidária? Por que psicologia? In: Cortegoso, A. L.; Lucas, M. G. (Org.). **Psicologia e economia solidária: interfaces e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p.19-20.

MESQUITA FILHO, A. Integração ensino-pesquisa-extensão. In: SIMPÓSIO MULTIDISCIPLINAR, 2., 1996. São Paulo. Mesa Redonda "O Princípio da Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão". São Paulo, SP: Universidade São Judas Tadeu, 1996. **Palestra...** Disponível em: <<http://www.ecientificocultural.com/ECC2/artigos/epe.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2011.

MORAES, R. C. C. Universidade hoje - ensino, pesquisa, extensão. **Educação & Sociedade** [online]. 1998, vol.19, n.63, p.19-37. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73301998000200002>>. Acesso em: 20 fev. de 2011.

NARDINI, T. **A utilização de métodos de planejamento participativo durante o processo de incubação de cooperativas populares**. 2007. 155 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Centro de Ciências Exatas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação**. 20 ed. Tradução: Ana Beatriz Rodrigues; Priscilla Martins Celeste. Rio de Janeiro: Campus, 1997

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Gestão do conhecimento**. Tradução: Ana Thorell. Porto Alegre: Bookman, 2009.

NÚCLEO DE GESTÃO. Núcleo de gestão: quem somos e como trabalhamos. In: INCUBADORA TECNOLÓGICA DE COOPERATIVAS POPULARES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – ITCP-USP (Org.). **A gestão da autogestão na economia solidária: contribuições iniciais**. Porto Alegre: Calábria; São Paulo: ITCPS-USP, 2007, p.12-15.

OLIVEIRA, M. C. S. B.; ZANIN, M. Economia solidária: uma temática em evolução nas dissertações e teses brasileiras. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE, 1. 2011a, São Carlos – SP, p.1-9.

OLIVEIRA, M. C. S. B.; ZANIN, M. Evolução das publicações de teses e dissertações em economia solidária e gestão do conhecimento. In: CONGRESSO DA REDE UNIVERSITÁRIA DE INCUBADORAS TECNOLÓGICAS DE COOPERATIVAS POPULARES – REDE DE ITCPS, 3 E SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EXTENSÃO EM ECONOMIA SOLIDÁRIA, 1. 2011b, Porto Alegre – RS. **Anais...**, p. 1-11.

OLIVEIRA, M. C. S. B.; ZANIN, M. Economia solidária: uma temática em evolução nas dissertações e teses brasileiras. **Revista Brasileira de Ciência, Tecnologia e Sociedade**. São Carlos, 13 p. No prelo 2012.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Ed. Bagaço, 2005.

OLIVEIRA FILHO, M. A. M. B. **Cultura solidária e cooperativas populares**. Rotatividade dos sócios e desafios à autogestão. Um estudo de caso em São Carlos. Brasil. 2010. 207 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.

PEDRINI, D. M. A incubadora de empresas da Universidade Regional de Blumenau. In: Pintuadi, S. M. (Org.). **Economia solidária: um setor em desenvolvimento**. São Paulo: Prefeitura de Rio Claro, 2002. p.171-181.

PERSEGUINO, S. A. **Interfaces entre os avanços científicos e tecnológicos e as novas competências da área de gestão de pessoas em universidades: o caso da UFSCar.** 2011. 146f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar, 2011.

PIRES, A. S. **Autogestão, economia solidária e gênero: as trabalhadoras de cooperativas incubadas na cidade de São Carlos.** 2010. 106f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Sociologia do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar.

REDE UNIVERSITÁRIA DE INCUBADORAS TECNOLÓGICAS DE COOPERATIVAS POPULARES – REDE DE ITCPs. **Site.** Disponível em: <<http://www.redeitcps.com.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

RICHE, G. A.; ALTO, R. M. As organizações que aprendem, segundo Peter Senge: “A quinta disciplina”. **Cadernos discentes COPPEAD**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 36-55, 2001. Disponível em <<http://www.mettodo.com.br/pdf/Organizacoes%20de%20Aprendizagem.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

RODRIGUES, M. C. P. **Novo capitalismo em prática.** Disponível em: <<http://www.ideiasustentavel.com.br/2011/03/novo-capitalismo-como-colocar-em-pratica/>>. Acesso em 16 nov. 2011.

ROSSATO, M. A. Conhecimento – o principal fator de conhecimento da Eletrobrás. In: Terra, J. C. C. (Org.). **Gestão do conhecimento e e-learning na prática.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p.103-116.

SANTOS, A. M. **O movimento da economia solidária no Brasil e os dilemas da organização popular.** 2010. 202 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Serviço Social, Centro de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SANTOS, A. M.. Protagonismo popular no movimento da economia solidária no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 15., 2011, Curitiba - PR. **Anais...** Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=201&Itemid=171>. Acesso em: 05 set. 2011.

SANTOS, A. M.; CARNEIRO, V. G. **O movimento da economia solidária no brasil: uma discussão sobre a possibilidade da unidade através da diversidade.** Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/e-cadernos/pages/pt/artigos_por_autor/aline-mendonca-dos-santos.php#>. Acesso em: 30 out. 2011.

SANTOS, W. L. P; MORTIMER, E. F. Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem C-T-S (Ciência – Tecnologia – Sociedade) no contexto da educação brasileira. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 2, n. 2, 2002. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/view/21/52>>. Acesso em: 12 out. 2011.

SCHOR, T. Reflexões sobre a imbricação entre ciência, tecnologia e sociedade. **Scientiae Studia**, São Paulo, v.5, n.3, 2007, p.337-367. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662007000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 nov. 2011,

SENGE, P. M. **A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende.** Tradução: Gabriel Zide Neto. 25 ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009.

SENNETT, R. **A cultura do novo capitalismo.** Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, S. L. Informação e competitividade: a contextualização do conhecimento nos processos organizacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p.142-151, maio/ago. 2002a.

_____. **Proposição de um modelo para caracterização das conversões do conhecimento no processo de desenvolvimento de produtos.** 2002b, 245 f. Tese (Doutorado em Engenharia Mecânica) – Escola de Engenharia de São Carlos. Universidade de São Paulo, São Carlos

_____. Gestão do conhecimento: uma revisão crítica orientada pela abordagem da criação do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p.143-151, maio/ago. 2004.

_____. Os processos empresariais como elementos de integração entre estratégia e inteligência competitiva com a gestão do conhecimento. In: Furnival, A. C.; Costa, L. S. F. (Orgs.). **Informação e conhecimento: aproximando áreas de saber.** São Carlos: EdUFSCar, 2005. p.231-246.

SILVA, S. L.; ROZENFELD, H. Proposição de um modelo para avaliar a gestão do conhecimento no processo de desenvolvimento de produtos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p.147-157, jan./abr. 2007.

SILVEIRA, R. M. C. F.; BAZZO, W. A. **Ciência e tecnologia:** transformando a relação do ser humano com o mundo. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR TECNOLOGIA E CIVILIZAÇÃO, 9. 2005, Ponta Grossa - PR. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos.html>>. Acesso em 09 set. 2011.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

_____. Economia solidária. In: Cattani, A. D. (Org.). **A outra economia.** Porto Alegre: Veraz Editores, 2003. p.116-125.

_____. Prefácio. A psicologia e a economia solidária. In: Cortegoso, A. L.; Lucas, M. G. (Org.). **Psicologia e economia solidária: interfaces e perspectivas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p.13-22.

SINGER, P.; SOUZA, A. R. (Org.). **A economia solidária no Brasil – a autogestão como resposta ao desemprego.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, L. L. C. **Mecanismos de coordenação e práticas da gestão do conhecimento na rede de valor terceirizada:** estudo no setor elétrico. 2011. 245f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento do Centro Tecnológico da Universidade Federal de Santa Catarina.

SOUZA, Y. S. Organizações de aprendizagem ou aprendizagem organizacional. **RAE-eletrônica**, v. 3, n.1, Art. 5, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/raeel/v3n1/v3n1a08.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2011.

STEWART, T. A. **Capital intelectual:** a nova vantagem competitiva das empresas. Tradução: Ana Beatriz Rodrigues; Priscila Martins Celeste. 14. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1998.

SVEIBY, K. E. **A nova riqueza das organizações:** gerenciando e avaliando patrimônios de conhecimento. Tradução: Luiz Euclides Trindade Frazão Filho. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

TEIXEIRA FILHO, J. **Gerenciando conhecimento:** como a empresa pode usar a memória organizacional e a inteligência competitiva no desenvolvimento de negócios. 2. ed. Rio de Janeiro: SENAC, 2000.

THIOLLENT, M. A metodologia participativa e sua aplicação em projetos de extensão universitária. In: Thiollent, M.; Araújo Filho, T.; Soares, R. L. S. (Org.). **Metodologia e experiências em projetos de extensão.** Niterói: EduFF, 2000. p.19-28.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar. Pró-Reitoria de Extensão – ProEx. **Caderno Aciepe**. São Carlos, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar. **Estatuto UFSCar**. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~soc/documentos/EstatutoUfscar_alterado.pdf>. Acesso em: 20 out. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar. **PDI 2004 Aspectos acadêmicos: documento base – subsídios para discussão**. Disponível em: <<http://www.pdi.ufscar.br/pdi-2004>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar. **Portaria GR 220/93**. Disponível em: <<http://www2.progpe.ufscar.br/portarias2/regulamentacao-do-regime-de-trabalho-de-dedicacao-exclusiva/portaria-gr-n.-220-93/view>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

VALÊNCIO, N. F. L. S. et al. Incubadora de cooperativas populares: uma experiência universitária em prol da transformação social. In: Thiollent, M.; Araújo Filho, T.; Soares, R. L. S. (Org.). **Metodologia e experiências em projetos de extensão**. Niterói: EduFF, 2000. p.297-305.

VALENTIM, M. L. P. Inteligência competitiva em organizações: dado, informação e conhecimento. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, ago. 2002.

VECHIA, R.S.D. et al. Cooperativas de catadores de resíduos sólidos em Pelotas: apontamento de uma experiência. In: Herbert, S. P. et al. (Org.). **Participação e práticas educativas: a construção coletiva do conhecimento**. Brasília: Líber Livro, 2009. p.55-63.

VON LINSINGEN, I. Perspectiva educacional CTS: aspectos de um campo em consolidação na América Latina. **Ciência & Ensino**, vol. 1, número especial, 2007. Disponível em: <<http://www.ige.unicamp.br/ojs/index.php/cienciaeensino/article/view/150/108>>. Acesso em: 05 nov. 2011.

_____. **O enfoque CTS e a educação tecnológica: origens, razões e convergências curriculares**. Disponível em <<http://www.nepet.ufsc.br/Artigos/Texto/CTS%20e%20EducTec.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2011.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução: Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

WIKIPEDIA. **Ficheiro: Brazil Labelled Map.svg**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil_Labelled_Map.svg>. Acesso em: 15 dez. 2011.

ZANIN, M. (Coord.). **Proposição de diretrizes para políticas públicas em economia solidária como condição para desenvolvimento de território urbano: caso Jardins Gonzaga e Monte Carlo – São Carlos, SP**. Projeto de Pesquisa em Políticas Públicas - FASE II, 2007. Processo FAPESP no. 2007/55393-6, São Carlos, 2007.

_____. **Proposição de diretrizes para políticas públicas em economia solidária como condição para desenvolvimento de território urbano: caso Jardins Gonzaga e Monte Carlo – São Carlos, SP**. II Relatório de progresso. Processo FAPESP no. 2007/55393-6. São Carlos, 2011.

ZELEZA, P. T. Conhecimento, globalização e hegemonia: produção do conhecimento no século XXI. In: UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Sociedade de conhecimento versus economia de conhecimento: conhecimento, poder e política**. Tradução: Sérgio Bath e Oswaldo Biato. Brasília: UNESCO, SESI, 2005. 19-46 p.

APÊNDICE A – TRABALHOS PUBLICADOS E APRESENTADOS

Em dezembro/2010 foi publicado livro intitulado “Apontamentos de estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade” e neste livro consta a publicação do capítulo intitulado “Gestão do conhecimento e incubadoras universitárias de empreendimentos de economia solidária: uma aproximação desejável” de autoria de Marcia Cristina dos Santos Barbosa de Oliveira e Prof. Dra. Maria Zanin, de 17 páginas.

No período de 30 de março a 02 abril de 2011 ocorreu o III Congresso da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares – Rede de ITCPs e I Simpósio Internacional de Extensão em Economia Solidária, neste evento foi apresentado oralmente o trabalho intitulado “Evolução das publicações de teses e dissertações em Economia Solidária e gestão do conhecimento” de autoria de Marcia Cristina dos Santos Barbosa de Oliveira e Prof. Dra. Maria Zanin. Dentre 72 trabalhos apresentados neste evento, 22 foram escolhidos e serão publicados na primeira revista da rede, e este mencionado foi um dos escolhidos.

Ocorreu no período de 14 a 16 de junho de 2011 o 1º. Seminário Brasileiro de Ciência, Tecnologia e Sociedade. Neste seminário foi apresentado na Sessão de Comunicação Oral o trabalho intitulado “Economia Solidária: uma temática em evolução nas dissertações e teses brasileiras” de autoria de Marcia Cristina dos Santos Barbosa de Oliveira e Prof. Dra. Maria Zanin. Este artigo será publicado na revista brasileira de CTS.

A pesquisadora foi convidada pela INCOOP, a escrever um capítulo de um livro sobre produção do conhecimento e este será o primeiro livro elaborado por membros, ex-membros e convidados da incubadora. A previsão é que esteja disponível até meados do ano de 2012.

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Perfil do entrevistado:

Idade: _____

Sexo: _____

Quanto tempo está na INCOOP: _____

Trabalhou com economia solidária em outro local? _____

Onde?: _____

Em qual período?: _____

2. Quais suas atividades na INCOOP? Quais recursos usados nestas atividades e quais pessoas (organização) estão envolvidas?

3. Em relação a divulgação do conhecimento, o que você tem a dizer sobre as atividades desenvolvidas por você na incubadora. Geram quais produtos?

4. Onde e como os registra?

5. Você conhece a produção individual e coletiva dos membros da incubadora? Como você chegou a ela?

6. Com que frequência você consulta/utiliza o conhecimento produzido pelos membros da INCOOP, e para qual finalidade?

7. Há dificuldade em buscar documentos impressos ou virtuais, para suas atividades na incubadora?

8. Em sua opinião o que dificulta ou facilita este acesso?

9. Onde ou a quem você recorre para obter informação que possa esclarecer dúvidas surgidas em relação ao seu fazer na incubadora?

10. Você tem alguma sugestão sobre a organização do conhecimento produzido na INCOOP?

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTADO 1

ENTREVISTADO 1: Acho que é melhor marcar a data e a hora

ENTREVISTADORA: Não sei

ENTREVISTADO 1: É dia vinte e oito de setembro de 2011 duas e meia da tarde na incubadora

ENTREVISTADORA: Muito bem

ENTREVISTADO 1: Aqui é o Entrevistado 1 que ta falando e eu vou ser entrevistado pela Entrevistadora (risos)

ENTREVISTADORA: Muito bom Entrevistado 1 (truncamento com a risada)

ENTREVISTADORA: Bom então primeiro a gente vai comentar sobre a discussão de alguns dados seus né o seu perfil a sua idade

ENTREVISTADO 1: Eu tenho há

ENTREVISTADORA: Trinta anos

ENTREVISTADO 1: O que eu faço aqui ou você é só pra eu acompanhar aqui

ENTREVISTADORA: Sexo masculino

ENTREVISTADO 1: Até onde eu seu (risos)

ENTREVISTADORA: Quanto tempo você esta na INCOP?

ENTREVISTADO 1: Desde agosto de 2006 isso da cinco anos

ENTREVISTADORA: Cinco você trabalhou com economia solidária em outro local?

ENTREVISTADO 1: É antes da incubadora?

ENTREVISTADORA: É não tá

ENTREVISTADO 1: Ai é o que trabalhou né é o que ta no papel

ENTREVISTADORA: Trabalhou com economia solidaria

ENTREVISTADORA: Então é essa pesquisa ela é intitulada conversão do conhecimento estudo de caso em incubadora universitária de empreendimentos de economia solidaria então o objetivo dessa pesquisa é compreender o processo de conversão de conhecimento em uma incubadora então conversando o conhecimento é nós temos dois tipos de conhecimento segundo Nonaka e Takeuchi e outros autores é conhecimento tácito e o conhecimento explícito tácito é aquele que ta nas pessoas e explícito é outra forma de formalizar e essa conversão é da espiral de conhecimento desses mesmos autores é que com essa atividades dos coordenadores executivos é que eu pretendo demonstrar com meu trabalho em que momento ocorre essas conversões ah.. então eu já tenho algumas atividades por que eu busquei na nos documentos da incubadora quais são as atividades dos coordenadores executivos eu não tenho nada atualizado foi feito tentando fazer isso né um negocio que não foi ainda atualizado

ENTREVISTADO 1: Não foi atualizado

ENTREVISTADORA: Então não sei se todas essas continuam sendo atividades dos coordenadores executivos então a primeira pergunta já é sobre isso quais suas atividades na INCOOP então essa foi a levantada mas não necessariamente você já ta me dizendo aqui que não ta atualizada né

ENTREVISTADO 1: Tá é aí quais as atividades atuais na INCOOP ou ao longo dos cinco anos

ENTREVISTADORA: Não quais as suas atividades

ENTREVISTADO 1: Então as minhas atividades elas vieram alterando ao longo da história que eu to aqui né

ENTREVISTADORA: Tá bastante tempo sim cinco anos né

ENTREVISTADO 1: É no período atual eu to é inserido num projeto que tem metas e objetivos específicos né pra esse projeto é eu to como coordenador executivo geral que ai na incubadora ela toma um até onde também eu sei (risos) toma uma dimensão relacionada ao gerenciamento das atividades que ocorrem dentro da incubadora é ai essas atividades são desde de sistematização das ações relacionados ao que é geral né na incubadora ai o que é geral é com essas atividades em andamento como elas se relacionam é que tipos de atividades a gente desenvolve ai organizando o ensino a pesquisa e extensão como que a gente se organiza dentro da ACIEPE em relação ao e ensino com relação a pesquisa que tipos de eventos são importantes com a incubadora esteja então a gente fica monitorando isso com relação a captação de recursos que eu tenho um pouco de domínio acúmulo então ai quais vão ser vitais são mais adequadas ao que a incubadora faz ai a gente monta uma comissão e faz parte dessa comissão então hoje ela ta centrada nisso mas antes como eu tava direto dentro do empreendimento era uma relação diferente com a incubadora tinha uma relação mais autônoma relacionado a minha atividade com o grupo que eu assessorava

ENTREVISTADORA: Entendi

ENTREVISTADO 1: Ainda continuo tendo contato né não ta relacionado diretamente ao que as pessoas esperam de mim aqui na incubadora mas eu tenho desenvolvido essa atividade de monitoramento e acompanhamento do empreendimento e mais que isso acompanhar é um grupo de pesquisa que ta fazendo essa ponte como em Itapeva a quatrocentos quilômetros tem um grupo de pesquisa que se formou a partir dessa interação da

incubadora com a marcenaria que a gente incubou lá então eu to dando um apoio pra esse grupo de pesquisa no sentido deles continuarem assessorar na marcenaria tendo em vista que a gente já não tem mais recursos pra tá lá então tem essa atividade que eu faço tem atividade de acompanhamento da associação foi uma atividade pontual que é organizada que é associação de moradores do bairro do Gonzaga que a incubadora tirou como uma condição mais favorável que a gente tá lá por que se tivesse uma associação organizada tal e tirei para fazer isso ó e tem atividades que são operacionais de relatoria moderação de reuniões mas não sei se isso já tá da conta das coisas que você

ENTREVISTADORA: É

ENTREVISTADO 1: É eu não consigo categorizar muito bem eu vou falando Entrevistadora agora aqui no papel a gente consegue ver que existem algumas atividades que na minha fala podem tá ou não a gente pode fazer esse exercício mais tarde mas é eu acredito que boa parte dela eu to conseguindo falar pra você assim no processo de acompanhamento da associação provavelmente tinham providências e atividades ações que são relacionadas ao que se espera de um coordenador

ENTREVISTADORA: De um coordenador

ENTREVISTADO 1: Mas eu não vou conseguir te categorizar tudo

ENTREVISTADORA: Tá então pra essas suas atividades quais os recursos que você utiliza ah não sei Power point reuniões

ENTREVISTADO 1: Das ferramentas pra que facilita

ENTREVISTADORA: Mas

ENTREVISTADO 1: É

ENTREVISTADORA: Você pode falar sobre reunião da associação dos moradores

ENTREVISTADO 1: Então é quando a gente tem uma atividade de campo vamos dizer assim que é com o pessoal que tem uma compreensão diferente do projeto que a gente tem a gente um pouco que organiza as ideias a partir do que é acessível né com os recursos que são possíveis então lá na associação era um pouco difícil ter o data show então era pra trazer o computador mas mesmo assim a gente usou o data show pra ter alguma coisa lá pra alguma coisa mais difícil mas foi utilizado mais com as cartelas

ENTREVISTADORA: Tá certo

ENTREVISTADO 1: E que deixa a história do que tá acontecendo ali se sim ou não vai mudar e constrói se junto com as pessoas aqui a gente organiza aí organiza por meio de tem a ata tem a ata de reunião que é uma comissão que vai organizar a reunião lá de campo a gente organiza aqui em ata tem as providências de eventos tem a planilha de eventos que é a organização do processo da programação pro evento lá em campo então pra gente apesar de fazer junto com eles já a gente tem que se preparar nós temos que nos preparar minimamente pra atividade lá pra ter as informações que eles solicitarem tá na mão que aí é um pouco o papel nosso também do que levar o que que as alternativas não tomar decisão mas tipo de consequência causa tentar tomar sempre segura mais esse tipo de condição que facilite eles é tomar a decisão então acho que a cartela foi o processo que a gente utilizou mais mas tem todas as ferramentas que eu já te falei antes

ENTREVISTADORA: Reunião as planilhas

ENTREVISTADO 1: Ata de reunião planilha de eventos o data show como um meio que a gente usa mais aqui na incubadora por que ele é mais ágil então mas lá a gente imagina que o data show afasta um pouco as pessoas e como se fosse um instrumento que já desse respostas prontas então aí cartela é um pouco esse contra ponto que as respostas são construídas ali

ENTREVISTADORA: É em conjunto

ENTREVISTADO 1: É eu acho que no geral eu acho que

ENTREVISTADORA: Então é isso mesmo

ENTREVISTADORA: As pessoas então é que é a organização a gente diz quem são essas pessoas que estão envolvidas então você já disse aqui são os moradores

ENTREVISTADO 1: Isso é quando é na atividade de campo acho que é o primordial essencial (risos) principalmente levar em consideração a condição das pessoas que vão acessar essas informações e elaborar pra tomar decisão então são as pessoas que estão lá

ENTREVISTADORA: São as pessoas que estão no bairro

ENTREVISTADO 1: Um pouco é o perfil

ENTREVISTADO 1: Perfil

ENTREVISTADO 1: Que tipo de decisão deve ser tomada e aqui quando é uma comissão esperasse que boa parte das pessoas da incubadora façam parte é e que tenham disponibilidade de tempo motivação pra isso e tal

ENTREVISTADORA: Mas eu vejo também que você tem contato com a FAI agora que você tá gerenciando (truncamento)

ENTREVISTADO 1: Então gerenciamento de projeto leva em consideração é quando vai escrever o projeto você tem uma relação tanto com a universidade com o pró-reitor e tal e aí na FAI é quando se escolhe fazer pela FAI aí faz uma relação para elaborar o projeto para inserir o projeto quando é no SICONV quando é pra monitorar depois quando é pra fechar o relatório então aí é mais intenso e aí acho que esperasse que todos da incubadora

façam isso por que se acaso se caso eu não tiver não vai ser por causa que eu não estou que não vai fazer uma requisição mas por enquanto ta sendo assim por que ta no começo assim

ENTREVISTADORA: Nessas atividades que é do novo projeto que você ta inserido né

ENTREVISTADO 1: É como eu me inseri por meio de evento acadêmico ai tem atividades que são relacionadas ao monitoramento de gerenciamento de projeto especificamente desse mas a ideia é quem ta aqui há mais tempo consiga ver o todo acontecendo e amarra ai um pouco as coisas que é um pouquinho difícil por depende um pouco das outras pessoas também

ENTREVISTADORA: Huhu

ENTREVISTADO 1: Amarração em si

ENTREVISTADORA: É então a próxima pergunta agora a gente já vai partir pra parte do conhecimento então em relação à divulgação do conhecimento o que você tem a dizer sobre as atividades desenvolvidas por você na incubadora geram quais produtos?

ENTREVISTADO 1: Então Entrevistadora assim a gente tenta tem algum se normalmente o que eu entendo que a pessoas dizem que normalmente é a divulgação do conhecimento são os seminários encontros acadêmicos depois ai tem os artigos

ENTREVISTADO 1: Ai tem os artigos ai eu participo na medida que também favorece o meu que eu sou pesquisador mestrando de um outro programa que não é aqui da UFSCar é da USP e eu tenho escolhido participar dos eventos que de alguma maneira favorece o acumulo pra tratar do tema que eu to pesquisando

ENTREVISTADORA: Ta então é isso produtos são os artigos né depois

ENTREVISTADO 1: É produção de artigos da dissertação vai sempre por que ela tem a ver com o trabalho na incubadora então eu escolhi um tema de pesquisa considerando meu trabalho aqui então isso de alguma maneira acho que é uma ação de divulgação do conhecimento produzido por mim em alguma medida e no coletivo e ai tem outras que ficam aqui nos arquivos aqui na incubadora que a gente espera que as pessoas acessem quando eventualmente podem precisarem então é tem planilhas de controles de algumas coisas que é a gente tenta fazer uma planilha que seja mais amigável no sentido de que as pessoas saibam que tem que haver um monitoramento e esse monitoramento possa ser feito por todos então o meu trabalho é um pouco facilitar fazer uma planilha e que eu acho isso de uma maneira produzir um conhecimento no sentido de que tem que ter um planejamento

ENTREVISTADORA: É mas faz assim bem didática pro pessoal que eu já vi lendo

ENTREVISTADO 1: É por que se você for fazer algo que é num programa que é específico e só você saber usar depois vai empacar é só você mandar e não é um conhecimento que as pessoas vão ganhar por um lado e nem vão conseguir avaliar se foi uma ferramenta

ENTREVISTADORA: E o que você acho essa pergunta entendeu você acha que então você que consta então você é meu teste piloto né

ENTREVISTADO 1: Então na segunda pergunta que é com relação a eu entendi por que você me explicou né eu não sei qual que é o grau de que acho que um cuidado que você talvez deve tomar é que nessa explicação você vai induzir algumas coisas né ai talvez a sua pergunta tenha já que ter o máximo possível de clareza no sentido quando alguém for perguntar alguma coisa quais suas atividades na incubadora atualmente mesmo que já esteja explícito que é atualmente nos próximos nos últimos nos últimos anos nos últimos dois anos nos últimos três meses ate por que aqui é as coisas acontecem muito rapidamente e talvez o que você precise é ao longo da história da pessoa aqui por que isso vai mudando também a nossa relação com a incubadora e como a gente vai produzir ou é eu esqueci o nome que vai ela vai alterar então provavelmente você vai ter que definir algo mais completo talvez e que precise ter uma visão do todo agora se vai pegar esse período até por que é a atividade nova

ENTREVISTADORA: Nova né

ENTREVISTADO 1: Nova e chata de fazer né ai quais recursos utilizados talvez eu não sei como é que acho que a palavra recursos cabe na explicação nem todos tem a mesma

ENTREVISTADORA: Entendimento né

ENTREVISTADO 1: É entendimento em relação a isso e acho que sei la eu não sei te dizer também mas acho que cabe

ENTREVISTADORA: Consiga entender

ENTREVISTADO 1: Consiga entender a partir de sua explicação mas não sei o quanto a sua explicação induziu a leitura considerado tal autor não sei se talvez alguém te questione bom você explicou não tava claro ai a terceira é em relação à divulgação do conhecimento é legal por que deixa aberto pra eu dizer o que eu entendo por divulgação de conhecimento que acho que talvez precise saber depois né ai bacana por que não é algo que vai induzir ah como você participa de eventos acadêmicos mesmo eu entendia que evento acadêmico é um lugar de divulgação de conhecimento então assim como a gente lá nas reuniões com os as pessoas a gente tenta

ENTREVISTADORA: Na própria reunião aqui né nas nossas reuniões de DT reuniões gerais que coloca ali seu conhecimento a partir daí todo mundo colocando seu conhecimento e a gente fica sabendo

ENTREVISTADO 1: Então ali é meu esforço pessoalmente é de deixar de ser divulgação apenas mas passar pra construção do conhecimento nessa socialização dele então a socialização é arte de comunicação a gente faz isso

muito mas o que a gente quer é que nessa socialização aja troca e as pessoas construam um outro que ai passa a ser um acordo um (?? – incompreensão) pra aquele grupo então acho que é legal se é isso que você ta explicando que é a divulgação que tem a ver com a sociedade como vai entrar na construção

ENTREVISTADORA: É onde e como você registra Entrevistado 1 esse seu produto

ENTREVISTADO 1: Então se onde é o papel

ENTREVISTADORA: Onde é local

ENTREVISTADO 1: Se é um arquivo digital

ENTREVISTADORA: Mais uma coisa física virtual

ENTREVISTADO 1: Então normalmente em reuniões aqui o registro é simultâneo né então a pessoa falou os encaminhamento foram feitos os registros são simultaneos e as pessoas podem no data show via data show poder verificar se aquilo que ela falou se aqueles acordos que foram construídos são aqueles mesmos que foram pra ata por exemplo é e ai isso ta como arquivo digital numa pasta relacionada aquele projeto mas pretende-se também que criasse um arquivo físico que é torna o acesso mais fácil a esse conhecimento diverso né por que quem não sabe onde ta como acessa pode falar no arquivo físico é verdade que atualmente anda meio sumindo essa coisa de arquivo físico ate por conta de espaço mas acho que é importante no nosso caso que quer apesar de todos tem um acesso livre e esclarecido e tal então e acho que meu caderno eu faço eu tenho oito cadernos desde que eu to aqui na incubadora de cem páginas

ENTREVISTADORA: Huhu

ENTREVISTADO 1: De todas as coisas que eu fiz então eu faço meu registro pessoal

ENTREVISTADORA: Ta então desses encontros seminários artigos onde você deixa? Você deixa uma cópia aqui na incubadora?

ENTREVISTADO 1: É arquivo digital sim é nos anais é alguns vieram pra cá então já tem um arquivo eu mesmo não tenho acesso ao do PROCOA não sei como essas coisas aconteceram apresentou-se o artigo mas não sei como que ele é eu acabei é mas eu acho que depois as teses pra dissertação só na estantezinha la

ENTREVISTADORA: Huhu mas acho que o é um pouco isso

ENTREVISTADO 1: É lugares

ENTREVISTADORA: Ta e você participava de uma bom não sei se eu posso ta entrando por que aqui não tem eu acho que não devo mas é sou uma curiosidade não sei se entraria aqui por que você também participava de uma meta ou ainda participa essa que eu to falando de Itapeva

ENTREVISTADO 1: É Itapeva, ela não é mais uma meta né tem um projeto que do PROExt que durou um ano que é de favorecimento dessa dessa transição

ENTREVISTADORA: Mas na FAPESP ta como meta né

ENTREVISTADO 1: Não na FAPESP é só o urbano né o que não é rural a gente ta no plano anterior ate 2010 depois de 2010 que venceu a gente agora inseriu no plano de 2011 que é ponto que ta um pouco pra favorecer a formação do pessoal de Itapeva em economia solidária então tem curso pra educação a distancia por que tem na incubadora articular organizar tem curso desse tipo um piloto que seja também é vontade antiga talvez o pessoal tentar experimentar outros falam como passar o conhecimento e só que ai ta um pouco se arrastando por conta dessa dificuldade de usar os recursos mas a proposta é fazer essa transição da incubadora pra um grupo la da UNESP que ta a trinta quilômetros do grupo então é manter a incubação por um lado mas entender os nossos limites nesses espaços

ENTREVISTADORA: Então a próxima pergunta você conhece a produção individual e coletiva dos membros da incubadora?

ENTREVISTADO 1: De parte né de parte assim da parte que produz e tal é mais acessível a Professor 2 a Professor 5 o pessoal a Doutorando mesmo que ta la Doutorando são um pessoal que é tem um pouco mais cara desse papel de incubadora de produzir conhecimento a partir da formação que a gente desenvolveu ai esse conhecimento eu entendi que era um quase que um atalho pras coisas que a gente ta fazendo das dificuldades que a gente encontrava na realidade detalhes que já passaram por isso em algum momento e a gente tem como acessar e os outros que tem por exemplo tem dificuldade de fazer que são novos na incubadora tem uma dificuldade de produzir sistematizar o que ta fazendo tem um pouco de afastamento muito por conta dessa ausência de algo mais sistematizado mas em outro também por que se a gente não sentiu a falta a gente vai atrás eu não que coloquei a disposição também das pessoas ô você precisa de uma mão nunca me pus nessa situação de cobrança também ate por que a gente sabe das limitações das pessoas mas sabe que é imprescindível pra incubadora pra construir esse conhecimento ter um pouco o retorno das equipes que tão atuando ah com o grupo mas é a gente sabe que difícil por que o tempo é curto e as atividades são muitas

ENTREVISTADORA: Então você chegou a ela como?

ENTREVISTADO 1: A partir de uma necessidade individual dos grupos que eu assessorava ai ou eu vou direto na Professor 2 por exemplo quando eu precisava fazer a

ENTREVISTADO 1: O regimento interno da marcenaria o estatuto eu sabia que ela já tinha passado por isso na COOPERLIMP ai eu fui direto e ela me passou vários artigos e tinha coisas na incubadora aqui também

ENTREVISTADORA: Na pessoa mas tinha alguma coisa aqui

ENTREVISTADO 1: Na incubadora tinha com relação a buscas pelo que entendi buscas na internet de algo genérico modelo de estatutos modelos de regimento então é algo que eu poderia fazer pela internet mas tinha algo um pouco mais sistematizado aqui na incubadora por conta dessa atividade com a COOPERLIMP que ai alguém já tinha feito a busca e já tem um pouco aqui mas acredito que eu sei disso por que eu acho que participei do processo outros precisariam hoje bom acho que sei la talvez entrevistar você vai conseguir identificar essa dificuldade de saber o que tem que são muitas coisas e que contar com elas quando precisam né mas acho que a maioria foi nesse sentido

ENTREVISTADORA: Você buscou

ENTREVISTADO 1: Buscar a pessoa diretamente

ENTREVISTADORA: É essa pergunta acho que você já respondeu boa parte dela né com que frequência você consulta utiliza o conhecimento produzido pelos membros na INCOOP para qual finalidade então essa parte

ENTREVISTADO 1: É a frequência não sei se é não sei se é por periodicidade mas acho que é partir da demanda mesmo da necessidade

ENTREVISTADORA: Necessidade

ENTREVISTADO 1: Da necessidade necessidade e quando eu tava assessorando o grupo isso era mais direto né que é você tem relações com o grupo que outras pessoas aqui passaram ate pra construir o método de incubação da incubadora que eram que foi uma base a priori por que a gente sempre entendia que tava em construção né a incubação então a gente sempre buscava informações pra fomentar a construção do método não ele como uma consulta nunca pelo menos nunca ouvi assim mas esperasse que ele se torne algo pra consultar mesmo pra se tiver experiência em incubadora adicionarmos a questão do método ai acho que é bacana ai eu to propondo algo pra então acho que é isso a partir de uma demanda pontual que eu sabia que tinha então ai eu consultava ai nesse ultimo tempo não tenho consultado tanto por que não tenho assessorado nenhum grupo

ENTREVISTADORA: E pra qual finalidade?

ENTREVISTADO 1: A finalidade acho que é mais pra dar um apoio na minha atividade né como assessor e levar alternativas e como que isso foi solucionado em outros momentos e qual os resultados apontados com aquilo acho que a COOPERLIMP que me levou a questão do estatuto que eu saiba elementos importantes pra que seja pensado o entendimento acho que é dar uma legitimidade um pouco maior eu mesmo não tinha nenhum tinha é participado de nenhum processo de formalização de um empreendimento então não tinha cabimento eu partir do zero então a finalidade é essa um pouco de apoio nas atividades de assessoria

ENTREVISTADORA: É a próxima há dificuldade em buscar documentos impressos ou virtuais para as suas atividades na incubadora?

ENTREVISTADO 1: Então eu lembro que era uma briga constante achar documentos importantes por exemplo com relação ao termo de referencia do grupo que era algo que tava em construção desde 2002 eu não lembro certo e a gente não achava versões

ENTREVISTADORA: Onde é que tava

ENTREVISTADO 1: E mesmo quando a gente tem tinha os anexos que era com relação ao conhecimento produzido em uma incubadora os títulos certo essas coisas ninguém tinha era sempre um tormento atualizar por que tinha que ter a parte de todo mundo então não se criou uma dinâmica interna nossa de atualizar e muito menos de guardar em um lugar onde seja de fato sei lá muito importante como a gente acha que tudo é importante então acabou (risos) então até dificuldade de categorizar o que que entra na incubadora é se tem nível de dificuldade há agora é eu tenho arquivos pessoais pessoais não são da incubadora mas eu

ENTREVISTADORA: Mantém

ENTREVISTADO 1: Eu mantenho comigo por que com relação à captação de recurso tem que ter uma base de projetos que quando ele escreveu sei lá eu tenho mais de vinte projetos que a incubadora escreveu que isso eu uso então a gente vai considerando as mudanças as estratégias e tal mas se você for ver aqui na incubadora é muito difícil muito por conta talvez por que eu não deixo mas eu não deixo por que de alguma maneira você vai se perder sei lá (risos)

ENTREVISTADO 1: há questionário essas dinâmicas aqui mudam muito ai eu perco uma dinâmica minha que é de como é como acha aquilo rapidamente por que as coisas acontecem rápido também então acabei tomando essa iniciativa de guardar pra mim (risos) que é ruim por um lado só eu tenho acesso mas por outro eu tenho acesso de uma maneira que eu arrumei estão todos ali o que não estão comigo mas estão na incubadora mas eu

ENTREVISTADORA: Organizados né

ENTREVISTADO 1: Na verdade organizado de uma maneira que eu compreenda rapidamente né então pode ser que não esteja numa versão nossa 100% mas

ENTREVISTADORA: Então o que você acha que dificulta ou facilita esse acesso essa busca?

ENTREVISTADO 1: Assim tem alguns aspectos relacionados a forma como a incubadora é tem que tocar seus projetos são projetos por editais que tem um tempo limitado e as pessoas que passam por aqui são relacionadas a esse tempo a falta de uma pessoa que é mais continua e que de conta dessa atividade de manter minimamente arrumado o que entra aqui na incubadora falta não tem essa pessoa ai as pessoas ficam entrando tentando de

alguma maneira pegar isso pega da maneira que eu quero pego e faço da maneira que fica mais fácil pra mim ai eu saí daquele atividade ai vem outra pessoa pega diferente por que não tem uma dinâmica da incubadora pra aquilo então nesses cinco anos já mudou varias vezes então hoje a gente tem três pastas assim com organização incubadora projetos em andamento e usuários que é onde as pessoas colocam suas coisas pessoais e dentre esses projetos em andamento tem projetos em andamento não projetos em andamento projetos é completos concluídos e outras então tem três pastas dentro desse projeto que é onde as coisas mais importantes da incubadora são mas assim eu sei disso outras pessoas provavelmente vão ter uma dificuldade de então o que dificulta talvez é a ausência dessa pessoa mais permanente pra isso ou de uma dinâmica mais facilitada que mesmo que haja esse rodízio as coisas permaneçam ou sempre se permanecem por um lado e melhorem por outro não adianta ficar só na mesma organização por que talvez a incubadora agora passando a incubadora pra núcleo talvez ela vai precisar de uma organização um pouco muito melhor pra manter isso mas pra dar conta pros trancos e barrancos que a incubadora faz ai né (risos) acho que é isso um pouco mais que talvez eu posso pensar em alguma coisa

ENTREVISTADORA: E o que é fácil pra alguma coisa então o que facilita o que vai estar disponível não sei

ENTREVISTADO 1: O que facilita o que facilita no meu caso é fuçar é ter acesso qualquer um pode ter acesso a qualquer documento da incubadora você ta aqui aberto ta disponível

ENTREVISTADORA: Ta disponível

ENTREVISTADO 1: Não tem senha não tem nada isso facilita facilita ate você ter uma compreensão de como não é certo do que tem o que não tem isso facilita bastante é acho que é isso tentar uma atualização mínima acho que isso facilita tem uma atualização né tem comissões que se atentam a isso sempre tem uma dinâmica então dar um fuçada nas coisas isso facilita e tem a dificuldade de se operacionalizar isso

ENTREVISTADORA: É isso também você já deve ter respondido mas onde ou a quem você recorre para obter informação que possa esclarecer duvidas surgidas em relação ao seu fazer na incubadora?

ENTREVISTADO 1: Então acho assim que tem o Entrevistado 7 que ta um bom tempo aqui mas ele tem uma dificuldade em relação a coisas sistematizadas assim no papel mas ele tem uma memória do que aconteceu então ele é uma pessoa que a gente troca uma ideia de vez em quando ele tem uma ideia do que seja incubadora eu tenho outra mas é sempre um momento bacana de acessar alguma informação que eu mesmo não tinha por que ele ta desde o inicio da incubadora aqui ai outra pessoa é o Professor 1 é o docente que tem me acompanhado desde o inicio bem na marcenaria ate hoje é uma pessoa que tem um toque mais de leve a Professor 2 é sempre aquela pessoa quando você quer alguma coisa mais certa mesmo lá ela vai dizer e você não vai ter dúvida em relação aquilo então é assim e o ambiente de espaço sempre sai da incubadora os espaços de troca pra essas coisas sempre é a incubadora ou os grupos eu fazia parte do grupo então tinha uma equipe de assessoria a MADEIRART a na equipe que eu trocava as ideias que eu tinha tem agora que eu to um pouquinho mais de incubadora o espaço pra troca é aqui talvez seja por isso que a gente fica cobrando das pessoas frequentem minimamente o espaço da incubadora por que as trocas acontecem no ambiente onde se cruzam os fluxos das coisas da incubadora mesmo que a pessoa não queira conversar com ninguém ela vai fazendo algum tipo de troca ali acho não sei se respondeu a pergunta

ENTREVISTADORA: Huhu respondeu é você tem alguma sugestão sobre a organização do conhecimento produzido na INCOOP?

ENTREVISTADO 1: Organização do conhecimento? É assim ultimamente a gente tem lidado com essa ideia de fazer o livro né que é de comemoração dos dez anos doze anos da incubadora e ta com uma versão já virada pro núcleo e tal e que acho que ele vai ser um documento importante pra incubadora da forma como que ele ta sendo sistematizado não tem uma sugestão tão clara e direta como o livro mas eu acho que o livro foi uma iniciativa bacana assim tanto pra envolver as pessoas que estão na incubadora na elaboração dele quanto pra tornar visível o que já foi papel ação atividade o que vai ser perspectivas e tal acho que o livro é o que trás um acumulo todo assim acho que ele é bacana nisso com relação as outras coisas é tentar de alguma maneira criar uma dinâmica num processo mais periódico de atualização de organização ai com pessoas que saibam mesmo fazer a gente assim a gente tem o curso de biblioteconomia tem o pessoal de administração eu sei que a biblioteconomia tem disciplinas que ninguém vai fazer em três quatro anos o curso e essa coisa não servir pra nada a gente tenta fazer as coisas com o FAI preparamente e muito pouco confuso quando tinha acho que ela o acerto do meu cargo na área da incubadora foi quando tinha uma coordenadora tinha era desse curso entendeu foi super que devia um grau de organização muito maior em que apesar da gente sempre pegar aqui as pessoas que tem capacidade de fazer tudo mas algumas pessoas tem uma capacidade maior por conta de um acumulo e a gente não pode prescindir isso também então acho que ta faltando um pouco a gente acessar esse conhecimento pra fazer isso pra incubadora e acho que nos próximos meses nós vamos ter que buscar essa esse profissional mesmo que seja pontualmente ou fala pra ele inserir na incubadora não sei mas acho que a gente mesmo a forma como a gente atua tem umas coisas correria no dia a dia essas coisas vão ficando pra trás e é um histórico da incubadora que vai ficando

ENTREVISTADORA: Huhu

ENTREVISTADO 1: Então acho que as sugestões são essas manter o livro do jeito que ta bacana um profissional que tem essa capacidade de organizar e trazer um pouco elementos pra essa dinâmica de atualização de monitoramento organização das coisas

ENTREVISTADORA: Então você acha que

ENTREVISTADO 1: Acho que sempre há uma maneira que a gente pode (??- incompreensão) que que é

ENTREVISTADORA: Com certeza

ENTREVISTADO 1: Assim tem muita coisa que é não entrando especificamente em alguma pergunta mas é de eu pessoalmente acho muito mais rico vincular outros então lá no grupo acontece muito desse processo acontece simultaneamente de uma forma que se a pessoa ta levando a serio o trampo dela de que é um assessor e que não ta ali pra levar respostas mas questões alternativas tomar decisão junto com elas por que toma decisão também mas prioritário essa decisão final é deles então eu acho que é eu não sei como essa conversão do conhecimento vai levar em consideração essa atuação dos empreendimentos que por que boa parte das perguntas foi o fato de agora eu não fazer parte em termos talvez fique um pouco escondido tal posso falar do meu histórico antes mas que eu posso dizer que foi muito mais rico nesse sentido de o acesso a realidade das pessoas e tentar trabalhar com teoria pra tentar favorecer algumas pessoas que querem as coisas bem certas é o que me motivou ou talvez entrar aqui na economia solidaria e se eu entrasse aqui como ta agora eu (risos) não é motivador nem todos tem melhor compreensão e nem é pra ser assim né do que que é o papel da incubadora mas tem que fazer um esforço pelo menos pra entender o que se espera que a incubadora faça e esse esforço eu vejo que em grandes medidas as pessoas ou não fazem ate por que não por que o trabalho que elas tão se colocando não é maior do que queria ser eu acho que entender a incubadora como um coletivo também que precisa de um cuidado assim como a gente ta nos grupos lá por que o que eu tenho na tecla o pessoal que ta lá assessorando e acha que a incubadora não ta fazendo o papel dela é que elas também fazem parte dessa incubadora e que se ela não ta fazendo o papel dela ela tem grande medida e a gente ta deixando de cuidar disso e se a incubadora não ta sendo cuidada como a gente vai oferecer condições para que os assessores levam pros grupos o que eles necessitam pra tomar uma decisão o que estudo de viabilidade é papel da incubadora fazer junto com o empreendimento mas tem um start que tem que sair da gente num a gente tem que cutucar tem que fazer um barulho pra que a pessoas também entendem que existem outros atrativos ou eu tenho que vender tantas coxinhas por mês pra dar conta daquilo que eu preciso talvez seja diversificar não fazer só coxinha mas vou fazer o que então o incubador ta lá no meio e ela não consegue fazer isso por exemplo quando eu tava na marcenaria que era um pouco minha dificuldade que eu tava meio sozinho que era rural

ENTREVISTADORA: Rural

ENTREVISTADO 1: Era de trocar ideia com as pessoas não to lá no grupo criem deem tem condições na incubadora pra criar essas informações se eu tivesse la na marcenaria e tivesse outro grupo lá incubando uma obra estamos no mesmo território o que vocês precisam de conhecimento trocariam ideias não precisaria ta batendo a cabeça lá e assim é aqui a gente tem essa facilidade de ter equipes num território que todo mundo ta mas não tem essa troca e ai acho que incubadora não ta fazendo o papel dela mas se as pessoas são da incubadora desculpa mas acho que são elas que não tão talvez isso é uma compreensão que eu tenho que acho que é um pouco a minha angustia de não conseguir passar isso pras pessoas não pode ter esse olhar sobre a incubadora mas tem gente que pensa assim mas são pessoas que entraram agora são pessoas que entraram por conta de uma bolsa que entraram por um processo de seleção que tinha lá um plano de trabalho ela vai seguir aquele plano de trabalho e aquele plano de trabalho não da conta das medidas do que a incubadora

ENTREVISTADORA: Engessada né

ENTREVISTADO 1: É assim se engessa ate por que também talvez eu tenho que fazer tudo isso não da pra fazer mais nada e talvez ela não tenha que fazer tudo aquilo pra dar conta do que é essencial talvez que é também cuidar da incubadora por que ela mas essa é assim também a minha visão também você vai trazer mais elementos como as pessoas veem não sei quantas pessoas mais você vai entrevistar

ENTREVISTADORA: Então isso também que eu queria bom brigada

ENTREVISTADO 1: De nada

ENTREVISTADORA: Se puder voltar a sinopse pra mim ou posso deixar aqui com você né

ENTREVISTADO 1: Bom sei lá vocês tem qual

ENTREVISTADORA: É bom eu trouxe uma pra você e uma pra mim é é a primeira né então mudou o titulo mudou algumas coisas e agora eu tenho novamente passar pelo comitê de ética já que eu mudei o titulo mudei o objetivo

ENTREVISTADO 1: É mesmo

ENTREVISTADORA: E coloquei mudei algumas coisas nas perguntas né inseri uma pergunta coloquei o perfil do entrevistado que não tinha então

ENTREVISTADO 1: Tem que passar de novo

ENTREVISTADORA: Eu não sei como é que é o projeto já foi aprovado só preciso mostrar as mudanças

ENTREVISTADO 1: Talvez seja o caminho mais curto mas mesmo assim demore um tempinho

ENTREVISTADO 1: É então obrigado Entrevistado 1

ENTREVISTADO 1: De nada
 ENTREVISTADORA: Foi ótimo

ENTREVISTADO 2

ENTREVISTADORA: É hoje é dia 22 de novembro vou entrevistar a Entrevistado 2 é 9h17 e nós estamos aqui na incubadora. É bom dia Entrevistado 2.

ENTREVISTADO 2: Bom dia.

ENTREVISTADORA: É o meu projeto como estou te entregando o termo de compromisso eu vou estudar eu estou estudando a conversão do conhecimento estudo de caso em uma incubadora universitária de empreendimento de economia solidária ou seja né meu objeto de estudo é aqui a INCOOP. É eu vou trabalhar com a conversão do conhecimento, mas na referente aos autores de Nonaka e Takeushi por que dentre outros autores eles falam que a conversão do conhecimento que é do conhecimento tácito para o explícito e a conversão do explícito para o tácito então meu objetivo é ta levantando como se da isso dentro de uma incubadora universitária. É eu fiz umas buscas aqui nos arquivos da INCOP para detectar quais são as atividades dos coordenadores executivos então ta elencado varias atividades né isso é uma coisa que ta sempre se falando mas nunca até o momento foi fechado né que nós tivemos uma oficina que até eu participei quais são as atividades algumas estão elencadas aqui outras não quer dizer não estão todos aqui só que aquela era mais enxuta do que essa então não sei se essas atividades continuam valendo todas estas mas isso é o que eu peguei aqui nos arquivos da incubadora então isso já é um trabalho meu de pesquisa então é isso que eu vou ta me embasando né encima das atividades dos coordenadores é o que eu vou ta embasando para estar fazendo esta entrevista quer que eu deixe aqui é qual a sua idade?

ENTREVISTADO 2: Vinte e cinco não peraf oitenta e seis, oitenta e sete, oitenta e oito, nove, dez, vinte e

ENTREVISTADORA: Vinte e cinco bom sexo feminino quanto tempo você esta na INCOP?

ENTREVISTADO 2: Desde setembro do ano passado setembro ou outubro.

ENTREVISTADORA: Desde setembro.

ENTREVISTADO 2: Ah eu acho que vou em outubro porque a bolsa veio em novembro.

ENTREVISTADORA: Desde outubro de 2010.

ENTREVISTADO 2: 2010.

ENTREVISTADORA: Então faz um ano e um mês né você trabalhou antes com a economia solidaria em outro local?

ENTREVISTADO 2: Não com economia solidaria não.

ENTREVISTADORA: Ta então eu vou eu fiz né o seu perfil não vou estar colocando nomes né quais suas atividades na INCOP?

ENTREVISTADO 2: Minhas atividades? Eu faço parte da equipe de saúde mental, de inserção de usuários que tem a saúde mental que é o RECRIART também.

ENTREVISTADORA: Ta e dentro da dessa equipe quais são as atividades que você desenvolve?

ENTREVISTADO 2: A gente tem um grupo no bairro, todo ano assim a gente desenvolve um projeto todo ano, que a gente forma um grupo e o perfil das pessoas que a gente procura para formar esse grupo são moradores do território ou com vínculos com o território e que sejam usuários de serviço de saúde mental esse ano a gente enfatizou os usuários de álcool e outras drogas que estão dentro da saúde mental então a gente busca em USF em CAPES, CAPS AD, é esse ano a gente foi nos AA também os AAs da cidade é o NA que é os narcóticos anônimos e a gente fora seleciona alguma pessoas que se encaixam nesse perfil e depois forma um grupo e começa reuniões semanais.

ENTREVISTADORA: Então uma das atividades então vocês fazem reuniões semanais com...

ENTREVISTADO 2: Com usuários de saúde mental é e a intenção a gente desenvolve um projeto com eles de orientação profissional e projeto de vida e no final insere para levantar junto com eles as características onde que ele se adaptaria melhor no trabalho né e ai insere essas pessoas nos empreendimentos que tiverem vagas.

ENTREVISTADORA: Bom... é..

ENTREVISTADO 2: Entendeu?

ENTREVISTADORA: É então a atividade que você é essa é uma delas né por que você também desenvolve atividades eu já vi você como relatora, moderada eu precisaria assim das atividades que você tem.

ENTREVISTADO 2: Das atividades as reuniões semanais do grupo que eu falei a gente faz reunião de equipe não com tanta frequência faço relatoria das reuniões DT e monto a pauta também é a comissão de infraestrutura.

ENTREVISTADORA: É participa de reunião isso você esta participando.

ENTREVISTADO 2: Das reuniões de sexta sim.

ENTREVISTADORA: Não da infraestrutura é uma..

ENTREVISTADO 2: É na comissão.

ENTREVISTADORA: É nas reuniões.

ENTREVISTADO 2: E a gente cuida da parte de materiais.

ENTREVISTADORA: Ta então ta vendo garantir divulgação providenciar recursos isso você também você trabalha também é com outras coisas fora isso né que você me disse.

ENTREVISTADO 2: Sim. Você quer que eu veja em cima dessas coisas o que eu tenho?

ENTREVISTADORA: Então é isso fora o que você me falou de ta participando de reuniões vocês desenvolvem um projeto junto com o pessoal lá do território mas provavelmente tem outras coisas que você faz então é você participa de reuniões, providência infraestrutura você também...

ENTREVISTADO 2: É na comissão de infra a gente faz isso.

ENTREVISTADORA: Então.

ENTREVISTADO 2: Realização de reuniões e eventos é ...

ENTREVISTADORA: Você também solicita então você providencia você solicita algum material, alguma coisa para esse seu trabalho para esse empreendimento esse possível empreendimento não é isso?

ENTREVISTADO 2: Se a gente providencia se esse item tem.

ENTREVISTADORA: Isso se tem alguma coisa?

ENTREVISTADO 2: Providenciar infraestrutura e informações matérias para a realização de reuniões e eventos.

ENTREVISTADORA: É essa.

ENTREVISTADO 2: É tem alguma por exemplo a gente vai FINEP resíduos que a minha bolsa é pelo FINEP resíduos.

ENTREVISTADORA: Ta.

ENTREVISTADO 2: E a gente vai fazer um evento de formação de redes então a gente ta organizando o grupo ta organizando esse evento.

ENTREVISTADORA: Ta.

ENTREVISTADO 2: Deixa eu ver o que mais é providenciar registros e organização de informação sob as atividades a relatoria da reunião divulgação não tenho nenhuma atuação é sobre é por exemplo que eu te falei a minha formação não tem nada a ver com economia solidária então a parte e a minha equipe é da parte de saúde que tem menos ainda a ver com a minha formação então é na parte de escrever artigos divulgação essas coisas academicamente assim eu não faço nada por que não tem a ver com a minha área e eu não tenho nem como escrever coisa de saúde por exemplo de...

ENTREVISTADORA: É aí vai entrar mais para frente.

ENTREVISTADO 2: Mais para frente. É providenciar recursos não?

ENTREVISTADORA: Home Page também não é que aqui seriam as atividades desejadas né então como estão todos os coordenadores a atividade de todos eles então alguns são mais pontuais em alguma coisa que nem Home Page isso não é todo coordenador, mas algum provavelmente vai estar fazendo isso.

ENTREVISTADO 2: Entendi é convocação de reunião quando eu monto a pauta eu faço também propor formas de utilização de materiais diversos não (silêncio).

ENTREVISTADORA: É isso eu acho que você faz né você faz acompanhamento do projeto..

ENTREVISTADO 2: Do projeto de andamento a gente acompanha bastante o FINEP resíduos por que a gente tem reunião mensal da equipe toda do FINEP tem vários coordenadores que recebem pelo FINEP né então a gente acompanha bem esse projeto (silêncio) eu acho que é mais isso.

ENTREVISTADORA: Mais isso né ta. É agora quais recursos vocês usam nessas atividades? Recurso é data show, as fichinhas né, as cartelinhas que tipo de recurso você usa por exemplo para reunião aqui nós sabemos que a gente usa o data show.

ENTREVISTADO 2: O computador, data show.

ENTREVISTADORA: Mais ai é na reunião que você tem com o pessoal?

ENTREVISTADO 2: Do grupo?

ENTREVISTADORA: Ou do grupo ou lá do empreendimento que dizer do grupo de saúde mental ou de vocês só do grupo tem o pessoal da saúde mental.

ENTREVISTADO 2: Então data show, computador.

ENTREVISTADORA: Vocês usam também nesse...

ENTREVISTADO 2: Nesse grupo la de usuários a gente usou computador pra passar vídeo durante.

ENTREVISTADORA: Então o vídeo é um recurso.

ENTREVISTADO 2: Vídeo sim por que muitas tem dificuldade de ou de enxergar ou de ler então a gente usa esse recurso la no grupo a gente usou cartolina canetinha barbante esses materiais como matérias pra eles expressarem algumas dinâmicas por que toda semana desenvolve uma dinâmica então a gente tinha muitas dinâmicas que era papel e você tinha que escrever como eles tem esse dificuldade de escrita e de leitura a gente começou a adaptar pra realidade deles então a gente usou bastante esse tipo de material é e de equipe a gente não usa nada é mais conversa pra planejar nossa atuação então não.

ENTREVISTADORA: Então pra organizar eventos qual recurso vocês vão utilizar? Folder cartaz mídia não sei como vocês vão...

ENTREVISTADO 2: Ah eu acho que é talvez a gente use vídeo alguma que é o evento que a gente vai chamar os empreendimentos os uma participação bem geral bem ampla então talvez a gente use vídeo ou foto para

ilustrar tem momento por exemplo que a gente vai ilustrar alguns exemplos de empreendimento no Brasil talvez a gente use foto ou slide alguma coisa assim.

ENTREVISTADORA: É e quais as pessoas é você já falou né então é o pessoal do grupo lá o pessoal que vocês trabalham de saúde mental.

ENTREVISTADO 2: Do grupo de saúde mental

ENTREVISTADORA: Outros coordenadores bolsistas né o que tem nesse grupo?

ENTREVISTADO 2: A gente tem bolsistas dois bolsistas duas bolsistas hum tem a equipe de na comissão de infra tem outros coordenadores tem professor também que é e Professor 2 hum tem a Estagiario estagiaria também na comissão no FINEP resíduos tem coordenadores e bolsistas humm só.

ENTREVISTADORA: E as pessoas lá da saúde mental como a gente poderia estar chamando?

ENTREVISTADO 2: Os usuários a gente chama de usuários do serviço de saúde mental.

ENTREVISTADORA: Então agora vamos para segunda. Em relação à divulgação do conhecimento? O que você tem a dizer sobre as atividades desenvolvidas por você na incubadora? Geram quais produtos?

ENTREVISTADO 2: Ó a equipe de saúde mental é a professora Professor 7 são duas bolsistas uma da TO e uma da psicologia e eu aí a gente participou do CIC (??- incompreensão) mas através das bolsistas e de evento.

ENTREVISTADORA: Então teve um artigo é isso?

ENTREVISTADO 2: Teve não é uma apresentação no CIC eu não sei o que que gera...

ENTREVISTADORA: Apresentação de trabalho.

ENTREVISTADO 2: É que foram as bolsistas mas o nome de todo mundo da equipe sai né.

ENTREVISTADORA: Ta.

ENTREVISTADO 2: E de evento eu fui em um seminário que teve o ano passado em Campinas que foi sobre saúde mental e economia solidaria fora isso.

ENTREVISTADORA: Você não faz planilhas assim alguma coisa que você divulgue internamente tanto ali por pessoal do grupo quanto pro pessoal da incubadora?

ENTREVISTADO 2: Divulgação de conhecimento a gente é nas vezes tem relatórios mensais cada coordenador faz seu relatório e durante nossa reunião presencial a gente troca informações sobre esses relatórios perguntas que a gente não respondeu então tem esses momentos e é muito interessante por que no FINEP resíduos tem essa troca cada um sabe mais ou menos o que o outro ta fazendo se o outro precisa de ajuda e tal então tem essa troca assim.

ENTREVISTADORA: Então cada um ta divulgando o que faz conseqüentemente esta sendo divulgada ai nessa reunião.

ENTREVISTADO 2: Huhu e deixa eu ver eu acho que só na equipe de saúde mental a gente tem relatório todo as atividades que a gente faz a gente também faz relatório ate pra subsidiar depois o relatório maior da FAPESP ou outra coisa ai vai lá e retoma aqueles relatórios de todas as atividades pra fazer um outro relatório maior deixa eu ver acho que é só.

ENTREVISTADORA: E onde a quarta pergunta onde e como você registra?

ENTREVISTADO 2: Registra..

ENTREVISTADORA: É que você falou do relatório né então você tem relatório então por exemplo esse seminário essa apresentação do trabalho do CIC tem alguma coisa que física ou virtualmente dessa apresentação onde consta né o seu nome as pessoas aqui na incubadora?

ENTREVISTADO 2: Aqui na incubadora não por que é assim aqui na incubadora tem muitas coisas (risos) então a Bel gosta muito de guardar com ela algumas coisas por exemplo pôster que apresentou no sul no inicio de março.

ENTREVISTADORA: Congresso da Rede.

ENTREVISTADO 2: Então ela gosta de guardar com ela mesmo as pastas com as nossas fichas que a gente faz cadastro dos usuários ta comigo depois eu passo para ela então ela concentra bastante.

(interrupção de entrevista)

ENTREVISTADO 2: Tudo bom/ Voz masculina: tudo bem

(retorno de entrevista)

ENTREVISTADO 2: Ela concentra bastante as coisas.

ENTREVISTADORA: Mas não tem um lugar aqui?

ENTREVISTADO 2: Tinha a pasta que eu fiquei ó procurando quando a Ex-Coordenador 1 saiu que é a coordenadora que eu substitui ela deixou uma pasta amarela e pra achar essa pasta amarela foi eu revirei o armário e um dia a gente achou ai eu levei para Professor 7 e a Professor 7 guardou por que na incubadora em si tem o computador que eu deveria atualizar e não atualizo a minha pasta ta vazia.

(interrupção de entrevista)

Voz masculina: Vou por aqui Entrevistado 2/ENTREVISTADO 2: Ta

(retorno de entrevista)

ENTREVISTADO 2: A minha pasta ta vazia e eu precisava realmente pegar esses relatórios essas atividades e colocar lá que eu acho que é uma forma legal mesmo computador é uma bagunça e a gente precisa arrumar.

(risos)

ENTREVISTADORA: Ai a gente já vê que é problema.

ENTREVISTADO 2: Nossa tem tanta coisa repetida versões finais que você nunca acha a versão final.

ENTREVISTADORA: Você nunca sabe qual o final né.

ENTREVISTADORA: Ta então hoje onde e como registra não tem o registro assim o que tem é alguma coisa que fica com você ou com a Professor 7.

ENTREVISTADO 2: Comigo ou com a Professor 7 meu computador assim tem tudo certinho as pastas divididas por mês assim preciso pegar um dia e passar pra cá.

ENTREVISTADORA: É você conhece a produção individual e coletiva dos membros da incubadora?

ENTREVISTADO 2: Produção acadêmica você diz?

ENTREVISTADORA: É... não só acadêmicas as planilhas né qualquer tipo de produção você faz uma planilha que esta disponível para todo mundo.

ENTREVISTADO 2: Quando as vezes têm umas trocas por e-mail por exemplo a Professor 2 mandou sobre o método de incubação e todo mundo leu e quando vem por e-mail eu costumo ler tudo que vem assim é ...que mais... produção... os relatórios né também a gente..

ENTREVISTADORA: Você acha que isso ta bem acessível?

ENTREVISTADO 2: A produção das pessoas?

ENTREVISTADORA: É aqui pra você buscar ou física, virtualmente

ENTREVISTADO 2: Não é muito desorganizado nossa é super desorganizado às vezes você precisa achar foto assim você fica no computador e não acha é difícil é bem bagunçado.

(risos)

ENTREVISTADORA: É bom então com que frequência você consulta utiliza conhecimento produzido pelos membros e qual a finalidade como você falou do método de incubação então com que frequência você utiliza isso que esta disponível o que você sente a necessidade e vai buscar?

ENTREVISTADO 2: Deixa eu pensar... Com que frequência? Quando surge as demandas por e-mail né a partir do momento que elas surgem eu leio e por exemplo é mais esporádico assim teve um momento no grupo lá de saúde mental que a gente teve que apresentar os empreendimentos então eu vim aqui busquei fotos busquei, mas falta muito isso às vezes você precisa achar ou procura alguma coisa é meio difícil.

ENTREVISTADORA: É então quando você sente a necessidade você vem aqui e busca.

ENTREVISTADO 2: Huhu

ENTREVISTADORA: E você encontra com dificuldade.

ENTREVISTADO 2: Sim.

ENTREVISTADORA: A partir de uma necessidade né sua?

ENTREVISTADO 2: E até para quem é novo seria legal se tivesse as pastas organizadinhas para pessoa ter uma noção do geral da incubadora.

ENTREVISTADORA: Do que tem ai por pessoal entender o que é incubadora o que vocês fazem

ENTREVISTADO 2: Mas esses projetos você vem procura procura nunca acha a versão final pra você dar uma lida as vezes você tem que ir direito com o coordenador do projeto ou com alguém que tenha no seu computador particular pra você.

ENTREVISTADORA: Buscar.

ENTREVISTADO 2: É.

ENTREVISTADORA: É então o que a próxima pergunta a sétima né então há dificuldade em buscar documentos impressos ou virtuais para suas atividades na incubadora?

ENTREVISTADO 2: Sim por exemplo outro dia eu queria achar o projeto do FINEP resíduos que eu não tinha mais no meu computador procurei aqui não achei procurei na dos empréstimos que não tem muito nexos assim na pasta do FINEP resíduos assim não tem a pasta procurei no computador também agora já pedi pro Entrevistado 8 o Entrevistado 8 é o coordenador ai ele tem ai ele me mandou e eu coloquei lá eu tenho essas dificuldades do acesso.

ENTREVISTADORA: Então ele não ta muito disponível né quando você tem necessidade.

ENTREVISTADO 2: Não.

ENTREVISTADORA: Fica mais centralizado nas pessoas né?

ENTREVISTADO 2: huhu

ENTREVISTADORA: Então né uma outra relacionada a essa dificuldade o que você acha que na sua opinião o que dificulta ou facilita esse acesso ai dos documentos?

ENTREVISTADO 2: Acho que o que dificulta essa descentralização né das informações essas varias cópias por que as vezes tem essa preocupação de registrar o processo a esse projeto era assim ficou assim ficou assim até a versão final mas ai você se perde nesse processo e não acha o que foi aprovado a versão final então acho que a gente precisa ter alguma forma de selecionar essas coisas de arquivo morto sabe dar uma separada assim para ter uma coisa mais objetiva ter as informações mais que a gente vez não sei se seria arquivo morto mas essa forma de você classificar assim.

ENTREVISTADORA: O processo como foi feito o projeto final alguma coisa assim.

ENTREVISTADO 2: É as coisas dos recursos facilita por exemplo pra mim que Entrevistado 1 colocou aqui no mural achei isso muito legal por que as vezes você esta numa reunião ah gente vai precisar de recurso pra isso a gente vem aqui e já olha tem tem não tem vamos procurar em outro acho que isso é uma coisa que facilitou bastante colocar os recursos.

ENTREVISTADORA: Uma coisa bem visível fácil de achar.

ENTREVISTADO 2: Por que são coisas que surge ali a demanda e você precisa e na hora você já resolve você já vê se tem ou se não tem o que mais facilitaria essa coisa de organização dos computadores de ter ali as versões finais acessíveis de projetos essa parte de recursos também é que mais que facilitaria? Hummm... Facilitaria como é que?

ENTREVISTADORA: Na sua opinião o que dificulta ou facilita o acesso?

ENTREVISTADO 2: É o acesso.

ENTREVISTADORA: Ao documento impresso ou virtual pras suas atividades na incubadora o seu fazer aqui né se você tem alguma dúvida assim a Ex-Coordenador 1 saiu você foi procurar uma pastinha que você não achou né então onde você foi buscar subsídios pras suas atividades.

ENTREVISTADO 2: Então por exemplo ela deixou quando ela saiu ela deixou a pasta que ta no nome dela Ex-Coordenador 1 tudo salvo la então quando eu entrei já precisou fazer o relatório FAPESP se não me engano teve não teve FAPESP eu entrei no final no ano passado teve algum?

ENTREVISTADORA: Nós tivemos em março a gente tava fazendo que é pra março tinha que entregar aquela (carta- hipótese) do FAPESP.

ENTREVISTADO 2: É a gente tava em março no início do por que esse projeto que a gente fez esse ano a gente fez o ano passado também quer dizer eu não fiz por que não estava aqui como eu entrei no finalzinho tava já em outro momento do projeto né aí quando eu tava em março eu precisava ter essa noção do que que é o projeto pra poder escrever no relatório então eu peguei na pasta dela li todos os relatos de todas as reuniões que eles tiveram aí eu consegui montar na minha cabeça essa ideia então achei legal isso por que ela deixou tudo salvo e eu consegui eu não precisei ligar pra ela pedir ajuda pessoalmente entendeu eu já consegui retomar lá e fazer.

ENTREVISTADORA: Mas você também não sabe o que que acontece com todos os coordenadores eu acho que especifico da Ex-Coordenador 1.

ENTREVISTADO 2: É então foi uma coisa que facilitou que deixa ali o relato de tudo o que aconteceu.

ENTREVISTADORA: Então facilitou a sua entrada aqui né?

ENTREVISTADO 2: E não precisou nem de ficar demandando dela pessoalmente ficar gastando o tempo dela foi uma ela mesmo deixou o negócio la certinho então já facilitou bastante pra mim.

ENTREVISTADORA: Mas se você tivesse um lugar aí na incubadora né quer dizer acessível né então se outras pessoas passarem talvez eles já não teve alguma dificuldade alguma facilidade em buscar se já tivesse na incubadora um local falando aqui por exemplo é saúde mental isso poderia estar facilitando né?

ENTREVISTADO 2: Sim aí tinha a tal pasta que eu não achava aí eu fui na pasta dela virtual do computador aí deu pra pra achar mas eu acho que isso é importante lá tem a pasta por pessoas e tem alguns por equipes assim e eu acho que isso vai facilitando.

ENTREVISTADORA: Isso tem aqui?

ENTREVISTADO 2: Tem, mas muitas estão vazias tem toda a organização a estrutura, mas tem muitas que estão vazias

ENTREVISTADO 2: Posso só entregar ali que ele esta esperando?

ENTREVISTADORA: Claro

(interrupção de entrevista)

ENTREVISTADORA: A Entrevistado 2 deu uma saída foi conversar com o Advogado que é advogado voluntário aqui da incubadora

#Truncamento#

(retorno da entrevista)

ENTREVISTADORA: Então vamos continuar. Então já a mesma pergunta né onde ou a quem você recorre pra obter informação que possa esclarecer duvidas surgidas em seu em relação ao seu fazer na incubadora?

ENTREVISTADO 2: Fazer geral?

ENTREVISTADORA: É quando você tem alguma coisa o que você faz na incubadora né você tem varias atividades então você tem duvidas onde você busca ou quem ?

ENTREVISTADO 2: A Estagiário

ENTREVISTADORA: A Estagiário estagiaria é isso?

ENTREVISTADO 2: É quando em relação há algum projeto eu procuro os coordenadores desse projeto e sobre a equipe e o grupo a Professor 7.

ENTREVISTADORA: A professora né.

ENTREVISTADO 2: É acho que é só.

ENTREVISTADORA: E você procura em algum documento?

ENTREVISTADO 2: Quando eu tenho alguma dúvida?

ENTREVISTADORA: Você vai pessoalmente ou você busca?

ENTREVISTADO 2: Normalmente eu tento por exemplo tenho uma dúvida de projeto eu tento primeiro achar o projeto às vezes você não acha ai você vai atrás do coordenador às vezes precisa de algum papel de alguma por exemplo tem que fazer um pagamento de alguma coisa ai eu procuro ligo pro lugar e procuro saber como é que é as vezes quando eu fico meio enrolada e não sei direito ai eu pergunto pra alguém que já fez aquele negocio acho que é mais assim quando é alguma coisa que eu sei que eu posso achar em algum lugar eu procuro mas se eu não acho que pergunto pra pessoa as vezes eu não sei por onde começar a procurar eu pergunto pra alguém que tem mais experiência por exemplo a Estagiário que organiza muitas das coisas daqui então uma coisa que a gente precisa pergunta.

ENTREVISTADORA: Ta então quem tem experiência e quem organiza né.

ENTREVISTADO 2: Quem organiza.

ENTREVISTADORA: Fica mais fácil de você perguntar e depois ir atrás né?

ENTREVISTADO 2: Huhu

ENTREVISTADORA: Você tem alguma sugestão sobre a organização do conhecimento produzido na INCOP?

ENTREVISTADO 2: Uma sugestão? Organizar os computadores às vezes até deletar algumas pastas de pessoas que não estão mais aqui dar uma olhada e tal e ver se tem alguma coisa que é bom ficar outras que não e selecionar um pouco né acho que a gente não precisa salvar tudo e ter tudo assim é eu acho que essa seria uma coisa mais presencial essa forma que a gente se organiza no FINEP resíduos que a gente tem reuniões mensais que cada um fala o que ta fazendo as dificuldades acho que isso seria uma coisa muito legal pra reproduzir com todo mundo e não só pra equipe do FINEP resíduos por exemplo uma vez por mês uma reunião DT todo mundo faz esse mesmo exercício que a gente faz lá mesmo que não de pra todos falar pelo menos há um mês metade no outro mês a outra metade fala entendeu seria pelo menos uma é cada um ia saber um pouco mais o que o outro ta fazendo poder ajudar em alguma dificuldade que a outra pessoa tenha acho que isso seria muito legal.

ENTREVISTADORA: Ta divulgando o conhecimento

ENTREVISTADO 2: É

ENTREVISTADORA: A informação que ele tem pras pessoas né uma coisa que o Entrevistado 1 comentou que ele acha que é bem legal é essa parte de organizar o conhecimento produzido na INCOP ele falou sobre o livro ele acha que é uma boa então assim não só organizar os computadores, organizar reproduzir a organização da FINEP resíduos da equipe mas ele também acha que o grupo o livro é um bom ta sendo um bom investimento aqui da incubadora em ta organizando esse conhecimento eu não sei se você tem mais alguma?

ENTREVISTADO 2: Eu acho que sim o livro é uma coisa legal é essa coisa de uma pasta ou uma forma de organização virtual também seria interessante por exemplo se você precisa de alguma você tem que vir presencialmente no computador daqui se fosse uma forma virtual assim talvez fosse até uma coisa mais fácil das pessoas atualizarem manter por que a gente fica normalmente com tudo pessoal.

ENTREVISTADORA: Algum google doc

ENTREVISTADO 2: É essas coisas assim ou mesmo no site uma parte privativa que a gente possa entrar e ter uma coisa dessa que a gente tem aqui.

ENTREVISTADORA: É que é a home Page da INCOP.

ENTREVISTADO 2: Também

ENTREVISTADORA: Então a meta 15 que esta inserida ai isso já não faz parte da minha entrevista nós estamos solicitando a gente ta tentando fazer isso né na nossa meta e ver se a gente consegue com o Coordenador 5 que ele que fez a ultima atualização que já faz tempo.

ENTREVISTADO 2: Huhu

ENTREVISTADORA: É pra isso ta mais funcional né ta desatualizado não ta funcionando.

ENTREVISTADO 2: É por que a parte virtual que seria um processo mais fácil a gente não usa e a parte presencial aqui que é mais difícil hã a gente também não usa (risos) e ao mesmo tempo assim ter os computadores aqui com as coisas aqui também fazem com que todo mundo tenha que vir mais aqui às vezes criar também ambientes virtuais e virtuais acaba afastando ainda mais as pessoas também tem esse outro lado por um lado você tem um acesso ali do que o outro ta fazendo por outro lado você não vai encontrar tanto como né tem que balancear tem que achar.

ENTREVISTADORA: Então é isso você tem mais alguma coisa que você quer falar sobre as atividades né ?

ENTREVISTADO 2: Do...

ENTREVISTADORA: As atividades que você faz aqui na INCOP por que é assim apesar assim esse que eu vejo é o desejável né mas não significa que todo coordenador fará isso por que cada um tem seu estilo de trabalho.

ENTREVISTADO 2: É com certeza.

ENTREVISTADORA: Tem o seu projeto uns trabalham com incubação e outros não trabalham aqui você não tem nada pra acrescentar então acho que é isso mesmo.

ENTREVISTADO 2: Hum deixa eu pensar?

ENTREVISTADORA: Por que em cima das atividades eu vou tentar fazer assim a conversão do conhecimento quer dizer vou fazer aplicar a conversão dos autores Nonaka e Takeuchi então a partir das atividades que vocês exercem então eu vou dizer no momento que esta acontecendo o conhecimento explícito o conhecimento tácito nesta conversão é por isso que eu estou...

ENTREVISTADO 2: É eu acho que uma das coisas que eu acho fundamental é essa coisa que eu te falei do FINEP resíduos que a gente tem esse momento de troca por que ate hoje tem gente que acha que eu sou do RECRIART mas eu não tenho nada a ver com o RECRIART eu sou da saúde mental então acho que falta esse espaço de ver o que o outro ta fazendo e acho que isso é fundamental seja uma apresentação quando uma pessoa entra ou um grupo um projeto novo é aprovado e tem algumas pessoas novas na minha apresentação de cada equipe de cada pra no mínimo saber mais ou menos o que o outro ta fazendo e a medida do possível ter esse momento de troca de informação de por exemplo a gente no FINEP resíduos tem uma dificuldade grande de trabalhar com DT e a gente já fala isso há muito tempo que a gente tem essa dificuldade mas isso ao mesmo tempo DT é uma coisa central na incubadora e tem gente que acha que não pode abrir mão em nenhum momento do DT tem muitas visões diferentes sobre o DT mas a gente não consegue conversar isso por exemplo.

ENTREVISTADORA: Não tem um consenso né?

ENTREVISTADO 2: É então isso dificulta muita por que a equipe do FINEP ta bem entrosada a gente tem esses momentos de troca, mas ao mesmo tempo geram uns conflitos por que outras equipes não sabem o que a gente ta fazendo ou deixando de fazer e a gente também não sabe o que o outro pensa então acho que falta esse momento de troca de coisas às vezes gera como você não sabe o que o outro ta fazendo às vezes é mais fácil achar que o outro não ta fazendo nada do que tentar entender o que o outro então acho que esse momento de troca seria fundamental pra saber o que as pessoas tão produzindo tão fazendo acho que isso é importante.

ENTREVISTADORA: Acabou obrigada Entrevistado 2 foi ótimo

ENTREVISTADO 2: Tem mais alguma?

ENTREVISTADORA: Não..... Depois bom eu fiz a apresentação do projeto você estava aqui já quando eu apresentei o projeto?

ENTREVISTADO 2: Não eu acho que não.

ENTREVISTADORA: Acho que você não estava então eu apresentei o projeto quando eu entrei no mestrado então agora a hora que terminar quero apresentar pra vocês aqui pra todo mundo na incubadora o final dele tá bom.

ENTREVISTADO 2: Legal.

ENTREVISTADORA: Ta bom obrigada.

ENTREVISTADO 2: Obrigada

ENTREVISTADO 3

ENTREVISTADORA: No mestrado, meu projeto vou trabalhar com conversão do conhecimento e estudo de caso em incubadora universitária, então meu objeto de estudo é aqui a incubadora. Então eu vou tá trabalhando a conversão do conhecimento... então em que momento ocorre a conversão do conhecimento tácito para explícito e vice-versa. Eu vou estar abordando mais a metodologia de Nonaka e Takeuchi. Então, se vc puder assinar para mim o termo de consentimento... um é o seu e o outro é o meu, que eu tenho que tá guardando. Aqui, qualquer... como eu faço essa pós-graduação e a nossa coordenadora do curso ela era do comitê de ética, então fala para que todos nós passemos pelo comitê de ética... então as entrevistas são uma entrevista simples mas aqui na UFSCar, eu não sei como é na Unicamp...

ENTREVISTADO 3: Na Unicamp nem existe essa discussão pelo que eu saiba.

ENTREVISTADORA: Então, aqui também, meu filho estudou aqui e ele não precisou...

ENTREVISTADO 3: É, então eu acho que é mais a área de humanas, que quando ele fez a apresentação aqui né...

ENTREVISTADORA: O Coordenador 1?

ENTREVISTADO 3: Não, o cara da...

ENTREVISTADORA: Ah, o Coordenador do comitê de ética... do comitê de ética.

ENTREVISTADO 3: Eu acho que mais a área de humanas ainda não tem essa discussão.

ENTREVISTADORA: Mas nem a área de ciência e tecnologia.

ENTREVISTADO 3: É.

ENTREVISTADORA: Eles tb não fazem... então Entrevistado 3, ó: esse já é um trabalho meu de pesquisa... eu levantei, através de documentos aí da incubadora né, principalmente no servidor, todas as atividades do coordenador executivo. Essas eu entendo que são as atividades desejáveis, mas não significa que vc faz todas aqui. Então Entrevistado 1... eu já entrevistei o Entrevistado 1... ele faz... ele é coordenador executivo geral, então não são todas as atividades daqui. Também já conversei com a Entrevistado 2... a Entrevistado 2 também tem coisas que é mais pontuais. E agora vou te entrevistar a partir disso... então o que interessa né, mais especificamente no meu trabalho, para eu aplicar a metodologia deles, é sobre em cima das atividades... então

com as atividades, que eu vou tá trabalhando né, que eu vou conseguir converter isso em conhecimento tácito e em conhecimento explícito. Qual a sua idade Entrevistado 3?

ENTREVISTADO 3: Eu tenho 29.

ENTREVISTADORA: Há quanto tempo vc está na INCOOP?

ENTREVISTADO 3: Desde maio.

ENTREVISTADORA: Vc trabalhou com Economia Solidária em outro local?

ENTREVISTADO 3: Eu trabalhei.

ENTREVISTADORA: Onde?

ENTREVISTADO 3: Na Incubadora da Unicamp.

ENTREVISTADORA: E qual período vc trabalhou lá?

ENTREVISTADO 3: Em 2007 a 2009... deu quase dois anos.

ENTREVISTADORA: Vc por enquanto é a primeira que eu entrevisto que já trabalhou com Economia Solidária em outro local. Bom, então, quais são as suas atividades na INCOOP?

ENTREVISTADO 3: Aí eu respondo a partir disso?

ENTREVISTADORA: É... não, não a partir disso... isso aqui foi só um esquema que eu consegui porque aqui tá em constante alteração lembra que nós fizemos uma oficina pra falar das atividades dos coordenadores, mas que isso ainda não tem em nenhum arquivo, ali... então eu compilei o que tinha... não em cima disso, mas se vc pudesse se embasar nisso... pq pode ser que vc... falar ah, isso não tá aqui, mas eu faço, né, isso tá aqui... não precisa se basear nisso não.

ENTREVISTADO 3: Tá legal. Bom, então, eu sou coordenadora executiva de finança solidária, desde maio... é, tenho como responsabilidade, dentro da equipe de finanças, até o próximo coordenador executivo de finanças entrar, né, daí a gente vai se dividir. É, as atividades do fomento pro banco comunitário e pro clube de trocas, né, então todas as atividades decorrentes né, no território, de atuação da INCOOP em relação a essas duas atividades de finanças solidárias e ao fomento dessas duas atividades né... e algumas atividades também relacionadas a... indiretamente com esses grupos, por exemplo, é, também fiquei responsável dentro da INCOOP pela, junto com outros coordenadores né, pelo fomento à legalização né, pelo processo da Associação de Moradores do Jardim Gonzaga né... e as articulações né, com serviços públicos né, e... e gestores públicos dentro do bairro e atores também né, parceiros dentro do bairro, que são relacionados com o banco comunitário, o clube de trocas e agora mais recentemente com os agentes de desenvolvimento local... né, que as agentes de desenvolvimento local são, são, é... são atividades da incubadora, da comissão de mobilização, mas que é... a equipe de finanças tem interesse direto né... no trabalho com as agentes de desenvolvimento local.

ENTREVISTADORA: Então, a hora que vc fala em fomentar o banco comunitário, isso inclui quais atividades?

ENTREVISTADO 3: Então, é...

ENTREVISTADORA: reuniões...

ENTREVISTADO 3: Reuniões... articulação, divulgação né... é, são reuniões que normalmente, atualmente a gente tá fazendo com as agentes de desenvolvimento local, que antes existiam grupos de mulheres do banco comunitário que se transformaram algumas em agentes de desenvolvimento local, a partir do momento que a gente né, que é, com quem a incubadora fomentasse esse papel dentro do bairro. Essas agentes, elas tem como papel fomentar o projeto da incubadora no bairro, serem umas... serem catalisadoras né, do projeto lá no bairro. Mas elas tiraram o banco comunitário como estratégico pro... para o projeto né, pra, pro projeto de desenvolvimento no bairro, tendo o entendimento de que o banco pode favorecer a criação de novos empreendimentos, com o financiamento de novos empreendimentos, e também pode favorecer a divulgação do projeto lá no território...

ENTREVISTADORA: Que é o que esperava da Cooperlimp né?!

ENTREVISTADO 3: É, porque antes a estratégia anterior era uma estratégia de atuação com as cooperativas protagonistas né... na minha opinião a incubadora ainda não redefiniu essa estratégia né, claramente, de forma explícita, mas, mas, é... alguns coordenadores tem, é, a visão, na minha opinião, de que talvez, pelas agentes de desenvolvimento local seja a forma como, como a incubadora está atuando no território e aí, a estratégia de atuação da incubadora no território.

ENTREVISTADORA: Vc tb participa assim, elaboração, é, dos relatórios? Pq todo mundo aqui participa ou do projeto ou relatório, de um jeito ou de outro... também é uma atividade sua né?! Tb trabalha com...

ENTREVISTADO 3: Isso, é uma atividade minha... então, eu tava mais falando né, é as atividades lá no território... aí as atividades dentro da INCOOP. Dentro da INCOOP eu participo de uma forma, eu não sei se daria para classificar a forma como eu participaria, como que eu participo, pq também eu to num momento pessoal, é, de afastamento das atividades da INCOOP por conta do mestrado... né. Então foram apenas, talvez, quatro meses de, de atuação plena, para ter três meses de afastamento para depois no ano que vem voltar, né. Então, colaborei na elaboração de relatórios, no encontro preparatório com os empreendimentos na, no processo né, com... no processo de construção do segundo seminário DT né... eu tava no encontro, no... dentro da organização do encontro preparatório dentro dos empreendimentos.

ENTREVISTADORA: Então organizando o encontro né?!

ENTREVISTADO 3: Isso. É... aí depois a gente fez visita nos empreendimentos para também fazer aquela avaliação que... sobre o papel da incubadora, sobre a incubação né... a gente fez essas visitas né, eu a Coordenador 2 a gente fez essas visitas individuais para fazer essa conversa com os empreendimentos né. É... enfim, eu acho que algumas coisas que foram surgindo né, durante reunião, algumas coisas dentro da incubadora; não participo de nenhuma comissão específica que seja talvez só interna, dentro da incubadora, mas... e as atividades de ACIEPE, são atividades de equipe né, mais de...

ENTREVISTADORA: As reuniões né?!

ENTREVISTADO 3: É, isso.

ENTREVISTADORA: E, bom, por enquanto não sei, tem essa parte de infra-estrutura, se providencia alguma coisa de infra-estrutura, recursos, tá vendo? É, divulgação vc disse que vc trabalha com essa né?!

ENTREVISTADO 3: Então, eu, eu... eu tive, eu participei do processo de aprender, é, como fazer alguns tramites dentro da incuba... dentro do projeto do PRONINC né, quando a gente foi fazer as camisetas das agentes de desenvolvimento local... então eu até fiquei no pé do Entrevistado 1 pro Entrevistado 1 me ensinar como que fazia, como que deixava de fazer...

ENTREVISTADORA: Então vc precisou providenciar recursos né?! Vc precisou...

ENTREVISTADO 3: É... mas não foi em termos internos, foi para as atividades lá no bairro... inclusive o material de divulgação também foi com recurso do PRONINC que também tinha uma facilidade mais, do PRONINC não, da FAPESP... tinha uma facilidade maior né, por conta de, é... de não passar por dentro da universidade né... pra vc utilizar recurso vc pode fazer já os orçamentos e utilizar...

ENTREVISTADORA: Então, é divulgação desse grupo né, divulgação assim... e tb vc tá levando a divulgação da incubadora...

ENTREVISTADO 3: É, tô, tô... tem uma parte que fala da incubadora, dentro do folder do banco comunitário. Inclusive a gente fez um blog também né, pra divulgar as atividades do banco tá...

ENTREVISTADORA: Vcs fizeram um blog então?!

ENTREVISTADO 3: Um blog e um facebook. Mas que tá um pouco desatualizado por causa de minha não total disponibilidade de fazer as coisas no momento.

ENTREVISTADORA: Tem mais alguma coisa que vc queria acrescentar?

ENTREVISTADO 3: Eu fiz uma listinha das minhas atividades quando eu tive que fazer esse afastamento né, então inclusive eu mandei, eu mandei por e-mail quando eu mandei aquela reunião lá, as minhas opiniões né... tava em anexo. Se vc quiser dar uma olhada...

ENTREVISTADORA: Vou procurar... quando é que vc mandou isso?

ENTREVISTADO 3: Foi no dia anterior da reunião... a reunião foi dia 11?! Acho que foi dia 10 de novembro... que eu mandei pro grupo.

ENTREVISTADORA: Bom, já tem uma coisa ali sistematizada né, já tá colaborando. Posso então mudar para a próxima? Então, em relação à divulgação do conhecimento, o que vc tem a dizer sobre as atividades desenvolvidas por vc na incubadora? Geram quais produtos? Ah, desculpa aqui Entrevistado 3, desculpa... bom, vc falou sobre as suas atividades né... eu ainda to na segunda. Quais recursos vc utiliza nessas atividades? Recurso que a gente chama de data show, ah, aquelas fichinhas que a gente trabalha...

ENTREVISTADO 3: É não, a maioria das atividades...

ENTREVISTADORA: Vídeo...

ENTREVISTADO 3: A gente usa recursos da incubadora né... é, papel Kraft, é... DVD... a gente gravou inclusive vários DVDs para distribuir lá, de banco comunitário... é...

ENTREVISTADORA: Filmes?!

ENTREVISTADO 3: É, os DVDs são com filmes... com filmes de banco comunitário. É, além dessa questão da divulgação, das camisetas, que é do projeto, é... data show; aí normalmente eu levo meu computador... ah... as fichinhas, cartolina, canetão... são os recursos que a gente utiliza durante o diálogo lá com as agentes, né. É...

ENTREVISTADORA: É, e aqui tb, o data show, cartolina, nas reuniões do grupo e da equipe tb... vcs tb fazem a reunião de equipe de vcs de finanças, e vcs utilizam tb esses recursos?

ENTREVISTADO 3: Isso...

ENTREVISTADORA: E pessoas tb, eu acho que vc já...

ENTREVISTADO 3: É, sou eu...

ENTREVISTADORA: O pessoal da... é, o pessoal lá da...

ENTREVISTADO 3: Do bairro né...

ENTREVISTADORA: As pessoas do bairro, que chamam de organização né...

ENTREVISTADO 3: Os moradores do bairro, os integrantes da equipe né, alunos, professor Professor 1 né, que é integrante da equipe...

ENTREVISTADORA: E o pessoal aqui da INCOOP, quando vc tá em reuniões, fazendo relatório, essas coisas né... os membros da INCOOP. Então esses né?! São essas pessoas que estão envolvidas nas suas atividades...

ENTREVISTADO 3: Tem voluntários né... voluntários... Ex-Coordenador 3 é um voluntário, Membro INCOOP 4 é outro voluntário, a Bolsista que é da RECID, que é a Rede de Educação Cidadã, também é outra voluntária da equipe...

ENTREVISTADORA: Tb tem os gestores públicos né?!

ENTREVISTADO 3: É, os gestores pro diálogo né... o pessoal do CRAS, da UFF

ENTREVISTADORA: Agora vamos passar para o seguinte... então em relação à divulgação do conhecimento que tem a ver com as atividades desenvolvidas por vc na incubadora geram quais produtos?

ENTREVISTADO 3: Então... é... nesse período a equipe não... não... eu consegui fazer um artigo junto com o Professor 1 e com a Professor 7... um artigo relacionado a políticas públicas... né... então diretamente finanças eu não consegui me organizar para fazer um artigo.

ENTREVISTADORA: Com as atas tb né... não pode dizer que isso é uma...

ENTREVISTADO 3: Oi?!

ENTREVISTADORA: As atas, a gente não pode dizer que isso é uma...

ENTREVISTADO 3: As atas né...

ENTREVISTADORA: Os relatórios...

ENTREVISTADO 3: Os relatórios... e fotos, né... a gente tirou algumas fotos...

ENTREVISTADORA: Vídeos né?!

ENTREVISTADO 3: Vídeos... as meninas gravaram tb...

ENTREVISTADORA: Planilha, vc não faz planilha, essas coisas pra divulgar, não sei, o Entrevistado 1 faz muita planilha...

ENTREVISTADO 3: Não, planilha eu acho que não faço não... acho que planilha a gente faz mais para talvez dividir atividades internas né... eu utilizo muito do recurso de e-mail como organização interna da equipe... internet né, e-mail. É... pra atualizar a equipe das atividades, do cronograma, de ações próximo do que vai acontecer na semana, eu uso bastante esse recurso.

ENTREVISTADORA: Pq também entra aqui o produto né?! Que são os...

ENTREVISTADO 3: Acaba sendo uma sistematização dentro da equipe né... essa forma de sistematizar. É... eu acho que talvez o blog e o facebook é uma vontade de registrar o histórico das atividades e o andamento também né... além de divulgar tb registrar.... essa história. Acho que é isso, não sei se consigo...

ENTREVISTADORA: Onde e como registra... é, por exemplo, o seu artigo...

ENTREVISTADO 3: É escrito né...

ENTREVISTADORA: É, onde ele tá? E como vc... tem algum registro aqui...?

ENTREVISTADO 3: Na verdade eu posso te mandar... posso até ver com a Professor 7 qual foi a versão final... na verdade...

ENTREVISTADORA: Tem aqui na incubadora?

ENTREVISTADO 3: Não sei... não...

ENTREVISTADORA: Então por exemplo... é... são... pq como eu conversei tb com outras pessoas né, então, é, vc tem arquivos digitais? Então tem coisas digitais aqui né?! As atas, os relatórios... mas eles estão aqui fisicamente?

ENTREVISTADO 3: Não...

ENTREVISTADORA: É só... os registros estão sendo virtuais?

ENTREVISTADO 3: Os registros virtuais... é, quer dizer (rs), todos são registros virtuais...

ENTREVISTADORA: Mas, o artigo, vc tem aqui?! Virtualmente?! Entregou aqui uma cópia?

ENTREVISTADO 3: Não na... não sei se a Professor 7 e o Professor 1 fizeram?

ENTREVISTADORA: Tá... Vc tem anais alguma coisa?! Pq é importante a gente ter essas coisas registrado aqui...

ENTREVISTADO 3: Eu posso perguntar ele...

ENTREVISTADORA: Bom, as atas... então a gente já sabe como isso... é... tá

ENTREVISTADO 3: Ah, a equipe de finanças, ela tá fazendo de uma forma diferente... a gente tá fazendo uma ata no google docs... então, então a gente faz uma ata permanente, e vai deixando todo o histórico pra descendo né... dentro de uma ata. Isso facilita pq às vezes a gente ahhh, quem tem o arquivo do último, da última ata, quem sabe o que falou, sei lá o que... e aí o docs faz com que a gente possa até fazer reunião em outros lugares...

ENTREVISTADORA: Daí o Google docs quem tem acesso é só a equipe de finanças?

ENTREVISTADO 3: Só a equipe de finanças...

ENTREVISTADORA: Então vc não tem aqui na incubadora nada...

ENTREVISTADO 3: Não... desde essa época não sei se o Membro INCOOP 4 no início gravava aqui...

ENTREVISTADORA: As fotos e vídeos a mesma coisa, fica registrado só também no Google docs?

ENTREVISTADO 3: Não, algumas por e-mail e outras no meu computador, no pen drive... pq essa história de pen drive de equipe né... eu peguei o pen drive do Ex-Coordenador 3... inclusive ontem eu entreguei um pen drive pra Coordenador 6 que ela tá entrando né... ehhh o pen drive dele tava dando uns problemas pq tava velho né... então tava dando uns problemas no meu computador que não entrava, dava erro e tal...

ENTREVISTADORA: Como é que é, vc pode fazer uma solicitação... por exemplo, que foi a meta quem passou... então se tiver necessidade a gente pode pedir a compra de outro...

ENTREVISTADO 3: É, não, eu acho que têm novos aqui...

ENTREVISTADORA: Ah tá...

ENTREVISTADO 3: E aí o que que eu faço é, deixo tudo no meu computador, pq tem um HD grande e eu vou guardando lá... só que como diz minha mãe, até pro mestrado, “vc tá fazendo back up, vc tá fazendo back up”? Eu... hummm... não.

ENTREVISTADORA: Pq aqui vc tem uma pasta né... então seria importante...

ENTREVISTADO 3: Deixar aqui...

ENTREVISTADORA: Deixar aqui... mas a gente sabe tb é... é difícil né Entrevistado 3... tem muita coisa pra fazer né?! Tá, então o que mais... onde...

ENTREVISTADO 3: E é mais... e é difícil deixar atualizado... inclusive, não sei. Na Unicamp como é que a gente fazia?! A gente tinha toda a organização das pastas, das pastas por equipe, das atividades, das oficinas, todos esses registros né...

ENTREVISTADORA: Virtualmente?

ENTREVISTADO 3: Dentro do HD da... dentro do servidor da incubadora, que era um servidor tal, a gente tinha esse servidor e podia gravar as coisas lá... Mas, se eu tivesse em casa, e quisesse acessar um arquivo que tava lá... eu não aprendi a fazer isso, mas eu sei que dava para fazer o acesso remoto... né... que aí vc entrava no sistema, fazia o acesso remoto da sua casa, abria os arquivos e utilizava os arquivos... eu acho muito mais fácil do que ficar com essa coisa de pen drive pra cá, pen drive pra lá, pq aí vc não sabe qual é o arquivo que tá atualizado, se tá aqui ou se tá lá... normalmente eu falo não, eu sei que os que tão aqui são os que estão atualizados... eu posso até fazer um back up, mas eu sei que vai desatualizar aqui pq eu não uso aqui, eu uso, obviamente que eu posso fazer em casa e tal...

ENTREVISTADORA: Fica mais fácil de acesso né?!

ENTREVISTADO 3: Agora, tem outro lugar... que tem o pessoal do Nesol que faz o Dropbox ... não sei se vc já ouviu falar do... é... dropbox.

ENTREVISTADORA: A gente trabalha lá na gestão de pessoas com dropbox..

ENTREVISTADO 3: E... eu acho muito interessante lá... acho que talvez seja uma boa ideia da incubadora fazer uma conta e deixar todos os arquivos dela de forma virtual... pq aí vc pode sempre alimentar essa... e...e ... é, todos os meus arquivos de mestrado estão no dropbox.. então...

ENTREVISTADORA: É só compartilhar né... autorizar as pessoas...

ENTREVISTADO 3: Eu com meu orientador, a gente compartilha arquivos pelo dropbox..

ENTREVISTADORA: Tá bom... e vc registra? Né, pq que nem o Entrevistado 1... a Entrevistado 2 não comentou isso, mas o Entrevistado 1 falou que tem vários cadernos onde ele vai registrando tudo que acontece...

ENTREVISTADO 3: Eu tenho os cadernos, mas eu confesso que eu sou bem desorganizada... se alguém for ver e ler meus cadernos não vai entender... inclusive ontem a Coordenador 2 pediu, “ai Entrevistado 3, empresta seu caderno pra eu fazer o registro das agentes tal”... eu falei, vc não vai entender nada, pode deixar que eu te falo o que vc quiser, pq eu tenho essa dificuldade de organização... assim, eu até tenho caderno, o que é uma coisa pra mim que já me faz ficar organizada... mas eu fui fazer a linha do tempo ontem com as agentes de desenvolvimento local e eu percebi que várias reuniões eu não colocava data... e aí vc fica, poxa vida, mas quando que foi isso né?! Quando é que foi?!

ENTREVISTADORA: É...

ENTREVISTADO 3: Mas enfim...

ENTREVISTADORA: Tem mais alguma coisa que vc quer dizer? Então vc conhece a produção individual e coletiva dos membros da incubadora?

ENTREVISTADO 3: Não...

ENTREVISTADORA: Então, como vc chegou a ela...?

ENTREVISTADO 3: Não... individual eu desconheço... agora, coletiva eu acredito que eu conheça em termos da produção do relatório, da produção das oficinas, dos processos de oficina que a gente vem construindo né... que são processos pra... pra realizar uma base conceitual né... compartilhada dentro da incubadora...

ENTREVISTADORA: Vc não precisou buscar né... buscar a produção dos membros, por exemplo, pro seu mestrado?

ENTREVISTADO 3: Não...

ENTREVISTADORA: A sua dissertação não tem a ver com a incubadora?

ENTREVISTADO 3: Não... a minha dissertação é sobre políticas públicas de economia solidária, sobre a SENAES... então...

ENTREVISTADORA: Então é isso que vc tem a falar, sobre produção individual e coletiva né?!

ENTREVISTADO 3: É... meu conhecimento é mais em relação aos relatórios mesmo...

ENTREVISTADORA: Tá... Então, então com que frequência vc consulta esse conhecimento produzido pelos membros e qual a finalidade? O relatório por exemplo... né, que vc... o relatório e oficinas né... que vc tem mais conhecimento...

ENTREVISTADO 3: Aham... é então, não sei se por exemplo os modelos de ata, de planejamento, que o Professor 1, ele trabalha bastante dentro da equipe... isso, ele também pode, né, ser um conhecimento coletivo... ou talvez ser um conhecimento individual do Professor 1...

ENTREVISTADORA: Ah tá... É... então aí vc já procura uma pessoa né?!

ENTREVISTADO 3: Não, então assim... da pergunta anterior, ela... acho que aí dá pra acrescentar as metodologias que o Professor 1 utiliza... em que... é... em que ele passa durante as reuniões de finanças e aí a gente utiliza como metodologia de planejamento... é um conhecimento individual do Professor 1 que a gente né, a gente utiliza bastante dentro da equipe... né... o Professor 1, ele, inclusive dentro da equipe, na elaboração da oficina de políticas públicas né... ele colaborou bastante nessa, nessa programação em que a gente né, fez junto a programação da oficina... então, dentro da equipe a gente acaba utilizando de uma forma... é... boa né... não sei... média.

ENTREVISTADORA: Então, dá essa frequência assim... de acordo com a demanda, com a necessidade né... sem frequência, não tem uma coisa...

ENTREVISTADO 3: Isso... isso... isso... de acordo com a demanda e com a necessidade... inclusive... depois de eu ter... quando eu me ingressei eu... eu li todo né... os relatórios possíveis da FAPESP, que pra tb me fazer situar como que é o projeto, como que é o...

ENTREVISTADORA: O apoio né...

ENTREVISTADO 3: É...

ENTREVISTADORA: Então pra qual finalidade vc falou né... pra elaboração aí... vc colaborou...

ENTREVISTADO 3: Pras atividades das oficinas, pra atividades do bairro, né... e pra... pro conhecimento mesmo da equipe.

ENTREVISTADORA: Tá...

ENTREVISTADO 3: A gente tb no início do semestre... quando o Membro INCOOP 4 ainda tava na equipe, é... acessou o projeto para ler o projeto, as estratégias pra discutir, é... em que medida as nossas ações podem se transformar em diretrizes de políticas públicas... então, a gente fez um debate dentro da equipe sobre isso... há... o que mais?!... acho que foi isso.

ENTREVISTADORA: Há dificuldade em buscar documentos impressos ou virtuais para suas atividades na incubadora?

ENTREVISTADO 3: Hummm... às vezes é dificuldade em saber o histórico das coisas né... então, muitas vezes lendo o relatório, ainda mais que eu me considero uma coordenadora nova dentro da incubadora né... então lendo o relatório, sabendo que esse projeto vem de um tempo, né... eu tenho uma certa dificuldade de saber como foi o processo pra se chegar a determinada... é... determinada ação que é consensuada e que eu já cheguei, e já tava consensuada... né... então as vezes dá uma dificuldade de entender esses processos, pq o registro do histórico dentro dos projetos, ele é um registro oficial... né... agora, como que se fez pra chegar até determinadas ações, internamente dentro da INCOOP, se foi o fulano junto com o cicrano que conversou com quem do bairro que tava naquela época e articulou e tal e num sei o que... esse histórico é mais difícil de.. de saber se não é um histórico falado... né... se num é um registro... na maioria das vezes é um registro falado... vc tenta é, conversar com o Entrevistado 4... “e aí Entrevistado 4, vc já conversou com o padre da Madre Cabrini, como é que é e tal, e não sei o que... e a história do CRAS, como que foi a relação”, e aí, com o Ex-Coordenador 3, faço muito isso com o Ex-Coordenador 3... “como é que foi isso, aquilo, aquilo outro”...

ENTREVISTADORA: É então, então aqui seria é... né, vc conhece a produção individual... isso daí seria uma produção que vc busca dentro... dentro da equipe né?! Não pode ser isso então?!

ENTREVISTADO 3: Pode ser... um relato. Mas, num é... um relato...

ENTREVISTADORA: Não é... tá explícito, escrito isso... um conhecimento tácito que a gente diria né, o que a pessoa sabe... então, vc acha que tem dificuldade né... pq vc não tem isso registrado né... explicitamente...?

ENTREVISTADO 3: Esses processos né?! Pq... às vezes tem pessoas que se preocupam bastante com o resultado... é... a atuação dentro do bairro, é... é importante entender como foi o processo...

ENTREVISTADORA: Saber qual foi então o resultado...

ENTREVISTADO 3: E... entender que processo para inclusive... é... não... não cometer talvez os mesmos erros de alguns... de.. de um ou outro coordenador que tenha... ido... feito alguma coisa que não deu certo e desistido... e aí como vc sabe, que aquilo foi testado e deu errado... ?! Só conversando com os coordenadores em questão, que tiveram a experiência...

ENTREVISTADORA: É uma coisa que tb aponta né, no meu trabalho, a rotatividade dos membros né... então, isso... dificulta um pouco né... se não tiver registrado né, então dificulta mesmo... então vai que vc tá fazendo uma coisa que outro já fez?!

ENTREVISTADO 3: É, além da rotatividade é a dificuldade de registrar isso, acho que é a dificuldade de se registrar... por exemplo, que nem vc falou, se alguém pegar o meu caderno (rs) e for... né... ler... não vai entender

como é que foi o meu semestre... né... pq tá muito... eu... eu não registrei como é que foi meu semestre, eu registrei no relatório da FAPESP agora, que eu elaborei... como foi o semestre da equipe... mas muitas coisas, muitas dificuldades dentro muitas brigas, muito desentendimento... a gente não coloca no relatório, a gente registra na ata no máximo... nas atas a gente registra... mas a dificuldade de acessar todas as atas, e ver, como é que foi... é... isso é uma coisa difícil mesmo de se trabalhar dentro da incubadora...

ENTREVISTADORA: Então... então isso...

ENTREVISTADO 3: De todas na verdade... na outra tb era.

ENTREVISTADORA: Então, em sua opinião o que dificulta ou facilita esse acesso... aos documentos? O que poderia facilitar né... aqui tá dizendo que tem dificuldade né, de registro...

ENTREVISTADO 3: Então, pq por exemplo... pode até existir um registro dentro de ata, mas cada pessoa vai olhar uma ata com um olhar... eu to procurando determinada coisa que talvez outra pessoa que vai ler as atas tá procurando outra... né... então... é... eu acho que o que daria para a gente fazer seria um... e... momentos de reflexões coletivas em que a gente sistematiza todas essas experiências, sabe... então por exemplo... ah, ficou final do ano, então vamos fazer uma avaliação de como é que foi o ano?! Vamos, né, registrar como é que foi... talvez seria uma ideia, né?!... de registrar o que a gente fez, o que a gente deixou de fazer, que aí pelo menos seria um... um... uma forma de sistematizar esse conhecimento que tá nas pessoas, na experiência de vida das pessoas, para um, para um conhecimento que fique para os outros que vão vir... né... num sei...

ENTREVISTADORA: Aqui diz tb... inventar a roda de novo né... então continua... então... então assim, o que é que eu posso dizer, que dificulta ou facilita esse acesso em buscar os impressos, documentos impressos ou virtuais... o que é que eu posso dizer aqui nessa...

ENTREVISTADO 3: É... talvez o fato de, por exemplo eu não ter, não ter procurado, por exemplo, todas as atas, não ter interesse em fazer essa busca minuciosa, para querer saber quais foram as dificuldades dos antigos coordenadores... pq esse é um trabalho...

ENTREVISTADORA: Muito difícil...

ENTREVISTADO 3: Muito difícil... né...

ENTREVISTADORA: Então é devido à dificuldade mesmo de buscar, né... Eee... mas assim, por exemplo... é... o que tem aqui registrado, vc acha que o acesso é fácil?

ENTREVISTADO 3: Ahã...

ENTREVISTADORA: Em termos até, pq se tivesse no dropbox, o acesso seria melhor, né?!

ENTREVISTADO 3: Isso...

ENTREVISTADORA: Mas ele tá aí disponível... o que tem pelo menos tá aí disponível, né?!...

ENTREVISTADO 3: Isso...

ENTREVISTADORA: Só falta as pessoas estarem registrando mais...

ENTREVISTADO 3: Registrando mais, buscando mais... talvez, eu... outra coisa que eu tenho dificuldade tb, é... eu acho que na organização dos arquivos, eu acho que os arquivos da incubadora aqui são muito desorganizados... não tem um lógica de organização... não é por equipe, nem... é... pq cada equipe atua em diversos projetos... e aí quando é por projeto eu já percebi que tem projeto... tem várias pastas do mesmo projeto... e... e aí eu acho que...

ENTREVISTADORA: Vc nunca sabe quando é o final né, quando é o resultado final daquilo que foi feito...

ENTREVISTADO 3: É...

ENTREVISTADORA: Pq tem várias versões né...

ENTREVISTADO 3: Até mesmo assim, pra ser sincera, a parte de finanças tá... é... tá tudo no pen drive que era do Ex-Coordenador 3, se for procurar aqui, não há...

ENTREVISTADORA: Que é bom que tenha aqui tb né...

ENTREVISTADO 3: Que é bom que tenha aqui tb, mas eu... eu... sabe... fala... será que existe?!... não, aqui não tem nada... então, essa é a dificuldade da equipe mesmo, de fazer vários registros em diversos locais... se fosse centralizado seria mais fácil, mas centralizado de forma virtual, por conta dessa questão da mobilidade das pessoas...

ENTREVISTADORA: Todo mundo ter acesso...

ENTREVISTADO 3: Ter acesso... e essa dificuldade tb é... da aaa... lembro até da Professor 2 comentando “ai, a nossa, as nossas atas são tudo em forma virtual por e-mail né...” pq, então talvez até, sabe, ao invés de ficar toda vez mandando ata, se a gente tivesse dropbox por exemplo, “aí pessoal, já tá no dropbox a ata de sexta-feira”...

ENTREVISTADORA: Pq quantas vezes não encaminha e eu... nós tivemos ontem reunião da meta, e eu não pude vir pq tava em Sorocaba, cheguei tarde... num li... então, quer dizer, é... na hora em que vc sente necessidade é bom saber que tá ali, mas a busca vai tá lá no meu e-mail... então pra eu buscar isso quando eu preciso, que nem, agora vou buscar aquele seu documento né, então tá lá no meu e-mail... né, então se tivesse num lugar mais acessível, mais fácil, mais organizado, dava pra todo mundo mesmo...

ENTREVISTADO 3: Ahã...

ENTREVISTADORA: Todo mundo sabe disso, mas é difícil fazer né Entrevistado 3?!

ENTREVISTADO 3: Com certeza, ainda mais por uma... pq eu posso falar que pra mim é... não existe lógica, que é desorganizado, e aí alguém que tenha organizado, organizou de acordo com alguma lógica que eu Não to entendendo qual lógica que é... então talvez fazer isso de forma coletiva, com que todo mundo, consensue e fale.. não... é...

ENTREVISTADORA: É importante fazer assim que...

ENTREVISTADO 3: É essa lógica que...

ENTREVISTADORA: De como organizar.. e tá passando pra frente isso... isso tb é uma preocupação da nossa meta mas que por enquanto tb a gente não teve perna pra fazer isso...

ENTREVISTADO 3: É né... é muita coisa né...

ENTREVISTADORA: É bom, então a próxima pergunta é... onde ou a quem vc recorre para obter informação que possa esclarecer dúvidas surgidas em relação ao seu fazer na incubadora? Vc comentou do Professor 1 né...

ENTREVISTADO 3: Professor 1... Ex-Coordenador 3, Entrevistado 4, Entrevistado 1...

ENTREVISTADORA: Então professores e coordenadores né, da incubadora...

ENTREVISTADO 3: Tanto atuais quanto antigos...

ENTREVISTADORA: Então a quem, são estas pessoas... e onde?

ENTREVISTADO 3: Na incubadora ou em... ou por contato telefônico...

ENTREVISTADORA: E-mail né?!

ENTREVISTADO 3: E-mail...

ENTREVISTADORA: Onde, na incubadora... é só isso... onde ou a quem vc recorre para buscar informação que possa esclarecer dúvidas surgidas em relação ao seu fazer... onde... que aqui na incubadora vc estaria conversando com as pessoas ou então buscando relatórios né...

ENTREVISTADO 3: Relatório tb...

ENTREVISTADORA: Vc já comentou aqui...

ENTREVISTADO 3: Ahã...

ENTREVISTADORA: Ata, e-mail, né... vc lê... vc falou sobre isso né... o pen drive né (rs)... acho que é só isso aqui... então, vc tem alguma sugestão sobre a organização do conhecimento produzido na INCOOP?

ENTREVISTADO 3: É, aquela coisa das avaliações...

ENTREVISTADORA: De final de ano né?!

ENTREVISTADO 3: De final de ano... é... a avaliação por exemplo... a gente fez um encontro interno na.. na tentativa de avaliar o projeto DT, só que... o projeto DT como um todo né... então tem bastante coisa ali que eu acredito que vá sair da.. da.. da... é... de encontro com essa expectativa de.. de.. de sistematizar algo que não está sistematizado necessariamente pro relatório né... e avaliações mais impli... mais... subjetivas né... é... da própria execução... é... mas eu acho que.. que não só ao final dos projetos né... talvez pra fazer planejamento do ano e pra fazer avaliação, e também fazer sempre avaliação com os empreendimentos... acho que avaliação com os empreendimentos ajuda muito a ver o trabalho da incubadora.. né... e... e às vezes a correria é tão grande que agente acaba não prestando atenção nisso, eu acho que isso é uma coisa importante de se fazer... ee... e é isso, eu acho que avaliação mesmo de.. de.. esses espaços de reflexão de avaliação... na minha opinião, a gente só consegue se aproximar da autogestão quando a gente consegue fazer reflexões coletivas, avaliações coletivas, em que por mais que a gente não chegue a.. a resultados, por mais que a gente não chegue ao consenso, né, pelo menos a gente expôs algumas dificuldades, algumas.. compartilhou algumas dificuldades que a gente né, passou durante o período que...

ENTREVISTADORA: É, uma coisa tb que o Entrevistado 1 comentou e que eu acho isso, é, organizar o conhecimento, ele comentou sobre o livro... então o livro é uma tentativa de tá organizando né, o conhecimento, da história daqui da INCOOP né... vc teria outra sugestão? Assim, vc já tá falando assim.. de planejar... isso tb né, é uma sugestão de organizar.. é, planejar o que vai ser feito e avaliar o que foi, então vc vai tá organizando.. é.. toda atividade da INCOOP, não só baseada no conhecimento produzido, né, por ela, mas tudo o que foi feito no decorrer do ano, são registros de... vc tem alguma outra sugestão?

ENTREVISTADO 3: É, eu acho que o livro é um bom... um bom passo pra.. pra fazer esse registro né... tinha a ideia de se fazer aquele vídeo da incubadora né, também... não sei qual que é a ideia do vídeo e qual o intuito, se era um vídeo institucional, mais de...

ENTREVISTADORA: É... pq o vídeo a gente, nós tínhamos né... os nove mil marcianos né... da massa coletiva...

ENTREVISTADO 3: Ahã...

ENTREVISTADORA: É, mas aí parece que isso foi já feito quando teve... o.. eu não participei, mas acho que foi seminário, onde foram chamados os empreendimentos, os gestores... foi feito agora um, um seminário né, com todo mundo que tava previsto na FAPESP, então, é, parece que já foi atualiza... já foi utilizado, então, mas é importante que tenha.. né...

ENTREVISTADO 3: É, mas não é utilizar os vídeos que a própria equipe.. né.. faz e... tentar...

ENTREVISTADORA: Compilar isso, distribuir...

ENTREVISTADO 3: Compilar... por exemplo, tem um vídeo, foi antes de eu entrar, tem um vídeo que foi feito em janeiro, do clube de trocas, né... tá inclusive no youtube, acho que chama Clube de Trocas do Jardim Gonzaga... que foi uma forma de explicar como funciona o clube de trocas, o que que é, tal... as mulheres falaram o que elas acharam, sabe... então... é... então essa é uma forma tb de registra né, as coisas da incubadora... o conhecimento produzido né... mas eu acho que é difícil a gente fazer esse registro do conhecimento se a gente não parte pro... pra um lado acadêmico, por um lado... então, fazer artigos, escrever mais...

ENTREVISTADORA: Tem essa parte de ensino...

ENTREVISTADO 3: Pesquisa...

ENTREVISTADORA: Extensão e pesquisa, eu acredito aqui né...

ENTREVISTADO 3: Ensino, pesquisa e extensão...

ENTREVISTADORA: Tá, mas ensino é meio... pesquisa a gente já... são os artigos mesmo...

ENTREVISTADO 3: Uma das coisas que eu mandei por e-mail... naquele e-mail, foi de ter espaços de estudos permanentes... eu acho...

ENTREVISTADORA: Os grupos de estudo né...

ENTREVISTADO 3: Grupos de estudo...

ENTREVISTADORA: É, eu li seu e-mail...

ENTREVISTADO 3: E... e eu acho que nesses grupos de estudo tb dá pra fazer essas sistematização do conhecimento produzido... que pode ser um produzido um conhecimento mais geral, ou um conhecimento mais.. mais.. é... de uma área só...

ENTREVISTADORA: Mais pontual né...

ENTREVISTADO 3: Pontual...

ENTREVISTADORA: Mais específico...

ENTREVISTADO 3: Específico... é... na Unicamp a gente tinha grupos de estudos em que todas as equipes se encontravam... a estrutura lá era assim: é... a equipe era composta por cinco pessoas, responsável por incubar de dois a três empreendimentos... então cada pessoa era de uma área do conhecimento... então...

ENTREVISTADORA: Ah, que legal, bem multidisciplinar...

ENTREVISTADO 3: É, bem multidisciplinar mesmo, cada pessoa era de uma área de conhecimento... então se existia cinco equipes, é... uma pessoa dessa equipe encontrava uma da outra, que da outra, da outra, da outra, e fazia uma reunião da sua área de conhecimento... minha área de conhecimento é economia, então a gente fazia reunião de planejamento econômico... então cada um compartilhava... “ah, pq eu to com dificuldade em fazer a contabilidade da cooperativa, tal e não sei o que”... então aí a gente fazia estudos e procurava textos e formas da gente fazer a contabilidade que não é a contabilidade tradicional, tal, não sei o que e nã nã nã.. ah, conseguia sistematizar um conhecimento e às vezes a gente lançava um artigo.. né.. ou então, a gente sistematizava isso de uma forma de registro que ia ser num livro... né, então, é.. a.. existia dificuldade de registro, sempre existe, mas, é...

ENTREVISTADORA: Tinha uma tentativa...

ENTREVISTADO 3: Tinha uma tentativa.. de produzir conhecimento tb... então, assim, eu até fiz essa proposta com, não sei ... pq ia depender de.. algumas coisas dependem de reorganização da estrutura da equipe, como eu coloquei, mas se, sei lá... se juntar a área de humanas com a área tecnológicas, com a área de biológicas, e cada um fazer aí a discussão que envolve... que é, que é multidisciplinar, mas tb algumas que são mais específicas... é uma, uma ideia que pode ser que venha a ter mais espaços de produção de conhecimento do que é produzido de fato né...

ENTREVISTADORA: Trocas né...

ENTREVISTADO 3: Trocas...

ENTREVISTADORA: Então é isso Entrevistado 3... quer dizer mais algumas coisa?

ENTREVISTADO 3: Obrigada...

ENTREVISTADORA: Eu é que agradeço... tá bom?! (rs) Então tá bom Entrevistado 3, obrigada viu...

ENTREVISTADO 3: Imagina...

ENTREVISTADO 4

ENTREVISTADORA: Então Entrevistado 4 eu to na incubadora vou entrevistar o Entrevistado 4 agora 10h58 bom qual a sua idade bom primeiro desculpa deixa eu começar apresentando aqui né então eu faço mestrado né eu to te entrevistando por que a parte da minha pesquisa que eu vou ta trabalhando a conversão do conhecimento estudo de caso em incubadora universitária o meu objeto aqui é a incubadora então eu vou ta trabalhando como converter conhecimento de tácito pra explicito e vice versa né do explicito pra tácito pode ser feito usando mais a abordagem de Nonaka e Takeuchi né entre outros autores que trabalham com isso mais basicamente em cima das atividades dos coordenadores

ENTREVISTADO 4: Tá

ENTREVISTADORA: Então eu fiz uma sistematização do que eu encontrei na incubadora não é isso nós já tivemos naquela ocasião uma oficina até que nós falamos das atividades lá dos coordenadores mas que também depois disse eu não achei sistematizado em algum lugar se tivesse falado na na oficina né aí eu não achei isso em algum lugar não sei onde tem

ENTREVISTADO 4: Tá em processo

ENTREVISTADORA: Então ainda tá em processo então o que eu tenho assim eu colhi tudo aqui na INCOOP

ENTREVISTADO 4: Tá

ENTREVISTADORA: Então isso eu imagino que seja as atividades desejáveis por que não dá pra você tem coisa que você vai tá fazendo tem coisa que você não tá fazendo por que não é do seu fazer aqui dentro né

ENTREVISTADO 4: É do conjunto dos coordenadores né não que todos eles têm que fazer tudo né

ENTREVISTADORA: É então foi isso que eu peguei as atividades o que faria o coordenador executivo do conjunto não individualmente tá então em cima disso aqui que eu vou tá te fazendo as perguntas em cima das suas atividades então ó esse é o termo de consentimento que eu tive que passar pelo comitê de ética né

ENTREVISTADO 4: Huhu

ENTREVISTADORA: Então se você puder ler senão uma cópia é minha a outra é sua por que eu tenho que guardar isso é mais a proforma da uma é seu uma é da incubação e a outra eu tenho que guardar

ENTREVISTADO 4: Esse é o critério do comitê de ética né tem pensado nisso né

ENTREVISTADORA: Isso então é seu agora pra entender mais o que é então vamos começar a sua idade

ENTREVISTADO 4: Eu tenho vinte e seis anos

ENTREVISTADORA: Ó como você é novo tem a idade do meu filho sexo masculino né

ENTREVISTADO 4: Huhu

ENTREVISTADORA: Quanto tempo você tá na INCOOP?

ENTREVISTADO 4: Eu to eu vou completar três anos agora em janeiro

ENTREVISTADORA: Tá você trabalhou com economia solidária em outro local?

ENTREVISTADO 4: Eu fiz a ACIEPE em 2004 o primeiro ano mas não trabalhei

ENTREVISTADORA: Então vamos começar quais as suas atividades na INCOOP?

ENTREVISTADO 4: Vamo lá é primeiro é a de coordenador executivo da cadeia de alimentos e aí eu destrincho o que são tudo o que que são que compõem

ENTREVISTADORA: As suas atividades

ENTREVISTADO 4: As minhas atividades mesmo né

ENTREVISTADORA: Quais são as atividades então é por isso que é tornar possível participar de reuniões elaborar projetos é isso quais são as atividades

ENTREVISTADO 4: Ah entendi entendi

ENTREVISTADORA: O seu fazer aqui na incubadora

ENTREVISTADO 4: Então eu organizo as reuniões da cadeia de alimentos da equipe né organizar é convocar moderar a reunião monitorar se o relato foi feito se não foi fica disponibilizado pra todo mundo é eu faço acompanhamento do grupo da horta comunitária faço vou lá né participo das reuniões quando possível eu faço o acompanhamento dos bolsistas então eu indico quatro bolsistas acompanhamento inserção motivação deles com as atividades né pois justamente tá sendo um desafio grande uma nova fazer é uma coisa inserir pessoas motivar elas principalmente e desse papel de coordenador mesmo né é um pouco mais complicado né então é mais fácil fazer do que delegar né

ENTREVISTADORA: Huhu

ENTREVISTADO 4: Mas é também é isso é também faço acompanhamento e támo realizando oficinas pra constituição de um grupo de produção de alimentos

ENTREVISTADORA: Acompanhamento de oficina

ENTREVISTADO 4: É na verdade é acompanhamento é formação de um grupo né a gente tá formando um grupo e aí formar o grupo é fazer reuniões fazer oficinas de capacitação né

ENTREVISTADORA: É essas aí são suas atividades então você formar o grupo

ENTREVISTADO 4: Aí isso é formado por a capacitação pra economia solidária capacitação técnica pra segurança alimentar eu tava até fazendo agora inclusive uma oficina de segurança alimentar é constituição dos planos de trabalho dos bolsistas também em relação aos bolsistas também é importante colocar né é escrever projeto escrever relatório acho que eu tenho feito nos últimos dois meses quase que só isso

ENTREVISTADORA: Huhu

ENTREVISTADO 4: É monitoramento dos projetos junto aos órgãos da universidade né PROEX FAI departamento de compras

ENTREVISTADORA: Mas isso é por que você é da cadeia da limpeza

ENTREVISTADO 4: Então não isso eu comecei a falar das ações da cadeia né e essas começam a extrapolar algumas delas você quer que eu mantenha a lista assim

ENTREVISTADORA: Não não

ENTREVISTADO 4: Posso falar de tudo o conjunto

ENTREVISTADORA: É por que é assim você é da cadeia de limpeza então
ENTREVISTADO 4: De alimentos
ENTREVISTADORA: De alimentos eu não sabia que é você que fazia o monitoramento dos projetos
ENTREVISTADO 4: Então eu to fazendo agora por falta de gente pra fazer
ENTREVISTADORA: Ah entendi
ENTREVISTADO 4: Eu to fazendo do programa então por exemplo monitorar os editais lá pra continuação dos coordenadores eu que encabeço isso
ENTREVISTADORA: Mas só da cadeia de alimentos você não tem como o Entrevistado 1 agora tem
ENTREVISTADO 4: Não não tenho eu tenho feito por falta de alguém pra fazer na verdade e por pela facilidade por tá mais tempo tal já conheço os atalhos né
ENTREVISTADORA: Então você tem que falar todas as suas atividades pra mim
ENTREVISTADO 4: Tá é isso e ajudar na moderação em relatoria de reuniões gerais
ENTREVISTADORA: Tá então você participa das reuniões
ENTREVISTADO 4: Participo das reuniões isso
ENTREVISTADORA: Modera né
ENTREVISTADO 4: Eventualmente modero modero relato eventualmente assim como todos os outros coordenadores né dentro do conjunto da rotatividade né é estabelecer parcerias contato com os parceiros diversos que a gente tem seja lá da universidade seja lá do território representante do poder público então participa de reunião de CRAS do centro da juventude né sempre que tem algum tema que tá próximo ou que a gente tá tentando aproximar a parceria tipo tamo sempre junto vamos dar uma passadinha lá falar com a pessoa bate um social toma um cafezinho sabe o que tá fazendo né essa relação mais próxima dos parceiros é a gente tem ido atrás também da do aquisição do terreno da horta a negociação do terreno pra horta comunitária que é um terreno do Governo Federal nós estamos negociando pra que ele seja doado a universidade e aí vai ceder pro grupo então estabelecer o contato com o Governo Federal mediante um parceiro aqui da engenharia civil aí a gente já fez varias reuniões em São Paulo com os parceiros de lá pra viabilizar essa esse meio de campo aí entre o Governo Federal pra doar e a universidade a gente monta uma comissão né a gente tem
ENTREVISTADORA: Tá então você participa também de comissão
ENTREVISTADO 4: De comissão também aí tem as comissões participo da comissão de articulação externa participo mais especificamente da representatividade da INCOOP no fórum municipal participo das reuniões chamar as reuniões eventualmente e trazer os pontos de pauta pras reuniões aqui da equipe tentar fazer essa esse link essa ligação
ENTREVISTADORA: Essa ligação to vendo que ainda vai
ENTREVISTADO 4: Também participo da comissão de mobilização que a mobilização ela tem tido atividades diversas né ela tem tentando dar conta de algumas demandas que a gente não dá que a gente percebe que a INCOOP tem dificuldade então a gente monta essa comissão pra tentar criar atalhos pra coisas que a gente percebe que é difícil de passar sem tá aqui dentro da reunião então a gente tem ajudado a formalização da associação de bairro do Jardim Gonzaga então as atividades dos últimos tempos aí
ENTREVISTADORA: Como que a gente poderia chamar isso formalizar
ENTREVISTADO 4: Formação da associação de bairro do Jardim Gonzaga que também acaba sendo como um parceiro do projeto né mas faz parte dessa estratégia de tá mais presente no bairro né de tá acompanhando tal tá nós temos laços de relações com o território e acompanhando os agentes do desenvolvimento local que também é via comissão de mobilização
ENTREVISTADORA: É quantas horas você trabalha aqui
ENTREVISTADO 4: É na prática ou teoricamente
ENTREVISTADORA: Seria de vinte também
ENTREVISTADO 4: Teoricamente de vinte eu tenho trabalhado eu fiz levantamento aqui ma ultima reunião eu tenho trabalhado em média de trinta e duas trinta e cinco horas na pratica nos últimos meses
ENTREVISTADORA: É que é pra fazer tudo isso vinte horas não vai dar
ENTREVISTADO 4: Não dá então acho que é isso
ENTREVISTADORA: Bastante coisa
ENTREVISTADO 4: Nossa
ENTREVISTADORA: É então ó você esta próxima pergunta é assim que recursos são utilizados nessas atividades por exemplo quando você vai fazer acompanhamento da horta existe algum recurso você vai tirar foto sabe alguma coisa assim
ENTREVISTADO 4: Ah entendi
ENTREVISTADORA: Por que na reunião você vai usar data show você vai usar aquelas fichinhas então todos os recursos que você utiliza pras atividades que você faz
ENTREVISTADO 4: Tá huhu é independente se é pra qual o fim do recurso se é o produtivo se é pra informação
ENTREVISTADORA: É então por exemplo você vai lá na horta então você tira uma foto
ENTREVISTADO 4: Huhu

ENTREVISTADORA: Então a máquina é um recurso que você vai utilizar

ENTREVISTADO 4: A máquina é um recurso que eu vou usar

ENTREVISTADORA: Então você vai lá pra fazer uma reunião com o pessoal do bairro

ENTREVISTADO 4: Huhu

ENTREVISTADORA: Você não usa o data show mas você usa aquelas fichinhas

ENTREVISTADO 4: É faço fichinha eu faço uma relatoria no caderno huhu

ENTREVISTADORA: Você tem é isso aí

ENTREVISTADO 4: Então é no grupo da horta a gente tem feito poucas reuniões assim formais né ta num a gente ta num nível assim por que o grupo tem tocado a horta auto gestionada então a gente não tem muita reunião formal então lá na horta mais a gente mais tem é um registro do que ta sendo plantado na horta então um caderno de registro que é do grupo e a gente tem ajudado a montar esse caderno que é como se fosse um diário de cada um dos canteiros da horta pra fazer um acompanhamento do que foi feito em cada um deles então um diário de registros né da horta

ENTREVISTADORA: Computador

ENTREVISTADO 4: Na horta não a gente usa computador nas reuniões de equipe pra fazer relatoria e fazer o registro da dos pontos de pauta né

ENTREVISTADORA: Data show não

ENTREVISTADO 4: Data show a gente usa pra uma reunião muito grande não que precisa usar realmente

ENTREVISTADORA: Você utiliza o recurso de multimídia e o computador

ENTREVISTADO 4: Computador

ENTREVISTADORA: Mas você usa e-mail telefone pra falar

ENTREVISTADO 4: E-mail bastante o tempo todo telefone muito também pra estabelecer contato com as pessoas dos grupos então tudo por telefone tem o telefone das pessoas eu vou marcar reunião ligo pra elas agendo uma semana antes um dia antes de novo pra marcar pras pessoas não esquecerem uso muito o carro da INCOOP pra ir ate o território e o meu carro também é uso o data show também quando vai fazer uma apresentação do projeto pra algum parceiro né a gente usa data show usa muito folder também quando vai divulgar alguma oficina alguma atividade cartaz também a gente cola nos locais de equipamento caderno de anotação anotações gerais assim né

ENTREVISTADORA: Tira foto nenhuma

ENTREVISTADO 4: Muito pouco devia usar mais mas eu uso muito pouco quando eu tenho um evento especifico assim a gente acaba tirando foto pra registrar ah o evento é especifico né é pra oficina a gente tem alguns materias específicos né mais ai são coisas muito pontuais então numa oficina de segurança alimentar por exemplo vai utilizar um equipamento que é da pratica da oficina né então é materiais de cozinha né como assim na horta a gente usa ferramentas né pra prática produtiva da horta mesmo

ENTREVISTADORA: É equipamento da prática o que você falou mesmo dos alimentos

ENTREVISTADO 4: É equipamentos de cozinha

ENTREVISTADORA: Materiais de cozinha

ENTREVISTADO 4: Utensílios

ENTREVISTADORA: E na horta

ENTREVISTADO 4: E na horta ferramentas enxada carriola etc etc

ENTREVISTADORA: Ta tem mais algum recurso que você usa

ENTREVISTADO 4: Eu acho que não

ENTREVISTADORA: Bastante você organiza essas fichinhas pras oficinas reunião

ENTREVISTADO 4: Fichinhas a gente tem usado bastante as fichinhas pra junto junto com os agentes cartelas ah é a gente percebe também que um recurso legal é uma folha que é um cronograma pras pessoas dos grupos lembrarem das coisas deles pra começar a evitar que eles usam a agenda então a gente entende como um cronograma dia tal vou fazer tal atividade pra pessoa ter esse papel e levar com ela por que as pessoas tem um pouco de dificuldade de usar a agenda então é tenho eu fazer uma coisa básica

ENTREVISTADORA: Básica dos grupos

ENTREVISTADO 4: Isso dos grupos estimular que ela tenha essa dinâmica de marcar compromisso agendar com prazo as coisa né acho que tem sido legal e tínhamos também ah uma cognitiva do mapa cognitivo a gente tira cronograma então assim

ENTREVISTADORA: O que é mapa cognitivo

ENTREVISTADO 4: Cognitivo é uma coisa que o Professor 1 sempre usa a gente usou algumas vezes a gente não usa sempre assim mas a gente usou num momento pra dizer ó a gente tem o que a gente ter parceiros são esses esses esses eles vão ajudar a montar esses empreendimentos aqui

ENTREVISTADORA: Ah um fluxograma

ENTREVISTADO 4: É que mais é um fluxograma isso é um fluxograma e ai a partir dele a gente tira ações e aí das ações a gente joga pra um cronograma de atividades então quais são as prioritárias o que é pra agora é isso o

que que é pra daqui há dois meses o que que é lá na frente ai dali tira tanto metas quanto atividades quanto sei lá os objetivos mais gerais assim os sonhos né por que tem vários níveis

ENTREVISTADORA: Não o agendamento também não é de evento por que assim qual o próximo passo

ENTREVISTADO 4: Isso no final sai isso mais ali é mais é todo mundo que ta envolvido é como se fosse um fluxograma que entra tudo todo mundo ta envolvido todos os recursos objetivos nossa entra de tudo assim da impressão que da pra colocar tudo ali dentro tudo que você quiser é uma coisa meio que pra sistematizar tudo o que você faz um pouco né o que deveria fazer

ENTREVISTADORA: É legal

ENTREVISTADO 4: Então é você olhar e ver onde quer colocar mais peso menos peso bom pra visualizar assim uso pouco também né (risos) devia usar mais

ENTREVISTADORA: Mas usa legal eu nem conheço

ENTREVISTADO 4: É a planilha é ótima e difícil de usar

ENTREVISTADORA: É então aqui ó quais as pessoas né que a gente chama de organização que está envolvida é os membros da INCOOP que é quando você participa de reuniões relatórios então quais são as pessoas envolvidas nessas suas atividades

ENTREVISTADO 4: Ta

ENTREVISTADORA: O pessoal do bairro né

ENTREVISTADO 4: Huhu as pessoas dos grupos né membros de grupos é funcionários da prefeitura que ta bem próxima disso também de diversos departamentos da prefeitura é o pessoal do bairro são parceiros mas não são da prefeitura né o pessoal da associação de bairro por exemplo né tem gente la no bairro que tem outras atividades e são pessoas que gostam do projeto então são pessoas que a gente tem contato então tem uma impressão que traz coisas importantes

ENTREVISTADORA: Huhu

ENTREVISTADO 4: Pessoas de paróquias do bairro também né que também que também são pessoas que ajudam no projeto dentro INCOOP a equipe como um todo da INCOOP a equipe da cadeia mais especifica

ENTREVISTADORA: Bolsistas

ENTREVISTADO 4: Bolsitas isso

ENTREVISTADORA: Estagiárias

ENTREVISTADO 4: Estagiários estagiário não por que ta todo mundo é bolsista né e é isso

ENTREVISTADORA: E como você também ta fazendo alguma coisa aqui dentro da universidade né por que tendo acompanhamento de monitoramento dos projetos tem que conversar com as pessoas

ENTREVISTADO 4: Ah é tem a PROEX a funcionária da PROEX

ENTREVISTADORA: É então é PROEX

ENTREVISTADO 4: PROEX é compras PROAD né compras PROAD o financeiro também mas é na raça mesmo pontual FAI né é talvez a PU que precisa ter PU de vez que quando hum aqui é patrimônio também né e que a gente ta pedindo um monte de coisa de equipamento chega ai a gente vai ter não tava até agora mas vai ter que conversar com este pessoal

ENTREVISTADORA: Então todas as pessoas têm a ver com as suas atividades

ENTREVISTADO 4: Tem a ver tem a ver mais pontualmente outras mais contínuas

ENTREVISTADORA: Ta

ENTREVISTADO 4: Tem

ENTREVISTADORA: Tem mais

ENTREVISTADO 4: Não acho que é isso

ENTREVISTADORA: Que bom

ENTREVISTADO 4: Se fosse sugar mais é capaz de sair mais um monte (risos)

ENTREVISTADORA: É então em relação à divulgação do conhecimento

ENTREVISTADO 4: Huhu

ENTREVISTADORA: O que você tem a dizer sobre as atividades desenvolvidas por você na incubadora geram quais produtos

ENTREVISTADO 4: É por que ta falando de conhecimento de conhecimento das atividades

ENTREVISTADORA: É o que você faz né

ENTREVISTADO 4: Então conhecimento é no sentido de informação ou de informação que seja transferida pra outra pessoa

ENTREVISTADORA: Isso tá

ENTREVISTADO 4: Por que isso

ENTREVISTADORA: Até então é tácito por que na verdade você escreve você faz ata

ENTREVISTADO 4: Hãhã isso ata de reunião ata

ENTREVISTADORA: Então isso é uma divulgação do conhecimento

ENTREVISTADO 4: Huhu

ENTREVISTADORA: Então teve uma reunião várias informações que algumas pessoas aquilo passou a ser conhecimento

ENTREVISTADO 4: Huhu

ENTREVISTADORA: Pra outras não agregou nada por que é só informação mas ata seria uma divulgação

ENTREVISTADO 4: Isso acho que sim

ENTREVISTADORA: Relatórios você

ENTREVISTADO 4: Relatórios

ENTREVISTADORA: Projeto pode falar que é divulgação também

ENTREVISTADO 4: Projeto sim acho que sim em termos de referencia você vai apresentar pra parceiros né é

ENTREVISTADORA: Artigo você faz ta fazendo artigo

ENTREVISTADO 4: Artigo já fiz um tempo é muito pouco

ENTREVISTADORA: Mas nesse tempo

ENTREVISTADO 4: Eu fiz eu fiz

ENTREVISTADORA: Quase três anos fez artigo

ENTREVISTADO 4: Fiz artigo fiz apresentação em encontros né PROCOAS como por exemplo né participo de as vezes quando tem um evento de agro ecologia participo levando relato de experiência da horta comunitária encontros de agro ecologia né que também é uma existe um momento ai na agro ecologia sempre tem uns eventos né

ENTREVISTADORA: Então você vai fazer um relato verbal

ENTREVISTADO 4: Relato verbal muitas vezes com pôsteres né

ENTREVISTADORA: Então apresentação de pôster

ENTREVISTADO 4: De posters também

ENTREVISTADORA: Que mais

ENTREVISTADO 4: É de divulgação

ENTREVISTADORA: É por que folder você fez algum folder você falou de folder cartaz

ENTREVISTADO 4: Folder então folder a gente faz é mais pra divulgação de oficinas de eventos que a gente vai organizar e menos de folder pra divulgação do projeto de fato

ENTREVISTADORA: Do conhecimento ta

ENTREVISTADO 4: Do conhecimento isso muito pouco na verdade eu nunca fiz na verdade e apresentar o projeto regularmente pra parceiros e pra pessoas do bairro também então a gente participa de uma reunião de pais por exemplo do curso Madre Cabrini então lá cinquenta moradores do território a gente vai apresenta o projeto fala como que as pessoas podem participar fala qual que é o objetivo do projeto quem somos nós né a gente apresenta é uma forma de divulgação também de apresentação do nosso trabalho

ENTREVISTADORA: É vídeo foto

ENTREVISTADO 4: Vídeo

ENTREVISTADORA: Ah não você não falou não

ENTREVISTADO 4: Acho que vídeo não

ENTREVISTADORA: É uma forma também de você divulgar né

ENTREVISTADO 4: É foto a gente tem um arquivo de foto de do começo da horta mas isso foi usado nos relatórios não além disso

ENTREVISTADORA: É onde e como surgiu

ENTREVISTADO 4: É

ENTREVISTADORA: Por exemplo esse seu artigo

ENTREVISTADO 4: Huhu

ENTREVISTADORA: É você tem registrado em algum lugar

ENTREVISTADO 4: Eu tenho ele registrado comigo no meu arquivo pessoal

ENTREVISTADORA: No seu arquivo pessoal

ENTREVISTADO 4: Isso

ENTREVISTADORA: Mas tem alguma coisa assim tudo que você ata não né as atas é

ENTREVISTADO 4: Atas de reuniões tudo comigo também não ponho nada no computador ali o que tem ali no computador são os projetos que eventualmente as pessoas vão precisar então projetos e relatórios tão no computador então disponibiliza no servidor ali

ENTREVISTADORA: Mas

ENTREVISTADO 4: Ata de reunião não

ENTREVISTADORA: Termos de referência

ENTREVISTADO 4: Termos de referência também não também estão juntos com a equipe então né mas esse é um problema sem atualização foge a informação do coordenador altíssima se eu saio por exemplo ou eu faço uma capacitação longe daquela pessoa ou muita informação

ENTREVISTADORA: Ai leva pra você

ENTREVISTADO 4: Eu não posso mais perder

ENTREVISTADORA: Então esse é o atendimento tácito que a gente fala
 ENTREVISTADO 4: É
 ENTREVISTADORA: Tem muita coisa que você já sabe e tem que explicitar né
 ENTREVISTADO 4: É
 ENTREVISTADORA: E como explicitar
 ENTREVISTADO 4: É como fazer isso né como que é fácil de eu fazer e como é fácil da outra pessoa que vai receber também né
 ENTREVISTADORA: Então você não tem nada aqui registrado
 ENTREVISTADO 4: Não
 ENTREVISTADORA: Nem virtualmente nem em papel
 ENTREVISTADO 4: Aqui na INCOOP quase nada
 ENTREVISTADORA: Então eu acho que é isso né apresentar projetos com os moradores né que é uma divulgação mas que você ate então tem projeto mas esse projeto ta aqui né
 ENTREVISTADO 4: Huhu
 ENTREVISTADORA: Por conta de apresentação
 ENTREVISTADO 4: Isso as apresentações que a gente usa por exemplo no mínimo processadas cada vez que faz você da uma mexidinha nela e tem vários arquivos no seu no pen drive que tão lá né de embasamento
 ENTREVISTADORA: Pra você
 ENTREVISTADO 4: Assim como as fotos também as fotos da horta lá do começo todo histórico tem foto eu nunca encontro mas ta tudo comigo que você acha
 (risos)
 ENTREVISTADORA: É você conhece a produção individual e coletiva dos membros da incubadora
 ENTREVISTADO 4: Eu tive acesso a essa produção coletiva pra escrever relatório do programa PROEXT que é um programa que junta de todas de várias várias equipes
 ENTREVISTADORA: A produção coletiva você conhece
 ENTREVISTADO 4: Conheço por ter escrito o relatório geral né as pessoas que escreveram relatórios gerais conhecem mas quem não precisou fazer isso não conhece eu acho
 ENTREVISTADORA: E como que você chegou a essa produção coletiva
 ENTREVISTADO 4: Eu pedi pra equipe de produção de conhecimento você vai escrever
 (risos)
 ENTREVISTADO 4: A Membro INCOOP 3 me mandou algum arquivo
 ENTREVISTADORA: Ah ta
 ENTREVISTADO 4: Que tinha
 ENTREVISTADORA: Então né mas ai você ta falando da produção acadêmica
 ENTREVISTADO 4: Isso isso é a apresentação de trabalhos né
 ENTREVISTADORA: É então mas por exemplo não sei que é que ta meio né é que acho que aqui ele ta falando mais assim disso de ata relatório artigo
 ENTREVISTADO 4: Ta
 ENTREVISTADORA: É não só o quantitativo
 ENTREVISTADO 4: não só a produção ta
 ENTREVISTADORA: Na verdade você vê que a Professor 2 tem uma produção com artigo você vai ali consulta ele ou não
 ENTREVISTADO 4: Não
 ENTREVISTADORA: É você sabe que tem mas você não conhece
 ENTREVISTADO 4: Eu não uso a produção de conhecimento que fica aqui na incubadora pra nada eu não uso não uso
 ENTREVISTADORA: Ta e como que você chegou a ela então se você solicitou pra alguém da equipe de produção de conhecimento que é só eu to falando da produção acadêmica
 ENTREVISTADO 4: A produção acadêmica é isso no fim específico é pra colocar no relatório
 ENTREVISTADORA: Ta
 ENTREVISTADO 4: Então se quer aquilo virou informação pra mim eu transpus de uma coisa pra um relatório
 ENTREVISTADORA: Ta foi pra uma demanda específica mas que não tinha
 ENTREVISTADO 4: Isso é ai é que de alguma forma as reuniões aqui são uma forma de troca de informação você vai na pessoa e ai você conversa com a pessoa então de novo você centraliza num coordenador você precisa de algo você conversa com ele e ele te passa ele vai te disponibilizar o arquivo que ele tem também que só ele tem né
 ENTREVISTADORA: Tá então você busca é pessoas né
 ENTREVISTADO 4: Sim acima de tudo tanto é que agora estou com esse problema que tenho que fazer o relatório das metas dois sete quatorze do da FAPESP que não tem mais coordenador que era o Ex-Coordenador 2

o Ex-Coordenador 3 e a quatorze nunca teve eu falei que ia fazer e falei vou fazer mas eu vou fazer cheguei em casa eu falei o que eu vou fazer não tem o que fazer não tem nada
(risos)

ENTREVISTADO 4: Não tem de fato tá na mão do coordenador e aí vai ter por exemplo se tem um professor da coordenador que ele que já desenvolve alguma atividade de pesquisa ele tem bolsistas que tá fazendo atividades parecidas então alguns relatórios dos bolsistas eu acho informação sobre isso então por exemplo a atividade da produção da Professor 8 eu vou achar informação ou conversando com ela que é muito difícil faz uma reunião e ela me passa tudo ou então ela disponibiliza relatório de uma bolsista dela daí a partir daquele relatório eu consigo pegar informações

ENTREVISTADORA: Vem cá se o coordenador deixasse aí né seria bem mais fácil

ENTREVISTADO 4: Bem mais fácil isso é tipo se ele deixa por que se é por que se eu tenho informação é inteligível por que tem que tá muito bem processado pra alguém poder entender

ENTREVISTADORA: É o que eu tenho também só ele tem

ENTREVISTADO 4: E se olha lá olha lá se achar né (risos)

ENTREVISTADORA: É então a próxima pergunta com que frequência você consulta utiliza o conhecimento produzido pelos membros da INCOOP e para qual finalidade

ENTREVISTADO 4: Conhecimento de novo nesse formato amplo seja relato de reunião

ENTREVISTADORA: Por exemplo você falou em termo de referência

ENTREVISTADO 4: Huhu

ENTREVISTADORA: Pra você elaborar esse termo de referência alguém tem um acúmulo nisso não é tem um conhecimento que você precisou

ENTREVISTADO 4: É por que muita da minha referência é mais específico da cadeia então a informação tá comigo

ENTREVISTADORA: Pra você fazer o seu você precisou de alguém

ENTREVISTADO 4: Não

ENTREVISTADORA: Você fez sozinho

ENTREVISTADO 4: É por que a informação tá comigo centralizado então se certa pessoa fosse escrever ele teria que tá conversando comigo de novo pra pegar as informações pra pegar o histórico do que foi o histórico o que foi a cadeia de alimento desde que ela se criou até agora essa informação não tá sistematizado dentro de uma linha do tempo por exemplo continuidade o que foi feito em determinados momentos não tem

ENTREVISTADORA: Então por exemplo se você tem uma dúvida do seu fazer das suas atividades na incubadora você consulta o conhecimento de alguém não assim sei lá pode ser conhecimento tácito fala com o Professor 1 o Professor 2 você pergunta pra alguém

ENTREVISTADO 4: Isso sim

ENTREVISTADORA: É isso ou você vai lá busca em um documento sei lá

ENTREVISTADO 4: Geralmente eu converso com a pessoa e a pessoa se ela não souber ela vai me indicar um documento que ela saiba que vai ter aquela informação então você vai achar no relatório de tal dia tal data isso você vai achar naquela planilha que a gente construiu coletivamente naquela reunião lá em dois mil e dez que tem essa informação parecida com isso

ENTREVISTADORA: Tá

ENTREVISTADO 4: Então são pessoas de referência mesmo que vão ter é geralmente por exemplo tem uma planilha que tem um monte de relação de bolsistas eu vou ter que lembrar que quem tava centralizando essa informação era a Entrevistado 2 aí eu vou na Entrevistado 2 e falo e aí Entrevistado 2 você lembra da história daquela planilha então você lembra onde tá ela então aí a Entrevistado 2 vai ter essa planilha

ENTREVISTADORA: É

ENTREVISTADO 4: Esperasse que a pessoa que fez isso que tava centralizando essa informação ela guarde essa informação e ela vire nele essa referência sobre esse assunto então ela vira o link

ENTREVISTADORA: Então a finalidade é do seu fazer aqui na incubadora né você vai atrás dessas pessoas pra alguma necessidade específica

ENTREVISTADO 4: Isso demandas específicas né infelizmente é é mais pra você elaborar o relatório pra você elaborar um termo de referência que você precisa resgatar uma informação que tá lá atrás ou até então coisas mais burocráticas mesmo em relação a PROEXT por exemplo quantos são os bolsistas vinculados ao projeto PROEXT que estão em dia atual na INCOOP aí vou ter que procurar com a Estagiário que é uma pessoa que tá aí que centraliza informação né ou com a Entrevistado 2 que são pessoas de referências sobre cada um dos assuntos mas muito falta muito pouco pra mim informação sobre o que as pessoas tem feito por que na minha prática eu não preciso dessa informação mesmo e deveria precisar poderia precisar dessa informação pra poder dialogar e saber onde tem onde posso achar tal coisa mas eu só preciso dessa informação de fato quando é pra escrever relatório ou informação institucional mesmo

ENTREVISTADORA: Uma coisa específica

ENTREVISTADO 4: É

ENTREVISTADORA: É há dificuldade em buscar documentos impressos ou virtuais para as suas atividades na incubadora

ENTREVISTADO 4: Sim particulares

ENTREVISTADORA: É

ENTREVISTADO 4: Primeiro por que ela deve ta se elas tiverem geralmente ela não ta no arquivo do servidor se ela tiver tem mil caminhos para poder achar aí então a sistematização que ta feita lá não foi feita coletivamente não é um acordo de olha isso aqui ta nessa pasta por essa linha de raciocínio então tem se eu quiser um projeto um relatório é fácil tem a pasta projetos e relatórios mas se quiser uma sistematização rotatividade que foram realizadas pela equipe tal em 2006 a Professor 9 por exemplo trabalhou com a parta de apicultura aqui se eu quiser achar vou ter dificuldades em achar os arquivos dela aqui por que vai ta dentro de projetos executados com outro nome que eu não sei qual é e ai dificuldade minha é de encontrar o caminho a seguir dentro das pastas que tem

ENTREVISTADORA: A organização né ta mal organização

ENTREVISTADO 4: A organização e ter essa organização e ser compartilhada nada ta organizado mas qual foi o critério utilizado as pessoas falam do critério não falam beleza ta mas qual foi o critério usado pra organizar ah isso eu não ficou na mesma né

ENTREVISTADORA: É to preocupada aqui por que tem só um negocinho ta vendo acho que tem que carregar né

ENTREVISTADO 4: Será que ta gravando

ENTREVISTADORA: Gravando ta

ENTREVISTADO 4: A ta

ENTREVISTADORA: Eu to vendo a minha bateria

ENTREVISTADO 4: Ah entendi

ENTREVISTADORA: Ah meu Deus (risos) em sua opinião o que facilita ou dificulta o acesso esse acesso aí pros documentos impressos ou virtuais

ENTREVISTADO 4: É eu acho que é essa esse acordo de como que vai ta organizado o arquivo lá dentro dentro dos documentos né como que os documentos estão organizados dentro desse arquivo né qual que a lógica que foi utilizada pra ta sendo armazenada lá dentro então e também o grande imenso volume de informação que tem se entrar lá você vai ver que tem pasta que tem que você nunca abriu e nunca vai abrir você viu quanto tem dentro aquele arquivo ali eu devo ter aberto hoje em dia em três anos de INCOOP 1% das pastas isso é muito 1% e também não preciso muitas vezes dessa informação né então não vou lá por que eu nem preciso né

ENTREVISTADORA: Ai você vai por necessidade

ENTREVISTADO 4: E talvez iria atrás e iria encontrar mais dificuldade né

ENTREVISTADORA: É onde ou a quem você recorre para obter informação que possa esclarecer duvidas surgidas em relação ao seu fazer aqui na incubadora onde ou a quem quando você precisa de alguma informação né pra esclarecer sua duvida

ENTREVISTADO 4: É eu vou as pessoas de referencia seja a referencia pela equipe seja referencia pelo período de tempo que a pessoa tava aqui se for de cinco anos atrás vou conversar com o Entrevistado 1 Entrevistado 7 e Professor 1

ENTREVISTADORA: Então basicamente

ENTREVISTADO 4: Se é por equipe eu vou buscar informação na equipe e por afinidade também né então eu sei que conseguir uma informação mais antiga do Professor1 também é impossível então eu vou conversar com ele porque ele vai contextualiza ei me dar a informação que exista

ENTREVISTADORA: É mais fácil né

ENTREVISTADO 4: É se for pegar um contexto histórico eu vou conversar com o Professor 1 ele vai ter mais algo por que ele vai ter mais vai conseguir contextualizar vai ter uma visão mais ampla

ENTREVISTADORA: Se você conseguir falar com ele

ENTREVISTADO 4: Se eu conseguir achar ele (risos)

ENTREVISTADORA: Então ta então e a quem as pessoas onde não é sempre a pessoa que você busca

ENTREVISTADO 4: Sempre as pessoas

ENTREVISTADORA: Você tem alguma sugestão sobre a organização do conhecimento produzido na INCOOP

ENTREVISTADO 4: Eu tenho uma sugestão eu acho que é a que a gente precisaria processar de algum jeito que os relatos de reuniões fossem digeridos em informações mais acessíveis que tivesse por exemplo um resumo uma planilha por exemplo de quais as reuniões quais os pontos discutidos naquelas reuniões ai por exemplo eu quero achar uma informação se tivesse na planilha por exemplo é ano de 2011 reuniões gerais DT e os pontos de pauta que foram discutidos em cada reunião seria muito mais fácil ai eu ia falar assim como a gente discuti esse ponto eu vou numa planilha que tem todo 2011 eu não preciso abrir quantos arquivos quarenta e oito arquivos doze vezes quatro reuniões pra achar aquela informação então planilha que tivesse mês tal tum tum tum quatro reuniões e os pontos de pauta que foram discutidos ali que eu como que a gente discuti aquele ponto a tenho que conversar com o Entrevistado 1 por que o Entrevistado 1 tava fazendo relatoria daquela fez eu tenho que

lembrar quem era o relator e o moderador conversar com ele lembrar de quem é o arquivo então se ali tivesse isso e na mesma pasta poderia ter todos os relatos de reuniões armazenados dentro de um pasta ai seria uma puta mão na roda

ENTREVISTADORA: Isso virtualmente

ENTREVISTADO 4: Isso virtualmente todos os relatos de reuniões salvos no servidor e sistematizados por ano pelo menos por mês né

ENTREVISTADORA: Isso é o que você acha mais assim essa seria a sua sugestão sobre a organização do conhecimento

ENTREVISTADO 4: Do conhecimento com relação à informação geral mais ampla que circula na INCOOP acho que sim e ai mais especifico sobre as atividades das equipes por exemplo ai deveria ter um momento de trocas na incubadora que uma pessoa saiba o que a outra vem fazendo dentro da sua equipe por que as equipes são muito fechadas e tem muita autonomia então dificilmente eu sei o que que ta precisando numa equipe o que que a pessoa ta fazendo hoje em dia se é uma pessoa que eu tenho afinidade uma pessoa que eu tenho amizade eu converso com a pessoa no corredor e fico sabendo o que que ta acontecendo senão não eu não sei o que que ta acontecendo e falta muito esse espaço de troca onde eu possa saber o que ta acontecendo onde eu possa fazer palpite fazer uma critica que eu possa falar o que eu to fazendo e receber uma orientação também por exemplo tava com dificuldade de montar o grupo da padaria precisava de um monte de coisa preciso de espaço eu preciso de curso de capacitação que custa dez mil reais eu to patinando eu to há um ano pra fazer e não consigo ai um dia ouvindo a Professor 6 ai falei gente eu preciso eu quero discutir com mais gente isso eu to na minha equipe só só tenho bolsista e uma professora que ta muito longe por que tem muita coisa pra fazer eu quero que alguém se meta no negocio ai no dia o pessoal falou beleza vamos marcar reunião pra segunda-feira a tarde veio a Professor 2 veio o Entrevistado 1 eu apresentei o que que é a meta as atividades da meta e ai eles fizeram sugestões começa um pequeno monta um grupo na casa de alguém acha começa com duas três pessoas então tava nesse momento de você apresentar que ta fazendo e mostrar as dificuldades pras pessoas darem palpites e opiniões de outras equipes por que isso é muito bom dentro da equipe fica viciado o negocio você não sai você patina ai você vem de fora o pessoal da uma ideia que é básica e você fala puta

ENTREVISTADORA: Uma referência

ENTREVISTADO 4: E é uma ideia simples as vezes que pra você é isso precisa mudar radicalmente na base você só consegue olhar daqui pra cima a pessoa da uma sugestão que ta aqui embaixo e você não tava nem olhando mais lá então acho que falta esse espaço de meter o bedelho na equipe mesmo dentro de cada equipe é ai como fazer isso eu não sei

ENTREVISTADORA: É

ENTREVISTADO 4: Peguei a sugestão por exemplo de fazer a reuniões de coordenadores todos juntos eu acho pouco produtiva essa reunião eu sempre fui contra ela por que a gente vai sentar aqui pra discutir tudo não vai discutir nada então se for fazer uma reunião como essa legal mas vamos discutir coisas específicas

ENTREVISTADORA: Coisas pontuais

ENTREVISTADO 4: Pontuais então vamos discutir dificuldade em montar empreendimento já é bem amplo vamos discutir isso não vamos discutir

ENTREVISTADORA: Cada um da sai opinião sugestão

ENTREVISTADO 4: Não vamos discutir a INCOOP nossa ai você começa a falar o que pensa ai a gente não avança nada não tira encaminhamento né fica só num monte de informação

ENTREVISTADORA: Então é isso tem mais alguma coisa alguma sugestão quer falar mais alguma coisa sobre essa parte da atividade do conhecimento

ENTREVISTADO 4: De é então da parte de produção do conhecimento que eu acho que a gente deveria ter uma orientação também assim por que assim a gente tem essa responsabilidade na INCOOP de fazer ensino pesquisa e extensão só que é uma coisa assim a INCOOP tem essa ligação mas cada um não tem tempo de fazer os três então isso não é uma coisa muito muito clara eu sou coordenador técnico eu fui contratado pra coordenar a equipe ali e dar informação por grupos eu preciso fazer a construção do conhecimento se eu não preciso fazer seria bom que tivesse alguém na equipe fazendo e eu já não gosto tem gente que gosta isso não isso não tem isso claro nos papeis o professor tem que garantir o ensino o técnico tem que garantir a formação e o bolsista tem que ter alguém coordenando pra poder produzir o conhecimento ali é uma possibilidade falta ta claro essa divisão do trabalho senão a INCOOP inteira precisa fazer ensino, pesquisa e extensão e ai é o professor que tem a didática faz a pesquisa e o ensino e o resto do pessoal faz só extensão por que ele tem afinidade cada um fica fazendo o que gosta mais né eu não gosto de fazer mestrado não gosto eu não faço eu deveria fazer não sei e se deveria eu fazer como eu deveria fazer não sei fazer eu não sei eu não faço sozinho precisava de uma orientação como fazer isso de referenciais né então falta acho que amadurecer acordo coletivo de como fazer como garantir o ensino a pesquisa e a extensão a gente não tem feito bem articulado isso na incubadora não tem feito o ensino e a pesquisa tão muito centralizados nas mãos de umas pessoas ai todo mundo faz pressão por que todo mundo faz na medida que uma pesquisa e ta fazendo o básico mas a pesquisa ta muito centralizada na mão de quem ta fazendo

mestrado ou de professores a Professor 2 por exemplo que produz bastante coisa e aos professores e o ensino ta muito centralizado na ACIEPE né

ENTREVISTADORA: Na ACIEPE

ENTREVISTADO 4: Só na ACIEPE né e talvez algum outro professor de alguma disciplina na pós né a Professor 2, a Professor 5 da disciplina na pós a Professor 10 mas não vejo não vejo essa indissociabilidade de ensino pesquisa extensão na incubadora apesar da gente ser conhecido como os caras que mais fazem isso não fazem a gente não consegue discutir criticamente com os nossos referencias nossa pratica a gente não faz isso a gente e isso falta muito por que a gente tem pouco momento de reflexão critica sobre nossa pratica e pra fazer reflexão critica sobre nossa pratica eu você precisa de argumentos né

ENTREVISTADORA: O que a Entrevistado 3 falou acho que seria legal se tivesse grupos de estudo

ENTREVISTADO 4: É

ENTREVISTADORA: Né é depois ficaria legal isso que é pra sistematizar mais né

ENTREVISTADO 4: Huhu

ENTREVISTADORA: Não ficar só na parte de extensão

ENTREVISTADO 4: Na parte de extensão só na prática né mas é grupo de estudos e quando eu ouço grupo de estudo eu sou a pessoa que já ficou meio assim eu gosto de grupo de estudo mas se for pra discutir questões da pratica se for pra avaliar a minha prática com base em referencial ai sim por que senão também num grupo de estudo teórico e ai não contribui na prática

ENTREVISTADORA: Nas atividades dos coordenadores

ENTREVISTADO 4: Exatamente e é o que toma mais tempo então ótimo vamos fazer coisas que auxiliam a melhorar a pratica e vice-versa eu vou fazer daí eu penso na minha a pratica pra também tentar contribuir e me aproximar do referencial que eu acredito seja ele qual for mas eu tenho que ter um referencial e tentar avaliar se a minha pratica esta condizente com ele ou não por que hoje em dia não tem referencial que balize a minha pratica não tem eu faço da minha cabeça então se eu faço de um jeito e ta em consonância com que a incubadora acredita ótimo ponto positivo mas ai é a questão não tem um controle disso tem uma garantia de que a minha pratica por exemplo lá no bairro com o grupo não tem nenhuma garantia nem um pouco de garantia que a minha pratica lá é condizente com a ideologia da incubadora não tem e deveria ter né por que se uma pessoa vai lá é autoridade no negocio ninguém fica sabendo e a gente acaba tendo um discurso e na pratica totalmente descartável né a gente não garante que a pessoa que não tem essa base consiga ter aqui dentro pra garantir a pratica lá agora o grupo de estudo pode ser uma boa mas o grupo de estudo pra discutir a pratica

ENTREVISTADORA: Teoria e prática

ENTREVISTADO 4: Isso sempre juntos se ai eu to com medo que se não perceber que ta junto nossa

ENTREVISTADORA: Não de

ENTREVISTADO 4: Não rola

(risos)

ENTREVISTADORA: Entrevistado 4 então é isso então

ENTREVISTADO 4: É isso nossa falei demais

ENTREVISTADORA: Obrigada tem mais alguma coisa que você gostaria de falar

ENTREVISTADO 4: Não não falei demais já

ENTREVISTADORA: Mas ta ótimo brigada adorei

ENTREVISTADO 4: Imagina

ENTREVISTADORA: Eu to preocupada com o meu

ENTREVISTADO 5

ENTREVISTADORA: Então boa tarde eu vou entrevistar o Entrevistado 5 agora é 11h46 e eu estou na sala aqui multiuso da INCOOP junto com o Entrevistado 5 então Entrevistado 5 é eu faço mestrado né

ENTREVISTADO 5: Hã

ENTREVISTADORA: Então a minha pesquisa é conversão do conhecimento estudo de caso em incubadora universitária de entendimento de economia solidária então meu projeto de estudo é a INCOOP

ENTREVISTADO 5: Huhu

ENTREVISTADORA: Conversão do conhecimento é como você transforma o conhecimento de tácito pra explicito tácito ta na pessoas e o explicito é o que você coloca pra fora e o inverso então eu vou trabalhar com essa conversão

ENTREVISTADO 5: Uma troca

ENTREVISTADORA: Isso eu vou trabalhar com isso é então esse é o termo de consentimento ta se você puder dar uma lida uma assinada uma cópia é sua eu vou ta trabalhando eu trabalho já com mestrado fazendo essa conversão do conhecimento é quais as atividades dos coordenadores então a minha proposta então minha proposta é trabalhar com oito entrevistas né e basicamente o que eu fiz esse já é um trabalho da pesquisa que eu fiz aqui na incubadora é eu busquei nas na aqui na nos computadores da incubadora

ENTREVISTADO 5: Huhu

ENTREVISTADORA: Quais são as atividades dos coordenadores executivos então essas são as atividades desejáveis dos coordenadores isso não significa que você faça todos

ENTREVISTADO 5: Sim

ENTREVISTADORA: Né por que nem o Entrevistado 1 faz um tipo de atividade outro faz outra então são várias

ENTREVISTADO 5: E acaba também com um tempo tendo um acordo oi

ENTREVISTADORA: Mudanças

ENTREVISTADO 5: É assim o que acontece com o meu caso no caso assim eu não tenho algo tem até algo dirigido mas eu vejo assim ó ah se precisa de alguma coisa eu acabo eu acabo fazendo não sei se isso faz parte da própria pergunta

ENTREVISTADORA: Hãhã eu já vou te perguntar já quando eu entrar nas atividades então essa é uma compilação foi compilada estas atividades

ENTREVISTADO 5: Huhu

ENTREVISTADORA: Isso foi feito pego no geral que tem essa tem coisa antiga coisa nova e eu juntei tudo eu sistematizei aqui então não significa isso é que ta valendo

ENTREVISTADO 5: Agora agora com esse é o nome da estrutura o nome e também acho a forma de estrutura ta passando pela própria questão vai mudando novamente

ENTREVISTADORA: Ta nos tivemos você não tava eu não lembro se você tava aqui nos fizemos uma oficina onde foi falado sobre as atividades dos coordenadores mas ate agora isso ta em processo de construção ainda então não tem uma coisa fechada então isso aqui é só uma ta bom é quantos anos você tem Entrevistado 5

ENTREVISTADO 5: Trinta

ENTREVISTADORA: Trinta né sexo masculino quanto tempo você ta na INCOOP

ENTREVISTADO 5: Final de fevereiro

ENTREVISTADORA: Você já trabalhou com economia solidária em outro local

ENTREVISTADO 5: Olha teve inicio é durante o estagio meu no ano passado em abril

ENTREVISTADORA: Então

ENTREVISTADO 5: Foi a o primeiro contato através do Professor 1 e do Entrevistado 1

ENTREVISTADORA: Ta então o estagio foi em abril e aonde que é é na UNESP

ENTREVISTADO 5: Na UNESP Itapeva

ENTREVISTADORA: UNESP Itapeva então você iniciou os seus primeiros contatos foi em abril de 2010 é isso né

ENTREVISTADO 5: Huhu

ENTREVISTADORA: Ta então agora eu vou ter que ir pras perguntas quais as suas atividades aqui na INCOP

ENTREVISTADO 5: É é assim inicialmente é montar um empreendimento de uma marcenaria artesanal e artesanal semi-industrial

ENTREVISTADORA: Que mais e isso é assim

ENTREVISTADO 5: Seria as

ENTREVISTADORA: As atividades isso seria o grandão né

ENTREVISTADO 5: É

ENTREVISTADORA: Mas com isso pra montar isso você tem varias atividades quais são as outras atividades

ENTREVISTADO 5: É ligado a marcenaria ou assim a incubadora por que ai tem o trabalho interno da incubadora

ENTREVISTADORA: Os dois isso

ENTREVISTADO 5: Interno da incubadora acabo assim como to digamos em processo de aprendizado né é eu acabo desenvolvendo um trabalho assim de assim da secretaria eu acabo digamos vamos citar um exemplo a Servidor precisa sair e eu acabo ficando atender o telefone é officios assim eu faço officio por exemplo no projeto do PROEXT é e o curso vai pra Itapeva e com isso acabo essa função

ENTREVISTADORA: Então de atendimento redação né a redação de officios

ENTREVISTADO 5: Isso é eu to na redação do do FAPESP

ENTREVISTADORA: Ah ta então também então ta você também é

ENTREVISTADO 5: A comissão

ENTREVISTADORA: Então você ta elaborando o relatório né

ENTREVISTADO 5: Isso

ENTREVISTADORA: Por que aqui ta vendo tem as duas coisas elaborar projetos fazer acompanhamento de projetos né então ta vendo participar de reuniões então isso é uma

ENTREVISTADO 5: Como assim é a primeira vem que tenho contato então é to aprendendo

ENTREVISTADORA: Então ta você ta elaborando relatório de projetos né

ENTREVISTADO 5: Não seria seria o relatório o relatório referente ao projeto

ENTREVISTADORA: Ta e você

ENTREVISTADO 5: Deixa eu ver o que mais é

ENTREVISTADORA: Aqui na incubadora você participa de reuniões

ENTREVISTADO 5: Participo de reuniões também oficinas né é na oficina interna eu fiz parte também né juntamente com a Professor 2 com

ENTREVISTADORA: Comissão você fez parte da comissão pra

ENTREVISTADO 5: É pelo fato de ser comissão do relatório FAPESP né então eu fui acompanhar como é que é a montagem do pra esse seminário interno que foi lá na chácara então eu acabei participando também né

ENTREVISTADORA: A tá então perai é comissão isso né você participou de uma comissão de elaboração ou pra

ENTREVISTADO 5: É a logística né tem que saber da logística pra ocorrer como tudo como todo cenário interno é eu faço parte também do pelo fato de ser bolsista do FINEP resíduos né é tem a equipe FINEP resíduos

ENTREVISTADORA: Tá e dentro da equipe quais são as suas atividades

ENTREVISTADO 5: Então é assim tem a que é ligado ao a marcenaria né eu sou do grupo de marcenaria né

ENTREVISTADO 5: Do empreendimento

ENTREVISTADO 5: É e interno eu participo das reuniões né é através do de fazer o relatório né que é mensal né que é de acordo com o grupo né é descrever o que ocorre né assim as facilidades as dificuldades

ENTREVISTADORA: Você é o relator também

ENTREVISTADO 5: Não não o relator é o Entrevistado 8 e o moderador é ele

ENTREVISTADORA: Tá

ENTREVISTADO 5: Eu participo das reuniões como as reuniões assim são a função é participar das reuniões

ENTREVISTADORA: É é atividades é participar das reuniões tá

ENTREVISTADO 5: É mas a teve aí encontros já de mensalmente tem esses encontros entre incubadoras né então eu já essa última vez que eu participei é eu acabei fazendo um relato né que serviu de base de informações pra outras ITCPS que foi na visita nas nos empreendimentos

ENTREVISTADORA: Tá então quando como poderia chamar isso é relatar

ENTREVISTADO 5: O relator seria o relator das visitas aos empreendimentos no encontro FINEP no encontro entre as ITCPS né

ENTREVISTADORA: Tá tem mais alguma coisa alguma coisa que você

ENTREVISTADO 5: Bom a função seria basicamente essa dentro dali da INCOOP seria parte

ENTREVISTADORA: Da INCOOP com os empreendimentos você também faz coisa já que você tá pra montar esses empreendimentos você deve fazer o que reuniões com eles quase as suas atividades pra tá montando isso

ENTREVISTADO 5: A é isso isso isso é referente a com relação à marcenaria né aí tem a acontece a formação da equipe acadêmica né isso é eu fiz parte assim

ENTREVISTADORA: É como que é como que você vê como que poderia falar que é essa atividade

ENTREVISTADO 5: Ela é formação né formação da equipe é por que a equipe técnica e acadêmica né que são os o pessoal é o professor da matemática da educação matemática tem os alunos tal e a gente participa das reuniões lá né e teve pessoas que eu tive que por exemplo teve um aluno do PET é tem alunos da ACIEPE então eu tive que conversar com eles pra fazer parte da equipe mostrar pra eles como é que é a proposta da marcenaria

ENTREVISTADORA: Então seria como se fosse divulgar não é alguma divulgação que você tá fazendo não é isso

ENTREVISTADO 5: É providenciar divulgação aqui ó providenciar divulgação convocação de reuniões e eventos é basicamente aquela principal atividade

ENTREVISTADORA: Na na marcenaria

ENTREVISTADO 5: É

ENTREVISTADORA: Então providenciar divulgação e convocação até a constituição né da equipe

ENTREVISTADO 5: Isso

ENTREVISTADORA: Você providenciou a constituição da equipe né

ENTREVISTADO 5: Acho que também encaixa nas providenciar infraestrutura informações de materiais para a realização de reuniões e eventos providenciar registro e organização

ENTREVISTADORA: Né você daí fica participa das reuniões tornar acessíveis informações

ENTREVISTADO 5: Não inicialmente eu fazia mais essa parte de depois o bolsista

ENTREVISTADORA: Haha

ENTREVISTADO 5: Ficou mais tranquilo e assim o cargo para garantir a divulgação

ENTREVISTADORA: É

ENTREVISTADO 5: Sistemática da INCOOP é esse garantir a divulgação seria o que através de seminário congresso uma forma assim elaborar é

ENTREVISTADORA: Eu acredito que sim de divulgação da sistemática da INCOOP

ENTREVISTADO 5: Tá é eu eu tive um seminário semana passada ali na USP

ENTREVISTADORA: Você garantiu

ENTREVISTADO 5: É eu levei um pôster lá que foi o pessoal

ENTREVISTADORA: Ah então você apresentou um pôster
ENTREVISTADO 5: Apresentei um pôster
ENTREVISTADORA: Ta ta vendo ta vendo que você faz varias coisas
ENTREVISTADO 5: É esse são trabalhos invisíveis né tão
ENTREVISTADORA: (risos)
ENTREVISTADO 5: E a gente tenta ser modesto por que é eu faço tudo né então ate por que as vezes você acha que faz e não faz né
ENTREVISTADORA: Huhu então é tornar acessível as informações
ENTREVISTADO 5: É de forma assim uma certa dificuldade e tanto né por que num tem que continuar do jeito correto que eu acabo fazendo né acho que ai isso ai seria digamos tornar acessível é mais na tentativa do que eu ate faço assim vai pra na sua totalidade 100% eu faço mas na medida do possível eu tento tornar isto acessível acho que funciona mais seria no grupo no grupo ali da marcenaria
ENTREVISTADORA: Huhu é onde eu to relacionando aqui o
ENTREVISTADO 5: É assim ligado a principalmente a principalmente ao pessoal da matemática
ENTREVISTADORA: Ta vamos que ver o que mais tem mais alguma coisa que você gostaria
ENTREVISTADO 5: Propor formas de identificar possibilidades é difícil saber isso aqui seria mais na na na área de elaborar projetos né não na sua fase por exemplo de fazer acompanhamento de projeto em andamento que seria fazer esse
ENTREVISTADORA: Esse acompanhamento
ENTREVISTADO 5: É
ENTREVISTADORA: Então existe por exemplo o projeto não existe um projeto é
ENTREVISTADO 5: Projeto FAPESP vamos pegar a FAPESP
ENTREVISTADORA: A FAPESP não tem Itapeva mas tem o projeto específico
ENTREVISTADO 5: O PROEXT tem o PROEXT
ENTREVISTADORA: É então você não tem curso
ENTREVISTADO 5: Sim
ENTREVISTADORA: Então você não faz esse acompanhamento
ENTREVISTADO 5: Sim eu sou eu acabo assim juntamente com o Entrevistado 1 fazendo essa esse trabalho é e quando o Entrevistado 1 não pode eu faço e quando eu to em duvida eu pergunto por Entrevistado 1 né (risos)
ENTREVISTADORA: PROEXT é isso
ENTREVISTADO 5: É PROEXT 2010
ENTREVISTADORA: Então você faz também esse acompanhamento juntamente com o Entrevistado 1 né
ENTREVISTADO 5: Toda vez que precisa providenciar materiais e essa gerenciar acolher pessoas interessadas o que seria acolher pessoas interessadas em atuar na INCOP seria a equipe de acolhimento
ENTREVISTADORA: Sim é
ENTREVISTADO 5: Tá então eu sou da comissão mas ultimamente não
ENTREVISTADORA: Teve acolhimento
ENTREVISTADO 5: Teve acolhimento sim mas eu acabei não participando de uma forma mais direta com a Professor 2 mas é na quando veio a Visitante 1 eu participei dessa
ENTREVISTADORA: Então a acolheu
ENTREVISTADO 5: Participei de reuniões tal
ENTREVISTADORA: Então você participa da comissão de acolhimento
ENTREVISTADO 5: Sim e da infraestrutura eu também faço parte
ENTREVISTADORA: Acolhimento e infraestrutura é agora os recursos por exemplo é que recursos você utiliza nessas atividades recursos a gente fala assim ó e-mail data show
ENTREVISTADO 5: E-mail
ENTREVISTADORA: Telefone
ENTREVISTADO 5: Telefone raras vezes
ENTREVISTADORA: O que que você utiliza pras que as atividades
ENTREVISTADO 5: Ta vamos la é e-mails né
ENTREVISTADORA: E-mail
ENTREVISTADO 5: Principalmente e-mails
ENTREVISTADORA: É
ENTREVISTADO 5: Seria presencial também
ENTREVISTADORA: É então você usa assim data show computador
ENTREVISTADO 5: Sim computador
ENTREVISTADORA: Computador quando você faz essas reuniões você quando você tem reunião com a FINEP a reunião que você faz na marcenaria que tipo de recursos você utiliza

ENTREVISTADO 5: A como a não tem essa marcenaria ainda assim eu só fui uma vez no centro da juventude é eu levei um é digamos não é com cartaz por que tinha os dizeres sabe mas

ENTREVISTADORA: Tipo de um folder

ENTREVISTADO 5: Um folder é um folder já pra divulgar

ENTREVISTADORA: Huhu

ENTREVISTADO 5: É eu levei folder a se for congresso já pôster né que fala pôster de forma digital por que na vez que você vai se inscreve participar dos eventos esse congresso tem que levar um resumo no PROCOAS não teve folder mas foi através de textos digitais no formato de power point

ENTREVISTADORA: Power point então era o recurso que você utiliza né

ENTREVISTADO 5: Isso

ENTREVISTADORA: Power point que mais cartelas sabe essas cartelas que a gente usa pra recursos atividades

ENTREVISTADO 5: Não não assim quando tem oficina assim mas não que eu proporcione isso pra

ENTREVISTADORA: Ta não é um recurso pra sua atividade

ENTREVISTADO 5: Não ate por que eu num seria formas de dinâmicas né

ENTREVISTADORA: Isso dinâmicas de grupo

ENTREVISTADO 5: Eu tenho dificuldade com dinâmicas então não elaboro isso desconheço também formas de então acabo nem usando

ENTREVISTADORA: Você trabalha com planilhas

ENTREVISTADO 5: Sim planilhas

ENTREVISTADORA: Planilhas você é um recurso que você utiliza então

ENTREVISTADO 5: Planilhas e docs né no word mesmo como é que poderia de forma em português seria arquivos por exemplo texto né planilhas e editor de texto

ENTREVISTADORA: Ta

ENTREVISTADO 5: Principalmente editor de texto

ENTREVISTADORA: Por que você escreve muito em suas atividades

ENTREVISTADO 5: É digamos 80% é ligado a escrever né

ENTREVISTADORA: Huhu tem mais algum recurso

ENTREVISTADO 5: Acho que impressora é dai no caso né pra

ENTREVISTADORA: Impressoras

ENTREVISTADO 5: Impressoras câmeras também câmeras

ENTREVISTADORA: Ah ta você usa fotos

ENTREVISTADO 5: Fotos

ENTREVISTADORA: Vídeos também

ENTREVISTADO 5: Na medida do possível eu já registrei sim no né nos trabalhos meus

ENTREVISTADORA: Bacana

ENTREVISTADO 5: Tirei foto inclusive na no relato né la eu levei a câmera quando eu lembro assim tem disponível eu gosto de trabalhar com essas mídias é e filmar filmar seria no seminário interno lá ato o que seria a função que eu acabei

ENTREVISTADORA: La no encontro né

ENTREVISTADO 5: É acabei

ENTREVISTADORA: Seminário né seminário que nós chamamos né

ENTREVISTADO 5: Seminário interno da INCOOP e tem tem também quando teve o Reitor aqui o Reitor la pra reunião eu também participei

ENTREVISTADORA: Então você também usa data show

ENTREVISTADO 5: Data Show

ENTREVISTADORA: É por que você utilizou nesse encontro nesse seminário preparas o relatório

ENTREVISTADO 5: Pode colocar data show eu montei assim né eu fico como por ser infraestrutura tal então é assim diretamente meus meus assim os eventos ligados a mim eu não mas assim indiretamente eu acabo montando data show

ENTREVISTADORA: Então ta você você

ENTREVISTADO 5: Seria parte da infraestrutura em si eu acabo usando assim bastante

ENTREVISTADORA: Ta

ENTREVISTADO 5: Montagem né

ENTREVISTADORA: Então dos recursos aqui eu acho que é isso né

ENTREVISTADO 5: Huhu

ENTREVISTADORA: Então quando ta na verdade você ta na secretaria atende o telefone né

ENTREVISTADO 5: O telefone o telefone ai exato

ENTREVISTADORA: O computador isso

ENTREVISTADO 5: Não não poucas vezes da esse telefone é um recurso que eu num particularmente eu não gosto assim

ENTREVISTADORA: Haha
ENTREVISTADO 5: Prefiro e-mail mas e-mail não tem funcionado né
ENTREVISTADORA: As pessoas não respondem
ENTREVISTADO 5: Nesse caso é eficiente mas não é eficaz o telefone acaba de certa forma sendo eficaz mas nada como o presencial mesmo se esse presencial não se combina
ENTREVISTADORA: Hãhã
ENTREVISTADO 5: Não ocorre
ENTREVISTADORA: É então agora pras suas atividades quais pessoas estão envolvidas
ENTREVISTADO 5: Diz em quantidade
ENTREVISTADORA: Não mais pras suas atividades então por exemplo pra sua atividade é quando você participa de uma reunião você ta junto com a sua equipe da do grupo né
ENTREVISTADO 5: É tem diversos diversos não há como numerar seria professor né professor é alunos de graduação ai atualmente tem alunos que não tem bolsas né e tem alunos que tem bolsa
ENTREVISTADORA: Voluntários
ENTREVISTADO 5: Voluntários e
ENTREVISTADORA: Estagiários que atende né que você
ENTREVISTADO 5: Também
ENTREVISTADORA: Então esses são os membros da incubadora né
ENTREVISTADO 5: É
ENTREVISTADORA: E membros da INCOOP
ENTREVISTADO 5: E também
ENTREVISTADORA: Os membros do seu grupo
ENTREVISTADO 5: Do grupo educação matemática
ENTREVISTADORA: O pessoal do FINEP resíduos né
ENTREVISTADO 5: Resíduos
ENTREVISTADORA: Empreendimento então
ENTREVISTADO 5: O pessoal de Itapeva tem também Itapeva pode até colocar Itapeva ai
ENTREVISTADORA: É essas pessoas que são de Itapeva
ENTREVISTADO 5: Externo pode colocar externo não sei se valoriza
ENTREVISTADORA: Externo por que é o pessoal lá do
ENTREVISTADO 5: Da UNESP que são as parceiras
ENTREVISTADORA: Externas
ENTREVISTADO 5: Da educação matemática ela é também externa a INCOP assim
ENTREVISTADORA: É a USP e a UNESP também é
ENTREVISTADO 5: A UNESP e a USP
ENTREVISTADORA: É vamos ver que mais também o pessoal da marcenaria
ENTREVISTADO 5: Marcenaria
ENTREVISTADORA: Não é que você ta começando a conversar com eles lá na marcenaria
ENTREVISTADO 5: Marcenaria sim até tem as meninas ali da são estudantes também que estão fazendo estudos também de marceneiras
ENTREVISTADORA: Ta e assim as estudantes são de onde são externas ou são da universidade
ENTREVISTADO 5: Elas são oriundas das dos assentamentos lá da marcenaria como é que colocaria isso
ENTREVISTADORA: Ah entendi
ENTREVISTADO 5: Elas fazem parte do grupo lá fizeram parte do grupo de marceneiras
ENTREVISTADORA: Então são pessoas do assentamento
ENTREVISTADO 5: Pessoas do assentamento
ENTREVISTADORA: E quando você ta ai na incubadora você então você ta fazendo os atendimentos né fazendo a parte da secretaria que outras pessoas você tem contato
ENTREVISTADO 5: É o pessoal da PROEX né
ENTREVISTADORA: PROEX
ENTREVISTADO 5: PROEX PROEXT é o recurso
ENTREVISTADORA: É
ENTREVISTADO 5: A PROEX é nossa ai já tive vários contatos
ENTREVISTADORA: Com pessoas da UFSCAR né
ENTREVISTADO 5: Eu fui la já fui lá na FAI
ENTREVISTADORA: FAI
ENTREVISTADO 5: Reitoria é que é o financeiro lá
ENTREVISTADORA: Huhu
ENTREVISTADO 5: Até o reitor já conhecia ele
ENTREVISTADORA: Hã

ENTREVISTADO 5: É o alto o máximo da autoridade então ai tem também o pessoal que eu não posso deixar de lado o pessoal que fazem a limpeza também acho que

ENTREVISTADORA: Mas que tem a ver com a sua atividade

ENTREVISTADO 5: Se for ver bem tem a ver com a atividade por que sem elas não teria como fazer as minhas atividades então

ENTREVISTADORA: (risos)

ENTREVISTADO 5: Acho que são pessoas importantes

ENTREVISTADORA: É vamos ver então quando você participa de encontros dentro da incubadora então tem outras pessoas né

ENTREVISTADO 5: Huhu também em relação as externas que são ITCPS

ENTREVISTADORA: ITCPS que mais vamos rever as suas atividades aqui acho que é isso né Entrevistado 5

ENTREVISTADO 5: É que são bem diversificadas né não é algo

ENTREVISTADORA: É dentro é fora da universidade

ENTREVISTADO 5: E por ser pontual né global acaba dando isso informações que fica muito fragmentada

ENTREVISTADORA: É então ó em relação à divulgação do conhecimento o que você tem a dizer sobre as atividades desenvolvidas por você na incubadora geram quais produtos então você vai divulgar o conhecimento né das suas atividades na incubadora geram quais produtos eu já vi que teve pôster né

ENTREVISTADO 5: Hãhã

ENTREVISTADORA: Em uma das atividades

ENTREVISTADO 5: Principalmente seria essa

ENTREVISTADORA: Hãhã o produto né o pôster você participa de encontros seminários você faz planilha acho que você faz planilha aqui né

ENTREVISTADO 5: Planilhas sim é seminários não é um deixa eu ver é se for assim eu já fiz é no caso do em função da FAPESP né eu fiz a planilha da ata da reunião qual vão ser as pautas né agora

ENTREVISTADORA: Relatório né por que você tá no relatório

ENTREVISTADO 5: Agora deixa eu ver

ENTREVISTADORA: Então o relatório é um produto né

ENTREVISTADO 5: Relatório

ENTREVISTADORA: Você escreveu algum artigo

ENTREVISTADO 5: Sim artigos já pra apresentar

ENTREVISTADORA: Então daqui da incubadora

ENTREVISTADO 5: É ligado a incubadora diretamente a incubadora

ENTREVISTADORA: Ta então é

ENTREVISTADO 5: É acham que foram trocou as coisas né trocou agora vai ter do SIS agora que é de resíduos além disso eu acabei divulgando pra pra outras outros envolvidos também da equipe que no caso seria foi o Entrevistado 8 né

ENTREVISTADORA: Ah então como que nós chamamos isso como que foi o artigo que é de uso em seminários congressos alguma coisa esse outro como que é divulgação do conhecimento como a gente pode chamar isso

ENTREVISTADO 5: É assim informei sobre esse esse congresso que eu ia participar esse seminário e ate

ENTREVISTADORA: E você aproveitou que você vai ta

ENTREVISTADO 5: Não é não cheguei a apresentar eu passei só mais a informação ó vai ter isso aqui

ENTREVISTADORA: A ta

ENTREVISTADO 5: Eu vou participar vê se é interessante pra equipe de vocês né

ENTREVISTADORA: A ta bom

ENTREVISTADO 5: É mais eu passei a informação não além disso

ENTREVISTADORA: Mas não gerou nenhum o produto

ENTREVISTADO 5: Agora o produto seria relatórios né relatórios é artigos artigos é esses artigos ai tanto de formato digital o que foi proposto é digital não teve

ENTREVISTADORA: É eu ia perguntar isso mesmo

ENTREVISTADO 5: A ta é que eu tava falando do pôster né que é impresso né deixa eu ver que mais as oficinas também né tem tudo que sai da oficina né que é a não sei se pode chamar de produtos a área que participa lá acaba expressando a por exemplo ate pegar o exemplo da Professor 2 que teve la na oficina dela do

ENTREVISTADORA: Método de incubação

ENTREVISTADO 5: Método de incubação então eu tive essa

ENTREVISTADORA: Você participou dessa divulgação da elaboração desse dessa sistematização

ENTREVISTADO 5: Não não é então eu participei no sentido quando era pra ter as ideias

ENTREVISTADORA: Ah entendi

ENTREVISTADO 5: Você entendeu não foi assim

ENTREVISTADORA: Ah entendi

ENTREVISTADO 5: Eu não fiz parte da comissão digamos ne
ENTREVISTADORA: Mas teve um produto seu né da sua divulgação então né alguma coisa assim
ENTREVISTADO 5: A ta assim que eu a como teve da Coordenador 3 e da coisa não da Coordenador 3 e da
Entrevistado 3 que teve isso aí não ate por que eu não fiz ne não promovi nenhuma oficina então
ENTREVISTADORA: Huhu
ENTREVISTADO 5: Mais como participante mesmo
ENTREVISTADORA: Ta tem mais alguma coisa
ENTREVISTADO 5: Acho que ficou
ENTREVISTADORA: Então onde e como você registrou isso então a planilha relatório artigo produção onde
isso ta como ele ta registrado
ENTREVISTADO 5: Claro vai ficar aqui por que é editores de texto né a primeira etapa é editores de texto
ENTREVISTADORA: Então mas ta por exemplo
ENTREVISTADO 5: Aí posteriormente
ENTREVISTADORA: Ai você
ENTREVISTADO 5: Tem formato pôster
ENTREVISTADORA: É mais você deixou aqui tem em algum lugar
ENTREVISTADO 5: Então ta na minha casa até eu poderia te ter trazido hoje quase que eu trouxe hoje mas
posso trazer amanhã mas
ENTREVISTADORA: A não o que você pode fazer assim por exemplo todo o artigo e o pôster você deixou
uma cópia aqui virtualmente ou em papel
ENTREVISTADO 5: A ta virtualmente
ENTREVISTADORA: Por que assim como você divulgou né o seu conhecimento através de pôster de artigo
isso só ta com você
ENTREVISTADO 5: Não
ENTREVISTADORA: Com você no seu notebook no seu pen drive ou ta aqui você deixou
ENTREVISTADO 5: Não na incubadora ainda não está disponível, tem que disponibilizar mas além de mim está
com outros autores, não sou autor unitário, tem outras pessoas
ENTREVISTADORA: Então tem com você né no arquivo seu pessoal é isso
ENTREVISTADO 5: Isso
ENTREVISTADORA: No arquivo seu pessoal e com os demais autores é isso
ENTREVISTADO 5: Com os demais autores isso ta eu ate preciso que tem que ficar o pôster acho que tenho que
trazer aqui né
ENTREVISTADORA: É não o que a gente quer é pra você elaborar o folder o pôster provavelmente você fez
alguma coisa no papel assim no papel não você fez no computador não fez
ENTREVISTADO 5: Ta basicamente
ENTREVISTADORA: Isso então a gente quer que deixe isso tanto virtual como no papel se vocês fez um artigo
a gente pede com esse arquivo é que você deixe tanto virtual e depois no papel a gente imprimir ou deixa pra
alguém imprimir da meta 15 entendeu
ENTREVISTADO 5: A ta agora eu lembrei
ENTREVISTADORA: É pra disponibilizar
ENTREVISTADO 5: Agora que eu lembrei tem um cd aqui um cd que foi o CONEGRAD que nós fomos
apresentar la que
ENTREVISTADORA: A então você deixou um cd aqui
ENTREVISTADO 5: Tem um cd aqui tem um cd
ENTREVISTADORA: Então o cd é como se fosse os anais
ENTREVISTADO 5: Exatamente são os anais que eu pedi pra tirar uma cópia
ENTREVISTADORA: Então tem alguma coisa registrada
ENTREVISTADO 5: É que é assim eu tento pegar uma hora ai é eu acho que tem o ultimo congresso que eu vou
participar semana que vem a partir disso juntar tudo e deixar tudo certinho ai é por que se eu for pegar tal eu
acabo perdendo então eu to vou organiza e vou deixar
ENTREVISTADORA: Deixar uma partinha
ENTREVISTADO 5: Mas tem um CD já os arquivos dos anais
ENTREVISTADORA: Ta então onde isso ta aqui fisicamente na incubadora né
ENTREVISTADO 5: Ela ta junto com os outros CDs
ENTREVISTADORA: Ta
ENTREVISTADO 5: Ta escrito lá CONEGRAD
ENTREVISTADORA: Então onde ta aqui na incubadora e tem alguma coisa sua então como arquivo pessoal
ENTREVISTADO 5: É ta em processo de de arquivar na incubadora
ENTREVISTADORA: Ta você conhece a produção individual e coletiva dos membros da incubadora você sabe
aqueles produtos artigo essas coisas você conhece

ENTREVISTADO 5: Não não sou a, todos assim então eu acabo não sabendo acabo

ENTREVISTADORA: Então você reconhece conhece parte do que tem

ENTREVISTADO 5: Parte assim geralmente assim acabo sabendo quando teve PROCOAS pessoas que participaram daí você ou até mesmo durante as reuniões ah eu vou pra tal e tal congresso tal assim é boa parte né boa parte

ENTREVISTADORA: Ta então você conhece a produção coletiva e como você chegou a ela foi durante as reuniões divulgações não é

ENTREVISTADO 5: É reunião é quando tem os mesmos seminários congressos acabo sabendo só isso e boca a boca mesmo

ENTREVISTADORA: Huhu por pessoas então né você já buscou alguma coisa aqui na incubadora essa produção

ENTREVISTADO 5: Se eu já tive contato assim

ENTREVISTADORA: Isso já pesquisou já foi buscar isso aqui

ENTREVISTADO 5: Olha eu sim diretamente não mas eu acabei mais por facilidade consultando né pessoas mais mais que tem um acumulo um acumulo maior de experiência ai de trabalho ai dentro e consultando seria mais isso

ENTREVISTADORA: Então agora falar das pessoas você com que frequência você consulta ou utiliza o conhecimento produzido pelos membros da INCOP e pra qual finalidade

ENTREVISTADO 5: Ta agora de forma assim através de trabalhos científicos

ENTREVISTADORA: Isso se tem algum trabalho produção do seu fazes aqui na incubadora

ENTREVISTADO 5: Ou

ENTREVISTADORA: Pro seu fazer aqui na incubadora

ENTREVISTADO 5: A ta

ENTREVISTADORA: O que você faz pras suas atividades pra isso você utiliza você consulta o conhecimento produzido aqui pelos membros da INCOOP

ENTREVISTADO 5: Não acho que geralmente não ate pelo fato de assim é no começo quando eu vinha ate tinha até o espaço pra ver tudo o que acontece tem aquele período lá pra procurar não sei mais atualmente pelo fato de ta assim essa correria de ir pra lá pra ca ai você faz uma coisa faz outra coisa você acaba não tendo tempo de apreciar o trabalho dos outros assim né no caso assim caso científico né agora pelo fato de ficar um bom tempo aqui eu converso com um com outro você acaba é mais é mais na fala mesmo assim não é boca a boca assim que você acaba sabendo o que que os outros fazem os congressos então essas coisas

ENTREVISTADORA: Então por exemplo assim pra montar a marcenaria né você ta tendo que montar um empreendimento você ta buscando conhecimento de outros membros pra ta fazendo isso

ENTREVISTADO 5: Ta é então especifico da marcenaria eu tenho tenho trabalhos antigos de pessoas que

ENTREVISTADORA: Há

ENTREVISTADO 5: Eu tenho tudo

ENTREVISTADORA: Ah mas de membros na INCOOP ou não da INCOOP

ENTREVISTADO 5: Sim o Entrevistado 1 é um exemplo ele passou

ENTREVISTADORA: Então assim trabalhos que foram publicados ou alguma planilha também

ENTREVISTADO 5: Planilha planilha também isso ai é toda forma ate o que eu conheço eu to com eles aqui ó seriam são dados que antes de mim referente

ENTREVISTADORA: A ta são trabalhos publicados em planilhas e são o que são um documento pessoal que o Entrevistado 1 tinha e passou pra você é isso

ENTREVISTADO 5: É que tem assim eu não sei se é tem acho que era pra ter aqui na pasta mas eu acho que de tempo em tempo passa por manutenção e acabou não tendo era pra ter tinha uma época que tava disponível na época que eu entrei no período que eu to aqui nada assim dai passou pra mim cópia tal mas isso ai eu parece que tem lá no HABES é lá que tem segundo eles lá tem deixa eu ver que mais

ENTREVISTADORA: É então com que frequencia você consulta o conhecimento produzido então assim é como eu posso dizer

ENTREVISTADO 5: É vira e mexe assim eu vou lá e o próprio Professor 1 fala isso a gente já tem da uma pesquisada lá pode ir lá que isso ai já tem

ENTREVISTADORA: Ta então o professor então com que frequencia você consulta ta trabalhos publicados né planilha virtualmente registrada na INCOOP ai você faz essa busca com

ENTREVISTADO 5: É ate assim ó

ENTREVISTADORA: Pessoas que trabalharam com isso é isso não é

ENTREVISTADO 5: Quando foi pra fazer trabalho científico pra mostrar é pela internet também acabei achando trabalhos

ENTREVISTADORA: De membros da INCOOP

ENTREVISTADO 5: Membros da INCOOP

ENTREVISTADORA: Ta

ENTREVISTADO 5: Tem coisa que você vai lembrando na medida que vai falando você vai é lembrei tal

ENTREVISTADORA: Huhu

ENTREVISTADO 5: Agora relacionado a outros empreendimentos ai já fica mais

ENTREVISTADORA: É se a gente tivesse trabalho só com a INCOOP

ENTREVISTADO 5: É ai já fica ate mesmo com a incubadora isso se deve a escassez de tempo né por que se você ficar muito também isso vai acabar também você sai do que você ta fazendo que é interno a incubadora ou a marcenaria e fica só na parte teórica lá pro dai você acaba indo pra outra meta né

ENTREVISTADORA: Hãhã

ENTREVISTADO 5: Por isso que deve quando se é esse conhecimento científico acho que é meta quinze dezesseis

ENTREVISTADORA: É meta quinze

ENTREVISTADO 5: Eu ate to com vontade assim talvez o ano que vem eu acho que eu migre saia da do acolhimento pa pa que tenho mais contato pra escrever então preciso saber como é que funciona o funcionamento então acho que talvez pra fazer parte dessa comissão mas isso mais pro ano que vem

ENTREVISTADORA: E quando você busca né consulta esse conhecimento pra qual finalidade pra sua atividade por demanda

ENTREVISTADO 5: Basicamente é pra escrever e ta

ENTREVISTADORA: Pra escrever o artigo pra outras

ENTREVISTADO 5: Isso né

ENTREVISTADORA: Artigo científico

ENTREVISTADO 5: Artigo científico agora ta

ENTREVISTADORA: Pro seu fazer também né por que se o Entrevistado 1 te passou

ENTREVISTADO 5: Isso

ENTREVISTADORA: Pra sua demanda pra sua necessidade aqui na incubadora

ENTREVISTADO 5: Exatamente quando há tumulto a não sei o que que eu faço eu vou consultar ele o Professor 1 isso aqui já tem lá da uma procurada então é tamo ainda

ENTREVISTADORA: Ta a finalidade são essas

ENTREVISTADO 5: É que é assim que de uns meses pra cá to mais escrevendo mexendo com a escrita mesmo então você fica mais fresco na memória você lembrar e você acaba sabendo mais pelo fato de publicação de artigos

ENTREVISTADORA: É

ENTREVISTADO 5: Então eu to atentando mais pra isso

ENTREVISTADORA: Ta é há dificuldade em buscar documentos impressos ou virtuais para as suas atividades na incubadora quando você precisa buscar documento né

ENTREVISTADO 5: Ah é

ENTREVISTADORA: Você tem dificuldade

ENTREVISTADO 5: A dificuldade eu tenho sim tenho mas pra tudo tem uma explicação né a explicação é por que é muita coisa pra ate hoje a organização aqui tem coisa que eu faço e não consigo achar é por que isso aqui é desorganizado então é muita informação não é disponibilizar eu tenho dificuldade por falta de organização dali é mentira por que é muita informação

ENTREVISTADORA: É muita informação e é falta de tempo pra ta buscando é isso

ENTREVISTADO 5: Exatamente mas é riquíssimo nossa tanto o acervo acervo de publicação da equipe de membros da incubadora né e como a própria a própria literatura o acervo ai da biblioteca que tem ai então tem eu acabo ate quando vou escrever pego da internet por que ai eu tenho que ler olhar se ta lá eu pego copio e colo (risos)

ENTREVISTADORA: Ta então na sua opinião o que dificulta ou facilita esse acesso você já falou então né falta de tempo

ENTREVISTADO 5: Tempo e muita informação né é e ai também não é a finalidade é assim hã é um por que o coordenador tem que ser o assessor né que é no caso da marcenaria assessorar lá a marcenaria assessorar o grupo de pesquisa enfim né isso é um pesquisador já entra na parte mais conciliar os dois da ultimamente eu to sendo mais pesquisador de buscar as referencias ai do que pesquisador assim através do que ocorre né de estudo de caso mesmo

ENTREVISTADORA: E tem alguma coisa então que facilita ou que dificulta é a falta de tempo em busca de informação né e alguma coisa facilita você

ENTREVISTADO 5: Facilita as pessoas mesmo é as pessoas pra tramitar isso acho que é primordial tanto na

ENTREVISTADORA: Elas indicam

ENTREVISTADO 5: É e não é só esse com relação a trabalhos né artigos a parte técnica é tudo né

ENTREVISTADORA: Huhu

ENTREVISTADO 5: As atividades em geral são as pessoas se não fossem elas não seria não ia ter êxito não fácil

ENTREVISTADORA: Então onde ou a quem você recorre para obter informação que possa esclarecer dúvidas surgidas em relação ao seu fazer na incubadora

ENTREVISTADO 5: É isso é pessoas que tem o acumulo né

ENTREVISTADORA: Na incubadora né

ENTREVISTADO 5: Isso ai seria isso ai estritamente a incubadora

ENTREVISTADORA: Ta

ENTREVISTADO 5: Ai não sei pra

ENTREVISTADORA: E onde então na incubadora a incubadora né

ENTREVISTADO 5: A não ser quando diz ah digamos eu preciso saber do recurso lá ta disponível como usar ai tem que se dirigir a qual ate os departamentos que é PROEX

ENTREVISTADORA: Então os departamentos da UFSCar né tem mais alguma coisa onde ou a quem você recorre pra consulta

ENTREVISTADO 5: Ah são essas é dúvidas é

ENTREVISTADORA: Então com as pessoas com acumulo próprio aqui na incubadora né produtos

ENTREVISTADO 5: Pode ser que também na incubadora a ideia da desde a técnica ate os coordenadores que tinha as funções antes de mim né do que é da marcenaria e os professores né

ENTREVISTADORA: Então os antigos coordenadores

ENTREVISTADO 5: Os antigos coordenadores os professores a é técnica estagiaria que

ENTREVISTADORA: Ta

ENTREVISTADO 5: Tem a técnica Servidor tem a Estagiário tem o Entrevistado 1 tem o Professor 1 tem a Professor 2 que ta mais há ai você a Professor 5 as Marias aqui né então os professores são os coordenadores né e ate ate a equipe de atual né de repente ate os alunos né assim quando tem tal informação algo acho que não ta legal da pra acho que tenho que ser o mais aberto possível por que ta aprendendo a desenvolver as atividades

ENTREVISTADORA: Huhu é agora é a pergunta final você tem alguma sugestão sobre a organização do conhecimento produzido na INCOOP

ENTREVISTADO 5: Sugestão hum acho que assim eu vejo que poderia ter mais é assim a divulgação assim ou alem disso né a promover essas atividades por que eu não sei como ta a sua pesquisa assim ou mais há eu não sei se tem pessoas que ta aqui de repente poderia tem potencial pra produzir trabalhos mas por falta do conhecimento ou não sei acabam ou produzindo pouco assim tal então não sei então um estímulo mais um estímulo estímulo é promoção né pra trabalhos né por que a incubadora ela necessita né por que na incubadora pode ate ter mas não são todos expressam né eu fiz esse trabalho pra tal coisa tem uns que falam

ENTREVISTADORA: Como é que eu chamo estímulo e promoção para

ENTREVISTADO 5: Para a produção né a produção

ENTREVISTADORA: A produção do conhecimento

ENTREVISTADO 5: A produção do conhecimento e sua divulgação e alem disso eu acho que pra editais né é editais não tem eu fui atrás não tem uma linha especifica pra assim pra pagar inscrição acho que de repente esse é em editais explicitar explicitar isso por que eu andei conversando com eu fui a procura disso e não tem né uma luz pra eles falam assim que tem que ser através de diária tal mas é digamos se for pra ir aqui em São Carlos que tem que de tempos em tempos tem congressos seminários eventos pra divulgar você tem que pagar uma inscrição ai você tem que digamos improvisado e tal acho que em próximos editais ta explicito la a divulgação do conhecimento tal inscrição se for o caso viagens específicas ai ta tendo coisa mais dentro de outra ali mas é uma forma que acho que isso promove né a estadia da pessoa

ENTREVISTADORA: Ah então você explicitando quais os pagamentos de inscrição em viagens alguma coisa em eventos academicos

ENTREVISTADO 5: Isso é que que vá pra é dissemina o conhecimento né por exemplo o pôster ate foi correr assim é fui ate atrás tal assim mas acontece algo geral né ate por exemplo nesses eu acabei assumindo essa parte de por exemplo as pessoas fazem o pôster e passam pra mim dai eu vejo com o responsável do projeto o coordenador que tá lá tomando conta, por exemplo o Everton é do PRONINC e quando a tem recurso assim tal então é nesse sentido é que também se deve também ao fato de eu não ter tanto contato com essa comissão do conhecimento de repente tem eles tem tudo

ENTREVISTADORA: A não não quando a gente vai que nem que eu que fui participar do em Porto Alegre né no congresso lá das ITCPs eu paguei cada um pagou o seu mas o que falta ser feito é você traz pra ca

ENTREVISTADO 5: Traz e

ENTREVISTADORA: Então você traz então assim na época trouxeram pra cá então o que me ajudaram eu paguei né a minha viagem de avião fui eu que paguei mas algumas pessoas que não tinham condições de pagar trouxeram aqui pra reunião e então viu a importância de ta participando do evento e disponibilizam um tanto de dinheiro

ENTREVISTADO 5: A sim

ENTREVISTADORA: Como que eles de onde sai esse dinheiro eu não sei de que alinea né

ENTREVISTADO 5: Acho que é de Porto Alegre foi usado o fundo

ENTREVISTADORA: É foi usado o fundo uma boa parte eu paguei

ENTREVISTADO 5: É pagou é quem não tem

ENTREVISTADORA: No caso da Membro INCOOP 3 e da Ex-Coordenador 4 o fundo é que pagou

ENTREVISTADO 5: Pagou é não tinha

ENTREVISTADORA: Agora o meu o da Professor 5 da Doutorando foi uma parte uma parte da hospedagem

ENTREVISTADO 5: Tá mas é assim ó pelo fato de você ta representando isso faz parte de metas pra isso acho que teria que ser ate no caso assim é

ENTREVISTADORA: Deveria ta previsto

ENTREVISTADO 5: É acho que pra futuros editais é imprescindível por que daí você estimula a pessoa a por que ate a parte assim ah eu vou conhecer novos lugares ai você vai lá você esta a trabalho o fato de você ta é o

ENTREVISTADORA: A é por que é o trabalho pra escrever né por que da trabalho pra você escrever pra você poder apresentar ai você tem que ir lá falar e ai você tem que bancar tudo né

ENTREVISTADO 5: É

ENTREVISTADORA: Então se você tá numa equipe né também acho

ENTREVISTADO 5: É eu senti eu quando mesmo escrevendo é o fato de ter pretensão de seguir de querer fazer mestrado tal eu comecei a escrever e tal ai pô o fato de escrever pô eu to atuando aqui tem você tem produtos né que mesmo que você não ta acampado naquilo mas você tem todo o processo você pode você vai escreve arrisca se for aceito é por que tem tem né e foi ó acho que três quatro acho que de quatro a cinco lugares que foram todos aceitos eu tenho uns deles que eu não toquei pra frente por que você tem que pagar a viagem tal as coisas e ate tem assim poderia ser mais facilitado né

ENTREVISTADORA: Huhu

ENTREVISTADO 5: Por exemplo a eu lembro acho que aquela aquela vez eu tava no inicio entrando então tava meio

ENTREVISTADORA: Hãhã

ENTREVISTADO 5: Não tava tão situado ambientado mas tive que levar em reunião sei la acho que poderia ser facilitado ta disponível isso tal né você ta comprovando a pega ai um comprovante que você ta participando e o comprovante pode ser o fato de você ta lá por e-mail mesmo ta aceito o trabalho e assim

ENTREVISTADORA: Você acha que deve ser de que forma é pra facilitar

ENTREVISTADO 5: O acesso aos recursos uma vez que tem mais recursos

ENTREVISTADORA: Pra promover a participação em eventos né

ENTREVISTADO 5: Se for o caso você ter uma sei lá uma comissão pra isso uma comissão que vai receber os trabalhos pra fazer os posters por que eu to fazendo esse trabalho eu to centralizando os posters tal pra poder falar tudo de uma vez só com a você tem que pegar e ver ali no caso da ali da FAI você tem que levar lá

ENTREVISTADORA: Que susto

(risos)

ENTREVISTADO 5: Ate um desconhecimento eu desconhecia assim então foi legal por que eu falei é eu tomei assim partes e assim eu vou já que não tem alguém assim tem a pessoa lá responsável pra pro recurso lá mas pô a pessoa já ta atarefada então deixa eu for fazer pra mim já faço pras outras ó ai eu mandei disparei e-mail manda pra mim ai é você tem o pôster tal a gente faz tudo junto né fica mais fácil entendeu e aqui ó de repente acho que pra eu fazer se eu for querer fazer parte acho que eu vou sugerir isso de fazer essa parte ai quando tiver trabalho centraliza numa pessoa e a pessoa

ENTREVISTADORA: É legal

(risos)

ENTREVISTADO 5: Ou

ENTREVISTADORA: Tem que ter uma pessoa assim né Juliano que queira fazer isso por que já tem tantos afazeres

ENTREVISTADO 5: É que é assim eu até assim eu fico com receio por pegar e será que eu vou lidar com isso se não der conta

ENTREVISTADORA: É verdade

ENTREVISTADO 5: E tal mas agora eu to atarefado mas nesse sentido como eu fiz pô e foi aceito pra um congresso pra mim nem deu pra tocar pra frente por que daí ate pra fazer pra tanto e o trabalho que você fez la pra escrever ai e tal pego pra fazer posso fazer pra mim sinto que outras também tão com essa dificuldade né ai eu vou fazer pra mim por que não faz pra um faz pra três dois três como foi feito assim agora to esperando só um pôster pra poder fazer já tenho uns contatos assim pra contatos os meios pra fazer essa

ENTREVISTADORA: Huhu

ENTREVISTADO 5: Fazer esse trabalho eu acho que é mais nesse sentido não sei se é isso ai mesmo

ENTREVISTADORA: Não não é isso ai você tem alguma sugestão sobre a organização sim se você acha que deveria ser de que forma pra se facilite

ENTREVISTADO 5: Facilite

ENTREVISTADORA: Facilite pras pessoas a tarem participando de eventos

ENTREVISTADO 5: Acho que uma vez que se tiver esse que se crie esse hábito tal há fica até mais o pessoal até

ENTREVISTADORA: Escrever mais né

ENTREVISTADO 5: E aqui acho que a dificuldade que tem aqui na incubadora é encontrar pessoas que vão trabalhar ah tem caso lá no curso que estudei o pessoal ele num num de jeito nenhum ele quer bolsa mas assim

ENTREVISTADORA: Ah é

ENTREVISTADO 5: Mas assim varias vezes eu tento assim o sujeito a ganhar bolsa a pessoa fala assim ó eu não quero ganhar bolsa por que se eu ganhar a bolsa eu vou ter que ter comprometimento tal de vir aqui tal

ENTREVISTADORA: É

ENTREVISTADO 5: Mas é assim uma coisa assim que eu quero é escrever quero uma função de escrever e tal e publicar artigos e o cara ele tem essa função dele assim essa afinidade ele já tem o conhecimento só pra assim ele gosta dessa parte de escrever ele escreve bem e ele faz só exatamente basicamente isso ai entendeu então ele e de repente não sei se ta faltando isso aqui a pessoa ah mais po tem a incubadora ela promove tal viagens tal assim pô essa eu gosto de escrever tal eu vou lá o cara não vai ser não vai ter sua remuneração lá de bolsa mas ele vai poder ir em congressos vai poder ir em

ENTREVISTADORA: Levar o nome da incubadora

ENTREVISTADO 5: É então ele ta trabalhando e de certa forma ele ta sentindo ah assim pago por isso

ENTREVISTADORA: Hãhã

ENTREVISTADO 5: Não na forma de bolsa mas uma viagem se você pegar uma viagem dependendo do lugar vai de avião ele é mais do que a bolsa né você vai por exemplo lá pra Europa vamos supor

ENTREVISTADORA: Ah é muito caro eu já fui pra Porto Alegre eu peguei uma passagem que tava em promoção pela azul setenta reais pra ir

ENTREVISTADO 5: Hã

ENTREVISTADORA: Eu não lembro quanto pra voltar eu paguei pouco gastei mais de duzentos reais mais fui

ENTREVISTADO 5: No Chile teve o PROCOAS teve gente que não foi pro PROCOAS no Chile por que não tinha recurso

ENTREVISTADORA: Por que não tinha recurso é verdade

ENTREVISTADO 5: Se tivesse o recurso previsto na alinea as pessoas vão e a gente digamos o caso da Membro INCOOP 3 ela é voluntária que não é remunerado entendeu então de repente a pessoa tem ela gosta de escrever tal assim ela só não quer se comprometer

ENTREVISTADORA: Não é remunerado

ENTREVISTADO 5: Ah se eu for bolsista eu tenho dentro da da equipe que é as atribuições tem que fazer isso ah então eu cara ele é voluntário ai a incubadora entende não o trabalho tem que ser valorizado como que eu poderia pagar esse po de repente participando de congresso eu vai viagem não é só viagem tem a parte também o cara pode escrever é publicado vai pro curriculum lattes isso ai ajuda a pessoa a as vezes o valor desse é maior do que a bolsa

ENTREVISTADORA: A Membro INCOOP 3 foi comigo pra Porto Alegre

ENTREVISTADO 5: É então

ENTREVISTADORA: Ela acabou apresentando

ENTREVISTADO 5: Então ela é uma pessoa que desde que eu to que eu entrei aqui ela ta ela ta lá né assim

ENTREVISTADORA: É

ENTREVISTADO 5: Ela vai formar agora ta junto comigo assim e assim vire e mexe ela ta ela quer

ENTREVISTADORA: Participar

ENTREVISTADO 5: Viajar participar dos congressos e

ENTREVISTADORA: Mas não ganha bolsa né

ENTREVISTADO 5: Só que o fato de não ter bolsa até isso ela faz as atividades mais se tivesse as viagens tal

ENTREVISTADORA: Pra ela é gratificante

ENTREVISTADO 5: Ela gosta de viajar ela gosta de publicar e ela gosta de escrever entendeu então é uma forma de premiar essas pessoas

ENTREVISTADORA: É ela ta como voluntária

ENTREVISTADO 5: Voluntária e as vezes tem gente que é como eu falei tem pessoas que preferem não que a atribuição de bolsista

ENTREVISTADORA: Mas tem mais facilidade

ENTREVISTADO 5: Mas vai querer participar da incubadora e a incubadora poderia proporcionar outras outras formas de retribuir o trabalho dela uma forma seria o que nessa área de produção científica o pessoal participar de congresso pode ser congresso até mesmo em São Carlos

ENTREVISTADORA: É verdade o meu aqui em São Carlos eu paguei cem reais

ENTREVISTADO 5: Então

(risos)

ENTREVISTADO 5: Tem um congresso que vai pra trinta quarenta por aluno aluno já não é barato

ENTREVISTADORA: Pra aluno de pós é mais caro eles cobram mais caro ainda
 ENTREVISTADO 5: Então aluno de graduação aluno de pós vai quase o dobro então e eu que não é nenhum dos dois
 ENTREVISTADORA: Mais caro ainda
 ENTREVISTADO 5: Eu tava vendo lá se fosse meu caso eu tinha que pagar cento e cinquenta
 ENTREVISTADORA: Nossa
 ENTREVISTADO 5: Em São Paulo mais a viagem
 ENTREVISTADORA: Muito caro
 ENTREVISTADO 5: Tudo bem que tem a viagem mas eu acho um pouco assim senti um pouco complicado mas
 ENTREVISTADORA: É mas se
 ENTREVISTADO 5: Mas daqui ó isso por que é função é minha função eu tenho que produzir também produção científica mas imagina ta aqui não ta nessa função de coordenador
 ENTREVISTADORA: Que queira fazer
 ENTREVISTADO 5: É praticamente excluir a pessoa desestimular, desestimulo
 ENTREVISTADORA: Entrevistado 5 muito obrigada viu pela sua entrevista
 ENTREVISTADO 5: De nada

ENTREVISTA 6

ENTREVISTADORA: Bom estou na INCOOP vou entrevistar a Entrevistado 6 hoje é dia primeiro de dezembro bom dia de novo Entrevistado 6
 ENTREVISTADO 6: Bom dia
 ENTREVISTADORA: É eu vou te explicar sobre o meu projeto de mestrado então eu vou trabalhar com conversão do conhecimento estudo de caso aqui na INCOOP a conversão do conhecimento que eu quero mostrar a partir das atividades dos coordenadores executivos em que momento esse conhecimento é tácito em que momento ele é explícito né que momento ocorre essa conversão então é eu parti dessas atividades que eu compilei tudo que tinha na incubadora vários arquivos então não necessariamente você faça todas essas atividades mas é tudo que tinha de registro de atividade dos coordenadores
 ENTREVISTADO 6: Huhu
 ENTREVISTADO 6: Então é eu até participei de uma oficina que ta sendo criada essas atividades né agora coletivamente por que o que tem aqui é uma coisa muito não sei se é isso né então ta sendo agora compilados revistos
 ENTREVISTADO 6: Revistos
 ENTREVISTADORA: Essa parte das atividades dos membros executivos
 ENTREVISTADO 6: Huhu
 ENTREVISTADORA: Dos coordenadores executivos é aqui quais são as suas atividades na INCOP então essa que é a dos coordenadores executivos então é um monte de coisa então por exemplo o Entrevistado 1 ele é coordenador geral já é uma atividade diferente do que ta aqui
 ENTREVISTADO 6: Huhu
 ENTREVISTADORA: Então se aferiu o que ta previsto que os coordenadores façam mas não que cada coordenador tem que fazer tudo isso ao mesmo tempo
 ENTREVISTADO 6: Huhu
 ENTREVISTADORA: Ta então esse é o termo de compromisso né se puder dar uma lida
 ENTREVISTADO 6: Eu li eu li
 ENTREVISTADORA: E entregar pra mim eu te dou vou te deixar uma cópia aqui pra gente discutir as atividades então obrigada viu Entrevistado 6
 ENTREVISTADO 6: Imagina
 ENTREVISTADORA: É qual a sua idade
 ENTREVISTADO 6: Vinte e nove
 ENTREVISTADORA: Vinte e nove sexo feminino quanto tempo você ta na INCOP
 ENTREVISTADO 6: Há considerando que hoje é primeiro de dezembro eu to entrando no quinto mês
 ENTREVISTADORA: Cinco meses você já trabalhou com economia solidaria em outro local
 ENTREVISTADO 6: Olha eu já trabalhei com economia solidaria não denominando enquanto economia solidaria então assim é por exemplo eu dava oficina de materiais recicláveis eu dava oficina de jogos enfim e a minha pratica acredito eu que sempre sempre não é uma construção mas enfim nos últimos anos tem sido mais uma pratica cooperativa colaborativa que a gente que eu nunca denominei economia solidaria
 ENTREVISTADORA: E aonde que foi isso onde você estava
 ENTREVISTADO 6: Quando com essas praticas
 ENTREVISTADORA: Isso
 ENTREVISTADO 6: Dentro da escola em que eu trabalhei
 ENTREVISTADORA: Escola municipal estadual o que que é

ENTREVISTADO 6: Particular

ENTREVISTADORA: Uma escola particular

ENTREVISTADO 6: E também um curso que eu coordeno já um projeto que eu coordeno desde 2008 com sobre o estatuto da criança e do adolescente

ENTREVISTADORA: E aonde que é esse projeto

ENTREVISTADO 6: É eu sou autônoma mas é via prefeitura municipal

ENTREVISTADORA: A ta então é um projeto que funciona via prefeitura

ENTREVISTADO 6: Isso com a infância e juventude

ENTREVISTADORA: Em qual período desde quando você ta trabalhando com isso que você não achava é não denominava economia solidária mas desde quando

ENTREVISTADO 6: Bom é eu acho que a escola nem conta por que é uma questão de prática minha não prática escolar da escola né mas com relação a esse projeto desde 2008

ENTREVISTADORA: E agora eu vou partir como eu te disse aqui das suas atividades quais são as suas atividades aqui na INCOOP

ENTREVISTADO 6: A partir desse teu quadro ou quando eu descrevo

ENTREVISTADORA: Não não do que você descreve

ENTREVISTADO 6: Bom eu sou coordenadora executiva do projeto articulação de ITCPS

ENTREVISTADORA: Huhu

ENTREVISTADO 6: Né junto com outras pessoas da equipe da INCOOP outras incubadoras é eu participo da equipe de formação também há moderadora de reuniões gerais moderadora não desculpa relatora de reuniões gerais

ENTREVISTADORA: É daí você já ta entrando na atividade mesmo né por que dentro na você trabalhou na coordenação de articulação então você tem atividades la dentro

ENTREVISTADO 6: Sim

ENTREVISTADORA: Ta então relatora de reuniões

ENTREVISTADO 6: Ah bom relatora de reuniões gerais da INCOOP na verdade né não da articulação

ENTREVISTADORA: Ta

ENTREVISTADO 6: Entendi por que eu não entrei nas atribuições desses dois

ENTREVISTADORA: Isso né tem que me dizer as atividades

ENTREVISTADO 6: Bom as atividades dentro de cada um

ENTREVISTADORA: É por que por exemplo pra você fazer reuniões você participa de reuniões

ENTREVISTADO 6: Ai isso já é pra tudo né

ENTREVISTADORA: É então é uma atividade sua né

ENTREVISTADO 6: Bom no articulação nós temos reuniões mensais presenciais que é necessário viajar pras cidades das incubadoras reuniões semanais com o grupo gestor e reuniões semanais com o grupo interno articulação interna né eu o Coordenador 5 e a Pós doutorando alem disso a gente faz estudo sobre temas relacionados a economia solidária esses estudos os temas são trimestrais mais ou menos e a gente deveria fazer formação da equipe né o que não ta ocorrendo e

ENTREVISTADORA: Então atividade que vocês mais então não fez você não fez nesses últimos cinco meses

ENTREVISTADO 6: Não a gente eu fiz formação interna mas dentro do comitê gestor mas não fiz formação dentro da incubadora

ENTREVISTADORA: Ta

ENTREVISTADO 6: E organização de seminário

ENTREVISTADORA: Ta isso

ENTREVISTADO 6: Na articulação na formação há organização de oficinas sobre economia solidaria

ENTREVISTADORA: Oficinas acaba você prepara você organiza

ENTREVISTADO 6: Junto com a equipe né não é uma coisa que é feito sozinho mas junto com a equipe há nesse tempo também nós há conversamos bastante sobre a questão do material didático a organização do material didático que ta pra ser elaborado né então a gente ficou organizando uma enquete enfim todo um processo pra contemplar há o que a incubadora espera desse material didático que a equipe espera que mais dentro da equipe de formação a gente ta preparando agora uma oficina formação com a articulação da incubadora

ENTREVISTADORA: Bom preparação e organização de oficinas

ENTREVISTADO 6: Então é isso e aí dentro das atribuições da incubadora além de relatora da reunião há aí tem inúmeras coisas que vão acontecendo e a gente vai pegando né normalmente sistematização de atividades que foram feitas os seminários eu já peguei isso umas duas vezes nesses meses e organização de seminários de políticas publicas ITCPS né aí tá bom para as vinte horas

ENTREVISTADORA: Você não tem que participar da elaboração do relatório

ENTREVISTADO 6: EU particularmente do articulação sim do projeto articulação eu tenho que

ENTREVISTADORA: Elaborar relatório

ENTREVISTADO 6: Mas dos da INCOOP particularmente nesse FAPESP eu não participei do processo então eu não tive nenhuma atribuição

ENTREVISTADORA: Não

ENTREVISTADO 6: E além disso pra finalizar também acompanho é faço parte da comissão de mobilização acompanho as agentes de desenvolvimento local né as ADLs

ENTREVISTADORA: Então acompanhamento

ENTREVISTADO 6: Isso e ai há apoio e participação em todas as etapas da de criação do banco comunitário

ENTREVISTADORA: Bastante né

ENTREVISTADO 6: Pra vinte horas

ENTREVISTADORA: Você ta contemplando muito do que ta aqui

(risos)

ENTREVISTADORA: Tornar acessíveis as informações então você tá vendo são coisas mais assim né o que se espera de um coordenador né tornar acessíveis a informação e ai não tem como falar que isto é uma atividade mas que ta dentro dessas outras né por que desde que você participa da reunião de oficina você vai ta tornando acessível as informações né

ENTREVISTADO 6: Huhu

ENTREVISTADORA: É você não trabalha com a parte de recursos

ENTREVISTADO 6: Não

ENTREVISTADORA: Não é então é pra essas atividades quais recursos você utiliza por exemplo data show

ENTREVISTADO 6: Ta

ENTREVISTADORA: Computador

ENTREVISTADO 6: Geral ou você quer que especifique pra cada atividade quais recursos

ENTREVISTADORA: É mais ou menos por que vai que você vai me dizer por exemplo oficina como que você trabalha com isso

ENTREVISTADO 6: Então dentro da articulação eu utilizo carro primeira coisa a gente mexe com o carro (risos) há computador o caderninho que na verdade caneta e caneta há data show não necessariamente o daqui mas nós usamos da ultima vez há nós usamos é alguns materiais mais lúdicos sempre tem alguma atividade que a gente usa lápis de cor e uma cartolina alguma coisa assim não é sempre igual mas sempre da alguma atividade mais

ENTREVISTADORA: As cartelas por que relatórios estudo sobre temas organização de seminários então quando você trabalha com isso tem mais alguma coisa na hora que você ta oferecendo

ENTREVISTADO 6: Hum

ENTREVISTADORA: Esses estudos organização de seminários

ENTREVISTADO 6: Não é isso ate o que a gente ta a bom pros seminários pro seminário tem toda a logística do seminário né e que ai você tem a contratação de

ENTREVISTADORA: É você usa vídeo

ENTREVISTADO 6: Da parte de alimentação

ENTREVISTADORA: Vídeo foto

ENTREVISTADO 6: Sim vídeo dessa vez a gente vai fazer apresentação de vídeo há fotografia há fotografos não sei se é isso sim câmera fotográfica

ENTREVISTADORA: Você usa recurso da fotografia pra sua atividade

ENTREVISTADO 6: Só como forma de registro

ENTREVISTADORA: Deixa eu ver o que mais as cartelas você faz planilha

ENTREVISTADO 6: Não

ENTREVISTADORA: Não

ENTREVISTADO 6: Cartela e cartolina

ENTREVISTADORA: Ta

ENTREVISTADO 6: Planilha computador também

ENTREVISTADORA: Ta mas você usa as planilhas

ENTREVISTADO 6: Sim

ENTREVISTADORA: Vocês fazem muitas planilhas

ENTREVISTADO 6: Muitas inúmeras

ENTREVISTADORA: É a planilha é um recurso ta

ENTREVISTADO 6: Há pensar dentro da articulação

ENTREVISTADORA: Se vocês organizam não aqui se vocês participam fazem estudos então vocês utilizam os livros né

ENTREVISTADO 6: Isso é normalmente é passado virtualmente

ENTREVISTADORA: Ah ta

ENTREVISTADO 6: Então a gente recebe não necessariamente nós imprimimos é

ENTREVISTADORA: Ah internet e-mail não é um livro uma apostila

ENTREVISTADO 6: Não os estudos são independentes são textos coleta de textos diversos
ENTREVISTADORA: Ta acho que é isso né
ENTREVISTADO 6: Ah e da equipe de formação computador só que já ta contemplado
ENTREVISTADORA: Que também ta
ENTREVISTADO 6: E pras ADLs há
ENTREVISTADORA: As reuniões também né data show uma reunião que participei aqui na incubadora é isso né que ta usando na incubadora
ENTREVISTADO 6: Pras ADLs a única coisa que tem de diferente é que a gente faz não sei como descrever isso por que não é recurso então a gente faz por exemplo ta a gente ta na parte de divulgação do banco então tem reunião com o padre tem ir na quermesse pra fazer divulgação através de panfleto
ENTREVISTADORA: Panfleto é um recurso folder pode colocar folder
ENTREVISTADO 6: CD que mais CD-ROM né é folder é folder e panfleto acho que
ENTREVISTADORA: Hãhã cartaz
ENTREVISTADO 6: Cartaz há a gente usou também uma barraca na quermesse
ENTREVISTADORA: Pra divulgação do banco comunitário
ENTREVISTADO 6: Isso e a gente precisou fazer também uns bloquinhos pra vender de pizza né não sei se entra ai também (risos)
ENTREVISTADORA: É esse que o Membro INCOOP 4 ta vendendo né
ENTREVISTADO 6: Isso
ENTREVISTADORA: É mais isso não seria um recurso pra você ta mostrando as suas atividades
ENTREVISTADO 6: Não
ENTREVISTADORA: Né relacionadas as suas atividades é uma coisa a parte da sua atividade né ta colaborando ali é arrecadar fundos então isso também pra universidade quer dizer pra incubadora é o data show né que você participa da relatoria
ENTREVISTADO 6: Data show e computador
ENTREVISTADORA: Data show
ENTREVISTADO 6: Só né
ENTREVISTADORA: O pen drive
ENTREVISTADO 6: Ah o pen drive as vezes também por que as vezes o e-mail não funciona pra gente ai a gente usa pen drive
ENTREVISTADORA: Ta então é isso
ENTREVISTADO 6: Mesa e cadeira não
ENTREVISTADORA: Não não é um recurso pra atividade é agora em relação também as suas atividades quais pessoas estão envolvidas você já falou varias pessoas né
ENTREVISTADO 6: Você quer nomes
ENTREVISTADORA: Não por exemplo é a USP não é isso não faz parte das atividades né
ENTREVISTADO 6: Ah ta agora a gente vai falar
ENTREVISTADORA: De outras incubadoras né
ENTREVISTADO 6: São três da USP duas de Assis duas da UNICAMP duas da GV então é e mais duas da UFSCar que trabalham comigo dão um total de onze
ENTREVISTADORA: Contando
ENTREVISTADO 6: Contando as duas da UFSCar
ENTREVISTADORA: É USP Assis FGV
ENTREVISTADO 6: Isso e UNICAMP
ENTREVISTADORA: Duas também da UNICAMP
ENTREVISTADO 6: Duas da UNICAMP
ENTREVISTADORA: Isso é UFSCar com você três não
ENTREVISTADO 6: Comigo três por que a Entrevistado 6 é apoio né
ENTREVISTADORA: Nove dez onze doze treze quatorze quinze é duas de cada
ENTREVISTADO 6: Três da USP
ENTREVISTADORA: Duas de Assis duas FGV três da UFSCar e duas da UNICAMP
ENTREVISTADO 6: É
ENTREVISTADORA: Certo é então as pessoas que você trabalha são outras incubadoras né a equipe da INCOOP por causa das reuniões
ENTREVISTADO 6: Na equipe formação nós somos um total de quatro
ENTREVISTADORA: É que então fazem parte as pessoas da INCOOP né
ENTREVISTADO 6: São pessoas da INCOOP
ENTREVISTADORA: As ADLs as pessoas do bairro
ENTREVISTADO 6: Alem das pessoas da INCOOP mais quatro do bairro eram cinco uma saiu
ENTREVISTADORA: Então pessoas do bairro

ENTREVISTADO 6: São quatro

ENTREVISTADORA: Quatro pessoas então é com essas pessoas que você trabalha então como você não tem contato aqui com recursos essas coisas você não tem contato com o FAI com o pessoal da Federal aqui pra parte de compra

ENTREVISTADO 6: Graças a Deus eu tenho contato também com uma pessoa do estacionamento do carro que eu tenho (risos) só não tem nada de compras nada disso

ENTREVISTADORA: Em relação as suas atividades acabou na primeira pergunta é isso então agora a terceira em relação à divulgação do conhecimento o que você tem a dizer sobre as atividades desenvolvidas por você na incubadora geram quais produtos

ENTREVISTADO 6: Atualmente nenhum praticamente nenhum o relatório o relatório do projeto articulação a não se bem que não tem também a material didático da equipe de formação

ENTREVISTADORA: Então você participa por que o Entrevistado 1 né materiais didáticos é elaboração de planilhas vocês fazem planilha pra divulgar alguma coisa não participa de algum encontro acadêmico

ENTREVISTADO 6: Não eu não

ENTREVISTADORA: Não

ENTREVISTADO 6: Talvez outras pessoas eu

ENTREVISTADORA: A ta então seria relatório e material didático esse é o produto do que você divulga o que você ta fazendo é do seu conhecimento você ta gerando aqui com o seu fazer

ENTREVISTADO 6: Sim sim

ENTREVISTADORA: E onde e como você registra o relatório o material didático

ENTREVISTADO 6: Onde computador

ENTREVISTADORA: Qual

ENTREVISTADO 6: O meu pessoal

ENTREVISTADORA: Mas você não tem aqui nada registrado

ENTREVISTADO 6: Na incubadora

ENTREVISTADORA: Na incubadora

ENTREVISTADO 6: Não

ENTREVISTADORA: Então o computador pessoal e isso ta só em virtual não tem nada físico assim

ENTREVISTADO 6: Impresso

ENTREVISTADORA: Impresso relatório material didático

ENTREVISTADO 6: Não por enquanto nenhum dos dois tão em fase de confecção tanto o relatório quanto o material

ENTREVISTADORA: No caso de confecção

ENTREVISTADO 6: Estão em confecção

ENTREVISTADORA: Estão em confecção

ENTREVISTADO 6: Pra vir a ser impresso né então a gente ta ainda é o material didático é ele atrasou muito por conta da não resposta das pessoas de uma enquete que nós fizemos então ta bem inicial o relatório já ta encaminhado mas também é assim é um relatório que nós fazemos coletivamente

ENTREVISTADORA: Ai e como você assim relata a reunião então você faz a ata né então isso é um registro né de que você ta registrando

ENTREVISTADO 6: Mas é de conhecimento bom o relato ele é enviado por e-mail também não necessariamente eles ficam nos computadores da INCOOP

ENTREVISTADORA: Ta

ENTREVISTADO 6: Mas a pessoa todas tem suas cópias por e-mail

ENTREVISTADORA: É daí você acha que não seria uma divulgação de conhecimento não ta gerando conhecimento

ENTREVISTADO 6: Acho que ta gerando informação hã

ENTREVISTADORA: Ta vamos ver aqui que mais

ENTREVISTADO 6: Com as ADLs não tem uma eu particularmente não tenho feito nenhuma sistematização disso talvez devesse mas não to fazendo hum

ENTREVISTADORA: Então você falou que você tem um caderno né

ENTREVISTADO 6: Tenho tenho um caderno

ENTREVISTADORA: O caderno é um registro

ENTREVISTADO 6: Sim

ENTREVISTADORA: Os cadernos são chamadas que você ta divulgando ali que você

ENTREVISTADO 6: É eu não mostro pra ninguém mas sim

ENTREVISTADORA: Pra você

ENTREVISTADO 6: Sim por que meus estudos eu faço por ali também eu ainda sou um pouco a moda antiga mas tenho

ENTREVISTADORA: Mas todo mundo tem aqui viu um caderninho pessoal o Entrevistado 1 já ta no oitavo

(risos)

ENTREVISTADORA: Então é isso é ai que você registra né

ENTREVISTADO 6: Sim não mas ate os estudos eu registro no meu caderno por que eu não imprimo os textos que o pessoal manda acho desnecessário então eu faço a leitura salvo né mas os comentários vão no meu texto é uma coisa meio louca assim né por que fica longe do material mas tudo bem (risos) entendo

ENTREVISTADORA: É você conhece a produção individual e coletiva dos membros da incubadora

ENTREVISTADO 6: Ó acredito que só de algumas pessoas né acho difícil que a gente tenha a totalidade por que o pessoal aqui produz bem né

ENTREVISTADORA: E como você chegou a essa produção

ENTREVISTADO 6: O conhecimento da produção das pessoas

ENTREVISTADORA: É

ENTREVISTADO 6: Há conversando

ENTREVISTADORA: Conversa

ENTREVISTADO 6: Conversas as pessoas sugerem e há de pesquisa mesmo uma vez só que uma só te juro é verdade que eu abri o computador da INCOOP tal e fiquei pesquisando materiais pelo sistema aqui

ENTREVISTADORA: Ta então é no computador né e nada fisicamente ali que tem

ENTREVISTADO 6: Dos livros

ENTREVISTADORA: Livros

ENTREVISTADO 6: Não há vídeos têm vídeo lá mas não feito por gente da INCOOP é só do acervo

ENTREVISTADORA: Mas tem algumas coisas ali isso também nunca foi ali fisicamente buscar

ENTREVISTADO 6: Não

ENTREVISTADORA: E você chegou a essa produção por conversa então né conversando com as pessoas sugestão de alguém e no computador foi o que você disse com que frequências você utiliza esse conhecimento produzido pelos membros da INCOOP qual finalidade

ENTREVISTADO 6: Hum

ENTREVISTADORA: Não tem uma frequência

ENTREVISTADO 6: Não foi há os momentos em que eu eu peguei por necessidade o relatório FAPESP pra poder desenvolver coisas do articulação há e por necessidade também os relatórios que foram feitos antes do seminário de políticas publicas frente aos encontros preparatórios e os relatos que eu peguei só agora do material de divulgação de conhecimento texto artigo livros eu não tive necessidade por enquanto por que a gente vai ter a gente vai preparar um seminário de políticas publicas e desenvolvimento territorial em junho e ai pro estudo de todas as incubadoras certamente eu vou ter que revirar e buscar esse material

ENTREVISTADORA: Então com que frequência não tem frequência depende da necessidade né e a finalidade a necessidade pra embasar as suas atividades alguma coisa assim

ENTREVISTADO 6: Sim

ENTREVISTADORA: Só isso

ENTREVISTADO 6: Tem alguém que lê por lazer até agora

ENTREVISTADORA: Não

(risos)

ENTREVISTADO 6: Só por curiosidade

ENTREVISTADORA: Não, sempre é necessidade demanda é há dificuldade em buscar documentos impressos ou virtuais para as suas necessidades na incubadora

ENTREVISTADO 6: Sim

ENTREVISTADORA: Sim foi bem geral então há dificuldade né

ENTREVISTADO 6: Sim eu também sou responsável por isso por que eu também não coloco as coisa né ai ai as pessoas vão procurar e ai ela tem que descobrir lembrar que foi a Entrevistado 6 ai elas vão atrás de mim você Entrevistado 6 sei lá você fez você pode me ajudar

ENTREVISTADORA: O que que dificulta na sua opinião ou facilita esse acesso pra

ENTREVISTADO 6: Bom o que dificulta é o fato de nós não deixarmos é não termos o cuidado de deixar as copias nos lugares certinho no arquivo ali da INCOOP é não enfim o computador né

ENTREVISTADORA: É deixar disponível na incubadora

ENTREVISTADO 6: É deixar disponível eu acho que isso dificulta muito o que facilita é o fácil acesso as pessoas então a gente lembra quem foi e se eu não lembro a primeira pessoa que eu pergunto já lembra e ai já tem um contato direto o e-mail ajuda muito né por que o telefone mas o telefone muito menos é bem mais fácil por e-mail

ENTREVISTADORA: É então e-mail telefone e contato direto né

ENTREVISTADO 6: Isso

ENTREVISTADORA: Que facilita né contato direto por que vocês tão sempre aqui em contato na incubadora é onde ou a quem você recorre para obter informação que possa esclarecer dúvidas surgidas em relação ao seu fazer na incubadora

ENTREVISTADO 6: Então aonde aqui na incubadora e via e-mail quando necessário

ENTREVISTADORA: E a quem

ENTREVISTADO 6: Nomes de pessoas não

ENTREVISTADORA: É algumas pessoas disseram nome assim

ENTREVISTADO 6: Mas pra você pra sua sistematização é nomes

ENTREVISTADORA: Não você pode falar assim o coordenador mais antigo o professor o estagiário

ENTREVISTADO 6: Coordenadores antigos professores e colegas de função similar né assim

ENTREVISTADORA: E outros coordenadores

ENTREVISTADO 6: E outros coordenadores que trabalham comigo então por exemplo é não vou perguntar pro Entrevistado 5 coisas a respeito da articulação por que ele trabalha com madeiras né mas eu vou tentar tipo pro Coordenador 5 que já tá na articulação

ENTREVISTADORA: Tá é isso é um consenso mesmo então essa você precisou você entrou no lugar

ENTREVISTADO 6: Da Membro INCOOP 1

ENTREVISTADORA: Da Membro INCOOP 1 mas como tinha mais então tinha mais pessoas na articulação você não sentiu essa dificuldade por que o que acontece com os outros coordenadores então um sai que nem eu conversei não lembro qual dos coordenadores então um coordenador tinha saído

ENTREVISTADO 6: É o outro chegou perdido

ENTREVISTADORA: É e o outro chegou só que essa que saiu tinha deixado uma pastinha com tudo organizado

ENTREVISTADO 6: Ah então foi a Membro INCOOP 2 a Membro INCOOP 2 que deixa pastinha com tudo organizado

ENTREVISTADORA: É foi a Ex-Coordenador 1 que deixou pra Entrevistado 2

ENTREVISTADO 6: Isso

ENTREVISTADORA: A Ex-Coordenador 1 deixou pra Entrevistado 2 então assim é então essa é a dificuldade então pra você acho que não

ENTREVISTADO 6: Não no meu caso

ENTREVISTADORA: Teve uma continuidade teve pessoas

ENTREVISTADO 6: Ninguém deixou nada pra mim isso com certeza né e eu entrei pro projeto articulação mas havia uma equipe pra me ajudar eu fiquei um pouco perdida por que durante o primeiro mês a Pós doutorando e o Coordenador 5 se revezaram nas férias então só tinha um ou o outro que tinha mais o que fazer do que ficar mas eles me ajudaram bastante mas com relação as outras duas atividades que eu faço eu que é que fui buscar não entrei no lugar de ninguém também então eu fui buscar e aos poucos eu fui conhecendo entendendo as atribuições

ENTREVISTADORA: A então suas dúvidas é isso né então onde você recorre aqui na incubadora coordenador antigo quer falar mais um pouco sobre isso

ENTREVISTADO 6: Não hu

ENTREVISTADORA: Então agora a última você tem alguma sugestão sobre a organização do conhecimento produzido na INCOOP

ENTREVISTADO 6: Alguma sugestão sobre como fazer pra ele ser mais acessível

ENTREVISTADORA: É sobre a organização de como tá organizado o que deveria ser feito o que foi feito

ENTREVISTADO 6: Hum é difícil por que assim eu acho que o que deveria ser feito é feito existe mas não é realizado já existe um mecanismo de ter um servidor central que a gente não se utiliza né então é eu acho também que em alguns momentos o pessoal esquece de sistematizar ou esquece de salvar o que foi sistematizado então eu tive uma dificuldade justamente essa semana que eu precisava do projeto articulação não anda não tá andando por diversos motivos e aí pra eu fazer andar eu comecei a buscar a recuperar relatórios da incubadora e quando eu fui recuperar um encontro preparatório que tiveram com os empreendimentos então houve um roteiro respondido por todos os empreendimentos pro encontro preparatório pros empreendimentos foi feito em agosto eu participei desse processo mas não as pessoas que tavam lá no dia não recolheram esses roteiros com os empreendimentos então foi tudo absolutamente perdido né um tanto quanto frustrante depois do trabalho que a gente teve pra apresentar a coisa quem tava lá no dia não atentou pra recolher então acho que as vezes falta um pouco essa atenção né no que tá fazendo no cuidado do que tá fazendo por que eu às vezes sinto que misturasse cooperativismo colaboração com o descompromisso então assim a estamos todos aqui é tudo sempre harmonioso divertido sempre prazeroso não é verdade e aí a gente esquece do que deve do que é necessário ser feito

ENTREVISTADORA: É

ENTREVISTADO 6: Então acho que falta um pouco essa atenção mas com relação à disponibilização eu não vejo outra forma que não seja essa até por que muito é mandado por e-mail e muitas vezes também a gente manda por e-mail e as pessoas não conseguem encontrar dentro dos seus e-mails então e-mail também não é uma coisa a coisa mais prática

ENTREVISTADORA: É então o que foi falado assim uma coisa que ta organizando o conhecimento aqui na incubadora é o livro né você acha que

ENTREVISTADO 6: Huhu

ENTREVISTADORA: Você não ta participando

ENTREVISTADO 6: Eu não to participando do processo né por que esse processo iniciou antes de eu entrar

ENTREVISTADORA: Então mais isso

ENTREVISTADO 6: Talvez ajude mas olha talvez seja não sei por que pelo fato de eu ta aqui pouco tempo é eu passei pouco ainda por esse processo de precisar de documentos ou acessar coisas e não achar ate agora eu busquei também não tive la grandes produções que as pessoas tenham precisado assim então é talvez o livro ajude eu não sou muito de buscar em livros mas talvez uma compilação desses relatórios dessa sistematização disso impresso fique mais acessível

ENTREVISTADORA: Então ta faltando uma organização tanto virtual né em computador por que não é fácil de achar varias pessoas reclamaram que quando você vai procurar um relatório tem a versão um a versão dois você nunca sabe qual é a final tem varias versões né e também é em papel por que isso também

ENTREVISTADO 6: É por que essa coisa de relatório é ai eu sou um pouco mais dependente das pessoas por que eu não sento no computador e vou começar a buscar por que tem quatrocentos e noventa milhões de pastas então normalmente sabe-se quem são as pessoas que estão envolvidas né então eu já pergunto fulano onde eu acho o relatório final a ta não sei aonde não sei aonde e chama tal então normalmente as pessoas já sabem inclusive qual o nome então que já vou direto onde

ENTREVISTADORA: É então assim que bom por que como tem essa rotatividade dos coordenadores mas ficam alguns mais antigos por que se de repente fosse um projeto que mudaria tudo então seria um problema por que

ENTREVISTADO 6: É seria um grande problema

ENTREVISTADORA: Ai uma boa organização né que é o que falta aqui dentro é organizar mais fácil algo fácil a busca ser mais rápida nem sei se também teria que ser aqui dentro falam de ser aqui dentro por que daí você tem que vir ate aqui na incubadora você tem esse contato não só pras reuniões né

ENTREVISTADO 6: Huhu

ENTREVISTADORA: O contato com a equipe toda e então uns falam é bom que tenha um sei lá um dropbox eu não sei mas também é bom

ENTREVISTADO 6: Bom o vodox é essencial por que as pessoas utilizem ai as pessoas antigas aqui tem gente que nem excel pra fazer planilhas quer fazer no Word ai é de matar mesmo né (risos) dificulta bem o trabalho né

ENTREVISTADORA: Então teria que ter uma coisa mais sistematizada mais organizada sei lá alguém responsável por isso não sei né nessa parte de organização é que também é assim a pessoa responsável tem a meta quinze que a gente trabalha com a produção do conhecimento mas é complicado né por que todo mundo tem muito trabalho

ENTREVISTADO 6: É

ENTREVISTADORA: Pra fazer então cada um fazendo um pouquinho

ENTREVISTADO 6: Aqui é toque de caixa a todo vapor produção produção né então o tempo inteiro muita coisa assim produzida é muita coisa chegando de fato é difícil saber tudo que chega mesmo a não ser pelo o que as pessoas falam né

ENTREVISTADORA: Huhu

ENTREVISTADO 6: Ah fiz não sei o que agora coisas muito pessoais a gente não fica sabendo

ENTREVISTADORA: Então ai você tem alguma sugestão sobre a organização do conhecimento

ENTREVISTADO 6: Não não te dei nenhuma sugestão né

ENTREVISTADORA: Não é

ENTREVISTADO 6: É difícil eu não sei talvez eu consiga pensar em uma semana ai eu te respondo de novo não sei se ainda é valido pra você

ENTREVISTADORA: É valido se você quiser pensar em alguma coisa daí eu dou eu falo de novo gravo de novo essa ultima

ENTREVISTADO 6: Eu vou pensar se eu conseguir se eu tiver alguma ideia brilhante eu te digo

(risos)

ENTREVISTADORA: É bom por que é bom por que depois eu vou ta divulgando isso né a historia depois que eu defender né até o fim de fevereiro senão eu perco o prazo é depois eu vou levantar ta apresentando pra incubadora o meu trabalho

ENTREVISTADO 6: O resultado

ENTREVISTADORA: Então é assim tem coisa que vai ta na minha dissertação que você tem que ver o que essas coisas interferem na conversão do conhecimento é então as dificuldades posso fazer uma coisa a parte assim no final né

ENTREVISTADO 6: Como contribuição mesmo que você estudou

ENTREVISTADORA: Então também pra abrir os olhos né na incubadora a gente fala a gente ta acontecendo todo mundo viu quem sabe é uma coisa que é bom ser pensada né quer dizer repensada por que pensada isso é quer dizer mais alguma coisa pra

ENTREVISTADO 6: Assim gravada talvez não

ENTREVISTADORA: Então obrigada viu Entrevistado 6

ENTREVISTADO 6: Obrigada você espero ter ajudado

ENTREVISTADORA: Com certeza creio que assim comigo

ENTREVISTADO 7

ENTREVISTADORA: Boa tarde Entrevistado 7...

ENTREVISTADO 7: Boa tarde.

ENTREVISTADORA: É... nós estamos aqui no novo núcleo... novo prédio da incubadora... hoje é dia cinco de dezembro e agora é... (não sei que horas...)... agora é 14 e 14. Entrevistado 7... é.. eu faço pós graduação em ciência tecnologia e sociedade né.. a Professor 5 é minha orientadora... a minha pesquisa é conversão do conhecimento, estudo de caso incubadora de empreendimentos de economia solidária, aqui, a INCOOP, né... é, eu vou trabalhar com conversão do conhecimento, como.. em que momento, a partir das atividades dos coordenadores, existe.. é.. ocorre a conversão do conhecimento de tácito pra explícito e de explícito pra tácito... tácito das pessoas e explícito aquilo que você põe pra fora... então você pode, assinar aqui pra mim o termo? Uma cópia é sua tá...

ENTREVISTADO 7: Assino aqui né?!

ENTREVISTADORA: É... obrigada. Bom, então.. ah.. o material, sobre as atividades dos coordenadores, eu busquei aí nos arquivos da INCOOP.. então tudo isso é o que eu achei como atividade, apesar que isso tá sendo trabalhado né, essa parte de.. de atividade... então é o que eu consegui buscar, não significa que o coordenador faça tudo isso.. isso é o que o coordenador faz não individualmente, é o que, cada coordenador tem uma atividade diferente né... então é isso, tá?! Então é em cima dessas atividades é que eu vou tá te fazendo as perguntas...

ENTREVISTADO 7: Tá...

ENTREVISTADORA: Das suas atividades, não significa que são essa que estão aqui registradas tá...

ENTREVISTADO 7: Tudo bem...

ENTREVISTADORA: Qual a sua idade?

ENTREVISTADO 7: É... deixa eu ver... 43... não, dois... 42...

ENTREVISTADORA: (risos) 42, sexo masculino... há quanto tempo você está na INCOOP?

ENTREVISTADO 7: Desde 99...

ENTREVISTADORA: Bastante né?!

ENTREVISTADO 7: É... dá quanto?

ENTREVISTADORA: 12 anos...

ENTREVISTADO 7: 12 anos...

ENTREVISTADORA: Desde quando começou a incubadora...

ENTREVISTADO 7: Isso... é, na verdade ela começou em 98.. e.. eu entrei em 99.

ENTREVISTADORA: Então, mas você sabe que, você tá falando nisso, mas é.. todo lugar que você encontra fala que começou em 99... as atividades iniciaram em 99...

ENTREVISTADO 7: Isso, isso.. é...

ENTREVISTADORA: Mas foi formado o projeto em 98... Isso, foi formado

ENTREVISTADO 7: Isso, foi feito o projeto por alguns professores em 98, aí isso foi acolhido pelo pró-reitor e aí em dezembro de 98 foi feito uma seleção... aí eu participei desse processo seletivo e fui escolhido.

ENTREVISTADORA: É.. você trabalhou com economia solidária em outro local?

ENTREVISTADO 7: Não...

ENTREVISTADORA: Então, agora.. ah.. a respeito das suas atividades... quais suas atividades na INCOOP?

ENTREVISTADO 7: É... participar de reuniões, né?! Dar assessoria para os grupos, da cadeia da limpeza... é.. fazer orientação de... de orçamentos, de composição de preço... fazer controle financeiro de projetos, daqueles que eu sou coordenador... moderar reuniões, gerais... e fazer articulação com parceiros que são necessários para o desenvolvimento do grupo... da cadeia... são as que eu lembro assim de imediato.

ENTREVISTADORA: Você é a pessoa por enquanto assim mais bem definida... alguns né... deixa eu ver... bom... é... então você controla financeiro.. você faz de tudo um pouco tb né?!

ENTREVISTADO 7: É...

ENTREVISTADORA: Tá.. então, é.. pra você fazer essas atividades, que recursos você utiliza? Data show, internet, planilha...

ENTREVISTADO 7: Eu uso internet e planilhas...

ENTREVISTADORA: É, então... recursos... então, mas quando você modera reunião.. que recurso você utiliza?

ENTREVISTADO 7: É, mas é uma coisa mais específica da.. da reunião, não necessariamente.. porque se a gente falar de.. cada reunião é de um tipo né?! A reunião geral usa data show, mas tem reuniões que não usa...

ENTREVISTADORA: Então é computador e data show.. eu preciso saber também, por exemplo, da reunião que você tem lá com o grupo de limpeza...

ENTREVISTADO 7: Não, não tem data show...

ENTREVISTADORA: O que que vocês utilizam pra

ENTREVISTADO 7: A gente, às vezes utiliza uma planilha pra fazer o relato né... ou às vezes faz direto no computador...

ENTREVISTADORA: Tá... é, pra assessoria, você usa algum recurso?

ENTREVISTADO 7: É, internet basicamente né...

ENTREVISTADORA: Assim, orientação de orçamento também, seria planilha, internet...

ENTREVISTADO 7: É... seria planilha...

ENTREVISTADORA: Você usa também telefone...?

ENTREVISTADO 7: Telefone...

ENTREVISTADORA: Né, porque assim...

ENTREVISTADO 7: Telefone usa bastante...

ENTREVISTADORA: Ah.. ofício... bom, isso não sei se é um recurso... acho que não né?!

ENTREVISTADO 7: Não...

ENTREVISTADORA: Pra controle financeiro, também não

ENTREVISTADO 7: Também..

ENTREVISTADORA: E moderar reuniões, você utiliza né, data show essas, coisas...

ENTREVISTADO 7: É...

ENTREVISTADORA: E articulação com parceiros?

ENTREVISTADO 7: Telefone...

ENTREVISTADORA: Telefone, e-mail né?!

ENTREVISTADO 7: É...

ENTREVISTADORA: Acho que é isso... E, ah.. quais pessoas estão envolvidas nas suas atividades?

ENTREVISTADO 7: A Professor 2...

ENTREVISTADORA: Então é docente né, da incubadora... as pessoas do bairro né, que você assessora...

ENTREVISTADO 7: As pessoas do bairro... e bolsistas...

ENTREVISTADORA: bolsistas, os membros da incubadora porque você modera a reunião, então tem os membros né... parte de controle financeiro, você conversa muito com os órgãos das universidades né... da, alguns órgãos aqui da federal...

ENTREVISTADO 7: Isso.. é...

ENTREVISTADORA: Que o que, deve ser FAI...

ENTREVISTADO 7: Isso, e às vezes o pessoal lá de Brasília mesmo...

ENTREVISTADORA: Brasília... lá do?

ENTREVISTADO 7: No último que eu tava, eu tava conversando com o MDS

ENTREVISTADORA: MDS... então aqui é FAI, mas você tb conversa com o pessoal da reitoria né, da parte de compras, PJ né?

ENTREVISTADO 7: Também, às vezes só...

ENTREVISTADORA: (risos) Articulação com parceiros, então é o pessoal do bairro.. quando você articula é o pessoal do bairro com os membros da incubadora essa articulação, as pessoas são...

ENTREVISTADO 7: É... pra articular parceiros ah, eu uso o carro da incubadora..

ENTREVISTADORA: Ah, então, o carro também é um recurso... tá.. moderar reuniões... então são essas pessoas que estão envolvidas nas suas atividades?

ENTREVISTADO 7: Isso... é...

ENTREVISTADORA: Em relação à divulgação do conhecimento, o que você tem a dizer sobre as atividades desenvolvidas por você na incubadora, geram quais produtos?

ENTREVISTADO 7: Então, em termos científicos geram artigos, principalmente base de, para artigos que a Professor 2 muitas vezes escreve.. né.. então gera base pra formulação de arti.. artigos, isso na parte científica... já gerou também monografias né, de pessoas que.. ah.. entrevistavam, ou que acompanhavam as reuniões, já gerou defesa de doutorado... né... que foi, a primeira intervenção foi com a Pesquisador, que a...

ENTREVISTADORA: É, eu li... Pesquisador (risos)...

ENTREVISTADO 7: Isso...

ENTREVISTADORA: Eu li a dissertação dela...

ENTREVISTADO 7: É...

ENTREVISTADORA: Você participa de seminário?!

ENTREVISTADO 7: Seminário, você fala interno aqui? Seminário...

ENTREVISTADORA: É, não, é... você com, você, é, você é, faz a base pros artigos, mas você participa dos seminários?

ENTREVISTADO 7: Não, mais a Ana que vai... né, é... outros conhecimentos, então a gente desenvolve planilhas, adequadas né, a cada empreendimento.. a gente desenvolve tecnologia que a gente chama de social, embora o termo não esteja bem impre.. empregado né... no sentido de melhorar tanto a organização, quanto as relações ali dentro... né.. além da produção.. então melhora... não sei se tem que descrever isso?!

ENTREVISTADORA: É não.. é, é... assim, em relação à divulgação geram quais produtos?! Tecnologia, a tecnologia social né...

ENTREVISTADO 7: É...

ENTREVISTADORA: É, quando você... bom, você também faz relatório, não faz?

ENTREVISTADO 7: Eu faço parte de relatório...

ENTREVISTADORA: Então, relatório também é uma de suas atividades... projeto também?

ENTREVISTADO 7: Projeto também...

ENTREVISTADORA: Então, projeto, relatório... vamos ver o que mais... ah, então acho que é isso então, esse que é os produtos que geram suas atividades?

ENTREVISTADO 7: Isso...

ENTREVISTADORA: Onde e como você registra... os seus documentos? Esses produtos...

ENTREVISTADO 7: Então... os artigos, é a Ana que mais registra... né...

ENTREVISTADORA: É, então... é... isso é virtual... é.. assim... o que você faz você passa pra ela, como que é?

ENTREVISTADO 7: Não, o que eu faço a gente coloca numa pasta comum... então nós temos uma pasta que a gente chama de cadeia da limpeza...

ENTREVISTADORA: Da... virtual, ali no computador?!

ENTREVISTADO 7: No computador... isso... lá então tem sobre os três empreendimentos, aqueles que... aquilo que a gente desenvolve; então uma planilha a gente coloca ali.. é.. uma organização do trabalho a gente coloca ali... uma... uma.. um relato de reunião...

ENTREVISTADORA: Tá... é... não tem nada... em papel... só tá virtual?! Tudo o que você tem, todos os produ...

ENTREVISTADO 7: Tudo o que eu tenho, eu tenho salvo virtual...

ENTREVISTADORA: Mas não fica só com você?!

ENTREVISTADO 7: Não...

ENTREVISTADORA: Ah, que bom... você é um dos únicos viu Entrevistado 7... (risos)... a maioria só tem o seu registro (risos)... você tem também algum caderno que você faz anotação...?

ENTREVISTADO 7: Não..

ENTREVISTADORA: Todo mundo tem caderno que faz anotação...

ENTREVISTADO 7: Não, não tenho...

ENTREVISTADORA: Não?! Tá, então tudo fica no computador?!

ENTREVISTADO 7: Tudo fica no computador... eu tenho meu pen drive, aí quando meu pen drive tá com um certo volume eu já passo pra essa pasta...

ENTREVISTADORA: Tá, então você descarrega nessa pasta aí...

ENTREVISTADO 7: É...

ENTREVISTADORA: Você conhece a produção individual e coletiva dos membros da incubadora?

ENTREVISTADO 7: Não.

ENTREVISTADORA: Não?!

ENTREVISTADO 7: Não.

ENTREVISTADORA: Então.. você nunca sentiu necessidade de precisar de...

ENTREVISTADO 7: Eu gostaria muito, muito, muito de estudar, de me dedicar a estudo, de fazer por exemplo doutorado em cima de algumas coisas dentro da incubadora, mas não dá tempo...

ENTREVISTADORA: Então tudo.. tu.. pro seu.. pras suas atividades, né, você nunca precisou buscar a produção de ninguém, buscar algum... alguma coisa que você tem alguma dúvida no seu fazer né...

ENTREVISTADO 7: Eu...

ENTREVISTADORA: que você buscou uma produção né...

ENTREVISTADO 7: Já tive, já tive...

ENTREVISTADORA: É, então... então, assim, por necessidade você conhece... porque aí você vai atrás, não é isso?!

ENTREVISTADO 7: Então, mas é que assim... todas as coisas que eu precisei, eu não peguei por exemplo nenhum arqui.. artigo né, de membros da incubadora...

ENTREVISTADORA: Tá...

ENTREVISTADO 7: Foram coisas específicas de tanto de metodologia né, quanto de conceitos mesmo, de engenharia de produção, engenharia química... coisa desse tipo...

ENTREVISTADORA: Tá, mas por necessidade você já precisou de alguma coisa.. ou não?!

ENTREVISTADO 7: Já... já...

ENTREVISTADORA: Já né?!... só por necessidade né... daí você buscou.. como você chegou à ela?!

ENTREVISTADO 7: Então, por exemplo, eu aplen.. eu aprendi fazer planilhas de custo, com pessoas da engenharia da produção... eu aprendi a fazer descrição de atividade, com pessoas da psicologia... eu aprendi a fazer método de incubação, com pessoas da psicologia... eu aprendi a fazer proce.. processos químicos.. aí eu aprendi comigo mesmo, na.. na enge.. na química...

ENTREVISTADORA: Tá, então é sempre por meio de alguma pessoa, né?!

ENTREVISTADO 7: É...

ENTREVISTADORA: Nunca é, você vai, e fica buscando ali no computador...

ENTREVISTADO 7: Também, também, também, também...

ENTREVISTADORA: Então através de pessoas e também de arquivos que tem na incubadora... arquivo virtual ou...

ENTREVISTADO 7: Não não, aí é arquivo de internet... pra você ter uma ideia, eu é que fiz o, os.. que trouxe pra incubadora os esta.. modelo de estatuto de cooperativa, procedimento pra legalização.. isso não existia...

ENTREVISTADORA: Então isso não tinha pronto, foi você que fez...

ENTREVISTADO 7: Foi, fui eu que fiz...

ENTREVISTADORA: Então é um conhecimento, tá vendo, é.. então isso também é um.. um conhecimento...

ENTREVISTADO 7: Então, é que isso foi... atrás... hoje eu não faço mais, porque já chegamos num patamar que a gente contrata um.. um.. contador pra fazer, né...

ENTREVISTADORA: Tá, então como...

ENTREVISTADO 7: Isso eu já fiz... já fiz licitação... hoje a gente.. eu não to fazendo mais licitação...

ENTREVISTADORA: Com que frequência você consulta.. é.. utiliza o conhecimento produzido pelos membros da INCOOP e para qual finalidade?

ENTREVISTADO 7: É... em algumas coisas, por exemplo, da metodologia de incubação é sempre, toda semana... toda semana a gente conversa como é que tá os grupos, que características que a gente tem que atacar... quanto à questão da organização, do.. dos documentos e tudo, a gente faz planilhas da cadeia mesmo.. então tem modelos que a Professor 2 desenvolveu, que eu desenvolvi.. não tem assim um autor específico, já teve modelos que a Ex-Coordenador 5 desenvolveu...

ENTREVISTADORA: Então você utilize frequentemente?!

ENTREVISTADO 7: Frequentemente...

ENTREVISTADORA: E a finalidade é para as suas atividades da incubadora?!

ENTREVISTADO 7: É para o assessoramento dos grupos...

ENTREVISTADORA: Então também é a partir de uma necessidade, de demanda, não?! Você sente...

ENTREVISTADO 7: É, demanda do grupo... demanda do grupo mesmo...

ENTREVISTADORA: Então vamos ver... você consulta e utiliza.. então você consulta e utiliza frequentemente né, com a finalidade de assessorar os grupos né, de acordo com a demanda e a necessidade...

ENTREVISTADO 7: É...

ENTREVISTADORA: Há dificuldade em buscar documentos impressos ou virtuais para realizar suas atividades na incubadora?

ENTREVISTADO 7: Então, como nós or.. fizemos essa organização da cadeia da limpeza, não tem problema... dentro da cadeia da limpeza...

ENTREVISTADORA: (interposto) Então não há dificuldade dentro da cadeia...

ENTREVISTADO 7: Isso...

ENTREVISTADORA: E fora?

ENTREVISTADO 7: Então, fora, assim, é pouca necessidade que eu sinto...

ENTREVISTADORA: (interposto) Então você não lembra de ter...

ENTREVISTADO 7: Então eu não sei...

ENTREVISTADORA: Que bom... em sua opini.. é... ah, então, em sua opinião o que dificulta ou que facilita esse acesso que você tem aos documentos?

ENTREVISTADO 7: Então, o que facilita é a gente ter a disciplina de colocar nas pastas ali...

ENTREVISTADORA: De registrar né?!

ENTREVISTADO 7: De registrar ali na pasta... a gente coloca... não que esteja organizadíssimo né, mas já, você encontra as coisas né...

ENTREVISTADORA: Ah, então, que bom né... então é um jeito fácil você tá.. tá encontrando o que você precisa rapidamente né?!

ENTREVISTADO 7: É...

ENTREVISTADORA: Que bom...

ENTREVISTADO 7: E a gente se reúne toda semana né, então toda semana se por acaso precisa de alguma coisa, então na, na.. a gente já pede né, manda um e-mail e já recebe...

ENTREVISTADORA: Tá, daí você pede para quem?

ENTREVISTADO 7: Pra Professor 2 né, principalmente...

ENTREVISTADORA: Ah, entendi... então o que dificulta, facilita... então também as pessoas são acessíveis né?!

ENTREVISTADO 7: As pessoas são acessíveis...

ENTREVISTADORA: Então a Professor 2 no caso... uh tá rápido (risos)...

ENTREVISTADO 7: É...

ENTREVISTADORA: Onde ou a quem você recorre para obter informação que possa esclarecer dúvidas surgidas em relação ao seu fazer na incubadora... onde ou a quem? Quando você tem alguma dúvida...

ENTREVISTADO 7: Ahh... a.. a pessoa é a Professor 2, que a gente conversa toda semana...

ENTREVISTADORA: A docente né, da incubadora...

ENTREVISTADO 7: É... então, especificamente é a Professor 2 né... que é com quem que eu.. trabalho e tudo mais... ahh, lugar, é.. nos computadores da incubadora, eu pego algumas coisas.. né.. e, pela internet...

ENTREVISTADORA: Então nos computadores da INCOOP e internet...

ENTREVISTADO 7: É... Ou senão às vezes eu procuro pessoas de fora da incubadora, que aí eu não sei se pode colocar...

ENTREVISTADORA: Ahã... sim...

ENTREVISTADO 7: Pessoas de fora da incubadora...

ENTREVISTADORA: É, se você tem dúvida você não recorre só aqui, então você busca informação fora também...

ENTREVISTADO 7: É, que nem, por exemplo, só pra você ter uma ideia, agora nós estamos fazendo uma.. um estudo da secagem do sabão, então nós vamos procurar uma professora da engenharia química que trabalha com secagem de sementes...

ENTREVISTADORA: Hum que legal então

ENTREVISTADO 7: Ela chama

ENTREVISTADORA: Você busca ela e conversa

ENTREVISTADO 7: Isso

ENTREVISTADORA: você não vai ver artigo...

ENTREVISTADO 7: Não...

ENTREVISTADORA: Os trabalhos...

ENTREVISTADO 7: Não...

ENTREVISTADORA: É...

ENTREVISTADO 7: Porque eu já tenho uma.. uma indicação, de um outro professor, que foi um parceiro nosso, o professor Professor 3, e aí ele indicou essa professora Professor 4, que é com quem a gente vai conversar...

ENTREVISTADORA: Tá... tá ótimo... é... você tem alguma sugestão sobre a organização do conhecimento produzido na INCOOP?

ENTREVISTADO 7: Ah, eu acho que do jeito que a incubadora tá fazendo, já tá organizado.. o que tá faltando é as pessoas colocarem na pasta adequada, né... mas se você abrir lá, tem as pastas, tem tudo...

ENTREVISTADORA: Tá... é... e uma coisa também, né.. então isso seria, você acha que só organizando ali taria...

ENTREVISTADO 7: Não, eu acho que só o que tá faltando é as pessoas alimentarem a organização já existente... já existe uma organização, mas o que que acontece, as pessoas salvam, antigamente salvava no desktop, agora não, tá começando, né, salvar dentro da pasta.. você vê o ofício por exemplo, o ofício tá numa organização excelente... as pessoas vão, entram lá na pasta do ofício, tem lá controle de ofício, então você escreve lá no controle de ofício, e já pega um número e faz...

ENTREVISTADORA: Tá, então em cada.. cada meta tem sua pasta né... cada equipe tem sua pasta ali que deveria tá alimentando com tudo...

Isso.. é...

ENTREVISTADORA: É, e uma coisa que o Entrevistado 1 falou, que ele acha que é legal a organização aqui da incubadora é o livro, que tá sendo elaborado... você tem alguma coisa pra falar?

ENTREVISTADO 7: O livro... como organização?!

ENTREVISTADORA: É.. é... tem alguma sugestão sobre a organização do conhecimento?

ENTREVISTADO 7: Ah, do conhecimento... sim... é, o livro é interessante... é, que...

ENTREVISTADORA: Você também vai tá escrevendo nele né?!

ENTREVISTADO 7: Vou... teoricamente...

ENTREVISTADORA: O Coordenador 1 né... e que mais, você tem alguma outra sugestão pra organização do conhecimento produzido na INCOOP?

ENTREVISTADO 7: Os arquivos.. os artigos científicos...

ENTREVISTADORA: Pra que deixem aqui né, é isso né?!

ENTREVISTADO 7: É, pra deixar mais acessível... mas também é uma maneira de organizar o conhecimento, né...

ENTREVISTADORA: Tem mais alguma?

ENTREVISTADO 7: Eu acho que num.. num lembro assim...
 ENTREVISTADORA: Nossa Entrevistado 7, foi rápido... tem mais alguma coisa, que você gostaria de registrar...? Você achou que foi...
 ENTREVISTADO 7: Eu achei que foi legal...
 ENTREVISTADORA: (risos) foi rapidinho...
 ENTREVISTADO 7: É, rápido (risos)...
 ENTREVISTADORA: Os outros demoraram quarenta minutos, você demorou vinte e dois... (risos)... você foi bem objetivo...
 ENTREVISTADO 7: Mais objetivo
 ENTREVISTADORA: Não quer dar mais nenhuma sugestão, falar alguma coisa sobre as perguntas que eu te fiz, que você lembrou agora...?
 ENTREVISTADO 7: Então, acho que é mais isso mesmo né, assim, de busca de conhecimento é essa... busca de outras pessoas de fora da incubadora, que a gente faz direto isso... todo momento...
 ENTREVISTADORA: É, pra ver como as pessoas, as pessoas já passaram por isso né.. às vezes aí né.. então vai tá te.. te... é um jeito mais curto de você tá chegando a esse conhecimento...
 ENTREVISTADO 7: É, o..a..a..a .. o potencial da universidade né... a gente explora esse potencial...
 ENTREVISTADORA: Muito bem, obrigada (risos)...
 ENTREVISTADO 7: De nada (risos)...
 ENTREVISTADORA: (risos) Foi rapidinha...

ENTREVISTADO 8

ENTREVISTADORA: Então boa tarde
 ENTREVISTADO 8: Boa tarde
 ENTREVISTADORA: Nós estamos no núcleo o novo local da INCOP
 ENTREVISTADO 8: Huhu
 ENTREVISTADORA: Agora é 14h41
 ENTREVISTADO 8: Isso
 ENTREVISTADORA: E eu vou conversar com o Entrevistado 8
 ENTREVISTADORA: Estamos dez minutos atrasados me desculpe foi minha culpa
 ENTREVISTADORA: Hoje é dia sete de dezembro não fica tranquilo bom é Entrevistado 8 então meu projeto de pesquisa eu vou trabalhar conversão do conhecimento estudo de caso numa incubadora que no caso é a INCOP
 ENTREVISTADO 8: Huhu
 ENTREVISTADORA: E pra eu fazer essa conversão que momento que o conhecimento é tácito e que momento ele é explícito
 ENTREVISTADO 8: Hum
 ENTREVISTADORA: Eu vou ta avaliando em cima das atividades dos coordenadores né
 ENTREVISTADO 8: Ta bom
 ENTREVISTADORA: Então o que eu busquei então obrigada né por estar participando
 ENTREVISTADO 8: Imagina
 ENTREVISTADORA: Então o que eu busquei nos arquivos da incubadora
 ENTREVISTADO 8: Hum
 ENTREVISTADORA: Eu fiz uma busca e eu encontrei tudo isso de atividade
 ENTREVISTADO 8: Huhu
 ENTREVISTADORA: Isso não significa que o coordenador faça todas essas atividades
 ENTREVISTADO 8: Ta
 ENTREVISTADORA: É que tem funções diferentes tem gente que assessora tem gente que não assessora né
 ENTREVISTADO 8: Huhu
 ENTREVISTADORA: O Entrevistado 1 que trabalha com projetos então isso é o que eu busquei
 ENTREVISTADO 8: Huhu
 ENTREVISTADORA: Então isso é todas as atividades que eu tenho dos coordenadores ta
 ENTREVISTADO 8: Huhu
 ENTREVISTADORA: É então a gente vai ta trabalhando em cima disso
 ENTREVISTADO 8: Ta
 ENTREVISTADORA: Qual a sua idade Entrevistado 8
 ENTREVISTADO 8: Eu tenho vinte e nove
 ENTREVISTADORA: Vinte e nove sexo masculino há quanto tempo você ta na INCOP
 ENTREVISTADO 8: Desde 2008 agosto de 2008 vai fazer agora
 ENTREVISTADORA: oito nove três anos
 ENTREVISTADO 8: Nossa três anos

ENTREVISTADORA: Você já trabalhou com economia solidaria em outro local
ENTREVISTADO 8: Já
ENTREVISTADORA: Já
ENTREVISTADO 8: Eu trabalhava antes na no DAES
ENTREVISTADORA: Ah é você trabalhou no DAES
ENTREVISTADO 8: É eu fiz estágio lá quando eu tava na graduação mas ai ainda não era economia solidaria e depois da graduação eu 2006 eu comei a trabalhar com os catadores
ENTREVISTADORA: Ta é então 2006
ENTREVISTADO 8: Desde 2006 eu trabalho com economia solidaria quer dizer eu fiz é eu trabalhava na universidade em 2006 mas eu fiz ACIEPE aqui na incubação então o contato
ENTREVISTADORA: É mas você não chegou a trabalhar
ENTREVISTADO 8: Trabalhar não trabalhar desde 2006
ENTREVISTADORA: Quais as suas atividades aqui na incubadora
ENTREVISTADO 8: Nossa vamo lá eu faço parte da equipe resíduos né que trabalha mais diretamente com a COPERVIDA mas do meio do ano pra cá eu com a saída da Ex-Coordenador 4 a gente fez uma realocação ali da equipe e quem ta mais diretamente com a COPERVIDA é a Coordenador 4 mas eu to na retaguarda também então eu tenho essa função na COPERVIDA que eu trabalhava com os elementos da cooperativa ainda junto com a Coordenador 4 e mais precisamente eu trabalho no projeto FINEP resíduos com duas funções uma de coordenador local no FINEP resíduos que é um projeto que envolve outros ITCPS né e o objetivo um dos objetivos do projeto é garantir o fluxo de informação entre as ITCPS a gente é colocou que cada ITCP teria um coordenador local que seria responsável por gerir as informações locais e transmitir pras outras ITCPS
ENTREVISTADORA: Então você é daqui da INCOP coordenador local
ENTREVISTADO 8: Eu faço essa coordenação local da INCOP então nisso eu atuo junto com os coordenadores aqui a gente faz reuniões eu pego as informações sistematizo relatórios e tudo
ENTREVISTADORA: E ai continua fazendo essas suas atividades
ENTREVISTADO 8: Ah exatamente detalhado então e a outra função é seria coordenador local do FINEP resíduos e a coordenadoria geral
ENTREVISTADORA: Do projeto
ENTREVISTADO 8: Do projeto como um todo por que esse projeto ele ainda tem articulação com o CNPQ a secretaria de desenvolvimento do Estado de São Paulo e o TESP então essas ITCPS tem que dialogar com essas três
ENTREVISTADORA: Tem né
ENTREVISTADO 8: Em teste tem o instituto da terra do Estado de São Paulo e então a o que a gente faz parte do FINEP resíduos é um sub projeto então esse sub projeto das ITCPS tem que dialogar com esses três elementos então a gente tirou uma pessoa que representasse as ITCPS com o no dialogo com esses três elementos e que fizesse uma coordenação geral em relação aos outros coordenadores locais das outras ITCPS e fui eu o agraciado (risos) nessa função
ENTREVISTADORA: Então então dentro da equipe resíduos quais as suas atividades
ENTREVISTADO 8: Nossa posso abrir num
ENTREVISTADORA: Pode fica a vontade
ENTREVISTADO 8: Minha lista (risos)
ENTREVISTADORA: É mais (??- incompreensão)
ENTREVISTADO 8: Ah dentro daqui
ENTREVISTADORA: Dentro daqui não por que as vezes têm coisa que você faz e que não consta aqui
ENTREVISTADO 8: Ai sim
ENTREVISTADORA: Participar de reuniões participar influenciar a divulgação então o que você faz que ta contemplado
ENTREVISTADO 8: A ta
ENTREVISTADORA: Ou o que ta aqui você não faz
ENTREVISTADO 8: A ta bom então vamos la
ENTREVISTADORA: Tornar acessível as informações
ENTREVISTADO 8: Isso eu faço tornar acessível as informações ah providenciar infraestrutura informação e materiais para a realização de eventos e reuniões sim participo de reuniões influenciar a divulgação
ENTREVISTADORA: Convocação
ENTREVISTADO 8: Convocação de reuniões e eventos também propor formas de organização de materiais diversos formas de
ENTREVISTADORA: Organização
ENTREVISTADO 8: Organização como assim de materiais diversos
ENTREVISTADORA: É é então isso eu vou te falar o que eu ouvi dos outros coordenadores

ENTREVISTADO 8: Hãhã
ENTREVISTADORA: É que eles não foram seguindo eles foram falando mas pelo que eu ouvi
ENTREVISTADO 8: Ah você foi classificando
ENTREVISTADORA: É então daí eu fui muitas das coisas que estão aqui
ENTREVISTADO 8: Huhu
ENTREVISTADORA: Eles não fazem por que gerenciar Home Page eles não fazem
ENTREVISTADO 8: É eu também não
ENTREVISTADORA: Então eles não ficaram assim embasando só nisso aqui
ENTREVISTADO 8: A ta então eu vou fazer isso aqui pra você
ENTREVISTADORA: Por que assim propor as formas de organização o que eles me disseram
ENTREVISTADO 8: Hum
ENTREVISTADORA: É por exemplo o FINEP resíduos de vocês tem uma forma de organização de organizar datas o que que acontece legal
ENTREVISTADO 8: Sim
ENTREVISTADORA: Então isso é uma forma
ENTREVISTADO 8: Ta bom ta bom
ENTREVISTADORA: De propor é algum tipo de organização
ENTREVISTADO 8: Entendi entendi não isso eu faço também
ENTREVISTADORA: Por que eu conversei com a Entrevistado 2
ENTREVISTADO 8: Hãhã
ENTREVISTADORA: E a Entrevistado 2 é da
ENTREVISTADO 8: Do FINEP resíduos
ENTREVISTADORA: FINEP resíduos então a Entrevistado 2 me passou isso que achei bem legal ta bem organizado a equipe de vocês em relação a isso
ENTREVISTADO 8: Isso é bom se ele elegeu a organização (risos)
ENTREVISTADO 8: É por que é um trabalho legal por que isso eu faço é identificar possibilidades de ampliação de recursos também por que o FINEP resíduos foi o trabalho desde a apelação geral ate a local tem que sim esses recursos
ENTREVISTADORA: Identificando é
ENTREVISTADO 8: Elaborar projeto de ampliação de recurso não não isso eu não faço
ENTREVISTADORA: É
ENTREVISTADO 8: Fazer acompanhamento de projetos em andamento faço no FINEP resíduos providenciar materiais gerais também (??- incompreensão) formas de organização geral também essa home Page não escolher pessoas interessadas em atura na INCOP isso eu faço também providenciar recursos com informações para divulgação é recurso geral né
ENTREVISTADORA: É
ENTREVISTADO 8: Com informações pra divulgação também nossa eu faço tudo
ENTREVISTADORA: Ta vendo
ENTREVISTADO 8: E garantir divulgação sistematização da INCOP
ENTREVISTADORA: Sistemática
ENTREVISTADO 8: Sistemática da INCOP participar de eventos e tudo né
ENTREVISTADORA: É garantir garantir a divulgação e a sistemática da INCOP
ENTREVISTADO 8: É se é participação em eventos eu também faço né apresentar trabalhos e tudo providenciar registro e as atuações das suas atividades também
ENTREVISTADORA: Falo alguma coisa assim da assessoria por que já que você é da equipe resíduos você monitora os grupos
ENTREVISTADO 8: Isso
ENTREVISTADORA: Uma tem aqui né
ENTREVISTADO 8: Não tem indiretamente não
ENTREVISTADORA: Então
ENTREVISTADO 8: Não diretamente eu assessoro bom eu assessoro a COPERVIDA em alguns elementos que a gente dividiu eu e a Coordenador 4 tinha umas coisas que eu não poderia largar no grupo eu to largando aos poucos então
ENTREVISTADORA: Você assessora também
ENTREVISTADO 8: Sim então eu fiz na quando a gente tava mudando a equipe eu resolvi fazer um uma lista de coisas pra fazer pra eu não me perder entendeu
ENTREVISTADORA: Ah que legal
ENTREVISTADO 8: Então por exemplo na equipe resíduos eu faço a formação de equipe regional certo depois eu passo aqui pra você

ENTREVISTADORA: É vai ficar gravando também

ENTREVISTADO 8: Então eu vou falando e depois se você quiser esse arquivo eu falo de novo então na equipe resíduos eu faço a formação de rede regional e da COPERVIDA e de outras cooperativas da região trabalho com os alunos da CIEP que vão pra equipe resíduos trabalho em artigos e eventos que a gente colocou ai né e trabalhando também no no seminário que a gente ta organizando junto com o DAES pra propor políticas publicas pra COPERVIDA

ENTREVISTADORA: Huhu

ENTREVISTADO 8: então isso é FINEP resíduos no FINEP local eu venho nas reuniões mensais organizo os relatórios dos coordenadores administro os recursos do projeto aqui pra UFSCar há tenho que conhecer profundamente as equipes que estão fazendo parte pra poder propor redes de cooperação ou então faço o gerenciamento maior tamo promovendo uma capacitação em tecnologia social principalmente por coordenadores que é um tema ainda meio

ENTREVISTADORA: Hum

ENTREVISTADO 8: Meio obscuro né é participo das reuniões mensais do grupo gestor uma vez por mês em uma das cidades que participam do projeto

ENTREVISTADORA: Aqui no DAE você participa de reunião por que pra ta promovendo

ENTREVISTADO 8: Sim sim varias reuniões

ENTREVISTADORA: Então você participa de reuniões que também é uma das atividades que

ENTREVISTADO 8: Sempre reuniões várias reuniões reunião é o que eu mais faço na verdade é participar de reuniões virtuais por que tem hora que a gente não consegue se encontrar pessoalmente o assunto precisa então a gente faz reunião virtual ah formação de rede entre empreendimentos localmente que é uma atribuição do coordenador local também então a gente ta fazendo esse

ENTREVISTADORA: Nossa

ENTREVISTADO 8: Evento por exemplo da marcenaria há isso aqui não estudo é a FINEP geral eu to administrando recurso das ITCPS né saindo né pelos ITCPS há tenho que fazer os relatórios né

ENTREVISTADORA: Hum

ENTREVISTADO 8: Da FINEP sou eu que coordeno os relatórios das ITCPS pra FINEP monitoro as metas do projeto e organizo essas informações do projeto no em pastas físicas e virtuais né e faço toda a comunicação das ITCPS pro IPESP pra secretaria

ENTREVISTADORA: Faz calendário

ENTREVISTADO 8: Isso e tem ainda a comissão tem a comissão né de infra-estrutura que eu to que eu faço parte que eu cuido da carro da incubadora nas horas vagas ainda

ENTREVISTADORA: Nossa

ENTREVISTADO 8: Então é isso essa é a listinha

ENTREVISTADORA: Então é isso ai é praticamente tudo né

ENTREVISTADO 8: Faço isso ai também comissões temporárias que surgem eles mandam pra fazer relatório FAPESP mas é que são coisas pontuais que acabam rápido né o problema

ENTREVISTADORA: Que demanda muito tempo

ENTREVISTADO 8: Bom o problema é que não da pra parar de fazer nada disso pra fazer o relatório FAPESP se eu pudesse parar duas semanas só pra fazer o relatório FAPESP ta ótimo né mas ai acumula

ENTREVISTADORA: É então em relação a essas atividades que você faz que recursos você utiliza ta o carro você viaja pra caramba

ENTREVISTADO 8: O carro da incubadora os recursos multi mídia

ENTREVISTADORA: Data Show

ENTREVISTADO 8: Data show computador impressora material de consumo material de papelaria é que mais recursos

ENTREVISTADORA: Nessas reuniões vocês trabalham como com cartela

ENTREVISTADO 8: Geralmente é papelaria né mas a grande maioria é data show e computador

ENTREVISTADORA: Mas vocês usam a cartela essas coisas

ENTREVISTADO 8: A gente usa também de vez em quando nas reuniões mensais a gente usa é mais material de papelaria

ENTREVISTADORA: Ta planilhas você deve fazer planilha é um recurso

ENTREVISTADO 8: Ah sim sim é recurso também dada planilha né

ENTREVISTADORA: É

ENTREVISTADO 8: Planilha planilhas aquelas de relato de gerenciamento

ENTREVISTADORA: É planilhas de Excel que você ta dizendo

ENTREVISTADO 8: Do word também uso telefone internet

ENTREVISTADORA: E-mail

ENTREVISTADO 8: E-mail que mais tipo eu não to pensando em mais nada

ENTREVISTADORA: É com esse monte de atividade acho

(risos)

ENTREVISTADO 8: É eu acho que é isso

ENTREVISTADORA: É e quais as pessoas que estão envolvidas nessas suas atividades

ENTREVISTADO 8: Principalmente os coordenadores do FINEP resíduos é bolsistas de graduação né na equipe resíduos também

ENTREVISTADORA: Huhu

ENTREVISTADO 8: A professora Professor 5 e os professores também né que participam das comissões e tudo

ENTREVISTADORA: E ate membros da INCOP né

ENTREVISTADO 8: Tudo os cooperados entra os cooperados os gestores públicos também por que a gente tem bastante contato com o DAES cooperados não só de resíduos mas outros cooperativas também enfim a gente faz bastante contato

ENTREVISTADORA: É outras ITCSP né

ENTREVISTADO 8: Outras ITCPS membros de outras ITCPS pessoas de outras ITCPS também

ENTREVISTADORA: Acho

ENTREVISTADO 8: Acho que é isso

ENTREVISTADORA: É vamos pra próxima em relação à divulgação do conhecimento

ENTREVISTADO 8: Huhu

ENTREVISTADORA: O que você tem a dizer sobre as atividades desenvolvidas por você na incubadora geram quais produtos

ENTREVISTADO 8: Ta a gente na equipe resíduos a gente e agora também FINEP resíduos com as outras ITCPS a gente procura bom primeiro na equipe resíduos a gente procura de tempos em tempos ta escrevendo algum artigo e participando de eventos por que a gente entende que é uma forma de sistematizar o nosso trabalho

ENTREVISTADORA: E divulgar

ENTREVISTADO 8: E divulgar sistematizar e divulgar a gente fica nessa correria do dia a dia as vezes não tem tempo de sentar e ver o que ta fazendo então a gente acha que participar de eventos fazendo um artigo é uma forma de a gente ta ao mesmo tempo divulgando o trabalho a gente mesmo é se forçando a avaliar também então a gente participa de encontros que tenha resíduos e compatibilidade faz artigos faz posters fizemos um poster agora

ENTREVISTADORA: Falou de folder também

ENTREVISTADO 8: Folder não ainda não é site a gente divulga sim site site da incubadora alguns trabalhos que a gente faz a equipe resíduos agora com o FINEP resíduos a gente ta pensando em escrever um livro pra finalizar o projeto ano que vem

ENTREVISTADORA: Fora o outro livro que vai ser editado

ENTREVISTADO 8: É da incubadora que ta sendo feito também

ENTREVISTADORA: Bom é legal e você não ta estudando agora né

ENTREVISTADO 8: Não

ENTREVISTADORA: Você vai tentar doutorado você ainda não

ENTREVISTADO 8: Não

ENTREVISTADORA: Você ainda não ta utilizando

ENTREVISTADO 8: Não não to usando pra pesquisa não

ENTREVISTADORA: E onde e como você registra esses produtos

ENTREVISTADO 8: O que divulgo

ENTREVISTADORA: É onde você registra

ENTREVISTADO 8: A gente como assim registra

ENTREVISTADORA: É ta em anais

ENTREVISTADO 8: A sim sim

ENTREVISTADORA: Cópia dos artigos tudo o que você fez em relação as suas atividades

ENTREVISTADO 8: Huhu

ENTREVISTADORA: Tudo o que você divulgou você registrou

ENTREVISTADO 8: Sim

ENTREVISTADORA: E aonde

ENTREVISTADO 8: Sim tem registro de anais tem registro a gente coloca os artigos que a gente faz no computador da incubadora tem o meu pen drive né tem o meu backup pessoal é pôster essas coisas a gente deixa na incubadora também pra usar na próxima oportunidade então a gente

ENTREVISTADORA: Ta então o local é a incubadora

ENTREVISTADO 8: Isso

ENTREVISTADORA: Então aqui tem anais cópias dos artigos virtual e físico ou não

ENTREVISTADO 8: Virtual e físico não físico só se for necessidade por que tem a parte virtual então não precisa

ENTREVISTADORA: Ta então tudo isso participação em eventos posters divulgação no site (??- incompreensão) tudo isso você registra

ENTREVISTADO 8: Na incubadora e deixo também sistema pelo pessoal também

ENTREVISTADORA: No seu pen drive

ENTREVISTADO 8: Isso vai que acontece alguma coisa com esse computador da incubadora

ENTREVISTADORA: É eu também guardo em um monte de lugar

ENTREVISTADO 8: É e vai que aconteça alguma coisa comigo na minha parte pessoal também então

ENTREVISTADORA: É você conhece a produção individual e coletiva dos membros da incubadora

ENTREVISTADO 8: Muito pouco menos do que eu deveria

ENTREVISTADORA: Bom e como que você chegou a ele você teve necessidade

ENTREVISTADO 8: Não mas em conversas mesmo a gente fica sabendo o que um estuda o que o outro faz ai é por exemplo tem esse evento que a gente fez lá na USP o Entrevistado 5 participou também então eu fiquei sabendo por que fiz um pôster também você vê mas imagino que exista muita mais coisa na incubadora e que o pessoal esteja escrevendo e que a gente não teve a oportunidade de ver

ENTREVISTADORA: Então você não teve a necessidade

ENTREVISTADO 8: Não nunca tive

ENTREVISTADORA: Agora a próxima pergunta é mais ou menos isso com que frequência você consulta e utiliza o conhecimento produzido pelos membros da INCOP

ENTREVISTADO 8: Huhu

ENTREVISTADORA: E para qual finalidade algum momento você precisou tanto pras suas atividades

ENTREVISTADO 8: Já já fiz principalmente do método de incubação

ENTREVISTADORA: Então a finalidade é uma demanda é uma necessidade essa é a finalidade

ENTREVISTADO 8: Isso isso eu devia demandar mais por curiosidade também

ENTREVISTADORA: Não tem tempo né

ENTREVISTADO 8: É

ENTREVISTADORA: Então com que frequência é de acordo com a necessidade e com a demanda

ENTREVISTADO 8: Com a necessidade e com a demanda isso

ENTREVISTADORA: Não tem como né

ENTREVISTADO 8: Principalmente quando a gente vai escrever alguma coisa que as vezes a gente acha que é legal pegar alguma coisa de alguém de alguma equipe que a gente imagina que tenha ai a gente vai procurar o fulano to escrevendo um artigo sobre isso você tem alguma coisa sobre aquilo entendeu então essas são as oportunidades que a gente tem também de buscar novidade

ENTREVISTADORA: De acompanhar as suas atividades

ENTREVISTADO 8: Isso

ENTREVISTADORA: Então é isso

ENTREVISTADO 8: Tanto as atividades como a nossa divulgação de conhecimento também né como a gente divulga o nosso as atividades do dia a dia mesmo no né na incubação (??- incompreensão)

ENTREVISTADORA: É

ENTREVISTADO 8: É agora que eu to vendo por que eu faço a coordenação ah essa sistematização do conhecimento dos coordenadores vai ta como a não eu to eu sei muito mais da incubação

ENTREVISTADORA: Ta vendo

ENTREVISTADO 8: Um projeto social pessoal eu acabo sabendo assim com o dia a dia com as pessoas

ENTREVISTADORA: Ah então você conhece

ENTREVISTADO 8: É

ENTREVISTADORA: Pelo menos você conhece mais da sua equipe

ENTREVISTADO 8: Da minha equipe

ENTREVISTADORA: A produção individual da sua equipe

ENTREVISTADO 8: Isso por que a só por que eu tenho contato com varias equipes então eu conheço da equipe resíduos das outras equipes também por que essa é minha função dentro do projeto é sistematizar as informações então

ENTREVISTADORA: Claro

ENTREVISTADO 8: Eu acabo conhecendo

ENTREVISTADORA: É você conhece

ENTREVISTADO 8: Eu achava que

(risos)

ENTREVISTADORA: Bom então a necessidade pras suas atividades a divulgação

ENTREVISTADO 8: É isso e pra fazer o dia a dia mesmo pra cumprir as funções principalmente do projeto FINEP resíduos

ENTREVISTADORA: Há dificuldade em buscar documentos impressos ou virtuais para as suas atividades na incubadora

ENTREVISTADO 8: Tenho tenho muita dificuldade acho tudo meio assim né
(risos)

ENTREVISTADO 8: É por que principalmente aquele computador da incubadora cada um pra lá mexe de um jeito a pasta ta de um lado ta do outro você pensa que ta em projeto em andamento vai num de repente você ta um labirinto de negocio la que você

(risos)

ENTREVISTADO 8: Você acaba se perdendo no computador principalmente essa parte esses arquivos virtuais é bem complicado e arquivos físicos eu acabo nem procurando por que acredito que esteja tudo lá na parte virtual né

ENTREVISTADORA: É o que na sua opinião o que que facilita ou dificulta esse acesso então você tava falando

ENTREVISTADO 8: O que dificulta é isso o acesso ao computador e a maneira com que as pessoas colocam lá dentro se tivesse uma pessoa só gerenciando isso

ENTREVISTADORA: A maneira da organização de organizar

ENTREVISTADO 8: De organizar isso o arquivo virtual por que se fosse igual ao arquivo físico ai estaria bem organizado por que se chega comum livro novo a vou na Estagiário Estagiário por favor ai ela vai lá e põe no lugar certo

ENTREVISTADORA: Huhu

ENTREVISTADO 8: Se fizesse isso com a via virtual também se fosse uma pessoa só pra organizar tudo acho que ficaria legal

ENTREVISTADORA: Se todos entregassem pra Estagiário também você colocaria no seu pen drive no seu computador

ENTREVISTADO 8: Exatamente também

ENTREVISTADORA: E o que facilita dificulta é a maneira de que ta organizada né

ENTREVISTADO 8: Isso

ENTREVISTADORA: E o que facilita

ENTREVISTADO 8: O que facilita o acesso

ENTREVISTADORA: É

ENTREVISTADO 8: Há o que facilita há a maneira que ta arquivado também por que é ta arquivado virtualmente e no computador ate facilita quanto complica

ENTREVISTADORA: Então ta disponível

ENTREVISTADO 8: Exatamente ta disponível facilita no sentido de que todo mundo tem acesso ao computador e o qualquer hora você pode pegar e usar

ENTREVISTADORA: Você coloca você vai lá e acha

ENTREVISTADO 8: O problema é de quem não colocou e de quem coloca fora do lugar que tava combinado

ENTREVISTADORA: Então também você disse que ta a estagiaria então tem uma estagiária

ENTREVISTADO 8: Sim a Estagiária é fundamental pra poder

ENTREVISTADORA: Ah o que facilita é o estagiário

ENTREVISTADO 8: Facilita bem isso também a Servidor a Servidor também sabe também não é só o estagiário

ENTREVISTADORA: Ta

ENTREVISTADO 8: Que seja alguém que responsável pelo arquivo

ENTREVISTADORA: Ta que saiba o que tem ali

ENTREVISTADO 8: Que saiba o que tem ali sabe onde ir buscar claro

ENTREVISTADORA: Ah se Deus quiser a Estagiário é uma pessoa de referência

ENTREVISTADO 8: Sim ela você pergunta ela ta lá facilmente

ENTREVISTADORA: Ótimo ta mandando bem é onde ou a quem você recorre para obter informação que possa esclarecer duvidas surgidas em relação ao seu fazer na incubadora

ENTREVISTADO 8: Ao meu fazer

ENTREVISTADORA: É ao que você faz você recorre pra obter informação

ENTREVISTADO 8: Duvida

ENTREVISTADORA: É você tem alguma dúvida em alguma coisa

ENTREVISTADO 8: Sobre o que eu tenho que fazer

ENTREVISTADORA: É sobre o seu

ENTREVISTADO 8: A quem eu recorro no dia a dia

ENTREVISTADORA: É sobre o seu fazer

ENTREVISTADO 8: Então vou muito na Professor 5 e não só a Professor 5 mas a minha equipe mesmo nas reuniões essas reuniões essas frequentes reuniões que a gente faz de equipe tanto na equipe resíduos como a equipe de coordenadores tudo a gente faz uma consulta coletiva dos afazeres de tudo então quando alguém tem alguma duvida a gente leva pro coletivo e

ENTREVISTADORA: O coletivo da equipe

ENTREVISTADO 8: Da equipe ou da equipe resíduos ou da equipe do FINEP

ENTREVISTADORA: Ta

ENTREVISTADO 8: Ou no coletivo no geral na incubadora como tudo

ENTREVISTADORA: Então no seu fazer você recorre as pessoas

ENTREVISTADO 8: As pessoas ao pessoal aos membros da incubadora seja na equipe resíduos seja em qualquer lugar se é uma coisa muito específica e tudo aí é uma conversa pessoal com a Professor 5 mas ta sendo cada vez menos frequente essa conversa com a Professor 5 a gente ta resolvendo mais no coletivo que eu acho que é certo né

ENTREVISTADORA: Huhu

ENTREVISTADO 8: Ao invés de ficar no âmbito só da Professor 5 o Entrevistado 8 fica no âmbito do coletivo

ENTREVISTADORA: Então onde é aqui na incubadora

ENTREVISTADO 8: Aqui na incubadora

ENTREVISTADORA: Na incubadora por que precisa fazer também suas atividades lá na COPERVIDA um pouco e você faz né o que vocês conversam

ENTREVISTADO 8: A sim o que que a gente espera isso exatamente

ENTREVISTADORA: Você tem alguma sugestão sobre a organização do conhecimento produzido aqui na INCOP

ENTREVISTADO 8: Bom isso que a gente falou da organização do espaço virtual por ele ser feito por uma pessoa só mas que sobrecarregue essa pessoa mas é fundamental pra que a gente poder ter acesso a tudo e principalmente que a gente tenha há algum tipo de espaço que a gente consiga é passar essa informação pro outro né por que tudo bem eu posso fazer um arquivo aqui e colocar na incubadora mas ninguém sabe que eu escrevi aquilo ninguém vai saber se eu não falar

ENTREVISTADORA: Se você não divulgou

ENTREVISTADO 8: Se eu não divulguei internamente então a gente poderia de tempos em tempos ter um grupo de estudos ou lembrei

ENTREVISTADORA: A Entrevistado 2 tinha falado isso

ENTREVISTADO 8: Já grupo de estudos então é um espaço pra reunião mesmo que

ENTREVISTADORA: Parte de troca né

ENTREVISTADO 8: É dentro da reunião a gente faz ó esse mês eu fui apresentei um pôster lá olha o pôster aqui que legal então fazendo esse estudo dentro da equipe de resíduos que a gente tem um espaço do do ou do grupo de estudos ou nas reuniões que a gente faz frequentes na incubadora abre espaço pra galera vamo o que que a gente ta fazendo o que a gente fez no mês passado vamos lá vamos listar o que a gente fez pra gente acaba surgindo essa parte de produção do conhecimento né e a gente acaba ficando sabendo garantir essas informações esse grupo de informações entre a gente por exemplo

ENTREVISTADORA: Então é isso da resultado mesmo por que eu e a Professor 5 nós apresentamos o trabalho né

ENTREVISTADO 8: Huhu

ENTREVISTADORA: Relação matemática e economia solidaria a Professor 5 foi viajar mas o nosso trabalho foi consultado no relatório da FAPESP

ENTREVISTADO 8: Daí ó

ENTREVISTADORA: Por que por que quando nós terminamos a Professor 5 falou Entrevistadora passa pra equipe o seu trabalho ta feito

ENTREVISTADO 8: Huhu

ENTREVISTADORA: Então alguém já se livrou né já ganhou alguma coisa

ENTREVISTADO 8: Ta vendo mas é assim tem que divulgar tem que ter informação tem que ter espaço pra isso senão não adianta produzir se não tiver não sabe o que o outro da produzindo né

ENTREVISTADORA: Então é isso você tem mais alguma coisa que queira falar

ENTREVISTADO 8: É eu acho que não não sei

ENTREVISTADORA: Você foi bem objetivo

(risos)

ENTREVISTADORA: Gostei do Entrevistado 7 (??- incompreensão)

ENTREVISTADO 8: Ah é por que ele só ficou falando

(risos)

ENTREVISTADORA: Obrigada eu agradeço

ENTREVISTADO 8: E essa folha aqui é só uma parte do

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa *Conversão do conhecimento: estudo de caso em incubadora universitária de empreendimentos de economia solidária*.
2. Você foi selecionado por fazer parte da Incubadora Regional de Cooperativas Populares da Universidade Federal de São Carlos.
3. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.
5. O objetivo deste estudo é compreender como o processo de conversão do conhecimento em uma incubadora universitária de empreendimentos de economia solidária.
6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder um questionário composto por 10 questões que abordarão como são suas atividades na incubadora e como o conhecimento está disponível.
7. O risco oferecido por esta pesquisa é que ao você responder ao questionário poderá ocorrer algum desconforto ou indisposição, caso isto ocorra, sua entrevista será interrompida para que esse risco seja eliminado. Caso você não tenha tempo para responder o questionário também poderá desistir de participar da pesquisa. Portanto, todo e qualquer risco será evitado ao máximo.
8. Os benefícios relacionados com a sua participação serão o de permitir uma melhor compreensão sobre a conversão do conhecimento em uma incubadora universitária, bem como refletir sobre as vantagens em conhecer, compreender, utilizar e disseminar o conhecimento, pois o processo de produção do conhecimento isoladamente, não é suficiente para uma adequada gestão do conhecimento, e que este conhecimento produzido resulte em acréscimo ao saber humano, e aos membros da incubadora em geral.
9. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação após responder às perguntas, bem como na fase de conclusão e divulgação dos resultados da pesquisa.
10. Os dados serão divulgados de forma que não possibilite sua identificação.
11. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Marcia Cristina dos Santos Barbosa de Oliveira

fmcso@ufscar.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Sujeito da pesquisa

APÊNDICE E – OBJETIVOS E ATIVIDADES DA ACIEPE/UFSCar

A Pró-Reitoria de Extensão (ProEx) da UFSCar elaborou um “Caderno ACIEPE”, abordando: sua definição, seus objetivos específicos e as possibilidades proporcionadas aos alunos.

Os seguintes objetivos específicos da ACIEPE são destacados neste caderno:

QUADRO 21: Objetivos específicos da ACIEPE

- Intensificar o contato da universidade com a sociedade, contribuindo para o cumprimento do compromisso social institucional;
- Fortalecer a indissociabilidade entre as atividades essenciais da universidade, ensino, pesquisa e extensão;
- Contribuir para a melhoria da qualidade dos cursos de graduação, pós-graduação e das atividades de pesquisa e de extensão;
- Promover maior aproximação entre os currículos e a vida concreta da sociedade;
- Contribuir para a formação ética do profissional;
- Estimular a problematização como atitude de interação com a realidade;
- Propiciar a descoberta de novos objetos de investigação em contextos externos ao meio acadêmico;
- Ensejar a experimentação de alternativas metodológicas de trabalho comunitário e de ensino;
- Favorecer o desenvolvimento de uma atitude tanto questionadora como pró-ativa diante dos desafios e limites impostos pela nossa realidade social.

Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 2011, p. 01.

Formatação elaborada pela autora.

As ACIEPES propiciam aos alunos:

QUADRO 22: Atividades propiciadas pela ACIEPE

- Promover meios de conhecimento de realidades específicas, elaborando, cooperativamente, levantamentos, pesquisas de campo, diagnósticos, projetos e colaborando no encaminhamento de soluções de problemas;
- Acompanhar, apoiar e assessorar projetos de extensão em desenvolvimento;
- Vivenciar práticas profissionais de forma cooperativa e multidisciplinar em situações concretas de demandas da população;
- Desenvolver práticas artísticas ou de resgate da memória cultural em comunidades;
- Agregar aspectos qualitativos de interesse ou de necessidade da população nas ações promovidas pelo poder público ou por organizações da sociedade civil;
- Desenvolver atividades pedagógicas de intercâmbio de conhecimentos entre a universidade e a população: ministrar cursos, fazer ou promover conferências, palestras, ciclos de estudos, debates, oficinas, seminários, exposições etc.

Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 2011, p.01.

Formatação elaborada pela autora.

APÊNDICE F – ACIEPE INCOOP

A equipe responsável pela ACIEPE elabora uma planilha, com o planejamento de programação de aprendizagem para cada encontro, que aborda:

- objetivo de aprendizagem do encontro;
- atividades previstas;
- condições para aprendizagem (condições de ensino e recursos necessários);
- tempo previsto;
- atividades dos alunos e
- verificação da aprendizagem.

A responsabilidade de cada encontro fica a cargo de um moderador da equipe da INCOOP especializado no tema da aula. Cabe destacar que estes membros têm formações diversas nas diferentes áreas de conhecimento.

Os encontros semanais destinam-se ao preparo conceitual dos alunos em relação à Economia Solidária, por meio de contato direto e indireto com o conhecimento acumulado e estratégias participativas de construção e debate sobre os principais conceitos. Por meio deles são criadas, desta forma, condições básicas para a inserção dos alunos nos contextos específicos de intervenção profissional de que participarão ou já participam, bem como para a definição de possíveis perguntas de pesquisa, como produto mínimo da capacitação para lidar com produção de conhecimento sistematizado (CORTEGOSO; ZANIN; FERREIRA; 2009, p.08).

É oferecida aos alunos a oportunidade de inserção em um dos projetos de intervenção da INCOOP, isto é, em um empreendimento incubado por ela, objetivando realizar atividades dentro desse grupo de modo que se espera que os alunos “sejam capazes de planejar e implementar ações de intervenção” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 2011, p.13). No decorrer do semestre são oferecidas várias oficinas, sendo que cada aluno deve participar de pelo menos uma. Os horários das oficinas são flexíveis, o que viabiliza a participação de todos.

No primeiro dia de aula os alunos recebem material instrutivo com a finalidade de orientá-los sobre as atividades a serem desenvolvidas no semestre, como, por exemplo: cronograma de atividades, sistemática de avaliação e orientações para elaboração do relatório.

QUADRO 23: Cronograma de Atividades – Programação 2º sem. 2011

MÊS	DIA	ATIVIDADES PROPOSTAS
AGOSTO	17	ENCONTRO 1: Recepção dos alunos na INCOOP e apresentação do espaço físico. Apresentação dos alunos, professores e visitantes. Estabelecimento de acordo de desenvolvimento da ACIEPE. Reunião preparatória do próximo encontro: 09/08.
	24	ENCONTRO 2: Apresentação da INCOOP: histórico, missão, perspectivas. Introdução à simultaneidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão e projetos em andamento; discussão do texto com entrevista com Prof Paul Singer. Reunião preparatória do próximo encontro: 16/08.
	31	ENCONTRO 3: Visita ao Jardim Gonzaga; entrega da lista dos projetos com vagas oferecidas, com descrições das atividades, para alunos levarem para casa e entregarem a pré-inscrição no próximo encontro.
SETEMBRO	07	FERIADO
	14	ENCONTRO 4: Debate sobre o tema <i>Capitalismo e Economia Solidária</i> com construção de quadro comparativo. Inscrição nas oficinas. Reunião preparatória desse encontro: 30/08.
	21	ENCONTRO 5: Trabalho e força de trabalho. Reunião preparatória desse encontro: 13/09.
	28	ENCONTRO 6: Produção de conhecimento: aspectos metodológicos. Distribuição de exercícios, a serem feitos fora do horário de aula, contendo a questão de pesquisa. Reunião preparatória desse encontro: 20/09.
OUTUBRO	05	ENCONTRO 7: Ensino, pesquisa e extensão na Universidade e a Incoop. Instruções para elaboração de relatório. Reunião preparatória desse encontro: 27/09.
	12	FERIADO
	19	ENCONTRO 8: Devolução e discussão sobre perguntas de pesquisa formuladas pelos alunos. Reunião preparatória desse encontro: 04/10.
	26	ENCONTRO 9: Comportamentos presentes no processo de incubação. Reunião preparatória desse encontro: 18/10.
NOVEMBRO	2	FERIADO
	9	ENCONTRO 10 AUTOGESTÃO. Reunião preparatória desse encontro: 25/10.
	16	ENCONTRO 11: Apresentação e discussão das intervenções realizadas pelos alunos, com presença de membros dos grupos atendidos. Entrega da primeira versão do relatório. Reavaliar a necessidade de dois encontros. Reunião preparatória desse encontro: 08/11.
	23	ENCONTRO 12: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS INTERVENÇÕES REALIZADAS PELOS ALUNOS, COM PRESENÇA DE MEMBROS DOS GRUPOS ATENDIDOS. Devolução da primeira versão do relatório. REUNIÃO PREPARATÓRIA DESSE ENCONTRO: 15/11.
	30	ENCONTRO 13: FINANÇAS SOLIDÁRIAS. Reunião preparatória desse encontro: 22/11.
DEZEMBRO	7	ENCONTRO 14: Economia Solidária e Desenvolvimento territorial; breve apresentação das atividades práticas em andamento. Reunião preparatória desse encontro: 29/11.
	14	ENCONTRO 15 DEVOLUÇÃO DO RELATÓRIO; AVALIAÇÃO COLETIVA DA ACIEPE. FEIRA DE TROCAS E CONFRAERNIZAÇÃO. Reunião preparatória desse encontro: 06/12.

Fonte: INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES, 2011.

Na sistemática de avaliação os alunos recebem a instrução de que a avaliação será contínua, com base nos produtos apresentados nas atividades, e de acordo com critérios estabelecidos para a qualidade do desempenho, nos quais são considerados os seguintes aspectos: pontualidade, assiduidade, cumprimento dos compromissos assumidos em diferentes situações, iniciativa para solução de problemas, proposição de alternativas inéditas para situações de interesse no processo de incubação; participação em diferentes tipos de atividades previstas (intervenção, pesquisa, oficinas, reuniões eventos etc.); relatório preliminar e final etc. No quadro abaixo está relacionada a composição desta sistemática (INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES, 2011):

QUADRO 24: Composição da sistemática de avaliação

<u>A) Intervenção (2,5)</u>	Indicadores para avaliação: número de informes semanais entregues (sem entrar na nota, mas para ajudar a caracterizar a qualidade da dedicação) - cartela colorida Qualidade da participação no projeto: (notas atribuídas pelo responsável pelo projeto de que o aluno participa); se houver mais do que uma, é feita média, que tem peso 2,5 no conceito final (Notas atribuídas na escala de zero a dez; valor final, após feita a média, multiplicado por 0,25);
<u>B) Ensino (3,5)</u>	Para cada exercício, é atribuída nota, de zero a dez; é feita média, que tem peso 3,5 no conceito final (Notas atribuídas na escala de zero a dez; valor final, após feita a média, multiplicado por 0,35);
<u>C) Pesquisa (0,5)</u>	Dois indicadores: Qualidade da pergunta (1ª. formulação) e avanço na qualidade da pergunta (2ª. formulação). Atribuir nota de zero a dez para cada indicador, calcular média; o peso, neste caso é 0,5 (Notas atribuídas na escala de zero a dez; valor final, após feita a média, multiplicado por 0,05) ;
<u>D) Oficinas (1,0)</u>	A cada oficina, atribuída nota de zero a dez; se realizar mais do que uma oficina, calcular média; o peso, neste caso, é 1 (Notas atribuídas na escala de zero a dez; valor final, após feita a média, multiplicado por 0,1);
<u>E) Relatório: (2,5)</u>	Todas estas atividades e aspectos farão parte do relatório. Considerando a dinâmica da disciplina, serão mantidos registros permanentes das atividades realizadas pelos alunos durante o semestre, que serão monitoradas por planilha cotidiana. A recuperação será providenciada imediatamente após a identificação deste tipo de necessidade, pela equipe. Será atribuído um único conceito, ao final, em função dos parâmetros indicados. Aos alunos que não atingirem os critérios estabelecidos para aprovação, mas apresentem conceito entre 5 e 5,9, serão fornecidas atividades complementares, em conformidade com as normas da instituição para esta situação.

Fonte: INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES, 2011.
Formatação elaborada pela autora.

Espera-se que os alunos, ao final da ACIEPE, sejam capazes de “delimitar perguntas e esboçar projetos de pesquisa no âmbito da economia solidária” e que todas as oportunidades oferecidas

“possam, a partir de uma familiarização com as necessidades e potencialidades identificadas, levar a uma participação mais estável de pelos menos parte dos participantes da disciplina em projetos da INCOOP” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 2011, p.13).

Com esta disciplina, alunos de diferentes cursos e datas de ingresso, têm a oportunidade de escreverem um relatório com orientação efetiva.

O oferecimento da ACIEPE pela equipe INCOOP corrobora com os objetivos da UFSCar por meio de

[...] um conjunto de ações institucionais especificamente voltadas para a facilitação de cumprimento do papel social de universidades, e o aproveitamento destas oportunidades para articulação de atividades de ensino, pesquisa e extensão no campo da Economia Solidária. A experiência resultante deste processo aponta para uma maneira dinâmica de produção de competências, para lidar com necessidades sociais e com o conhecimento sistematizado, como parte do repertório de profissionais de nível superior, que parece relevante compartilhar com outras instâncias acadêmicas com igual papel, responsabilidade e interesse (CORTEGOSO; ZANIN; FERREIRA, 2009, p.17).

APÊNDICE G – ATRIBUIÇÕES DE UNIDADES MULTIDISCIPLINARES

No Capítulo II do novo Estatuto da Universidade Federal de São Carlos (p.21), que trata “Dos Órgãos Setoriais e Constitutivos da Administração” Seção V “Da Administração das Unidades Multidisciplinares”, é que define as atribuições de Unidades Multidisciplinares:

Art. 56. As Unidades Multidisciplinares terão atribuições específicas, voltadas ao desenvolvimento de atividades acadêmicas multidisciplinares e serão criadas, alteradas, fundidas ou extintas, por decisão do Conselho Universitário mediante proposta de pelo menos um dos Conselhos Superiores ou de Centro.

§ 1º. A estrutura, a administração e o funcionamento de cada Unidade Multidisciplinar serão definidos por Regimento próprio, aprovado pelo Conselho Universitário.

§ 2º. A administração das Unidades Multidisciplinares deverá ser democrática e participativa.

§ 3º. Os requisitos necessários para que uma Unidade Multidisciplinar seja aprovada e/ou mantida serão estabelecidos pelo Regimento Geral.

Neste Estatuto também é prevista em seu artigo 15, que compete ao Conselho Universitário à aprovação para a criação de Unidades Multidisciplinares.

ANEXO A – PARECER CEP/UFSCar



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil

Fones: (016) 3351-8028 Fax (016) 3351-8025 Telex 162369 - SCUUF - BR

cephumanos@power.ufscar.br

<http://www.propp.ufscar.br>

Parecer Nº. 248/2011

Título do projeto: GESTÃO DO CONHECIMENTO NA INCUBADORA REGIONAL DE COOPERATIVAS POPULARES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Área de conhecimento: 7.00 - Ciências Humanas / 7.02 - Sociologia

Pesquisador Responsável: MARCIA CRISTINA DOS SANTOS BARBOSA DE OLIVEIRA

Orientador: MARIA ZANIN

Colaborador(es): SÉRGIO LUIS DA SILVA

CAAE: 0043.0.135.000-11

Processo número: 23112.000838/2011-12

Grupo: III

Análise da Folha de Rosto

Folha de rosto preenchida e assinada.

Descrição sucinta dos objetivos e justificativas

Objetivo

O projeto de pesquisa tem por objetivo responder a algumas questões relacionadas à gestão de conhecimento no âmbito da Incubadora Regional de Cooperativas Populares da UFSCar (INCOOP), dada a importância da criação, utilização e compartilhamento deste conhecimento ao atender às pessoas que deles necessitam, e quais são os aspectos facilitadores do seu processo de difusão.

Justificativa

As transformações, em nível econômico e político, ocorridas no Brasil, a partir da década de 1990, com a introdução do contexto de globalização, geraram instabilidades sociais importantes. Inúmeros trabalhadores perdem seus vínculos trabalhistas, o que impulsiona o surgimento de projetos de inserção no mercado de trabalho, entre eles o programa de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs), da UFRJ. Seu objetivo era a utilização de recursos humanos e conhecimento da universidade na formação, qualificação e assessoria de trabalhadores voltados para a autogestão. Surgem as incubadoras, como extensão universitária, com a finalidade de promover, então, o assessoramento de cooperativas, oferecendo o apoio necessário, através da capacitação e criação de conhecimento. Sendo assim, as incubadoras universitárias têm necessidade de obter capacidade de gestão do conhecimento, de maneira a identificar o que se sabe, captar e organizar esse conhecimento e utilizá-lo de modo a gerar retorno. Portanto, esta pesquisa justifica-se por pretender buscar a compreensão do funcionamento das incubadoras para, em seguida, propor formas de facilitar e organizar os processos de difusão de conhecimento em uma incubadora universitária de cooperativas populares.

Metodologia aplicada

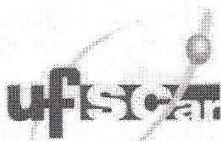
A abordagem da pesquisa é qualitativa, de caráter exploratório e a estratégia utilizada será o estudo de caso.

Primeiramente, será analisado o organograma da incubadora, para detectar e localizar cada membro e, posteriormente, realizado mapeamento do processo de atividades de cada coordenador da INCOOP. Serão analisados relatos de membros da equipe da incubadora, registros de situações de trabalho de equipe e exame de documentos relativos às atividades da INCOOP.

Para a realização do estudo de caso, serão feitas entrevistas e observação direta dos participantes, que serão, pelos menos, um membro de cada sub equipe, preferencialmente o coordenador geral de cada meta ou outro membro indicado por ele. As entrevistas, que serão a partir de um roteiro com perguntas abertas, serão individuais, podendo ser gravadas. As respostas serão categorizadas e examinadas, tendo como referência os processos de socialização, exteriorização, combinação e internalização (Nonaka e Takeuchi, 1997).

As fontes secundárias serão obtidas através da identificação e exame das atas de reunião (período de dezembro de 2009 a dezembro de 2010), de textos, manuais e da produção científica dos membros da equipe. Os dados e as informações obtidas nortearão o trabalho.

Identificação de riscos e benefícios



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS
Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676
CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil
Fones: (016) 3351-8028 Fax (016) 3351-8025 Telex 162369 - SCUF - BR
cephumanos@power.ufscar.br <http://www.propq.ufscar.br>

Segundo a pesquisadora, os riscos aos participantes serão mínimos, podendo ocorrer desconforto, indisposição ou cansaço ao serem entrevistados. Como medidas protetoras, a mesma agendará a entrevista na incubadora, no horário a ser definido pelo participante e a encerrará, imediatamente, se ocorrer algum desconforto, cansaço ou indisposição, sendo remarcado outro horário se for da concordância do participante. Assegura, também, o sigilo sobre a participação dos indivíduos. Como benefícios, a participação poderá trazer a oportunidade de reflexão sobre as vantagens de conhecer, compreender, utilizar e disseminar o conhecimento, tornando-o mais acessivo aos grupos que são e serão incubados.

Forma de recrutamento

Serão recrutados membros da INCOOP (Incubadora Regional de Cooperativas Populares) que serão entrevistados individualmente, com a utilização de questionários com perguntas abertas e, caso seja necessário, com gravação. Os membros da INCOOP serão os coordenadores ou outro membro indicado por ele, com qualificação mínima de graduação e com faixa etária acima de 20 anos.

Cronograma

O cronograma foi apresentado de maneira adequada.

Orçamento financeiro detalhado

Não foi apresentado orçamento. As despesas que ocorrerem serão de responsabilidade da pesquisadora.

Adequação do TCLE

O TCLE está elaborado de maneira adequada, de acordo com as normas da Resolução 196/96.

Identificação dos currículos dos participantes da pesquisa

Os currículos apresentados indicam capacidade para o desenvolvimento da pesquisa.

Comentários

O projeto de pesquisa tem caráter científico, está adequado em todos os aspectos, podendo seu resultado auxiliar na construção de saber sobre gestão do conhecimento e auxiliar nos processos de construção e compartilhamento desse conhecimento, em uma incubadora universitária de cooperativas populares.

Conclusão

O projeto atende a Resolução 196/96. **Aprovado.**

Normas a serem seguidas:

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delimitada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil

Fones: (016) 3351-8028 Fax (016) 3351-8025 Telex 162369 - SCUF - BR
cephumanos@power.ufscar.br <http://www.propp.ufscar.br>

também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item III.2.e).

• Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente dentro de 1 (um) ano a partir desta data e ao término do estudo.

São Carlos, 2 de maio de 2011.



Prof. Dr. Daniel Vendruscolo
Coordenador do CEP/UFSCar